

ERIN
MCCARTHY

True

Uma história sobre paixão,
escolhas e o significado
do amor verdadeiro.



VERUS
EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ERIN McCARTHY

True

Tradução

Cláudia Mello Belhassof



VERUS
EDITORA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Tersi

Capa e projeto gráfico

André S. Tavares da Silva

Foto da capa

Kolupaev/Thinkstock

Título original

True

ISBN: 978-85-7686-421-9

Copyright © Erin McCarthy, 2013

Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente por InterMix Books.

Edição publicada mediante acordo com Taryn Fagerness Agency e
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Tradução © Verus Editora, 2014

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M429t

McCarthy, Erin

True [recurso eletrônico] / Erin McCarthy ; tradução Cláudia Mello Belhassof. - Campinas, SP : Verus, 2015.

recurso digital

Tradução de: True

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-421-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Belhassof, Cláudia Mello.

II. Título.

15-19305

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Ficar bêbada não estava nos meus planos para a noite de sexta.

Nem admitir para minhas colegas de quarto, Jessica e Kylie, que eu era virgem.

Mas elas me deixaram sozinha com Grant.

Eu sabia o que a Jessica e o Tyler, a Kylie e o Nathan iam fazer no quarto dos caras. Bem, não que eu soubesse por experiência própria o que eles estavam fazendo — mas eu esperava que a festinha sexual deles não demorasse muito. Eu precisava estudar para a prova de química inorgânica na segunda-feira. Além disso, tinha que ler seis capítulos de Hemingway sobre escritores bêbados e fracassados e suas esposas traidoras, e isso sempre era um desafio para mim, porque eu preferia matemática e ciências. Decifrar literatura e a dinâmica social dos personagens me parecia uma perda de tempo, especialmente levando em conta suas atividades.

Álcool e sexo. Irônico, na verdade.

Mas Jessica era minha carona. Era muito longe para voltar a pé até o dormitório, e tão afastado do campus que havia feito meu pai levantar as sobrancelhas e sugerir que eu fizesse faculdade numa cidade rural tipo Bowling Green, onde não havia sofás sujos em varandas caindo aos pedaços e nenhum morador fumando crack em plena rua.

Então, voltar para casa a pé não era uma opção, porque eu não fumava crack e não gostava de correr riscos. De jeito nenhum. Mas ficar sentada ali com Grant enquanto minhas amigas estavam se divertindo quase parecia mais arriscado que andar pelo gueto. Porque era mais ou menos como se empoleirar sobre um vaso sanitário público sem tocar em nada. Era difícil. Estranho.

Além do mais, estava muito, muito silencioso. Ele não falava nada, nem eu, então a gente ficou muito tempo sentado, num clima de muito desconforto, e eu me empenhei bastante em ficar totalmente imóvel para não me mexer mais do que ele. Como ele mal respirava, foi difícil.

Na verdade, eu me senti mal pelo Grant, o que era doido, porque eu não era exatamente a Garota Com Quem Todo Mundo Quer Estar. Mas Grant era bonitinho, tinha um cabelo comprido que caía nos olhos, maçãs do rosto salientes e cílios grossos e femininos. Era magro demais, usava camisetas pretas sempre apertadas e amassadas, com várias expressões grosseiras, como “Foda-se” e “Que Porra Você Tá Olhando?”. A calça jeans suja ficava pendurada em quadris inexistentes que competiam com os da Mary Kate Olsen, e não porque ele queria estar na moda. Acho que ele não comia o suficiente, sério. Nathan tinha me contado que o pai do Grant era um bêbado e a mãe era uma louca que golpeou um colega de trabalho na Taco Bell com uma caneta e estava numa ala psiquiátrica no centro da cidade. Ninguém comprava vegetais orgânicos na casa dele.

Então eu tinha uma queda esquisita pelo Grant, porque a situação tinha cara de Possibilidade. Como se não estivesse totalmente fora da realidade ele querer estar comigo de verdade, em algum tipo de posição macho-fêmea.

— Cigarro? — perguntou ele, me estendendo o maço de Marlboro vermelho, o olhar disparando para todos os lados para evitar a conexão comigo, enquanto estávamos sentados na sala de estar do apartamento do Nathan.

— Não, obrigada. — Foram os olhos dele que me fizeram entender que ali estava alguém de quem eu não precisava ter medo, por quem eu não precisava me sentir ameaçada nem intimidada. Porque, apesar de seu olhar nunca encontrar o meu, Grant tinha olhos assombrados. Olhos doloridos, vulneráveis e cinza.

Eu queria que ele me beijasse. Mesmo enquanto tomava um gole enorme da cerveja que ele tinha me dado cinco minutos antes, eu estava pensando que, se pelo menos ele reconhecesse o que eu via, tudo seria fantástico. Nós dois éramos absolutamente perfeitos um para o outro. Duas pessoas totalmente sensíveis, pálidas e quietas. Eu nunca ia empurrar o cara como Tyler fazia, com o pretexto de lutinha entre brothers. Eu nunca envergonharia Grant nem colocaria fogo nas roupas dele por diversão, como seu suposto melhor amigo, Nathan, tinha feito.

A mão dele tremeu um pouco enquanto riscava o isqueiro Bic para acender o cigarro que tinha colocado na boca. Havia uma mesinha de centro feita de carvalho entre nós, cada um largado numa poltrona reclinável xadrez, com um filme passando na tevê à nossa frente. Algum drama ruim do Tom Cruise. Eu nunca gostei do Tom Cruise. Ele sempre me lembrou o primo sinistro de alguém, que sorri demais antes de pegar na sua bunda e sussurrar alguma coisa nojenta no seu ouvido com bafo quente de uísque.

Mas Grant estava avaliando a tevê com muita seriedade, e a fumaça fluuava em formas ovais certinhas e sensuais. Ele sabia fazer anéis de fumaça.

Pensei que meu único talento era converter oxigênio em dióxido de carbono, se bem que, para falar a verdade, eu me dava muito bem na escola — sempre me dei. Eu estava no programa dos melhores alunos e a caminho de me formar com honras, o que tornava o compartilhamento do quarto com Jessica e Kylie ainda mais irônico do que ler Hemingway. Elas eram

superestrelas sociais e, se houvesse uma disciplina chamada conversa casual e introdução à paquera, eu ia repetir.

Eu nunca tinha namorado. Nenhum namorado suado, que andava de mãos dadas ou passava bilhetinhos no ensino fundamental. Nenhum cara no ensino médio que me fizesse usar sua camisa do time de futebol americano nas gincanas da escola. Nenhum monitor na faculdade que de repente reconhecesse o valor de um cérebro acima da média e passasse noites na cafeteria estudando comigo. Nenhuma das anteriores.

Eu não sabia muito bem por quê, já que eu não me considerava feia com F maiúsculo. Talvez um pouco sem graça, definitivamente quieta, mas de forma alguma repulsiva. Não tinha cê-cê, mau hálito nem protuberâncias esquisitas em lugares visíveis, não tinha pontos de calvície nem tiques faciais. Alguns caras quiseram me beijar e tentaram enfiar as mãos na minha calça, mas nenhum quis me namorar.

E era por isso que eu achava que devia tomar a iniciativa em relação a Grant. Porque essa era a minha chance de conseguir um namorado. Dar uns amassos e dividir a pipoca no cinema, mandar mensagem um para o outro a cada minuto usando apelidos melosos. Só para saber como era um relacionamento, experimentar, como se fosse um lindo par de sapatos sensuais de salto alto.

Talvez isso até resultasse no Grant tatuando meu nome no bíceps. Era um nome curto, Rory, então caberia no braço magricelo. Alguma coisa permanente que dissesse que mais alguém neste mundo pensava em mim o suficiente para gravar meu nome pela eternidade.

Na realidade, Grant e eu ficamos completamente em silêncio por quinze, vinte minutos. Ele até parou de me perguntar se eu queria mais uma cerveja. Ele tinha a capacidade misteriosa de perceber quando eu havia terminado sem nem olhar para mim, e na hora me oferecia mais uma simplesmente me

estendendo a lata. Eu não queria tantas, mas não consegui dizer não. A oferta silenciosa era a única coisa que nos conectava, além do fato de nós dois sermos humanos e por acaso estarmos sentados na mesma sala.

Eu estava começando a me sentir zozza depois de três cervejas que tinha bebido uma atrás da outra, e me perguntava em quanto tempo meu cérebro supostamente grande conseguiria bolar um comentário insinuante para mandar para Grant, com uma jogada de cabelo habilidosa. Várias garotas que eu conhecia falavam mais quando bebiam, mas, até agora, minha língua ainda parecia grudada no céu da boca e meus ouvidos estavam apitando.

— Você acha...? — Grant começou a dizer, virando o corpo todo na minha direção.

Surpresa, eu meio que engasguei, e a cerveja subiu pelo meu nariz. Eu não sabia que ele ia me olhar. Não estava preparada. Não tinha nenhum sorriso tímido. Pisquei para ele, esperando que talvez ele dissesse alguma coisa que levasse a algo, e eu teria uma chance nesse estranho jogo de acasalamento que todos nós parecemos querer jogar.

— Você acha que o lance entre o Tyler e a Jessica é sério ou eles só estão se pegando? Ou será que eu, você sabe...

Afundi de volta no xadrez cor de vinho. Aquele não era o meu dia. Eu era burra de pensar que esse dia chegaria.

— Não — consegui dizer. — O lance deles é definitivamente sério. — Embora eu soubesse que isso não era verdade, que Jessica não estava levando nada a sério naquele momento. Mas eu estava me sentindo malvada e meio enjoada, e bêbada de um jeito não muito bom. Era raro eu sentir raiva, mas de repente senti exatamente isso.

Porque até Grant, que era tipo um gafanhoto assustado agarrado no para-brisa de um carro em alta velocidade, era bom demais para mim.

Levei a cerveja até a boca e suguei com força, meus olhos concentrados no Tom na tevê e em seu sorriso cafona.

— Ela disse que adora o Tyler — acrescentei para enfatizar minha opinião, incitada a falar por uma humilhação ardente que me pinicava a pele. Não era mentira, ela tinha dito isso. Mas Jessica adorava suas pantufas da Hello Kitty, seu iPhone e iogurte grego. Era sua palavra genérica para qualquer coisa que a agradasse naquele momento. Tyler a agradava meia hora atrás. Se ainda era esse o caso, era algo que ninguém sabia.

Grant olhou pelo corredor, na direção do quarto. Não falou nada, mas eu vi. Aquela vontade patética e desesperada. O desejo por algo que você quer, mas não pode ter. A necessidade de que alguém goste de você.

Eu reconheci porque via isso no meu rosto todo dia.

Então, sequei a quarta cerveja. Minha boca começou a ficar dormente e minha respiração pareceu alta e forçada nos ouvidos. Eu sabia que devia parar, beber água, me levantar, mas era mais fácil sentir pena de mim, escondida atrás de uma lata de cerveja, afundada na poltrona de tecido xadrez, minha nova melhor amiga.

Quando Grant se inclinou e de repente cobriu minha boca com a dele, fiquei tão chocada que soltei um gritinho assustado e derrubei a lata quase vazia no colo. Gotas de cerveja gelada molharam minha calça jeans. Ele tinha eliminado a distância entre as duas poltronas e estava debruçado sobre a mesa de carvalho, apoiado em uma das mãos, agarrando minha nuca com a outra. Confusa, fiquei sentada ali sem reagir por um segundo, com o cérebro cheio de cerveja pegando no tranco, processando. Grant estava me beijando.

Eu o beijei de volta. Porque, bem, era isso que eu queria, certo? Que Grant me beijasse.

Mas então eu lembrei que Grant não estava interessado de verdade em mim. Ele estava a fim da Jessica. Eu sabia disso. Sua boca era dura, a língua

inchada forçava a entrada. Comecei a me afastar, desesperada por ar. Ele tinha gosto de cigarro velho e cheiro de alguém que nadava numa piscina de desodorante Axe.

— Passa isso pra Jessica — disse ele, ofegando muito e tirando o cabelo dos olhos.

Pisquei. Eu podia ser a garota esquisita, mas não queria ser a segunda opção. Uma substituta sexual da minha colega de quarto gostosa. A humilhação me dominou, inundando minha pele de calor dos pés à cabeça enquanto eu ficava vermelha de constrangimento e raiva. Quando ele começou a se mexer de novo para me dar outro beijo, coloquei a mão em seu peito para impedir.

— Passa você — retruquei e levantei, deixando a lata de cerveja cair no carpete sujo. Eu não tinha certeza para onde ia, só sabia que era para longe dele.

Só que Grant me agarrou pelo braço quando passei por ele e me puxou para o seu colo. Antes que eu pudesse reagir, ele estava com os braços em volta de mim, os lábios quentes no meu pescoço, a cutucada dura do que imaginei ser sua ereção na parte de trás das minhas coxas. O medo inundou minha boca. Ele não parecia tão forte. Ele não parecia nem um pouco forte, mas o aperto dele era firme, e seus beijos molhados e nojentos desciam pelo meu peito, por baixo da minha camiseta.

Quando tentei levantar, suas mãos apertaram meus braços com tanta força que parecia que meus pulsos iam quebrar, e eu não tinha muita coordenação por causa da cerveja. Tentei me afastar, mas acabei deslizando pelo colo dele, por entre as pernas, e caindo de joelhos no chão.

— Aí sim, era disso que eu estava falando — ele disse, me soltando para abrir o zíper da calça. — Boa garota.

Quando ele tirou a ereção para fora, a apenas um palmo do meu rosto, não consegui acreditar no que estava vendo, a pele lisa e os pelos escuros,

simplesmente ali, de um jeito casual. Bem na minha cara. Percebi que ele pensou que eu ia fazer um boquete. Que eu realmente estava me oferecendo para fazer sexo oral, do nada, sem nenhuma conversa ou preliminar, só uns beijos vagabundos enquanto ele falava da minha colega de quarto. Que, de alguma forma, ele era louco o suficiente para achar que eu ia cair de boca nele por vontade própria. Com nojo, virei a cabeça para não ter que olhar para o pau dele.

A cerveja ia voltar. Eu bebi rápido demais, e ela estava se revirando no meu estômago, pronta para subir por minha garganta num tsunami de Bud Light, passando pelos meus dentes na direção do colo dele se eu não respirasse ar puro, não me afastasse dali.

— Me solta — pedi, tentando apoiar os pés no chão e me levantar.

Mas ele estava segurando a parte de trás do meu cabelo, e percebi que o único jeito de escapar seria me abaixando, não tentando levantar. Mas, se eu caísse totalmente no chão, ele poderia vir para cima de mim, o que significava que, se eu não saísse daquela posição nos próximos sessenta segundos, poderia acabar transando no carpete duro e imundo daquele apartamento alugado nojento. Eu preferiria fazer sexo oral a perder a virgindade com aquele babaca, que eu achava que fosse legal, que nunca vitimizaria ninguém porque ele era a vítima.

Nenhuma das duas opções era boa.

Mas, se eu fingisse que ia fazer sexo oral, poderia morder o cara. Enfiar os dentes em seu ponto mais sensível e fugir. Chamar um táxi. Eu estava em pânico o suficiente para achar que conseguiria fazer isso, fugir ou pelo menos lutar.

Então, tentei me levantar em vez de cair, e ele puxou meu cabelo com tanta força que meus olhos lacrimejaram. Eu tinha cabelos escuros avermelhados e compridos, então foi fácil para ele enroscar os dedos nos fios

para controlar minha cabeça e meu pescoço, me prendendo de um jeito que eu não conseguisse me mexer.

— Para! Estou falando sério. — Apoiei o joelho na parte de baixo da poltrona e coloquei a mão em seu peito, para manter a cabeça o mais longe possível dele. — Vou vomitar — acrescentei, porque era verdade, e imaginei que nenhum cara ia querer que vomitassem nele.

Mas ele me ignorou e disse:

— Abre a boca.

Então eu soquei o pulso dele, tentando me soltar, desesperada, em pânico, com a visão borrada pelas lágrimas e por cervejas demais, e o estômago se revirando violentamente.

— Não! Por favor, não faz isso!

— Solta ela, Grant. *Agora*.

Ele me soltou e eu caí no chão, ofegando, me arrastando para trás, minhas galochas floridas me dando tração para eu escorregar para longe dele. Tyler estava de pé no corredor, sem camisa, com uma cerveja na mão. Ele obviamente tinha ido à cozinha, visto o que estava acontecendo e tentava interromper.

Minhas mãos tremiam de alívio, e eu fechei o agasalho para cobrir a camiseta e cada pedaço do meu corpo.

— Fica na sua, porra — disse Grant.

— Não. Não vou ficar na minha. Ela disse não. — Tyler era alto, tinha ombros largos, o peito e os bíceps cobertos de tatuagens. Ele me olhou e eu me encolhi um pouco. Seus olhos pareciam raivosos sob o brilho fluorescente da luz da cozinha. — Você disse não, certo, Rory?

— Sim. Eu disse não — acrescentei, querendo esclarecer.

Grant esticou a perna e chutou meu braço com força.

— Disse nada, sua vaca.

Ele me chutou. Não consegui acreditar que ele tinha me chutado. Soltei um grito, e, antes que eu pudesse reagir, Tyler estava entre mim e Grant, puxando o cara e fazendo-o ficar de pé.

— Eu ouvi ela dizer não. Agora sai daqui. Vai pra casa. Qual é o seu problema? Não se trata uma garota desse jeito.

Eles brigaram um pouco, Grant empurrando os braços do Tyler para longe enquanto caminhava em direção à porta.

— Cara, eu estava fazendo um favor pra ela. Ninguém quer essa garota.

A resposta do Tyler para isso foi um soco na cara do Grant, que o fez cair contra a parede.

— Cala a porra dessa boca ou eu te dou uma surra.

Grant se afastou da parede, me lançou um olhar de ódio e depois saiu, batendo a porta com força. As lágrimas escorriam em meu rosto, involuntariamente. A percepção de que eu quase tinha sido estuprada me atingiu, e as palavras horríveis de Grant fecharam a cena, num insulto final. Ele estava certo. Ninguém me queria. Mas isso não significava que eu devia ser tratada como merda. Não significava que eu não era gente, que eu devia deixar de lado a dignidade e aceitar qualquer tipo de atenção que me dessem, sem me importar se era de uma forma egoísta ou violenta.

— Você está bem? — perguntou Tyler, abrindo a cerveja e me oferecendo.

Balancei a cabeça. Porque eu não queria a cerveja. E porque eu não estava bem.

— Sinto muito. Eu não sabia que ele era capaz de fazer uma coisa dessas. Estou me sentindo muito mal. — Ele colocou a cerveja na mesa de centro. — Quer que eu te leve pra casa? A Jessica está dormindo.

Ótimo. Tudo que eu queria era voltar para o nosso dormitório e chorar na minha cama, mas Jessica estava tirando um cochilo pós-sexo. Era algo ousado

para mim, mas decidi aceitar a oferta, mesmo sabendo que seria um incômodo para ele.

— Quero, se você não se importar.

— Claro, sem problemas. Vou só pegar as chaves. — Ele fez uma careta. — E uma camiseta. Está frio lá fora para outubro.

Ele voltou para o quarto e, quando saiu, Jessica estava com ele.

— Rory, você está bem? — Ela correu na minha direção, o cabelo louro voando, vestindo uma calça de pijama masculino e um moletom enorme. — O Tyler me contou o que aconteceu.

Seus braços me envolveram, e eu me deixei abraçar, grata pelo contato e pela preocupação.

— Que babaca. Se eu encontrar o Grant, vou cortar o pinto dele e enfiar goela abaixo. Vamos ver se ele gosta de um pau entalado na garganta.

Sua veemência me fez sentir melhor.

— Eu devia ter... — comecei, mas depois parei. Eu devia o quê? Eu não devia ter feito nada diferente. Eu só estava sentada na minha poltrona, e ele fez um monte de suposições e eu disse não, e essa era a verdade. Eu não ia me culpar por ele ter levado um soco na cara.

— Não, foda-se isso — disse Jessica. — Você não fez nada de errado. E me desculpa por ter te deixado com aquele idiota.

— Já volto — disse Tyler, com o telefone tocando na mão. Ele entrou no quarto enquanto Kylie saía, com o cabelo bagunçado e a maquiagem borrada.

— O que está acontecendo?

— O Grant tentou estuprar a Rory — disse Jessica, numa voz tão alta e direta que não consegui deixar de me encolher.

— O quê? Tá brincando. — Kylie podia ser irmã gêmea da Jessica. As duas eram altas, loiras, bronzeadas e definidas. Estavam fazendo faculdade de educação e provavelmente iam acabar como organizadoras de casamentos e

esposas de caras que jogam golfe, enquanto eu queria estudar medicina para ser médica-legista. Eu ficava mais à vontade com os mortos que com os vivos. Mas, por algum motivo, Kylie e Jessica gostavam de mim. E eu gostava delas. A reação delas só fez aumentar esse sentimento. As duas estavam com cara de que, se tivessem um taco de beisebol e cinco minutos com Grant, ele ia desejar nunca ter nascido.

Eu não queria brigar com Grant. Só queria esquecer que aquilo tinha acontecido.

— Eu beijei o Grant — eu disse, porque me sentia culpada por isso. Ele se sentiu meio incentivado.

— E daí? Um beijo não é uma promessa de sexo — Kylie respondeu.

Ela estava certa.

— Eu sei — eu disse, miserável, confusa, com o estômago revirado. Sentei na mesa de centro, olhando para as minhas botas. — Mas quer dizer... Não é que eu não tenha pensado em ficar com o Grant. Eu pensei. Mas ele foi tão... E eu não quero que a minha primeira vez seja assim... E eu devia ter feito... alguma coisa.

Já era a ideia de dizer a mim mesma que não ia fazer isso. Lá estava eu, preocupada, sentindo que tinha alguma culpa no que havia acontecido.

— Sua primeira vez? Espera, você está dizendo que é virgem? — Jessica me encarou com um olhar vazio. — Sério?

Ops. Eu não queria ter compartilhado essa informação. Não era exatamente um segredo sombrio e misterioso, e não devia ser um choque tão grande para ela, mas também não era uma coisa que eu andava falando por aí.

— Hum... é. Eu simplesmente não... — Não tive oportunidade. — Não apareceu ninguém... — Estendi a mão para a cerveja que Tyler tinha abandonado e dei um gole. Eu estava bêbada, mas não o suficiente para não me sentir completamente envergonhada, como se estivesse no ensino médio.

— Ah. — Kylie parecia perplexa. — Bom, não tem nada de mais. Muitas garotas fazem essa escolha.

— Não é uma escolha. Não exatamente. Quer dizer, se eu pudesse, acho que faria. — Faria. Eu tinha vinte anos e as mesmas sensações físicas que as outras pessoas. Só não tinha com quem explorá-las. De um jeito que não fosse uma rapidinha no carpete manchado.

— Bom, e por que você não pode? — Jessica perguntou.

— Porque não tem ninguém se oferecendo. Acho que tecnicamente o Grant se ofereceu, mas não quero desse jeito. — Eu estava arrependida por ter tocado no assunto. Não era uma conversa que eu queria ter com Tyler e Nathan a poucos metros de distância.

— Então você quer, tipo, romance?

Era assim que a gente chamava?

— Acho que sim.

Tyler voltou para a sala, enfiando o celular no bolso da frente.

— Pronta?

— Sim. — Encontrei minha bolsa no chão e passei a alça sobre a cabeça.

— Tyler, a Rory quer romance — contou a Jessica. — O que você acha disso?

Meu rosto queimou de vergonha. Eu não queria ser o assunto da conversa. Não queria que Tyler me encarasse como estava fazendo, com os olhos escuros me analisando. Ele era o típico bad boy — e era por isso que Jessica gostava dele —, e eu era o tipo de garota que ele nunca teria notado. E ele nunca tinha me notado de verdade. Eu era a amiga quieta da Jessica e da Kylie, cuja presença ele tolerava. Mas agora seus olhos estavam me avaliando, me analisando, e eu não entendia sua expressão.

— Acho que ela deve ter o que quiser. — Ele estendeu a mão e pegou a cerveja da minha, os dedos roçando nos meus. — Mas nada é tão romântico

quanto uma caixa de cerveja. Preciso comprar mais.

Estremeci com o toque dele e com o olhar impenetrável que ele estava me dando.

— Vou ficar aqui — declarou Jessica. — Está frio demais lá fora pra ir pra casa. Te vejo amanhã, Rory.

Kylie já estava encolhida no sofá, meio dormindo, quando deu um aceno fraco.

— Tchau, florzinha.

— Tchau — eu disse, enfiando as mãos nos bolsos da frente da calça jeans, desejando ter um casaco mais grosso. Eu estava com frio e queria um banho quente para lavar a cerveja e o medo e a sensação dos lábios molhados do Grant em mim. Mas primeiro eu teria que sentar sozinha com Tyler no carro. Um fim perfeito para uma noite horrível. Uma conversa casual desajeitada com o amigo colorido da minha colega de quarto, que tinha dado um soco no próprio amigo para me defender.

O corredor exalava um forte cheiro de fritura enquanto eu descia a escada de metal atrás do Tyler, e achei que aquele fosse o fim das conversas sobre a minha virgindade.

Mal sabia eu que era apenas o começo.

O prédio do Nathan ficava na McMicken Street e não tinha garagem. O carro do Tyler era um sedã enferrujado, com pelo menos vinte anos de uso, com uma porta marrom que se destacava em contraste absoluto com a lataria branca.

— Está aberto — disse ele quando chegamos à rua.

Abri a porta do passageiro e entrei, tremendo e cruzando os braços sobre o peito. Procurei o cinto de segurança, mas parecia não existir, então simplesmente fiquei ali, dura, minhas galochas roçando uma pilha de sacos de fast-food e latas de Coca-Cola. Eu queria agradecer por ele ter me salvado. Porque foi isso que ele fez. Não sei se eu teria conseguido me livrar do Grant sozinha.

Eu me obriguei a olhar para ele, mas ele estava olhando sobre o ombro enquanto saía da vaga. Ele tinha o maxilar forte e uma pequena protuberância no meio do nariz que eu nunca tinha notado antes. De perfil e com a blusa de moletom enorme, de alguma forma ele parecia mais novo e menos intimidador do que quando as tatuagens ficavam totalmente à mostra, e me dei conta de que seus olhos escuros estavam me encarando. Isso me deu coragem para dizer:

— Obrigada.

Minha voz saiu como um sussurro rouco e eu limpei a garganta, envergonhada.

— Sem problemas — ele disse. — Você não pode andar neste bairro à noite sozinha. Só essa ladeira já te mataria, se os ratos do gueto não te matassem.

Não sei se a Straight Street recebeu esse nome pelo fato de ser uma ladeira praticamente de noventa graus. Era quase impossível andar ali, mesmo durante o dia. Mas eu não estava falando sobre ele me dar uma carona, embora estivesse grata por isso.

— É, mas estou agradecendo por... pelo Grant. — Não quis ser mais específica que isso.

Dessa vez ele virou, e eu me arrependi quando ele me lançou um olhar que eu não consegui decifrar.

— Claro. Se um dia você estiver nessa situação de novo, dá um murro no saco dele. Mas você consegue coisa melhor do que o Grant, pode acreditar.

— É. — Eu não tinha certeza se aquilo era verdade ou não, mas sabia que preferia mil vezes ficar sozinha a ter aqueles lábios molhados e finos em mim e aquele aperto exigente no meu braço e na minha nuca.

— Quer dizer, se você esperou até agora pra transar, não vai desperdiçar sua virgindade com um viciado em oxi.

Então ele tinha ouvido minha conversa com Jessica e Kylie. Agarrei a bolsa com mais força no colo, a sensação de enjoo voltando ao estômago. O carro estava se arrastando, lutando para subir a ladeira íngreme, e o motor reclamou quando Tyler pisou no acelerador. A rua estava vazia e a maioria das casas estava escura, porque já passava das duas da manhã, e de repente eu me senti tão presa no carro como estava no apartamento. Eu não queria falar sobre isso com Tyler. Nem com ninguém.

— Oxi? — perguntei para ganhar tempo. Me esquivar e enrolar quando o assunto era desconfortável. Mas eu nunca tinha sido muito boa em me esquivar de nada. Eu era a aluna de educação física que não se movia rápido o suficiente e levava uma bolada no nariz.

— Oxidona. O Grant gosta de tomar isso. Quando não consegue por um tempo, ele fica meio tenso. Eu falei pro Nathan que ele não devia mais deixar o cara ir lá, mas o Nathan é fiel.

Então o Grant era viciado. Acho que não fiquei surpresa, não de verdade. Ele tinha o requisito da família perturbada, o tique nervoso. Fazia sentido. Mas fiquei desapontada, porque isso significava que eu o tinha avaliado mal. Tinha visto o cara como uma versão masculina de mim mesma, quieto por não ter habilidades sociais, nervoso. Mas não era nada disso, e eu tinha projetado nele o que eu queria.

A ideia me fez querer chorar de novo.

— E você não é? — perguntei e imediatamente me arrependi. Parecia quase uma acusação, quando a verdade era que o silêncio estava se prolongando, um elástico comprido que estalou com minhas palavras acidentalmente rudes.

— Não quando o cara é drogado e chuta mulheres.

Isso fazia sentido para mim.

Eu não conhecia direito Tyler, só sabia que ele era amigo de festas da Jessica e da Kylie e que, de vez em quando, ele e a Jessica se pegavam. Ele quase nunca ia ao nosso dormitório, e eu só tinha estado perto dele algumas vezes, em festas e no apartamento. Não tínhamos nenhuma aula juntos, e ele nunca se esforçou muito para falar comigo.

Mas de repente eu passei a gostar mais dele.

Sem saber o que dizer, como sempre, coloquei o cabelo atrás da orelha, mas não precisei responder, porque o telefone dele tocou. Ele olhou para a tela

e xingou.

— Alô? — disse, depois de tocar na tela, virando o volante com o cotovelo esquerdo e indo em direção ao campus.

Eu me perguntei se era Jessica. Mas percebi que não podia ser, porque ela não teria ligado para ele. Ela gostava de mandar mensagens e sempre usava abreviaturas absurdas, com acrônimos que só ela entendia, tipo "TASV", que ela insistia que significava "Te Amo Sua Vaca". Ou o meu preferido: "Q?" Jessica às vezes usava isso como uma pergunta genérica, quando ela não entendia o que estava acontecendo, que era o que a maioria das pessoas pensaria, ou às vezes com o significado de "Que horas?", embora ninguém além dela soubesse qual era a intenção.

— Não. Na cozinha. Não — disse ele ao telefone, mais enfático. — Eu não peguei. O gato deve ter comido.

A mulher do outro lado da linha berrava tanto que eu conseguia ouvir, mas as palavras eram enroladas.

— Bom, para de deixar suas merdas espalhadas por aí — disse ele e, com um muxoxo, tirou o telefone do ouvido e o largou num compartimento sujo perto do câmbio. — Mães são um saco.

Se eu não estivesse bêbada, provavelmente não teria dito nada. Teria apenas concordado ou, mais provavelmente, feito um sinal com a cabeça. Mas minha boca parecia se mover mais rápido que meu cérebro.

— Eu não lembro de a minha mãe ser um saco. Ela estava sempre sorrindo.

Tyler me olhou.

— Lembra? Ela fugiu ou alguma coisa assim?

Eu me perguntei quais seriam as chances estatísticas de alguém pensar em abandono em vez de morte.

— Não, ela morreu. De câncer. Quando eu tinha oito anos. — A cerveja estava funcionando a toda. Eu nunca tinha contado isso para ninguém, a menos que me pressionassem muito, porque a palavra com C imediatamente provocava simpatia e medo no rosto das pessoas. Elas se sentiam instantaneamente mal por mim, mas ao mesmo tempo tinham medo de que a doença tocasse suas vidas como tinha tocado a minha, e sempre sussurravam a palavra. *Câncer*. Como se falar alto fizesse a doença aparecer em seus corpos feito um demônio destruidor vindo do inferno. As pessoas diziam isso na minha cara, que o câncer era do mal, que era uma aflição horrível com implicações sobrenaturais, irreversíveis.

Outras me diziam que o governo muito provavelmente tinha uma vacina contra o câncer, mas que estava escondendo para impulsionar a economia farmacêutica. Isso me parecia improvável por muitos motivos, no mínimo porque não fazia sentido, num nível celular. Não era um vírus, e sim uma mutação. Mas eu entendia que as pessoas queriam uma resposta para a aleatoriedade da causa do câncer, de por que ele matava.

Eu parei de perguntar por que muito tempo atrás.

Tyler pareceu entender isso. A resposta dele não foi um pedido de desculpas desconfortável. Ele disse:

— Isso é muito injusto, né, porra? A minha mãe é uma vaca egoísta e provavelmente vai viver até os noventa anos, e a sua morreu.

Até que era agradável não receber a mesma resposta conveniente de simpatia, aquela em que todo mundo sentia muito, mas ao mesmo tempo ficava muito feliz por não ser com eles. Gostei da atitude direta dele.

— Você não se dá bem com a sua mãe?

— Não. — Tyler virou na entrada que levava ao meu dormitório. — Mas ela não é de todo má. Ela me pariu. — Ele virou e me deu um sorriso.

Isso foi tão inesperado que, por um segundo, eu pisquei, depois soltei uma risada surpresa. O som era estranho aos meus ouvidos, mas Tyler não pareceu notar. O rosto dele mudou quando sorriu, e os olhos se aqueceram. No escuro, ainda pareciam buracos negros e fundos, mas, com os lábios virados para cima e os cantos dos olhos enrugados, ele não era tão intenso, tão distante.

Foi aí que eu percebi que sempre fiquei meio nervosa perto do Tyler. Ele era o que as pessoas sempre me acusavam de ser: ali, mas ausente. Tranquilo, mas distante. Sorridente, mas intenso. Talvez fosse o álcool, meus ouvidos ainda zumbindo, minhas entranhas quentes, minha pele fria e úmida, mas, pela primeira vez, não me senti desconfortável perto dele.

— Então você é virgem mesmo? — ele perguntou, parecendo verdadeiramente curioso. — Ou só falou por falar?

Lá se foi a sensação de conforto. Mais rápido do que alguém falando *momento constrangedor*.

Eu não entendi por que ele achou que eu ia querer falar com ele sobre isso. Eu estava bêbada, mas não era *maluca*. Se eu não tinha contado às minhas colegas de quarto até aquela noite, por que raios ia sentar no carro do Tyler e abrir meu coração? Eu não era do tipo que fazia confissões. Nunca fui.

Então só olhei para ele.

— Vou entender isso como um sim.

Eu queria mandá-lo cuidar da própria vida. Parar de pressionar uma garota que ele não conhecia para saber detalhes íntimos sobre sua experiência sexual. Que isso era indelicado. Mas daí lembrei que, na verdade, ele tinha salvado a virgindade que estava questionando agora, então eu não quis ser uma vaca. Só dei de ombros. Sério, que diferença fazia? Eu já era a anormal da faculdade. Gosta de estudar! Odeia conversar! Não faz bronzamento! Veja esse espécime digno de um show de horrores em seu habitat natural no dormitório...

Mas eu me surpreendi abrindo a boca e dizendo:

— Sou sim.

Minha confissão silenciou o cara por um segundo, mas depois ele batucou os dedos no volante enquanto parava o carro na frente do meu dormitório, uma torre dos anos 70 feita de vidro e aço. A luz da rua inundava o carro, mostrando ainda mais claramente como ele era sujo e velho, com a abertura do toca-fitas lotada do que parecia um monte de multas de trânsito.

— Você tem um anel da pureza ou coisa parecida?

Agora que eu tinha começado e a cerveja tinha soltado a minha língua, falei a primeira coisa que me veio à cabeça:

— Prefiro chamar de hímen.

Tyler soltou uma gargalhada.

— Não, estou falando daqueles anéis que as pessoas usam... — Ele me olhou e a ficha caiu. — Ah, espera, você está sendo sarcástica, né?

Fiz que sim com a cabeça.

E isso o fez rir ainda mais.

— Rory, você é uma garota interessante.

Interessante não era exatamente um elogio animador, mas ele não me chamou de esquisita, que era como eu me sentia às vezes. Como se eu tivesse sido montada de um jeito diferente das pessoas à minha volta e, embora eu gostasse do resultado final, os outros ficavam confusos sobre como interpretar minha existência. Eles me observavam desconfiados, como se eu fosse um Transformer e eles estivessem esperando que braços de metal saíssem do meu peito.

Acho que eu nunca tinha visto Tyler rir antes, ou talvez nunca tivesse notado, pois minha atenção estava voltada para Grant, que eu achava que tinha mais possibilidade de cair no meu plano de explorar o acasalamento e os relacionamentos humanos. Mas, por outro lado, Jessica e Kylie tinham a

tendência de dominar todas as conversas quando estávamos em grupo, então talvez a risada perfeitamente afetada das duas tivesse abafado a do Tyler.

Mas, por algum motivo idiota, gostei de pensar que ele estava rindo só para mim.

E foi aí que eu percebi que estava mais bêbada do que imaginava e precisava me afastar dele, em vez de ficar ali sentada, piscando indefinidamente para ele como um filhote de coruja. Antes que eu inventasse um tipo de adoração de herói que ele podia até merecer, mas que não significava porcaria nenhuma. Antes que eu substituísse uma paixão sem sentido por outra.

Abri a porta de repente, meio que caindo para fora, me agarrando na maçaneta e nos restos da minha dignidade, como se ele pudesse ouvir meus pensamentos idiotas.

— Obrigada — falei por sobre o ombro, mal olhando para trás quando saí do carro, agarrando minha bolsa.

Não houve resposta, e, quando me esforcei para fechar a porta, que parecia pesar uma tonelada e exigia mais coordenação do que os meus dedos congelados tinham, notei que ele estava simplesmente me encarando. Tinha um cigarro na boca e levantava o isqueiro do carro até ele, a mão traçando o caminho sem pensar. Enquanto ele tragava para incendiar o papel e o tabaco, seus olhos não se desviaram dos meus.

O sorriso tinha sumido. Não havia nada além de uma análise fria.

Estremeci.

Andei o mais rápido possível até o dormitório, vasculhando a bolsa para encontrar meu cartão-chave.

Depois que entrei, parei na recepção e olhei através da porta.

O carro ainda estava lá, e dava para ver a sombra da silhueta dele, o minúsculo brilho vermelho do cigarro.



— Como você está se sentindo? — perguntou Kylie, entrando no nosso quarto fazendo mais barulho que o necessário.

Abri um pouco os olhos e soltei um resmungo:

— Uma merda.

E me enfiei debaixo da cobertura. Eu tinha acordado às cinco da manhã e ido ao banheiro que compartilhávamos com o quarto ao lado para vomitar. Tinha saído como um jato de mangueira, e escorreguei pelos ladrilhos frios, arrependida por não ter jantado, arrependida pelas cervejas idiotas que eu só tomei porque estava nervosa por ficar perto de um cara que se mostrou um babaca.

Nada daquilo tinha lógica. Normalmente eu não fazia coisas idiotas.

Eu estava pagando por essa. E, depois de voltar me arrastando para a cama, coberta de suor, fiquei dormindo e acordando agitada durante horas. Eu não tinha ideia de que horas eram quando Kylie e Jessica voltaram, mas não dava a mínima também. Eu queria morrer. Eu entregaria meu corpo à ciência, e eles poderiam estudar os efeitos da cerveja barata em alunos socialmente desajustados do segundo ano.

— Quer alguma coisa? — Jessica perguntou.

— Uma arma pra me dar um tiro. — Parecia que tinha alguém martelando repetidamente minha cabeça e que o interior do meu estômago tinha sido rasgado por lobisomens e substituído por vermes que subiam pela minha garganta. E eu não estava exagerando no drama. Eu me sentia uma porcaria. Como um bicho morto há dois dias na estrada. Como chiclete mastigado grudado num pé de galinha. Como se tivesse sido atropelada por um carro.

Minha cama gemeu e afundou quando uma delas sentou perto dos meus pés. Até esse pequeno movimento me fez ter ânsia de vômito.

— A gente vai almoçar. Quer ir? — perguntou Kylie.

Nem me preocupei em responder. Doía mexer a boca, e essa talvez tenha sido a pergunta mais idiota que eu ouvi na vida. Eu não ia almoçar nem se me oferecessem um milhão de dólares e uma sessão de amassos com o Liam Hemsworth.

— Depois a gente vai pra aula de zumba.

O produto interno bruto depositado diretamente na minha conta bancária não me permitia ter aulas de dança latina. Gemi, me perguntando por que elas não estavam de ressaca. Depois lembrei que as duas tinham passado a maior parte da noite transando, não se embriagando.

Sentindo-me amarga, voltei ao meu sono suado.

Quando acordei, o quarto estava escuro e eu estava desorientada, mas o latejar na minha cabeça tinha diminuído um pouco. A tevê estava piscando no canto do nosso quarto apertado, e senti que Jess ou Kylie ainda estava sentada no pé da minha cama, com as costas apoiadas na parede.

— Que horas são? — resmunguei com a voz rouca.

— Sete. Como você está?

Putá merda. Era a voz de um cara, e não de uma das minhas colegas de quarto. Eu me levantei um pouco, com o coração acelerado. Era difícil ver no escuro, e o movimento súbito fez meu estômago revirar, meu cabelo colado na testa.

Ai, meu Deus. Era o Tyler, sentado ali casualmente, as pernas esticadas, os pés só de meias pendurados na beirada.

Minha língua parecia grossa, e de repente percebi que eu não estava usando calça. Eu tinha caído na cama de roupa e tudo, exceto as galochas, e, quando me levantei para vomitar, arranquei o casaco, que ficou no banheiro. Depois, na cama, tirei a calça jeans com as mãos trêmulas, então agora eu estava só de camiseta, apertada, suada e amassada, e calcinha.

Com Tyler sentado na minha cama, assistindo a *Family Guy*, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Uma olhada rápida me mostrou que estávamos sozinhos.

— Bebe isso — disse ele, estendendo a mão e pegando uma garrafa na minha escrivaninha. As cores piscantes da tevê brincavam na silhueta dele, mostrando a força dos bíceps quando ele esticou o braço. O preto da tatuagem chamou minha atenção, mas estava escuro demais para ver o que era.

Apoiada em um cotovelo, eu estava totalmente envergonhada, pois sabia como minha aparência devia estar horrível, mas não tinha forças para sair da cama e me arrumar. Parecia que eu também não tinha um cérebro funcionando. Quando ele me deu algum tipo de bebida energética na boca, dei um gole pelo canudo. O líquido gelado e doce me trouxe uma sensação fantástica e atravessou o muco que parecia cobrir cada centímetro da minha língua e da minha boca.

— Obrigada.

— De nada. — Ele colocou a garrafa de volta na escrivaninha. — Você está desidratada. Vai se sentir melhor quando conseguir manter algum líquido no estômago.

Aquilo tudo era muito estranho. Tipo absurdamente estranho. Por que raios ele estava no meu quarto enquanto eu dormia o sono agitado e suado da ressaca? A cerveja parecia estar saindo pelos meus poros, e eu cheirava a restos de comida chinesa.

— Cadê a Jess e a Kylie? — perguntei.

— Jantando. — Ele se ajeitou e a cama rangeu. — Vou acender a luz, cobre os olhos por um segundo.

Lutei contra a vontade de gemer quando ele acendeu o abajur e meus olhos secos se dilataram. Não consegui evitar um resmungo.

— Nunca mais vou beber — falei, caindo de volta no travesseiro.

— Todo mundo diz isso. Poucos cumprem a promessa. — Houve um barulho de plástico, e de repente ele apareceu com um pacote de cream cracker. — Você devia comer um biscoito.

Eu não estava acostumada a ter alguém cuidando de mim, e o fato de ser um cara gostoso que transava com a minha colega de quarto era simplesmente assustador. Mas peguei o pacote e o abri para dar uma mordida na pontinha do biscoito. Parecia papelão, e tive um pouco de ânsia. Tyler estava ali com a bebida de novo, e ter um bad boy como enfermeiro me fez pensar se eu não estava tendo alucinações. Talvez fosse um tipo de fantasia inspirada por um sonífero.

O líquido vermelho escorreu pela minha boca.

Não. Não era uma fantasia.

Só eu, desajeitada como sempre.

Sequei o queixo.

Ele se levantou, e eu fiquei tão dividida entre não querer que ele fosse embora — pois queria saber por que ele estava ali — e estar aliviada por ele me deixar na minha paz patética que perguntei ofegante:

— Você vai embora?

— Não. A menos que você queira que eu vá. Quer? — A pergunta chegou a mim por sobre o ombro dele, os olhos escuros insondáveis.

Balancei a cabeça, porque eu não conseguia mandá-lo embora. Isso seria muito grosseiro. E, ao mesmo tempo, eu não tinha certeza se queria que ele fosse.

Eu fazia cursos de matemática e ciências porque eram fáceis para mim, faziam sentido. Havia uma lógica, com uma resposta certa e uma errada. A literatura nunca me dava esses resultados absolutos, porque você nunca podia prever de verdade o que alguém estava pensando ou o que ia dizer. Pelo menos eu não conseguia.

Mas o mistério das palavras e das pessoas era fascinante para mim. Eu queria entender, mas nunca parecia capaz de juntar as peças do quebra-cabeça do comportamento na ordem certa.

— Essa é a sua cômoda? — ele perguntou, batendo com os nós dos dedos em uma das gavetas.

Viu? Nem em mil anos eu poderia prever que ele fosse dizer isso.

— É. — Observei enquanto ele abria a primeira gaveta e vasculhava minhas meias. — Hum... — Graças a Deus ele não tinha escolhido a gaveta de lingerie.

— Onde estão suas camisetas? Vou pegar uma limpa pra você.

Sério? Esse era o cara que Jessica tinha descrito como durão? Que levantava pesos pesados e vinha de uma parte perigosa da cidade e tinha um piercing no pinto? Ele queria me dar uma camiseta limpa.

— Segunda gaveta.

Ele remexeu por um minuto, então pegou uma com um gatinho sonhando acordado com equações matemáticas.

— Que fofo.

Não sei se era sarcasmo ou não. Se eu tivesse que adivinhar, diria que ele teria feito um comentário sobre gostar de certas partes das gatinhas, que eu imaginava que oito em cada dez homens teriam feito nessas circunstâncias.

Mas, em vez disso, enquanto trazia a camiseta para mim, ele deu um tapinha nela e disse:

— Mas essa aqui está errada. A resposta é 27.

Eu me sentei e olhei para a camiseta, piscando. Estudei a equação que o dedo dele estava apontando e fiz rapidamente o cálculo.

— Você está certo — falei, sem conseguir esconder totalmente a surpresa na voz.

— Sou mais inteligente do que pareço — ele disse.

Aparentemente, era mesmo. Eu estava murmurando um protesto envergonhado quando a porta do quarto se abriu de repente, e Jessica e Kylie entraram, com enormes canecas de café na mão.

— Olha quem acordou! — gritou a Jessica. — Eba! Que bom que você está melhor.

Eu não tinha certeza se aquela era uma avaliação precisa da situação, mas sabia, por experiência, que ela não esperava uma resposta de qualquer maneira.

— Tudo bem, vou nessa — disse Tyler, já se dirigindo até a porta. — Falo com vocês mais tarde.

— Tchau, gato — disse Jessica.

Kylie deu um tchauzinho.

Ele saiu e eu fiquei sentada ali, agarrada na camiseta de gatinho.

— Por que ele estava aqui? — perguntei.

— Porque ele gosta de você — respondeu Kylie numa voz cantarolada, tirando a blusa e vasculhando o armário de calça de moletom e sutiã. — Você vai com a gente na balada hoje?

Até parece. Ignorei totalmente a pergunta e empurrei o cabelo para trás, com os dedos meio trêmulos. Estendi a mão para pegar a bebida que Tyler tinha deixado na escrivaninha e dei um gole, formulando um protesto para não parecer muito reacionária.

— Tanto faz. Sério, por que ele estava aqui?

— Ele não quis ir jantar com a gente. E estou falando sério, eu acho mesmo que ele gosta de você. Ele anda fazendo um monte de perguntas sobre você pra mim e pra Jess. A gente queria ter tipo uma biografia sua, pra poder dar pra ele e ele parar de encher a gente. — Houve um barulho quando ela caiu nos fundos do armário. — Ai. Merda. Não consigo encontrar minhas botas.

Tirei a camiseta suja e enfiei a limpa de gatinho sobre a cabeça, esperando que cobrisse a queimação que eu sentia no rosto. De jeito nenhum o Tyler estava interessado em mim. Não estava. Não podia estar. Ele podia estar curioso sobre quem era a garota muda, do mesmo jeito que a gente tem curiosidade de saber por que o Donald Trump tem uma chinchila na cabeça.

— Ele não gosta de mim — insisti quando minha cabeça reapareceu. — Ele está com a Jessica. — Para quem eu estava com medo de olhar. Eu não queria virar e ver minha amiga me lançando olhares assassinos.

Mas Jessica riu.

— Ele não *está* comigo. Ele andou comigo. Tem uma grande diferença. Enorme, por sinal. Eu não gosto dele desse jeito.

Fiquei olhando enquanto ela se movimentava ao redor do quarto, engolida por um moletom gigantesco da Universidade de Cincinnati, com patas de urso — o mascote da faculdade — estampadas na bunda da calça de ioga. Ela estava se olhando num espelho de mão, inspecionando os dentes e parecendo muito despreocupada com o fato de o Tyler ter ficado no nosso quarto enquanto eu dormia. Eu parecia ser a única que achava isso absurdo.

— Mas você... — comecei a dizer, depois não sabia muito bem como terminar a frase.

— Transei com ele? — perguntou ela, me dando um sorriso. — É. Ele é divertido e sabe como usar aquele piercing pra me satisfazer, se é que você me entende.

Na verdade, eu não tinha a menor ideia do que ela estava falando. Em teoria, claro, eu conseguia imaginar a estimulação clitoriana que poderia ocorrer com um minúsculo anel de metal, mas não conseguia imaginar de verdade como era. Longe demais da minha realidade.

— Não, não entendo.

— Ah, que merda, acho que não.

O olhar de pena que ela me lançou era tão sincero que eu quase ri. Ao mesmo tempo, me fez ter uma sensação profunda de desejo por todas as experiências que eu não tinha vivenciado.

Kylie saiu do armário segurando triunfalmente as botas desejadas.

— Encontrei — disse ela sem fôlego, jogando o cabelo para trás. — Você devia ir em frente com o Tyler.

— Não! — A ideia era apavorante. Primeiro, porque eu não conseguia me imaginar ficando com um cara com quem a minha colega de quarto tinha transado. Segundo, porque eu estava convencida de que não havia como o Tyler estar realmente interessado em mim. Terceiro, porque eu não tinha certeza se *eu* estava interessada nele. Ele não parecia ser o meu tipo. Apesar de eu nunca ter namorado, certamente tive paixonites por vários caras, fictícios e reais, e eles sempre eram os coitadinhos, com olhos cheios de sentimento e um estado de espírito sombrio, impulsionado pela insegurança. Oi, Grant.

Tyler era confiante demais para entrar no padrão do Garoto Destruído.

Por outro lado, desejar caras do tipo músico apaixonado não tinha dado muito certo para mim.

— Por que não? — perguntou Jessica. — Se for por minha causa, meu Deus, não se preocupa com isso.

— É só que... não. A resposta é simplesmente não.

Kylie tinha tirado a calça de moletom e estava de sutiã e calcinha cor-de-rosa, com as mãos no quadril.

— Isso podia te fazer bem. Agora vai se arrumar, a gente vai sair.

— A resposta pra isso também é não. — Puxei as cobertas com mais firmeza até o peito. Eu não ia a lugar nenhum. Ia ficar na cama até domingo de manhã.

Ela deu um risinho de desaprovação.

— Sua fraca.

— É. — Comi os biscoitos e fiquei olhando as duas se movimentarem pelo quarto, se transformando de entusiastas da zumba em baladeiras sensuais, com decotes e minissaias. Quando Jessica pegou os cílios postiços, eu soube que elas não estavam de brincadeira. Havia um comprometimento. Elas estavam no clima para passar a noite toda na rua: o tipo de aventura com luzes estroboscópicas, vodca, quadris se esfregando, e eu só ia vê-las de novo depois do presunto com ovos pós-balada no Denny's, às cinco da manhã. Os caras iam ser paquerados, mas não teriam permissão para tocar nelas, e seria uma noite das meninas superpoderosas na cidade.

E aí eu disse uma coisa idiota.

— O Tyler vai com vocês?

— Está vendo? — disse Kylie em êxtase total. — Você *gosta* dele! — E espirrou uma nuvem de perfume na minha direção.

Tossindo, sem nem saber por que eu tinha perguntado, esbravejei:

— Só estou preocupada que ele volte pra cá e acampe no meu pé de novo.

— Áhá. — Ela revirou os olhos.

Depois de me jogar um beijinho de longe, elas acenaram e saíram, batendo a porta e me deixando sozinha num quarto lotado de blusinhas decotadas e produtos de cabelo jogados por todos os lados. O espelho com penas sobre a cama da Jessica se agitou com o vento, e fiquei sozinha com meus pensamentos e a presunção de Hemingway e Tennessee Williams esperando por mim.

Além de um desejo estranho por algo que eu não entendia e queria ignorar.

Decidida, levantei para tomar banho e tentei não ficar prestando atenção para ver se ouvia uma batida na porta.

Meu pai ajeitou os óculos e sorriu para mim pelo monitor do computador. Ele estava sentado na sala de estar da nossa casa e usava uma camisa dos Cincinnati Bengals, que parecia inadequada (e grande demais) para ele. Ele nunca foi amante de esportes e era definitivamente um nerd das ciências, preferindo olhar as estrelas a ir a Cincinnati para ver um jogo de beisebol ou futebol americano. Assim, ele parecia um homem de meia-idade vestindo uma fantasia, mas eu sabia que a namorada dele, Susan, adorava futebol americano, e ele estava tentando se abrir para coisas novas.

Era o meu pai, mas diferente. Modificado.

Até a sala de estar atrás dele parecia diferente de quando saí de casa no fim do verão e Susan foi morar lá. A casa não tinha mudado nos doze anos que se seguiram à morte da minha mãe, com os mesmos móveis de tecido xadrez e a mesa de carvalho na cozinha nos lugares exatos onde ela tinha colocado, um barrado com maçãs vermelhas desbotadas circulando a mesa da copa. As fotos ficaram congeladas no início dos anos 2000, eu com sorrisos banguelas e como um bebê gorducho brincando na banheira. Havia o retrato obrigatório do noivado dos meus pais com cabelão, a mão dela pousada cuidadosamente sobre a dele numa pose fenomenalmente brega, e a foto do casamento, todas emolduradas na mesma cor de carvalho na copa. Meu pai nunca tinha

adicionado outras fotos à galeria, e eu parecia ter congelado no tempo aos oito anos.

Só havia o passado, nunca o presente.

Mas Susan trocou o sofá xadrez por um moderno e neutro, onde meu pai estava empoleirado, e pintou a mesa de centro e todas as molduras das fotos com um tom enérgico de preto. Então lá estavam as mesmas fotos, com suéteres e macacões largos sob rostos que não existiam mais, e, apesar de serem as mesmas, a moldura estava diferente.

Modificada.

Eu não tinha muita certeza de como me sentia em relação a isso. Não havia dúvida de que os móveis antigos eram datados e feios, mas, quanto mais havia da Susan, menos havia da minha mãe.

Ela apareceu atrás do meu pai, se inclinando sobre as costas do novo sofá.

— Oi, Rory, como você está? — perguntou, com a voz agradável e neutra.

— Tudo bem. Só estou meio surtada com uma prova de química inorgânica — respondi. Eu gostava da Susan, porém não me sentia próxima dela. Ela namorava o meu pai havia três anos e nunca tinha forçado a barra. Ela não havia me pressionado nem sugerido, toda alegrinha, passeios no shopping nem tratamentos no spa para nos aproximarmos. Ela tinha ficado na dela e me deixado me ajustar à sua presença, e não era uma pessoa falsa.

Estava claro que ela se preocupava com meu pai, e isso era legal. Eu gostava disso e gostava ainda mais do fato de que ela estar na vida dele não afetava a minha. Ela foi morar com ele logo depois que eu saí para a faculdade, e eu ainda não tinha ido passar um fim de semana em casa. Eu sabia que meu pai estava preocupado com isso, certo de que eu teria crises de angústia juvenil por causa da namorada dele, mas, apesar de eu esperar me ressentir, até agora não parecia me importar de verdade. Se ela resolvesse transformar meu quarto em um museu de esportes, aí sim a gente ia brigar.

— Ah, com isso eu não posso te ajudar. Essa é a área do seu pai. — Susan era professora de inglês no ensino médio e treinadora de torcida.

Sério. Meu pai, o engenheiro químico que se empolgava com novidades na área de plásticos biodegradáveis, com uma treinadora de torcida.

— Mas tenho certeza que você vai se sair bem. Você sempre se sai.

Normalmente essa frase era verdadeira, mas eu tinha acabado de desperdiçar um sábado inteiro dormindo para curar a pior ressaca da minha vida.

— Vou tentar — falei. — Mas acho que o Hemingway vai ter que ficar de lado. Não consigo ler e estudar ao mesmo tempo, e minhas aulas da especialização são mais importantes. O que vocês vão fazer?

— Vamos receber uns amigos mais tarde para ver o jogo — respondeu meu pai, e parecia orgulhoso.

— Que legal — falei, e foi sincero. Ele era ainda mais desajeitado socialmente do que eu, com a tendência de entediar as pessoas com suas teorias de fazer plástico com materiais vegetais e soluções para a crise econômica. Sem minha mãe para guiá-lo pelo labirinto das conversas casuais, ele tinha ficado muito limitado nas coisas que fazia além de trabalhar e me levar para a escola e para os acampamentos de ciências.

Depois que minha mãe morreu, meu pai não conseguiu lidar com as reuniões das bandeirantes, as festas do pijama, os encontros para brincar e a entrega de lanches de aniversário para a escola. Entre o sofrimento e sua personalidade naturalmente introvertida, isso fugia de seu escopo de capacidades, e ele não retornava ligações de outras mães e se esquecia de preencher os formulários para os passeios da escola. Acabei deixando de ser convidada para as festas e fui excluída de todos os clubes do ensino fundamental, então, quando chegou a hora do ensino médio, éramos só eu e meu pai numa casa que nunca mudava.

No ensino médio, eu tinha assumido o controle e tentado criar uma vida para mim, com algum sucesso.

Agora meu pai estava tentando fazer a mesma coisa.

Às vezes eu me perguntava o que a Susan via nele. Mas percebi que ele era um cara muito fofo e generoso, mesmo sendo um nerd. Era um nerd adorável. E uma vez, num momento inesperado de confissão, ele me disse que a Susan tinha sido casada com um cara perverso, que gastou todo o dinheiro dos dois em sua academia falida. Então, comparado a isso, meu pai era bem sexy, imagino. Ou, pelo menos, não era ameaçador.

— Mas, se precisar de ajuda para estudar, me avisa. A gente pode revisar a matéria juntos. — Ele levantou os dedões. — Time Macintosh!

Ai, meu Deus. Está vendo? Um nerd totalmente adorável.

Eu ri.

— Obrigada, pai. Mas acho que estou bem. Vou pra biblioteca porque a Jess e a Kylie ainda estão dormindo. Estou no lounge do dormitório agora. — Ninguém usava o lounge do nosso andar. Era uma sala esquecida que cheirava a pipoca de micro-ondas queimada e tinha um carpete surrado e um sofá quadrado de madeira. Havia um quadro branco pendurado torto na parede, mas não tinha nada escrito nele.

— Ainda estão dormindo? Já são mais de duas horas. Elas estão anêmicas ou algo assim?

Susan riu e revirou os olhos para mim, com um olhar de compreensão.

— Ah, John, ainda bem que você é bonito — ela provocou e deu um beijinho rápido na testa dele. — Imagino que elas tenham ido pra balada.

Ele fez uma careta, fugindo do beijo. Eu sabia que ele estava com vergonha da demonstração de afeto.

— Você não foi com elas, Ror?

— Não. Fiquei estudando e vendo uma maratona de filmes de terror. — E pensando na visitinha bizarra do Tyler.

Percebi que minha resposta deixou meu pai dividido. Ele queria que eu estudasse, mas queria que eu tivesse vida social. Apesar de ele não dizer isso nunca, porque a gente não falava sobre emoções, eu sabia que ele se sentia culpado por não ter facilitado as coisas para mim quando eu era criança.

— Mas dá um jeito de se divertir — continuou ele, com uma sugestão genérica simpática.

— Pode deixar.

— Então... — Houve uma pausa tão dolorosa que franzi a testa. Eu não tinha ideia do que ele ia dizer, e ele parecia ter sentado num alfinete, pois estava se remexendo todo, secando as mãos nos joelhos. — Algum cara bonitinho que você goste?

Ai. Por algum motivo, eu tive a sensação de que a Susan havia sugerido que ele tivesse esse diálogo ridículo comigo.

— Não. Este foi eleito o campus mais feio dos Estados Unidos, sabia?

Levou um segundo, mas ele mudou de expressão.

— Ha-ha. Você sabe o que eu quero dizer.

— Sei. E não, eu ainda não conheci o sr. Maravilha. Nem o sr. Mais ou Menos. — Dei um sorriso. — Não se preocupa comigo, pai. Tenho muito tempo para explorar relacionamentos doentios com idiotas egocêntricos. Vou fazer filosofia no próximo semestre, tenho muita esperança em relação a essa aula.

— Perfeito — disse ele, sorrindo.

Eu sabia que ele se preocupava comigo. Ele e minha mãe já estavam namorando quando tinham vinte anos, e ele parecia achar que o fato de eu não ter um namorado até essa idade era um indicador iminente do estado civil

de tia-solteirona-dos-gatos. Talvez ele estivesse certo. Mas eu já me preocupava o suficiente comigo. Ele não precisava carregar esse fardo também.

— Divirta-se com seus amigos — falei, querendo incentivar a interação social. Nesse sentido, acho que eu não era muito diferente dele. A gente se preocupava um com o outro. Quando você passa uma década sem mais ninguém, acaba ficando assim.

— Obrigado, filha, você também. A gente se fala em breve. Câmbio e desligo, capitão.

Bati continência.

— Sim, senhor.

É. Um nerd adorável.



Na segunda-feira, andei pela livraria ajeitando camisetas e moletons da Universidade de Cincinnati, desejando estar em qualquer lugar que não fosse meu emprego de meio expediente. A prova de química foi boa, mas eu não estava preparada para a aula de literatura, e passei o tempo todo me perguntando se o livro que eu tinha tentado ler era o mesmo sobre o qual o professor estava falando.

Cansada e irritada comigo mesma, eu ia de arara em arara arrumando os cabides para os suéteres pararem de balançar em todas as direções, e pensei em arrumar um monitor de literatura, embora eu nem soubesse se eles ofereciam isso. Monitoria era para matemática, ciências e idiomas estrangeiros, não para ler um livro. Quando você chegava à faculdade, já devia saber fazer isso.

— Isso tem a minha cara? — perguntou uma voz atrás de mim.

Virei e lá estava Tyler segurando na frente dele uma regata feminina que dizia “A Ursinha Mais Sexy”, com um sorriso preguiçoso no rosto enquanto

observava minha reação. Ai, meu Deus. Ele era a última pessoa do planeta que eu queria ver quando estava estressada e ainda me perguntando por que ele tinha ficado no meu quarto no sábado.

— Essa cor não combina com você — respondi, me sentindo muito consciente de que mal havia conseguido pentear o cabelo antes de ir para o trabalho e tinha tirado o batom com mordidas horas atrás por causa da irritação.

— É, tem razão. Mas ia ficar legal em você.

Dei um riso de deboche. Não consegui evitar. Ninguém nunca tinha me acusado de ser sexy, e, se eu fosse escolher uma roupa com frases, não seria uma regata feita para mostrar os peitos. Não era meu estilo de jeito nenhum.

— Essa cor também não combina com você? — ele perguntou.

— Não. — Voltei para as prateleiras, ajeitando o que eu já tinha ajeitado, me perguntando o que ele estava fazendo ali. No meio do semestre, a livraria não ficava muito movimentada. Normalmente eram pais e alunos do ensino médio que estavam ali para conhecer o campus e compravam camisas de golfe e camisetas da Universidade de Cincinnati. De alguma forma eu sabia que o Tyler não estava ali para comprar nada disso.

Ele estava apenas ali, em pé, observando a prateleira perto de mim sem nenhum objetivo. Usando uma camiseta preta lisa e uma calça jeans que se ajustava exatamente como devia num cara. Notei uma tatuagem em seu bíceps que dizia “Família TRUE” (verdadeiro em inglês) em letras tribais. Por algum motivo, isso diminuiu minha irritação com ele. Não era culpa de Tyler eu me sentir desconfortável perto dele. Ele só estava tentando ser legal. Talvez sentisse pena de mim pelo que aconteceu com Grant, tivesse ido à livraria para comprar canetas e só quisesse dizer um “oi”, e eu estava agindo de um jeito esquisito. Quando você conhece uma pessoa, vai até ela e a trata bem. Era

assim que os seres humanos interagem, e eu precisava parar de procurar significados ocultos em tudo.

— Posso te ajudar a encontrar alguma coisa? — perguntei a ele, me esforçando para soar casual. Mas, em vez disso, eu parecia uma vendedora cinquentona, e ele fez questão de deixar isso claro.

— Sim, você pode pegar um desses num tamanho maior? E pode me ajudar a encontrar presentes pros meus netos? — Isso era ele zombando de mim, sem dúvida.

Meu rosto ficou quente.

Tyler me analisou.

— Sério, Rory, eu sei que você está no trabalho, mas não precisa agir como se a gente não se conhecesse. Acho que não vão te demitir se você conversar comigo por cinco minutos. É um trabalho de meio expediente pra pagar os estudos. Você teria que botar fogo na prateleira de cobertores do time pra eles te demitirem.

— Eu fiz isso na semana passada e eles não me demitiram. É por isso que eu preciso pegar leve essa semana — falei de um jeito seco.

Meu sarcasmo, que normalmente eu apresento num tom monótono, teve o mesmo efeito agora que no carro. Ele pareceu surpreso por um segundo, depois abriu um sorriso largo.

— Bom, então é melhor eu não te colocar em encrenca. Me diz onde ficam os livros. Quero dar uma olhada na seção de literatura.

— Claro. Por aqui. — Levei-o até o outro lado da loja, onde havia prateleiras e mais prateleiras de livros. — Você precisa de algum livro específico para uma aula ou algo assim?

— Não, eu gosto de ler.

Olhei para ele para tentar decifrar sua expressão. Ele parecia sério. Eu não teria classificado Tyler como um grande leitor, mas, por outro lado, o que eu

sabia sobre ele de verdade? Eu só tinha visto o cara virando cervejas e se pegando com a Jessica. Eu nem sabia o que ele estudava. A única coisa que eu sabia era o que a Jess me contou: que ele vinha de uma família problemática e ainda morava em casa, não muito longe do campus.

— O que você gosta de ler?

— Qualquer coisa. Ficção, não ficção, ficção de entretenimento, literatura mais séria. De tudo. — Ele pegou *O alquimista* na prateleira. — Você já leu esse? É muito bom. Você precisa se acostumar com a narrativa, mas é uma história legal. O cara é meio boiola, mas no fim ele entende tudo.

Balancei a cabeça.

— Não li. — A seção de ficção das livrarias sempre me pareceu um mundo misterioso onde eu não tinha permissão para entrar, as capas intrigantes e coloridas formando uma colcha de histórias complexas, vislumbres da vida de outras pessoas, e onde eu deveria me sentir em casa, porque eu geralmente era mais de observar, não de fazer. Mas, quando eu lia ficção, sempre me sentia confusa com as mudanças de cenário, os estilos dos diversos escritores, as insinuações que pareciam feitas para provocar e confundir, os temas que eu nunca conseguia decifrar. Eu não lia quase nada além de não ficção, fatos e dicionários. Era minha zona de conforto.

— Qual é o seu escritor favorito? — Ele tinha ido até um livro que eu não reconheci, com uma foto em preto e branco de crianças na capa.

— Não tenho um escritor favorito. Leio mais não ficção. — Vi Tennessee Williams na prateleira, o canalha.

— Sério? — Tyler pareceu surpreso. — Achei que você adorasse ficção, já que é tão inteligente e tal. Você estuda medicina, né?

Eu não tinha ideia de como ele descobriu qual era o meu curso, mas me senti impelida a compartilhar minhas limitações com ele.

— Eu sou boa em matemática e ciências. Gosto de fatos e números. Literatura é muito difícil pra mim, porque eu sinto que nunca entendo o que os autores estão tentando dizer. É como se eles estivessem tentando me enganar.

— Então você é uma garota lógica, hein? Eu devia ter imaginado. Já eu prefiro mil vezes ler um livro do que resolver problemas de matemática. — Ele soltou a mochila surrada no chão. — Acho que já li milhares de livros a essa altura.

Eu claramente precisava jogar pela janela minhas ideias preconcebidas sobre ele. Milhares? O pensamento me fez começar a suar de ansiedade.

— Parece que isso demanda muito tempo. E dinheiro.

— Ah, mas eu tenho uma arma secreta. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou a carteira. Procurando ali dentro, tirou e me mostrou um cartão totalmente gasto. — Tá-rá. Meu cartão da biblioteca. Sexy, hein?

Eu sorri. Não consegui evitar. Havia algo muito charmoso nele, eu precisava admitir. Era como se ele soubesse exatamente quem era e não tivesse medo de se mostrar para ninguém. E, apesar de ele ser o bad boy que fumava, tinha tatuagens e não hesitava na hora de socar a cara de alguém, também gostava de ler. Eu admirava isso.

— Legal. Então você estuda letras? — Eu nunca teria adivinhado isso, mas talvez ele quisesse ser professor ou algo assim.

— Ah, não, de jeito nenhum. Não dá pra pagar quatro anos de faculdade sem uma garantia de emprego. Estou estudando pra ser paramédico. — Ele fez uma careta. — As aulas de anatomia e física são um saco. Mas eu sei que, se conseguir passar por isso, recebo o diploma e consigo um emprego imediatamente. Só faltam oito meses. Se eu não ferrar tudo.

Senti solidariedade pelo estresse dele.

— Se precisar de ajuda para estudar, pode falar comigo. Essas coisas são fáceis pra mim.

— Sério? — Havia uma expressão atenta no rosto dele, e eu me perguntei se tinha soado muito convencida.

Então acrescentei:

— Agora, se eu conseguisse descobrir o significado de qualquer coisa em *Um bonde chamado desejo...* Meu Deus, eu sou péssima nisso. Hoje na aula eu me senti como se estivesse ouvindo uma outra língua. Simbolismo é um saco.

— Talvez a gente possa fazer uma troca, porque eu posso te ajudar com isso. Essa é a minha área. — Ele pegou o celular. — Me dá seu telefone e a gente marca de estudar juntos um dia dessa semana.

— Tá bom, legal. — Eu não tinha certeza se era legal mesmo ou não. Parecia, na verdade, uma péssima ideia, mas eu não conseguia identificar o que seria ruim. Além do fato de eu ainda me sentir estranha porque ele sabia que eu era virgem e de ele ter me visto no chão me defendendo do Grant. Mas talvez, se a gente passasse um tempo juntos, tudo isso deixaria de ser importante e eu poderia relaxar perto dele.

Assim, dei meu número de telefone e ele imediatamente me ligou, para que eu tivesse o dele também.

— Quinta-feira está bom pra você? — ele perguntou.

— Devo estar livre. — Meu coração estava batendo mais rápido que o normal, e eu queria desesperadamente secar as mãos na calça jeans.

— Tudo bem, a gente se fala. — Ele pegou a mochila e virou para ir embora, então parou e perguntou: — Ei, vocês vendem camisinha aqui?

Eu pisquei. A mudança de assunto me pegou desprevenida, mas também senti um aperto forte no estômago ao perceber que ele tinha feito, estava fazendo e continuaria a fazer sexo com minha colega de quarto, e

possivelmente com inúmeras outras garotas. Eu me senti rejeitada e com ciúme, o que era idiotice.

Com raiva da minha própria reação, simplesmente balancei a cabeça.

— Não. O lugar mais próximo deve ser o Walgreens, do outro lado da rua.

— Obrigado. — Ele piscou para mim, pegando a regata de novo na prateleira quando passou por ela. — Vou comprar isso aqui. Te vejo mais tarde, Rory.

Eu nem queria pensar para quem ele ia comprar aquilo. De repente, eu não sabia se estudar com Tyler seria bom para mim.

Mas também sabia que eu não ia cancelar.

Eu estava curiosa demais.

E estranhamente atraída por ele.



Ao atravessar o campus com Kylie depois da nossa aula de cálculo, eu chutava as folhas com a ponta das minhas botas de couro pretas, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Era um outubro incomumente frio, e eu quase sentia o cheiro do inverno no ar. Quando cheguei à faculdade como caloura, eu sentia falta do clima de cidade pequena de onde eu cresci, a uma hora de Cincinnati. Nosso campus era urbano, construído num vale, então parecia uma tigela, com o estádio bem no meio e prédios ao redor formando um círculo, o que às vezes parecia meio opressivo. Mas agora eu já tinha me acostumado com aquele tipo de arquitetura, e ainda havia muito espaço verde para passear.

— Então, o que a gente vai vestir no sábado? — Kylie perguntou, andando ao meu lado com sua calça jeans skinny e botas felpudas que davam a impressão de que um carneiro inteiro tinha morrido para conseguir aquela proeza. Ela usava um gorro igualmente felpudo, mas metade do peito estava

exposta para exibir o decote. Parecia um paradoxo meteorológico para mim. Então ela acrescentou: — Quero que o Nathan me veja e goze nas calças. — E esqueci totalmente das peças de roupa conflitantes.

Eu ri.

— Eca. Por que você quer isso?

— Não estou falando literalmente. Só quero que ele me veja e instantaneamente queira trepar comigo.

— Acho que isso não é um problema. Ele basicamente te olha assim o tempo todo. — Nathan era um cara legal, pelo que eu percebia. Tinha crescido com Tyler e Grant e dividia um apartamento com um cara chamado Bill, que ia até Columbus todo fim de semana para visitar a namorada do ensino médio e deixava Nathan e Tyler no controle do local.

Às vezes eu me perguntava se Nathan queria ser mais do que uma transa casual para Kylie, porque ele sempre beijava a testa dela e tentava ficar de mãos dadas. Ela espantava o cara com piadinhas e risadas na maior parte das vezes, e ele levava tudo na brincadeira, mas eu meio que me sentia mal por ele. Kylie não estava disposta a se comprometer no momento — ela se divertia demais atraindo atenção masculina em todos os lugares possíveis, e eu não a culpava. Se eu conseguisse fazer isso sem vomitar, adoraria paquerar mais de um cara ao mesmo tempo.

— Você acha? Bom, eu estava tentando decidir que fantasia usar. No último Halloween, fui de policial sexy, e estava pensando em ir de enfermeira sexy este ano, mas parece tão previsível.

— E é mesmo — comentei com sinceridade. As únicas opções que pareciam disponíveis para garotas no Halloween eram não-importa-o-quê sexy. Você podia ser qualquer coisa, desde um zumbi sexy até uma professora sexy, mas, se quisesse cobrir os peitos e a bunda de algum jeito, não teria sorte. Evidentemente, qualquer coisa sexy era adequada para Kylie. Mas eu ainda

achava que ser criativa era pelo menos um pouco importante. — Por que você não vai de jogadora de roller derby sexy? Você pode usar patins, e isso vai te destacar de todas as outras garotas da festa. — Eu sabia que isso era importante para ela, não apenas se misturar ao mar de loiras lindas e bronzeadas do campus.

— Hum... Pode ser.

— Além do mais, você pode dar uma cotovelada no Nathan só por diversão. Aposto que ele vai achar isso um tesão. Os caras gostam de mulheres más. — O motivo era um mistério para mim, mas, pensando bem, era uma questão lógica. Fechei melhor o casaco e funguei. Achei que estava ficando resfriada e não tinha muita certeza se queria ir à festa depois do jogo de futebol americano no sábado. Eu certamente não ia usar nada sexy, se fosse.

— Aposto que o Tyler não gosta de mulheres más.

Ai. Eu não queria de jeito nenhum falar do Tyler com a Kylie. Eu não queria nem pensar no Tyler.

— Você devia ir de cientista sexy — disse ela. — E pode se oferecer pra fazer uma experiência com ele.

Eu ri.

— Você me conhece, né? Essas palavras nunca sairiam da minha boca.

— Eu sei — comentou ela, toda alegre. — Mas eu tenho esperança. — Ela enganchou o braço no meu. — Merda, que frio.

— Provavelmente ajudaria se você cobrisse os peitos.

— Meu Deus, tão prática o tempo todo. Sua puritana.

— Sua vagabunda. — Essa era uma troca afetuosa que a gente estabeleceu no início do primeiro ano, quando percebemos que gostávamos uma da outra sem nenhum motivo identificável.

Kylie e Jessica eram amigas no ensino médio em Troy e tinham solicitado um quarto juntas. Houve uma falta de quartos no dormitório e eles me

colocaram aleatoriamente como a terceira aluna no quarto delas, e estávamos juntas desde então. Eu só tinha algumas amigas no ensino médio, e elas eram como eu, caladas e estudiosas. Mas eu gostava de pensar que nós três nos equilibrávamos um pouco, e certamente tinha aprendido a respeitar as diferenças.

— Então, se você pudesse transar com qualquer pessoa no campus, quem escolheria? Porque a gente vai fazer isso acontecer. Você não pode passar a vida inteira virgem; isso é muito triste.

— Não sei.

Mas eu estava mentindo.

Um rosto já tinha aparecido na minha frente, embora eu jamais admitisse, mesmo que me ameaçassem de me formar em literatura se eu não respondesse.

— *A*cho que o seu problema é de memorização — falei ao Tyler quando nos sentamos nos fundos de uma cafeteria, o copo de café preto dele vazio e meu latte esfriando rapidamente. O livro de anatomia dele estava aberto na nossa frente, e estávamos dando uma olhada na última prova que ele tinha feito, na qual havia tirado 7,6. — Você entende os princípios de como as partes funcionam, mas não domina a terminologia.

A cabeça dele estava apoiada no queixo, e ele estava espalhado pela mesa. A perna se aproximara aos poucos da minha na última meia hora, e eu me movia para a esquerda a todo instante, desejando não ter sentado do mesmo lado da mesa.

— Alguém já te disse que seu cabelo é bonito? — ele perguntou, ignorando totalmente o que eu tinha dito. — Porque é.

Minha mão estava a meio caminho do copo, e, com essas palavras, fiz um movimento abrupto, derrubando-o na mesa e depois no chão, o café com leite pingando.

— Você nem está tentando estudar — acusei, me inclinando para pegar o copo, com a palma das mãos suando um pouco. De onde tinha vindo essa porcaria de cantada? Vi as pernas dele por baixo da mesa, e ele afastou os pés ainda mais, a coxa roçando na minha. Engoli em seco.

— Claro que estou. Ouvi todas as palavras que você disse. Preciso memorizar melhor. E é anatomia. — Ele estava me observando de um jeito intenso, sem sorrir. — Estou estudando a sua anatomia, então ainda estou na tarefa.

Por algum motivo, achei que ele estava zombando de mim. Não consegui descobrir exatamente como, mas parecia algo ensaiado, clichê.

— Essa é a pior cantada que eu já ouvi — falei sem emoção.

O canto da boca dele se curvou para cima.

— Você é difícil. Eu gosto disso.

— Não sou difícil. Só não quero ficar aqui a noite toda e você não aprender nada. — Eu parecia mãe dele e sabia disso, mas não consegui evitar. Ele me deixava perturbada, e eu não tinha ferramentas para lidar com aquele comportamento estranho de paquera.

— Eu aprendi que o seu cabelo é bonito. — Ele estendeu a mão e lentamente puxou uma mecha, esticando até ele.

O toque me fez estremecer. Eu considerava meu cabelo minha melhor qualidade. Era comprido, volumoso e brilhante, com uma textura fina e macia de cabelo de bebê. Fiquei confusa por ele decidir elogiá-lo. Dividida entre me sentir lisonjeada e achar que ele estava apenas evitando o estudo, puxei o cabelo para longe dele.

— Você precisa parar de aprender cantadas em filmes pornôs. Nem todas as garotas caem nesse papo.

— O que você sabe sobre filmes pornôs? Você tem um vício secreto em vídeos de sexo? — Ele não se endireitou na cadeira, mas puxou o livro mais para perto.

Eu tinha me encurralado com essa.

— Não, claro que não! Só estou fazendo suposições sobre o comportamento nesses filmes.

— Você é inteligente demais para fazer suposições.

Ele estava certo. Senti que ele me colocou no meu lugar, mas, ao mesmo tempo, que estava me elogiando.

— Vamos lá fora um pouco. Preciso de um cigarro, é por isso que não consigo me concentrar. — Ele se levantou, me fez um sinal para sair da mesa, mas não fez nenhum movimento para pegar os livros nem a mochila.

— Não podemos deixar nossas coisas aqui — falei, embora tivesse me levantado para sair do caminho dele. — Eu fico aqui.

— Ninguém vai roubar seu livro. Você provavelmente não conseguiria nem dar esse livro pra alguém.

— Alguém poderia revender.

— Por cinco pratas? — Tyler estendeu as mãos e olhou ao redor da cafeteria. Tinha um cara dormindo no canto oposto e algumas garotas com a cara enfiada na tela de seus celulares. — Não parece que tem uma onda de crimes esperando pra acontecer por aqui.

Como eu sabia que ele estava certo, fiquei tentada a impor meu pensamento apenas por princípio, mas não quis parecer hostil. Peguei meu latte quase vazio e levei comigo para jogar no lixo.

— Cinco minutos. Precisamos repassar todos os seus grupos de músculos.

Ele se virou e eu percebi exatamente para onde seus pensamentos tinham ido, pela boca retorcida e as sobrancelhas levantadas.

— Parece excitante.

Quem me dera.

— Não é.

— Nossa, você é tão controlada — ele disse, empurrando a porta da frente para abrir e enfiando a mão no bolso para pegar o maço de cigarros. — Não consigo uma brecha. Fico tentando e nada.

— O que você quer que eu faça? — perguntei, curiosa de verdade. Eu não tinha certeza do que não estava conseguindo fazer, mas, apesar de não ter nenhuma intenção de mudar, eu queria entender. Talvez isso me desse uma ideia de como as outras pessoas se relacionavam, de por que era tão difícil para mim estabelecer relacionamentos.

Tyler pegou um cigarro e colocou na boca. Depois estendeu o maço para me oferecer um, e eu balancei a cabeça. Ele acendeu e deu um longo trago, soprando a fumaça para o lado.

— Eu fico tentando direcionar as nossas conversas e você não acompanha. Você é tipo... — Ele empurrou as mãos em direção ao chão. — Firme.

Firme. Um cara que eu achava gostoso com G maiúsculo estava me descrevendo como *firme*. Eu nem sabia o que isso queria dizer, mas certamente não era algo que um cara gostaria de namorar. Não era surpresa eu nunca ter tido um namorado.

Encarei o Tyler enquanto ele estava ali, no ar gelado da noite, usando apenas uma camiseta e sem parecer sentir nem um pouco de frio, os bíceps definidos. Quando ele levou o cigarro até a boca de novo, vi que tinha outra tatuagem no pulso. Seus movimentos eram confiantes, casuais e, enquanto a fumaça subia na frente de seu rosto esculpido, de repente imaginei como ele era sem roupa.

Firme. Era assim que eu imaginava que ele seria. Para um cara, essa palavra era ótima, com várias implicações positivas. Mas, para uma garota, a menos que ele estivesse falando da bunda dela, não parecia um elogio.

— Não tenho ideia do que você está falando — comentei sinceramente.

— Eu sei que não. É isso que eu acho tão legal e interessante. Você é você. Você é real.

Ele podia ter dito que *real* era sinônimo de *esquisita*. Mas não havia nada de falso em mim, isso era verdade, e nunca haveria. Eu não tinha habilidade

para fingir, mentir, dar risinhos e paquerar em conversas com homens. Então, talvez esta fosse a verdade: a menos que eu escolhesse fazer isso, eu ia ficar sozinha, porque era honesta demais. Inflexível demais. Os caras queriam ser paquerados, acariciados, seduzidos.

— Obrigada — respondi, porque eu queria que ele soubesse que eu estava grata por ele me entender. Isso me fez achar que talvez a gente pudesse ser amigos, se ele não se incomodava com minha sinceridade e meu ocasional fracasso em seguir o protocolo social.

Por algum motivo, minha resposta o fez sorrir.

— Rory.

Não parecia uma pergunta, mas, quando ele não continuou, eu disse:

— O quê? E seus cinco minutos estão quase acabando.

— Você é fofa.

Fofa como cachorrinhos são fofos quando estão correndo para todo lado e caem sem nenhum motivo, uma adorável bolinha desajeitada. Era um elogio, e eu acreditei que era sincero. Só que não era o que eu queria.

— Só faltam trinta segundos. É melhor você tragar com mais força.

Ele riu. Depois deu um passo à frente, com as mãos livres porque o cigarro estava na boca, e tocou meus ombros. Ele me massageou vigorosamente, e o movimento fez minha cabeça balançar para trás e para frente.

— Relaxa. Está tudo bem, gata — ele disse, as palavras abafadas ao redor do filtro.

A doçura ácida do cigarro se ergueu entre nós, e eu estava com frio por causa do vento, mas as mãos dele estavam quentes nos meus ombros, me aquecendo através do suéter. Eram maiores do que eu esperava, duas grandes massas envolvendo quase toda a parte superior dos meus braços, e percebi como ele era alto, como seu peito era largo. Ele ocupou o espaço, me envolvendo sem nem estar tão perto, e eu quis o que não podia ter. Eu quis ser

a garota que sabia paquerar, que sabia jogar o cabelo. Se eu fosse essa garota, ficaria na ponta dos pés, pegaria o cigarro e o jogaria no chão, então beijaria sua boca, passaria a mão em seu peito, e ele me beijaria de volta.

Na realidade, nada disso ia acontecer.

— Você sabe o que são latíssimo do dorso e romboides?

Ele afastou a mão direita e tirou o cigarro da boca. A fumaça saiu com as palavras.

— Não tenho a menor ideia.

— Pois é.

— Meu Deus, você é muito dura. — Mas ele não pareceu nem um pouco chateado.

Uma hora depois, nossas posições tinham se invertido. Eu tinha tomado mais dois lattes, estava agitada por causa da cafeína e não queria nem pensar em personagens egoístas.

— Se você precisar fumar, podemos parar a qualquer momento — falei para Tyler, tentando parecer generosa. — Não me importo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Aposto que não. Mas pode esquecer. Posso esperar até você criar pelo menos o esboço do seu trabalho.

Eu me senti tentada a bater com a cabeça na mesa.

— Eu não entendo. Quer dizer, nenhum desses personagens é agradável. O Stanley é um babaca, a Stella é um capacho e a Blanche é uma bêbada.

— O objetivo de *Um bonde chamado desejo* não é você querer ser amiguinha dos personagens. É explorar os relacionamentos. — Tyler estava olhando para o meu tablet, lendo a descrição do meu professor sobre o trabalho a ser feito, e seus lábios se moviam enquanto ele lia as instruções. Ele segurou o livro aberto com o cotovelo, e eu nem me importei de estar rachando a lombada. O livro já era rachado, na minha opinião.

— Todos os relacionamentos no livro são ilusórios, pelo que eu percebo. A Blanche se esconde no escuro para os homens não perceberem a idade dela, ela e a irmã fingem que nada de ruim jamais aconteceu, o Stanley não faz nada além de jogar pôquer e dar ordens pra Stella. Se eles simplesmente se comunicassem uns com os outros, poderiam resolver todas as questões em dez minutos.

— É isso que torna o livro tão realista — disse ele, de um jeito seco. — As pessoas não discutem essas merdas.

Ele tinha razão. Eu não discutia minhas emoções com ninguém, também. Eu tinha passado a maior parte da vida sendo uma observadora silenciosa.

— Ah.

Num estalo, eu entendi. A literatura não tinha a intenção de falar de pessoas perfeitas; ela falava de falhas, falhas humanas muito reais e muito profundas.

— O que foi isso? Você ouviu? — Tyler inclinou a cabeça e colocou a mão em volta da orelha. — É o som de uma lâmpada se acendendo na cabeça da Rory.

— Ha, ha. Tudo bem, acho que entendi. Mas não sei, não devia ter uma moral ou algo assim numa história?

— Por quê?

Eu me ajeitei no banco e tentei encontrar as palavras para expressar minha frustração.

— Qual é o valor de um livro se não tiver a moral da história?

— Essa é a voz da cientista em você.

Era mesmo, mas eu ainda queria provar meu ponto de vista.

— Por exemplo, a Stella sofre abusos do marido e não apenas tolera como também parece gostar, num certo nível. É saudável perpetuar esse tipo de

fantasia abusiva para as leitoras? Por que ela acharia sexy o marido jogar os sapatos pra todo lado e quebrar coisas no calor da paixão?

— Acho que isso pode ter algo a ver com a sua... você sabe, sua situação. — Ele me mostrou os dedos formando um V.

Sério? Ele não estava falando de vitória nem fazendo um sinal de paz e amor. Estava fazendo uma referência à minha virgindade.

— Você não sabe como pode ser, hum... um tesão quando as coisas ficam meio brutas.

Fiquei surpresa, e meu rosto queimou de vergonha. A imagem do Tyler pegando a Jessica e a jogando na cama num ataque de luxúria irresistível tomou meus pensamentos, e eu fiquei enjoada.

— Tem razão. Eu não sei. — E provavelmente nunca ia saber. — Mas bater em mulher nunca é legal.

— Claro que não! — Ele pareceu ofendido. — Bater e jogar um sapato são duas coisas totalmente diferentes. Qualquer tipo de contato direto violento não é legal. Nem forçar a mulher a fazer alguma coisa que ela não queira. — Ele me deu um olhar demorado. — Acho que você sabe o que eu sinto em relação a isso.

Ele estava falando do Grant. A humilhação me tomou, e eu me vi de volta no carpete manchado, batendo sem sucesso no peito do Grant, tentando escapar dele. Fiquei grata ao Tyler pelo que ele fez para me ajudar, mas isso não significava que eu queria me lembrar de tudo novamente. A verdade era que ele sabia detalhes pessoais demais sobre mim.

— Chega de estudar. — Puxei o livro debaixo do braço dele e enfiei na mochila. Fechei a capa do tablet com força e saí da mesa.

— Espera, Rory, eu não queria...

— Eu sei — interrompi, porque eu seria hipócrita se ficasse ali e me recusasse a ser razoável depois de ter reclamado dos personagens que se

comportavam do mesmo jeito. Mas isso não significava que eu queria entrar em detalhes.

— Senta. Por favor. — A mão dele se estendeu e agarrou meu pulso.

Se ele tivesse parado aí, eu provavelmente teria puxado o braço com força. Mas ele deslizou os dedos pela minha pele sensível até entrelaçá-los aos meus. O sentimento era tão íntimo, tão inesperado, que eu caí sentada no banco de madeira, sem fala, e toda a vergonha desapareceu.

Ele apertou minha mão e me encarou com intensidade, seu joelho batendo no meu.

— Tudo bem?

Fiz que sim com a cabeça.

— Sim. Tudo bem. — Eu não tinha certeza do que eu acabara de dizer, mas não queria mesmo ir embora.



— Oi, Rory, tudo bem com você? — perguntou Joanne quando passou por mim com um gato aninhado nos braços.

— Tudo bem. E com você? Como estão as crianças? — Eu estava no abrigo de animais na sexta à tarde, escovando um yorkshire chamado Alcaçuz. Seus olhos estavam úmidos, o esquerdo embaçado pela catarata. Ele ficou sentado pacientemente entre minhas pernas e fechava os olhos todas as vezes que eu passava a escova em seu pelo. Quanto mais ficávamos ali, mais perto seu corpo quente chegava do meu.

— Me deixando louca. Respondendo e reclamando da mesada. E a Heather teve a cara de pau de escapar do quarto dela, roubar dez dólares da minha bolsa e ir encontrar aquele fracassado de gangue no boliche. — Joanne tinha quarenta e poucos anos, era cheia de curvas e enrolava e passava spray

nos cabelos loiros provavelmente do mesmo jeito que fazia na escola. Ela era meiga, ótima com os animais e carinhosa comigo. Mas, todas as vezes que eu a via, parecia que um de seus filhos estava tendo um ataque de rebeldia. — Não sei o que fazer. Você é jovem. Que diabos se passa na cabeça deles?

Balancei a cabeça.

— Não tenho ideia. Eu nunca fiz nada disso. Uma vez fiquei com raiva e mandei o meu pai calar a boca, depois chorei e pedi desculpas durante duas horas seguidas.

Ela colocou o gato sobre a mesa e coçou atrás das orelhas dele.

— Eu queria que você fosse minha filha. — E, olhando ao redor, acrescentou: — Você viu a Lois? Preciso dar insulina pra esse camarada aqui e não encontro o histórico médico dele.

— Eu vi a Lois indo pra recepção uns cinco minutos atrás. — Eu me inclinei para frente e dei um beijinho no pelo de Alcaçuz. O comentário da Joanne sobre querer ser minha mãe, um elogio casual, me deixou melancólica. Eu andava me sentindo esquisita desde que saíra da cafeteria no dia anterior, com Tyler me dando tchau de longe e nem uma olhadinha para trás quando seguimos em direções opostas.

Eu não entendia o que ele estava fazendo, o que ele queria de mim. Porque, na minha experiência, as pessoas sempre queriam alguma coisa das outras. Usá-las, conquistar a amizade, ter um relacionamento romântico. Eu não achava que essas eram as motivações dele, e era como um cubo mágico que eu continuava a virar e virar sem chegar à solução.

Era por isso que eu gostava dos animais. Eles não eram complicados. Você sabia, nos primeiros cinco minutos, se eles gostavam de você ou não, e o afeto deles era sincero. Eu tinha começado a trabalhar como voluntária no abrigo na metade do primeiro ano e, apesar de só ir lá de quinze em quinze dias por causa das aulas e do trabalho, adorava.

Alçaçuz de repente se aproximou e lambeu meu rosto.

— Valeu, amigo.

Meu celular apitou no bolso, e eu me ajeitei um pouco para poder pegar. Era uma notificação de solicitação de amizade de Tyler Mann no Facebook. Era essa minha resposta? Era literal ou metafórica?

Eu precisava dele para interpretar, e não ia perguntar.

Cliquei em ignorar por enquanto e voltei a deslizar os dedos sobre o pelo sedoso e fininho do Alçaçuz.

Enquanto caminhávamos pela rua até a casa onde seria a festa de Halloween, eu já estava começando a questionar minha escolha de fantasia. Jessica, Kylie, nossa amiga Robin e eu tínhamos ido às compras na sexta-feira à noite e, num raro momento de confiança para mostrar meu sarcasmo ao mundo, eu tinha decidido ir de concorrente de concurso de beleza infantil, ao estilo do programa *Pequenas misses*. Na loja, comprei uma coroa, meias brancas com rendinha e sapatos do tipo boneca brancos. Peguei emprestado o vestido de baile da Kylie do ano anterior, que mostrava mais pernas e ombros do que eu estava acostumada. Com o cabelo cacheado e uma faixa na qual escrevi com caneta de purpurina para tecido, eu definitivamente não ia desaparecer na multidão, o que normalmente teria sido minha opção. Mas pelo menos eu não tinha cedido à pressão de ser sexy e não estava andando sobre calçadas quebradas, debaixo de uma temperatura de dez graus, com saltos altíssimos, como minhas amigas.

Robin, que morava no quarto ao lado do nosso no ano anterior, era uma gatinha sexy. Jessica era uma coelhinha da *Playboy*. E Kylie tinha passado uma hora aflita na loja até finalmente escolher uma fantasia de banana sexy que tinha um zíper na frente, para a banana poder ser descascada. Eu estava tentando não julgar, mas era difícil entender como ela podia ter visto pelo

menos cinquenta fantasias e decidido que queria ser uma fruta amarela. Ela parecia estar se perguntando a mesma coisa, porque ficou preocupada durante todo o caminho.

— O amarelo desses sapatos é horrível — disse ela, levantando o pé e me agarrando para se equilibrar. — Eu devia ter escolhido um preto, tipo aquela coisinha na ponta da banana.

— O amarelo está bom — falei. — Você está maravilhosa. — E estava mesmo. Ela tinha um corpo de arrasar, e o cabelo e a maquiagem estavam perfeitos. — O Nathan vai ficar babando.

— Você acha? — ela perguntou, parecendo completamente insegura.

— Claro.

Era interessante que até mesmo uma pessoa segura como a Kylie pudesse ter momentos de dúvida a respeito de si mesma, e comecei a pensar que talvez ela não estivesse tão desinteressada do Nathan quanto fazia parecer. Ou quanto gostava de pensar.

— Merda, está frio aqui fora! — Jessica esfregou os braços e disse: — A gente devia ter feito aqueles idiotas irem pegar a gente. O Tyler tem carro. Por que a gente está andando?

— Porque são só dois quarteirões — respondi. — E não ia caber todo mundo no carro do Tyler, de qualquer maneira.

— Eu podia ter sentado no colo do Nathan — disse Kylie, com uma risadinha. — Aí caberia todo mundo.

Jessica riu de um jeito debochado.

— Espero que aquele tal de Sebastian esteja aqui, sabe, aquele da minha aula de relações internacionais. Ele joga futebol americano com o Jake, que mora na casa. O Sebastian é tão gostoso, eu ia gostar de conhecer melhor o cara.

Fiquei tentada a perguntar “E o Tyler?”, mas não queria atrair nenhuma atenção para mim e especificamente para mim em relação a ele. Assim, mantive a boca fechada.

A festa era numa casa fora do campus que antes era o showroom de um encanador e reformador de banheiros, e, quando eles encerraram o negócio, por algum motivo deixaram três privadas na vitrine na frente do imóvel. O quintal era um cemitério de peças de banheiro, com vasos sanitários e pias quebrados e caídos. A casa tinha sido apelidada de Cabana de Merda pelos caras que moravam ali, e, quando nos aproximamos da porta da frente, havia uma tampa de privada pendurada num prego enferrujado onde alguém tinha escrito “Bem-vindos à Cabana de Merda” com uma caneta preta permanente.

Promissor.

Jessica riu.

Robin fez uma careta, jogando o cabelo preto sobre o ombro.

— É bom esses idiotas terem um barril bem grande de cerveja, porque essa semana foi foda. Fui reprovada em espanhol.

Depois do fim de semana anterior, eu não estava animada com a ideia de um barril, e, quando entramos na casa, o cheiro de cerveja me atingiu e eu recuei um pouco. Aquilo não ia terminar bem. Eu praticamente sentia o gosto de vômito na boca.

Jessica desapareceu imediatamente, com o rabo de coelhinha quicando conforme ela atravessava o corredor em direção à cozinha, rastreando o ambiente com uma habilidade predatória. Robin foi para a esquerda, engolida por uma multidão de juízes de futebol sexy e líderes de torcida vagabundas. Kylie pegou minha mão e disse:

— Vamos pegar uma bebida. — Ela começou a abrir caminho pelo mar de fantasias, de Edward Mãos de Tesoura até o Mario.

Eu nunca entendi direito esse negócio de garotas-de-mãos-dadas-em-festas. A Kylie gostava muito de fazer isso e, embora eu suspeitasse que era uma forma de aumentar a autoconfiança, um sinal para todo mundo ver de que ela tinha uma amiga por perto, ela insistia que era para minha segurança. Mas eu também achava que essa moda era algum tipo de sinal de falsas lésbicas para atrair a atenção dos caras. *Ei, olha só pra gente. Somos boas amigas e andamos de mãos dadas... Se você nos embebedar, pode ser que a gente dê uns amassos pra você ver.* O que me deixava desconfortável. Porque eu nunca daria uns amassos com a Kylie, e porque eu não achava que precisávamos distribuir promessas e insinuações sexuais para atrair atenção.

Mas, por outro lado, quem ali era virgem e quem não era? Quem podia ter um namorado se quisesse e quem passava o tempo com livros e cães de abrigo?

Pois é.

Além do mais, eu sabia que ela estava se sentindo insegura com a banana, então segurei sua mão e obedientemente a segui até o barril, decidindo que, afinal de contas, aceitaria uma cerveja.

— Ai, meu Deus, olha o barril, que demais! — Kylie pegou um copo de plástico na pilha e encheu com a cerveja que saía do vaso sanitário que os caras tinham colocado em cima do barril. Era tipo um bidê.

Encantador.

Rezando para aquele vaso nunca ter sido usado de nenhuma outra forma além de torneira falsa de cerveja, enchi um copo para mim, dei um gole na cerveja barata e tentei não suspirar.

Meia hora depois, eu ainda estava com dois terços da minha cerveja e me sentia entediada e sem graça. Kylie tinha abandonado minha mão há muito tempo e estava se defendendo do terceiro cara que tentava descascar sua banana, com a mão provocando no zíper enquanto ela ria e dava tapinhas no pulso dele. Nathan estava do outro lado da sala, parecendo amargo e triste,

vestindo um macacão de voo e óculos de aviador. A cada três segundos ele dava uma olhada para ela, ao mesmo tempo em que mantinha por perto uma garota de top cropped xadrez e shorts minúsculos. Estava claro que havia alguma dinâmica rolando entre o Nathan e a Kylie e eu realmente não queria estar no meio, algum tipo de batalha de poder movida a feromônios.

Senti alguém puxar um dos cachos na minha nuca, então virei e dei de cara com Tyler. Ele estava de calça jeans e camiseta do Metallica.

— Bela fantasia — falei, me sentindo ao mesmo tempo aliviada e nervosa de ver o cara.

— Sou um Trouxa — ele me disse, com o rosto totalmente sério.

Claro que ele era.

— Ah, é? Então você não recebeu a carta te convidando pra Hogwarts? Que droga.

— Meus pais ficaram decepcionados, mas eu ainda tenho a minha varinha mágica, então está tudo bem.

Revirei os olhos.

— Você é nojento.

Ele riu.

— E você, está fantasiada de quê? Minha mãe na formatura da escola em 1988?

— Não, sou uma criança com uma tiara. — Apontei para a coroa.

Ele estendeu a mão e puxou a faixa para poder ler.

— Miss Antropa? — Ele riu. — Rory, você me mata.

Sorri.

— Pelo menos você entendeu. Já encontrei umas três pessoas que me disseram que estavam confusas.

— Sua inteligência está à mostra, gata. Mas você não se parece com nenhuma criança que eu já tenha visto.

— Alta demais?

— Entre outras coisas. — Ele pegou a bebida da minha mão e deu um gole, depois fez uma careta. — Parece xixi. Vem cá, vamos lá atrás. Tenho um estoque de cerveja de verdade debaixo da minha jaqueta. O Brandon está de olho.

Eu não tinha ideia de quem era Brandon, mas realmente não queria ficar na casa lotada e me sentir sobrando, então deixei que ele pegasse minha mão e me conduzisse pela sala. Aparentemente, minha mão estava com uma demanda alta naquela noite. Sem cerimônia, Tyler jogou a cerveja do barril no lixo, e dei um tapinha no braço da Kylie no caminho.

— Vou lá fora.

Seus olhos se iluminaram quando ela analisou a situação, e ela fez um sinal de positivo com os dois dedos.

— Tá bom! Divirta-se! — cantarolou, muito mais alto do que eu gostaria, antes de se virar de novo para sua corte de caras babando.

— De que raios é a fantasia da Kylie? Uma luva de borracha? — perguntou Tyler quando soltou minha mão para abrir a porta de tela nos fundos da casa, esperando que eu passasse.

— Uma banana.

Ele riu com deboche.

— Essa é boa. Ela precisa de um macaco de pelúcia pra ficar mais real.

— Ah, isso deixaria a fantasia mais real? — perguntei, surpresa. — Porque isso é tudo que uma roupa amarela de lycra grudada no corpo e com um zíper enorme precisa para ser convincente como fruta?

— Espertinha.

Eu não podia argumentar com isso.

— O que está acontecendo entre ela e o Nathan?

Ele deu de ombros, indo em direção aos degraus de madeira podre que davam para o quintal, composto de grama seca e terra, com partes de encanamento erguidas como lápides.

— Não sei. Não é da minha conta.

Resposta típica masculina.

Tyler se aproximou de um cara muito baixinho com uma expressão nervosa no rosto e que se remexia desconfortavelmente na frente de uma jaqueta de couro.

— Voltei. Valeu, cara. — Os dois encostaram os punhos fechados, depois ele se abaixou e pegou a jaqueta. Debaixo dela havia um pacote com doze cervejas Bud Light.

Eu não sabia por que isso se caracterizava como cerveja melhor, mas pelo menos vinha em garrafas. Tyler pegou três e usou seu chaveiro para abrir as tampas. Deu uma para o cara e uma para mim.

— Brandon, essa é a Rory. Não banque o babaca na frente dela.

— Oi — disse ele, com os olhos se remexendo, olhando para todo lado, menos para mim. Depois deu um longo gole na cerveja, segurando bem no topo da garrafa.

— Oi. — E foi isso. Eu era péssima em conversas casuais.

Tremendo com a brisa, dei uma olhada no quintal. Estava escuro, mas a luz da varanda dos fundos lançava um brilho amarelo sobre as vinte pessoas, mais ou menos, que estavam por ali, conversando, bebendo, rindo. De repente, uma jaqueta pesada caiu nos meus ombros.

— Enfia os braços — ordenou o Tyler, sua jaqueta de couro me engolindo enquanto ele a colocava ao meu redor.

— Estou bem — protestei, porque parecia estranho demais, familiar demais, usar as roupas dele.

— Vai logo. Vocês, garotas, nunca estão preparadas pro clima. Juro por Deus que eu não entendo.

Pensei em protestar, mas ele estava certo. Eu estava usando um minivestido tomara que caia, e sua jaqueta estava quentinha e cheirava a cigarro e colônia. Sentindo-me muito menininha, enfiei um braço, depois transferi a cerveja para a outra mão e repeti o processo.

— Eu ia me fantasiar de A Ursinha Mais Sexy, mas alguém já tinha comprado a camiseta.

Ele parou com um cigarro a meio caminho da boca e deu um sorriso cínico.

— Eu pagaria pra ver isso.

Nunca na vida.

— Ninguém se preocupa de a polícia aparecer? — perguntei, consciente de que a gente estava ao ar livre, na ilegalidade. A Cabana de Merda era cercada de casas destruídas e lojas mal-acabadas de bebidas e perucas, mas ainda me parecia que não seria difícil uma viatura passar e decidir animar a noite de sábado acabando com uma festa de universitários.

Tyler, claro, parecia despreocupado.

— Quantos anos você tem?

— Fiz vinte faz duas semanas.

— Caramba, você é mais velha do que eu pensava. Mas, se os policiais aparecerem, joga a bebida fora e atravessa o quintal até o meu carro.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e dois, já posso beber.

Por algum motivo, ouvir que ele era dois anos mais velho que eu o fez parecer ainda mais intimidador. Eu achava que pelo menos nos números a gente se equiparava.

— Achei que você estivesse no segundo ano.

— E estou. Trabalhei durante dois anos depois do ensino médio pra economizar grana, embora oito pratas por hora numa loja de conveniência vagabunda não ajude muito.

— Acho que não. — Aquele era um lembrete de como eu tinha sorte de o meu pai pagar a parte da anuidade que minha bolsa de estudos não cobria. Eu só trabalhava para ter dinheiro para gastar com as minhas coisas.

Tyler sentou numa privada azul-calcinha, com as pernas abertas, e deu um tapinha no joelho.

— Senta aqui.

— Não! — Eu *não* ia me empoleirar no joelho dele em um vaso sanitário.

Ele soprou uma nuvem de fumaça na minha direção e estava para dizer alguma coisa quando Jessica apareceu atrás dele. Ela sorriu para mim, depois se inclinou, apertando os peitos nas costas dele e pendurando as mãos por cima de seus ombros até o peitoral. Enquanto ela sussurrava alguma coisa no ouvido dele, dei uma olhada para Brandon, que parecia tão desconfortável quanto eu. Dei um longo gole na cerveja e tentei parecer indiferente enquanto observava Tyler fazer sinal de positivo com a cabeça para o que ela estava dizendo, com o rabo de coelhinho levantado para o céu em cima de sua bunda perfeita.

Ai, meu Deus. Senti a ansiedade subir pela garganta como um marisco que desceu errado antes de voltar para cima de novo. Eu não queria ver os dois combinando de se encontrar mais tarde. Mas Tyler se inclinou para frente, pegou alguma coisa no bolso da calça e passou para ela, que guardou na frente da fantasia, entre os seios avantajados. Ela me deu um sorriso enorme, depois um beijo estalado na lateral da cabeça do Tyler. Ele fez uma careta e recuou, acenando para ela ir embora.

— O que foi isso? — perguntei depois que ela saiu, rindo da rejeição dele, porque eu queria vomitar e precisava saber, mesmo que eu parecesse patética, mandona ou grossa.

— Hidrocodona. A Jess quer chapar hoje, já que o pau amigo dela não está aqui.

Eu devia ter levantado as mãos para segurar meu queixo caído, mas não tive tempo. Encarei o Tyler, com a boca aberta, em choque. Achei que *ele* era o pau amigo dela, mais conhecido como PA. E desde quando minha colega de quarto usava hidrocodona? Sem falar na questão de por que o Tyler tinha isso.

— O quê? — gaguejei, e a garrafa de cerveja deslizou da minha mão. — Ai, que merda! — Agarrei com mais força e evitei que ela caísse no chão. Mas em seguida me senti tão idiota e tão surtada com o que eu tinha escutado que simplesmente comecei a me afastar. Eu não sabia nem aonde estava indo.

— Aonde você vai? — Tyler estava logo atrás de mim.

— Ao banheiro. — Não olhei para ele, mas quase pude ouvir sua testa franzindo em desaprovação.

— Tudo bem. Quer que eu vá com você?

— Ao banheiro? — Dei um olhar de descrença para ele. — Não. Eu já volto. Prometo. — Eu ia voltar. Estava usando a jaqueta dele e, além do mais, eu não tinha como voltar ao dormitório. E também não queria me envergonhar mais do que já tinha feito. Eu só precisava de um minuto sozinha para colocar a cabeça no lugar.

Alguém estava no banheiro, claro. A porta se abriu, e era a Jessica.

— Ei! — disse ela, animada.

Eu a empurrei de volta para dentro do banheiro e tranquei a porta.

— Que foi, Rory? Você está bem? — Sua testa se franziu, e as orelhas de coelhinha quicaram quando ela jogou o cabelo para trás.

Deixei minha cerveja na pia e analisei a Jessica.

— O que está acontecendo? O que foi que o Tyler te deu?

— Só uma pílula da felicidade. Eu gosto do jeito como ela faz a minha pele pinicar.

Meu rosto claramente registrou o pavor que eu estava sentindo, porque ela pegou minhas duas mãos.

— Ah, vai, não é nada de mais. Eu faço isso tipo uma vez por mês. Não é diferente de ficar bêbada algumas vezes por mês.

— Isso altera a química do cérebro.

— E é por isso que é tão bom. — Jessica riu. — Sério, isso não é um problema. Eu só não estava a fim de beber hoje, mas queria um barato. E essa é uma droga legal, você sabe.

Ela tinha razão nisso. E eu não podia imaginar que uma única pílula fizesse mais que o planejado quando um médico receitava. Só faria com que ela se sentisse meio confusa e entorpecida, e acho que era isso que ela queria. Senti certo alívio, mas não fiquei totalmente bem.

— Só não toma mais de uma por vez, tá? Promete.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Claro. Não quero ter uma overdose. Você está bem? Aconteceu alguma coisa com o Tyler?

— Não. Não aconteceu nada — respondi com sinceridade. Eu não entendia essa atitude casual em relação a um parceiro sexual. Para mim, tudo isso parecia muito mais importante, o que me levava a me sentir... sozinha. Sem falar que eu não sabia o que pensar sobre o fato de ele andar com remédios no bolso, para os quais imagino que ele não tinha nem receita. — Você sabe onde o Tyler conseguiu esse remédio?

— Ele rouba da mãe dele — disse Jessica sem hesitar. — Mas não para tomar. Acho que eu nunca vi ele usando. Mas a mãe dele é uma usuária pesada de drogas e já teve overdose umas quatro vezes. Ele pega pra evitar que ela tome muitas ao mesmo tempo. — Ela me contornou para se olhar no espelho, afofando o cabelo e ajeitando as orelhas. — Acho que ele também quer garantir que os irmãos mais novos não entrem nessa onda.

— Ah. — Que coisa horrível. Isso era simplesmente deprimente. — Quantos anos têm os irmãos dele?

— Não sei. Eu não conheço. Só pesquei essas informações nas conversas dele com o Nathan.

Por algum motivo, gostei de saber que Tyler não compartilhava sua vida pessoal com a Jessica, e isso era muito mesquinho.

— Então, nada do Sebastian hoje? — perguntei, me sentindo mais solidária em relação a ela.

— Não. Parece que ele foi passar o fim de semana em casa, o que é uma droga. Mas não se preocupa comigo se você quiser ir embora com o Tyler. Posso pegar uma carona de volta ou ficar com a Kylie.

Analisei seu rosto, mas ela só estava fazendo biquinho para si mesma no espelho. Alguém bateu na porta trancada.

— Então você realmente não se importaria se eu ficasse com o Tyler? — Embora eu não tivesse essa intenção, ou, para ser mais exata, ele não tivesse essa intenção, fiquei surpresa de ela não se importar. Eu continuava procurando esclarecimentos ou esperando o momento em que o ciúme fosse aparecer.

— Claro que não, pela milionésima vez. Por que eu ia me importar? Acho que seria muito bom pra você. — Ela virou e sacudiu meus ombros. — Vai em frente. Você vai se sentir muito mais feliz!

Fiz uma careta.

A batida na porta voltou.

— Já vai! Mas que droga! — Jessica gritou na direção da porta. — Você precisa fazer xixi? — ela me perguntou.

— Não.

— Você está usando a jaqueta do Tyler? Está estragando a sua fantasia.

— É, mas é quentinha — comentei enquanto a gente saía do banheiro.

Ela olhou feio para as garotas esperando do lado de fora, e elas fizeram biquinho de volta.

— Vacas — murmurou a Jessica.

Imaginei que elas só estavam apertadas, já que o que estava no barril era basicamente água com cor de cerveja, mas não ia discutir com ela. O fato de o Sebastian não ter aparecido tinha deixado a Jessica meio irritada, algo que eu entendia. Você imagina que a noite vai acontecer de um jeito e, quando não acontece, é difícil recuperar o entusiasmo. Eu não sabia muito bem como tinha imaginado a noite, mas não estava animada com a festa desde o início e lutava contra as minhas emoções, o meu ciúme e a decepção de saber que, mesmo que o Tyler estivesse interessado em mim, era só para uma coisa. E que até mesmo isso provavelmente era só por curiosidade ou por uma sensação de desafio.

Tyler estava de pé na porta dos fundos, com os braços cruzados, claramente esperando por nós.

— Você está bem? — ele me perguntou.

— Ela foi ao banheiro, não andou pelada pelo gueto — respondeu a Jessica, revirando os olhos. — Meu Deus, você está esquisito, Ty. Mas ela é toda sua agora, pelo resto da noite. Vou procurar a Robin.

Ela voltou para a cozinha, empurrando dois caras que estavam batendo o peito um no outro. Isso me deixou sozinha com Tyler numa sala pequena que servia como uma espécie de chapelaria, com tênis de corrida espalhados pelo chão, casacos de inverno e jaquetas para todo tipo de clima pendurados numa série de ganchos, dando ao espaço uma intimidade apertada.

— É verdade? — ele perguntou, abrindo um sorriso mal-intencionado que esquentou partes do meu corpo que eu vinha tentando fingir que não existiam.

— Você é toda minha pelo resto da noite?

— Em que sentido? — Porque eu precisava dos detalhes.

— Em todos os sentidos.

As palavras foram diretas o suficiente para me assustar. Fazia uma semana que a atenção dele comigo vinha aumentando, e isso não tinha explicação. Amizade? Ou futuro pau amigo? Houve insinuações provocantes, mas nunca diretas, nunca totalmente óbvias. Qualquer uma delas poderia ter sido explicada como uma piada. Mas agora ali estava ele, saindo do papel de amigo de estudos para o de paquera.

Quando ele se aproximou de mim, a cabeça vindo na direção da minha e a mão deslizando na minha cintura, entrei em pânico.

— O que você está fazendo?

— Estou planejando te beijar. Se você não se importar.

— Eu ainda não decidi — respondi com sinceridade, recuando um pouco e afundando em casacos macios enquanto escapava para organizar os pensamentos.

Seu divertimento escapou na forma de uma expiração suave, e ele sorriu.

— Rory, você me mata de verdade. Não conheço nenhuma outra garota que teria respondido desse jeito.

Nem me fala.

— Desculpa. Mas é verdade.

— Não quero que você se desculpe. Eu *gosto* disso em você. — A mão dele deslizou para dentro da jaqueta e tocou a parte inferior das minhas costas, me puxando delicadamente em sua direção. — Mas sabe o que eu quero?

— O quê? — Se bem que eu poderia adivinhar.

— Eu quero que você me beije.

— E só? Porque eu não posso prometer mais nada. — Eu queria deixar isso claro. Eu não sabia bem até onde estava disposta a ir, e, num mundo onde parceiros sexuais são trocados como um maço de cigarros comunitário, eu não queria me ver numa situação que não me deixasse à vontade.

— Só. Por enquanto, pelo menos. Mas não se preocupa. Só o que você quiser, eu prometo.

Embora seus olhos parecessem indicar que eu ia querer muito mais, depois que ele terminasse.

— E a Jessica? — perguntei, porque também parecia importante ouvir seus sentimentos em relação à minha colega de quarto. A penugem macia dos casacos envolvia meus ombros, e eu senti um gancho me espetando na nuca, mas não consegui me mexer. Eu me sentia segura.

Embora não parecesse mais tão seguro quando o Tyler fez o espaço entre nós evaporar ao levantar a outra mão e a enterrar nos meus cachos, os quadris pressionando os meus. Ele parecia sério, a voz baixa, mas firme.

— A Jessica e eu combinamos de usar um ao outro, e agora combinamos de parar de usar um ao outro. Você ouviu o que ela disse. Ela não se importa. Somos amigos. Nada mais, nada menos.

Esgotei os argumentos racionais de todos os motivos pelos quais eu não poderia fazer a única coisa que eu queria mais que tudo. Não havia mais nada para discutir ou negociar, e eu estava bem consciente de que provavelmente era a primeira garota a fazer essas duas coisas. Mas era isso: eu estava dentro ou fora, e a escolha era minha.

Fiz um sinal de positivo com a cabeça.

— Pode me beijar.

Alguma coisa passou pelo rosto dele, talvez um certo alívio, mas pode ter sido imaginação minha.

— Obrigado — ele murmurou, com um sorriso satisfeito no rosto, antes de descer a boca sobre a minha.

E aí eu não conseguia mais ver nem pensar. Só conseguia sentir a pressão de seu corpo contra o meu, seu hálito um sopro quente na minha orelha, seus lábios roçando os meus. Não era o que eu estava esperando. Não foi um beijo determinado, agressivo ou erótico. Foi delicado, cheio de admiração, provocante.

Mas isso só deixou o beijo ainda mais sexy. Eu me vi enroscando os dedos na camiseta do Metallica, precisando me estabilizar. Os caras que eu já tinha beijado, que eu admitia não ser exatamente uma lista longa, eram todos amadores. Tyler era profissional. A pressão da mão dele no meu cabelo, acariciando com cuidado, parecia íntima, mas não exigente. Seu dedo se movia na minha cintura, de um lado para o outro, provocando arrepios nos meus braços por baixo da jaqueta, enquanto cada centímetro do meu corpo se tornava consciente dele e de sua boca tomando a minha.

Ele começou com beijinhos que depois se tornaram mais profundos, mais longos, até eu me sentir ardendo de dentro para fora, meus lábios inchados,

minha respiração pequenas explosões desesperadas entre os momentos de contato intenso. Ele me pressionou com mais força contra os casacos, e eu grudei nele, chocada ao perceber que sua coxa estava entre as minhas pernas e eu estava envolvida nela como se fosse uma gangorra.

De repente, ouvi risos e uma tossidinha. Então me lembrei de onde estávamos.

Virei a cabeça e me afastei, ofegante. Ele também estava respirando com dificuldade, seus olhos escuros e vidrados de desejo.

— Vamos sair daqui. A gente pode ir pro apartamento do Nathan.

Eu hesitei. Uma semana atrás, eu estava sendo dolorosamente assediada naquele carpete sujo enquanto Tyler estava no quarto do Bill com a Jessica. Eu não podia ir lá. Não podia fazer isso. Ainda não. Porque, se eu fosse para a casa do Nathan, o sexo, mesmo que não fosse esperado, seria pelo menos uma opção. Balancei a cabeça e disse:

— Não estou pronta para transar com você, Tyler. — Eu me senti uma idiota dizendo isso em voz alta, mas era verdade, e eu não conseguia fingir o contrário. Minhas emoções estavam confusas, meu corpo tenso demais, cheio de ansiedade e desejo, para ir aonde o Tyler queria levá-lo.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu já te prometi que a gente só vai fazer o que você quiser. Eu só quero ficar sozinho pra gente poder conversar. — O canto da boca dele se curvou para cima. — E eu não sou contra dar uns amassos. A gente pode fazer tudo do jeito antigo.

Como eu podia dizer não a dar uns amassos?

Fiz que sim com a cabeça.

Se ele tivesse feito um discurso, prometendo que ficaríamos juntos ou teríamos um relacionamento ou qualquer coisa que tivesse cara de mentira para conseguir um passe livre para dentro da minha calcinha, eu teria dito não. Mas ele foi honesto comigo, e não estava oferecendo nada mais do que

exatamente o que ele tinha dito: dar uns amassos e conversar. Eu podia conviver com isso. Mesmo porque talvez ele nunca mais oferecesse isso de novo, então é claro que eu ia aceitar.

— Ótimo. — Ele se inclinou para frente e beijou meu pescoço. — Hum, que cheiro gostoso. Agora vamos sair dessa merda.

Uma garota vestida de Ênio (do *Vila Sésamo*) sexy me deu um sorrisinho forçado de quem estava percebendo a situação quando Tyler me puxou pelo corredor segurando minha mão. Eu me recusei a ficar envergonhada, considerando que ela estava com uma roupa que nem uma stripper usaria, a bunda escapando do short jeans, um sutiã listrado de laranja e azul que mal cobria os peitos e um rosto de Ênio laranja preso à cabeça.

Encontramos Nathan ao lado do barril, com a boca aberta enquanto o arco de cerveja subia do vaso sanitário e entrava direto em sua boca.

— A gente vai pra sua casa, cara.

Nathan virou por tempo suficiente para ver nossas mãos entrelaçadas e fazer que sim com a cabeça. Ele recuou e engoliu, fazendo um barulho de gargarejo.

— Cadê a Kylie? — me perguntou.

— Não sei, desculpa. Se eu não conseguir encontrar com ela, vou mandar uma mensagem dizendo que estou indo embora. Quer que eu diga pra ela que você está aqui?

Ele deu de ombros.

— Não me importa.

Claro que não.

Acabamos encontrando Kylie e Jessica juntas no sofá, conversando com um grupo de garotas. Eu estava abrindo a boca para explicar o que a gente ia fazer, mas Tyler foi mais rápido.

— A gente vai pra casa do Nathan. Vejo vocês amanhã, quando eu levar a Rory pro dormitório.

Uau. Superdiscreto. Agora não apenas minhas amigas sabiam, mas também todo mundo que estava por perto. Eu não devia me importar, mas me importei. Eu não sabia muito bem como devia me sentir em relação a tudo isso, e não queria lidar com as reações e as opiniões das outras pessoas.

Mortificada, fiquei parada ali e corei. Felizmente, Kylie se levantou e me abraçou.

— Divirta-se — sussurrou, com a voz empolgada. — Faz ele usar camisinha.

Não me dei ao trabalho de corrigir a suposição dela. A gente podia conversar sobre tudo isso amanhã, quando não houvesse dez garotas nos encarando com cara de idiotas. Então só fiz um sinal de positivo com a cabeça.

Jessica também me abraçou. E aí a gente foi embora, mas Tyler parou no quintal para pegar o restante das cervejas com Brandon, que ainda estava de guarda.

— Quem é o Brandon? — perguntei quando saímos porta afora para a rua.

— É um cara que eu conheci no curso de paramédico.

Por algum motivo, pensei que eu não ia querer que Brandon me socorresse numa situação de emergência, mas fiquei quieta. Não cabia a mim julgar um cara socialmente desajeitado, já que eu poderia ser considerada a versão feminina dele.

Tyler soltou minha mão para acender um cigarro, a cerveja enfiada debaixo do braço enquanto se inclinava para frente para se proteger do vento. Mantive os dedos bem guardados nas mangas da jaqueta dele para me aquecer e pensar em como dizer o que eu estava sentindo. Por fim, simplesmente deixei sair:

— Eu preferia que você não tivesse deixado tão claro que eu estou indo pra casa com você.

Ele me deu uma olhada, a fumaça enevoando seu rosto.

— Por quê?

— Porque não quero que as pessoas pensem que eu sou uma vagabunda.

— Por que você se importa com o que as pessoas pensam? Você sabe quem você é, Rory.

Eu sabia mesmo. E talvez esse fosse meu medo. Não que as pessoas pensassem que eu era uma vagabunda, mas que eu fosse patética por achar que o bad boy gostoso estava verdadeiramente interessado em mim. Eu queria que soubessem que eu era tão inteligente quanto meu QI demonstrava, que eu sabia que ele só estava curioso em relação a mim, e nada mais. Que eu era uma anomalia que ele queria explorar e categorizar. Porque era isso que todos nós fazíamos: buscávamos rótulos para as pessoas até descobrir um que se encaixasse, e aí suspirávamos de alívio por tê-las colocado na prateleira certa.

Eu não devia me importar com o que as pessoas achavam, mas talvez, se elas pensassem que eu era uma idiota patética, isso me importaria porque, no fundo, eu tinha medo de ser isso mesmo. Eu não me importava em ser várias coisas, mas boba não era uma delas.

— É complicado — falei.

— Então eu devo ser um segredinho sujo? — ele perguntou, as palavras leves, mas com um tom que eu nunca tinha ouvido.

Em nenhum momento eu tinha pensado dessa forma, nem pela perspectiva dele.

— Não, claro que não. Quer dizer, eu acabei de te beijar na festa. Eu não estava exatamente tentando ser discreta. Mas acho que ninguém precisa saber onde eu vou dormir. — Ou *com quem* eu ia ou não dormir.

No entanto, ao ouvir minhas palavras, eu me senti uma hipócrita, porque eu tinha beijado o Tyler em público.

— Entendi. Não vou contar pra ninguém que você vai dormir na periferia. — Havia uma vulnerabilidade naquela frase que me chocou, apesar do tom rígido.

Eu havia ferido os sentimentos dele. Dava para ver isso claramente.

Chocada, estendi a mão em busca da dele, mas ele ainda estava segurando o cigarro. Fiquei surpresa de alguém ser capaz de magoar o Tyler, ainda mais eu.

Ele parou quando chegou ao carro, abriu o porta-malas, jogou a cerveja lá dentro e foi para o lado do motorista sem olhar para mim.

Quando deslizei para o assento do carona, falei:

— Tyler — sem ideia do que dizer a seguir. Mas aí, quando ele me olhou, os olhos escuros, as mãos agarrando o volante com firmeza, o maxilar travado, encontrei as palavras. — Não foi isso que eu quis dizer. Na verdade, fiquei preocupada de as pessoas pensarem que eu sou uma piada por achar que você está interessado em mim.

Sinceridade brutal. Se ele risse ou dissesse que não estava interessado, eu pouparia o meu tempo e, possivelmente, a minha virgindade. Eu não via motivos para fazer joguinhos. Deus sabe que eu sempre fui péssima em esportes, e lidar com isso era a mesma coisa. Eu não tinha ideia do que estava fazendo, mas eu tinha que ser autêntica.

Ele resmungou, jogou o cigarro pela janela, depois pegou o meu rosto com a mão calejada.

— Isso não é uma piada.

E então ele me beijou, e foi ainda mais intenso que na festa. Foi quente e exigente, sua língua pressionando entre os meus lábios para se enroscar na minha. Sua mão livre deslizou para dentro do vestido tomara que caia, roçando meu mamilo. Gemi em sua boca, me mexendo no assento para me

aproximar mais. A paixão explodiu entre nós, e ele se mexeu também, arrastando minha perna para cima da coxa dele, e o movimento fez a saia do vestido subir perigosamente.

Minha cabeça caiu para trás quando ele desceu com os lábios pelo meu pescoço, sugando delicadamente a pele, e tentei manter os olhos abertos. Eu queria ver as mechas negras de seu cabelo, o ângulo agudo de seu rosto, enquanto ele vinha para cima de mim. Estremeci quando ele abriu mais sua jaqueta que eu estava usando, para poder descer ainda mais, deslizar a língua pela curva do meu seio, agora escapando do vestido.

Eu nunca tinha estado tão consciente do meu corpo, tão consciente de cada centímetro do corpo de outra pessoa, e então ouvi o som da respiração do Tyler, os altos e baixos de seu desejo, as inspirações profundas, a explosão de calor de seus lábios enquanto ele gemia, antes de fechar a boca sobre o meu mamilo duro. Ele pressionava o corpo no meu, e seu cheiro, tão diferente do meu, tão selvagem, másculo e forte, me fez cravar as unhas em seus bíceps enquanto eu me prendia nele.

O roçar das nossas roupas e meus gemidos suaves me cercaram, e era tudo tão quente, úmido e maravilhoso que, quando seus dedos subiram por baixo do vestido, eu não impedi. A faixa da minha fantasia foi parar ao redor da minha garganta, mas eu não me preocupei em tirar enquanto suspirava de prazer, e seus lábios e dedos deslizavam por toda parte. Seu ritmo no meu mamilo acompanhava o dos dedos por baixo da minha calcinha e, antes que eu pudesse considerar, pensar, impedir, estremeci contra ele, mordendo o lábio para não gritar.

Chocada, sem fôlego, senti meu rosto queimar enquanto olhava para ele, inspirando com força. Ele tinha parado de se mexer e levantou a cabeça para me dar um sorriso convencido de satisfação.

— Não demorou nada.

Balancei a cabeça, me sentindo meio envergonhada.

— Não era minha intenção...

Ele riu e se endireitou para me dar um selinho.

— Você é uma figura. Por que você faria isso se não fosse sua intenção?

— Não sei. — Eu só queria ser um pouco mais sofisticada.

Tyler ajustou meu vestido, de modo que meu peito se cobriu de novo, e saiu de debaixo da minha saia.

— Você está arrepiada. Vou ligar o carro.

Eu não achava que os arrepios eram de frio, mas não argumentei. Puxei o vestido mais para baixo, onde deveria estar, e o observei acender outro cigarro. Não parecia haver um padrão em seu hábito de fumar. Ele passava horas sem fumar, mas, em momentos como hoje à noite, parecia acender um atrás do outro. O vício parecia psicológico, não físico.

Talvez eu deixasse o cara estressado.

Ele ligou o carro, mas não fez menção de sair da vaga e ir para a casa do Nathan.

— Que tipo de médica você quer ser? — ele perguntou, do nada.

Pisquei ao perceber a inesperada mudança de assunto.

— Médica-legista.

— O quê? — ele me olhou surpreso. — Tipo fazer autópsia e essas merdas?

Fiz que sim com a cabeça.

— Caramba. Você parece tão meiga o tempo todo.

— É uma área muito lógica — falei, como se isso explicasse tudo. Mas eu não estava com vontade de conversar sobre a minha carreira quando ainda estava pulsando de desejo e me perguntando o que ele queria fazer e o que eu deixaria que ele fizesse.

— Imagino. Mas é nojento. — Ele olhou para trás, engatou a marcha a ré e saiu. — Vamos, vou te levar pro seu dormitório.

— O quê? — Estendi a mão para pegar o cinto de segurança antes de me lembrar que ele não existia. Por algum motivo, isso me perturbava, e eu não sabia muito bem por quê. Talvez fosse uma necessidade de proteção, literal ou não. — Achei que a gente ia pra casa do Nathan. — *Achei que você queria transar.* E achei que eu teria dito sim, pelo que ele me fez sentir em menos de três minutos por cima do câmbio do carro.

— Se a gente vai ficar só nos amassos, não acho que seja uma boa ideia.

Na minha opinião, a gente já tinha passado dessa fase. Eu não sabia o que dizer. Será que ele não queria transar comigo? Qual seria a outra explicação? Talvez minha futura carreira tenha desanimado Tyler. Eu sabia que nem todo mundo entendia por que eu queria cavoucar cadáveres.

— Eu fiz alguma coisa de errado? — perguntei, depois me odiei por ter falado isso. Meu Deus, era uma pergunta tão de menininha, patética e fraca. Mas eu já tinha falado e não podia voltar atrás.

— Não, claro que não. — Ele pareceu surpreso. — Mas eu prometi que só iria até onde você quisesse e, sinceramente, Rory, estou com o pau do tamanho do Empire State neste momento. Acho que é melhor a gente pegar leve. Não quero que você se arrependa de nada.

— Ah. — Eu não sabia o que dizer. Eu queria acreditar que suas atitudes eram para me respeitar. Mas por que eu me sentia tão rejeitada?

Será que ele não queria que eu me arrependesse, ou era ele que não queria se arrepender?

Dirigimos em silêncio, e eu analisei o Tyler sem vergonha, querendo me lembrar desse momento, desse passeio de carro, sentindo que talvez fosse a última vez que eu o veria. Fui traçando com o dedo a tatuagem em seu bíceps, seguindo as linhas das letras tribais que formavam Família TRUE. Ele me olhou surpreso, mas não disse nada.

— O que isso significa? — perguntei. — Alguma coisa além do óbvio?

— São as iniciais minhas e dos meus irmãos. Tyler, Riley, U e Easton. Nós quatro formamos uma família, e meus pais que se fodam. Não precisamos deles.

— Que lindo — falei, e era sério, embora fosse triste que os pais dele não entrassem na equação. Se eu fizesse uma tatuagem para representar minha família, não sei muito bem o que seria. Um livrinho com dois nomes? Ou um anjo sobre o meu ombro, me observando, em homenagem à minha mãe?

— É um jeito de definir.

Percebi que ele tinha parado no balão perto do meu dormitório, o que significava que ele não estava planejando estacionar o carro. Não estava planejando me levar até o meu quarto, nem mesmo até a porta do prédio. Não que eu esperasse que ele fizesse isso. Mas não significava que eu não queria que ele fizesse.

Ele nem se deu ao trabalho de jogar o cigarro fora. Havia uma nuvem venenosa de fumaça entre nós quando ele se inclinou e me deu um beijo rápido.

— Dorme um pouco. A gente se fala amanhã.

Isso me pareceu uma dispensa. Por um segundo, só fiquei encarando-o, desejando, querendo, e minha expressão deve ter sido mais óbvia do que imaginei, porque ele disse:

— Meu Deus do céu, não me olha assim. — Ele estendeu a mão e enrolou o dedo em um dos meus cachos. — Você é linda demais e está me matando.

Ele realmente parecia agonizado, mas eu não entendia por quê, e, quando ele puxou o cacho, foi com força, não de um jeito provocante, me fazendo agir. Comecei a tirar a jaqueta, mas ele balançou a cabeça.

— Está frio lá fora, não se preocupa com isso. Boa noite.

Ele poderia ter me dado um chute nas costas para eu ir embora, já que parecia tão pronto para se livrar de mim. De repente eu me senti enjoada e

abri a porta com força, repetindo minhas ações do sábado anterior, mas com um conjunto totalmente diferente de emoções confusas. Dessa vez, quando me inclinei e tirei a chave do dormitório da minha meia de rendinha, olhei para trás e vi que ele estava esfregando o rosto com as duas mãos, como se quisesse apagar tudo que estava pensando.

Ironicamente, eu não queria apagar nada. Eu queria me agarrar àquela memória, saborear, lembrar de tudo tarde da noite, sozinha no meu quarto.

Arranquei a jaqueta dele e subi correndo os quatro lances de escada, sem vontade de esperar o elevador.



A porta, aberta com força demais, bateu contra a parede e me acordou. Eu estava prestes a abrir os olhos e gritar com Kylie e Jessica para que elas calassem a boca quando percebi que elas estavam falando de mim.

— Não acredito que ela foi mesmo até o fim, foi pra casa com o Tyler — disse Kylie, as palavras emboladas, um barulho alto indicando que ela havia largado a bolsa na escrivaninha. Elas acenderam o abajur, que lançou um brilho fraco pelo quarto, o que aumentava minhas chances de ser descoberta ali.

Fiquei debaixo das cobertas, com os olhos fechados, e tentei não me mexer, respirando o mais devagar possível. Eu estava curiosa para saber qual era a opinião real delas sobre o assunto. Especialmente a da Jessica.

Eu tinha dormido quase imediatamente depois que Tyler me deixou em casa, o que me surpreendeu, e por causa disso eu não tinha a menor ideia de que horas eram. Acordei com tanta facilidade que achei que devia estar dormindo havia algum tempo e que já era quase de manhã. Elas obviamente

achavam que eu ainda estava na casa do Nathan, aninhada na cama com Tyler. Até parece. Eu tinha dormido sozinha, como sempre.

— Pois é. Eu também não achei que ela ia até o fim. Ela estava meio surtada comigo no banheiro.

Que exagero. Eu só queria ter certeza de que a Jess não se importava. A voz dela parecia cansada e quase tão embolada quanto a da Kylie, o que me fez pensar que ela havia bebido depois da pílula de hidrocodona.

— Droga, meus pés estão inchados.

Ouvi Jessica afundar na cama, que formava um L com a minha. Eu sabia que ela ia me notar ali a qualquer momento. Provavelmente o único motivo para ela não ter me visto ainda era que eu dividia um beliche com Kylie, e minha cama era a de baixo, por isso eu estava nas sombras.

— Eu queria que mais pessoas percebessem como a Rory é inteligente e legal, porra.

Ahhh. Isso era gostoso de ouvir. Eu estava prestes a rolar e anunciar minha presença quando Kylie disse:

— É mesmo. Mas eu realmente acho que esse negócio que a gente armou com o Tyler vai melhorar a autoconfiança dela.

Fiquei paralisada e reprimi uma respiração surpresa. O que ela queria dizer? Não gostei de ouvir a palavra *armou*.

— Ela vai relaxar depois que superar esse papel de “sou uma garota virgem e tímida”. Porque eu acho que essa aí não é ela. Quer dizer, a parte da virgindade sim, até hoje. Mas a parte da timidez, é disso que eu estou falando. — Kylie estava mexendo na escrivaninha dela, derrubando coisas e batendo com a cadeira na parede. Eu conseguia imaginar a cena direitinho: ela tentando abrir o fecho da roupa de banana, bêbada, perdendo o equilíbrio e esbarrando em tudo que estivesse à distância de um metro.

— Pode crer. Fico feliz que o Tyler tenha finalmente resolvido a situação. Eu estava começando a me perguntar por que raios ele estava demorando tanto, o que é que ele estava fazendo, afinal. Ele nunca se esforçou tanto assim pra me levar pra cama.

Kylie soltou um riso de deboche.

— Como se você fosse difícil.

Jessica riu.

— Bem lembrado. Mas, sério, ele estava meio esquisito com essa coisa toda. Achei que ele ia pensar “tempo é dinheiro” e tentar resolver a situação o mais rápido possível.

Agora meu coração estava acelerado, e meus dedos se contorciam debaixo das cobertas. Precisei de cada resquício de força de vontade para manter os olhos fechados. *Tempo é dinheiro?* Havia um negócio entre minhas colegas de quarto e o Tyler? Para fazer o quê?

Eu tinha a sensação sorrateira e terrível de que sabia exatamente qual era o negócio.

— Por cem dólares, achei que ele ficaria motivado.

Ai. Meu. Deus. Inspirei fundo. Não consegui evitar. Minhas colegas de quarto tinham pagado o Tyler para transar comigo. Por algum motivo sinistro e equivocado. E ele aceitou.

Fiquei imóvel, rezando para elas não me perceberem ali, com pontos dançando atrás dos olhos por apertá-los com tanta força. Eu ia morrer, ia literalmente morrer de vergonha, se elas soubessem que eu tinha escutado. Eu não ia conseguir lidar com isso.

Tyler não gostava de mim. Ele nem estava atraído por mim. Ele tinha fingido interesse pela minha vida, tinha estudado comigo, cuidado de mim depois de eu vomitar de tanto beber, tudo isso porque tinha um objetivo em

mente. Foi tudo com a intenção de derrubar as defesas de uma virgem inocente para ela tirar a roupa e se deixar ser usada. Por dinheiro.

Ele me usou. Por meros cem dólares.

Por um segundo, achei que eu fosse vomitar, porque o pavor, a bile e a incredulidade estavam entalados na minha garganta como esgoto, e não consegui evitar uma tossidinha.

— Rory? — perguntou Kylie, surpresa.

Deixei meus olhos se abrirem, sabendo que não tinha como escapar.

— Oi — falei, a voz demonstrando o máximo de sonolência. — Vocês chegaram agora?

— É. — Ela se inclinou sobre mim, grudou o rosto no meu e o analisou, parecendo empolgada. — Como foi?

— Ótimo — respondi, porque tinha sido mesmo. Até que não foi mais. O Tyler me fez gozar, então ele merecia o dinheiro. Eu não queria falar mais nada sobre isso com elas. Nunca mais.

Ela me deu um abraço desajeitado, já que estava bêbada e eu estava deitada, e seus peitos balançaram na minha frente.

— Viva! Eu te amo. Você e a Jessica são minhas melhores amigas do mundo.

— Eu também — emendei, sem conseguir formar uma frase coerente. Rolei de volta em direção à parede e fechei os olhos, desejando poder apagar suas palavras com a mesma eficácia que apaguei a visão.

— Não acredito que ele trouxe ela de volta pra casa — Kylie sussurrou para Jessica no que definitivamente não era um sussurro, dentro dos padrões de sobriedade. — Ele podia pelo menos ter deixado ela dormir lá.

— Babaca — foi a opinião da Jessica.

Tudo que eu conseguia pensar era que ele definitivamente era mais do que isso, e nenhuma das características era boa.

Quando eu tinha dez anos, fui convidada para a festa de aniversário da Ashley Goldman e, embora eu estivesse empolgada, também estava chocada. Não éramos amigas, e ela era a garota mais popular do quinto ano. Fiquei com o pé atrás ao receber o convite, como se fosse um erro ou eu fosse virar algum tipo de piada, mas meu pai ficou insistindo que a Ashley devia gostar de mim e queria ser minha amiga, que isso era uma chance para recomeçarmos e outras mentiras parecidas. No dia da festa, fiquei tão nervosa que tive diarreia a manhã toda e implorei para o meu pai não me obrigar a ir. Mas ele me obrigou, e quando eu, com o presente na mão, estupidamente otimista, me aproximei timidamente da Ashley, ela arrancou o presente da minha mão e o jogou na mesa, dizendo:

— Eu só te convidei porque fui obrigada, porque o seu pai é chefe da minha mãe.

Passei a festa toda num canto do quintal, brincando com o cocker spaniel dos Goldman e odiando meu pai por suas boas intenções.

Era assim que eu estava me sentindo agora.

Uma hora depois, quando eu ainda estava bem acordada e minhas colegas de quarto desmaiadas, dormindo profundamente, levantei e fui até o banheiro que compartilhávamos com o quarto ao lado. Tirei o pijama, entrei no banho quente de calcinha e deixei as lágrimas rolares. Conforme a água caía sobre mim, eu esfregava o rosto, envergonhada demais para ficar totalmente nua, querendo uma camada de proteção entre mim e a memória do toque do Tyler.

Solucei pela garotinha que eu tinha sido, que nunca entendeu por que eu não me encaixava, e pela percepção de que eu jamais me encaixaria. De que minha vida tinha sido feita para viver sozinha, com uma tênue barreira, feito um plástico esticado, entre mim e as outras pessoas, e de que meus pensamentos nunca eram capazes de andar em paralelo com os da maioria dos seres humanos. Num mundo de Stellas, Stanleys e Blanches, eu estava

destinada a ser o Harold, o cara que nunca entende a piada e quer que todo mundo goste dele, mas nunca tem a menor ideia do que realmente está acontecendo. Quando Harold descobre que Blanche não é virgem e que, na verdade, ela é o oposto da pureza, fica surpreso, e todos nós pensamos que ele é burro.

Essa era eu. Totalmente burra. Sério, era muito chocante pensar que um cara como Tyler não tinha as intenções mais puras? Não, não era.

Mas isso não fazia a situação doer menos.

Sentei no chão do chuveiro, com os joelhos encostados no peito, o cabelo molhado grudado na testa e no rosto, e fiquei olhando a água descer pelo ralo, desejando que ela levasse junto a mim e a minha humilhação.

O plano era deixar Kylie e Jessica pensarem que eu realmente havia transado com Tyler. Achei que, se elas pensassem que a tarefa tinha sido cumprida, deixariam o cara em paz, e ele, por sua vez, me deixaria em paz também. O objetivo era nunca mais ouvir falar dele, e imaginei que ele não ia contar a verdade às minhas colegas de quarto. Ele simplesmente ia pegar o dinheiro e desaparecer, o que, por mim, podia acontecer o mais rápido possível.

Não demorei muito para colocar o plano em ação. Eu estava estudando na minha escrivaninha na manhã seguinte, sem coragem de voltar para a cama depois do banho, com os olhos ardendo, a cabeça latejando pela falta de sono, quando Kylie se sentou na cama, bocejando.

— Nossa, ontem à noite foi uma loucura — foram suas primeiras palavras. As segundas, que vieram depois de ela jogar um pinguim de pelúcia na Jessica para acordá-la, foram: — Me conta como foi com o Tyler.

Eu estava esperando a curiosidade delas e, sinceramente, também tinha uma certa curiosidade. Eu não achava que ia conseguir encontrar uma resposta que me deixasse satisfeita, não sem contar a elas que eu sabia a verdade, mas ainda queria investigar seus comentários para ver o que estava por trás de tudo aquilo.

— Foi... rápido — falei, porque não era mentira. O que aconteceu entre nós terminou em poucos minutos.

Kylie fez uma careta.

— Você gozou?

Fiz que sim com a cabeça, batendo com a caneta na palma da mão. Eu não queria me lembrar daquele momento, eu me agarrando a ele, sua boca no meu seio, meu corpo rígido, tenso e excitado. Mas, ao mesmo tempo, queria reviver tudo várias vezes, o que significava que eu tinha zero orgulho e nenhuma autoestima. Eu não devia querer repetir.

— Bom, pelo menos é alguma coisa. — Jessica afastou as cobertas. — Meu Deus, estou suando em bicas. Por que ele te trouxe de volta pra cá? Foi tipo logo depois?

— Foi. E não sei. Ele disse que achava melhor assim. — Analisei as duas, tentando entender suas expressões. Elas não pareciam nada além de irritadas com Tyler e com um pouco de ressaca. — Acho que ele simplesmente conseguiu o que queria, né? Não tinha motivo para eu continuar por perto.

Elas trocaram um olhar desconfortável.

— Tenho certeza que não é isso — protestou a Jessica. — Talvez ele tivesse que trabalhar hoje ou alguma coisa assim. O importante é que você se divertiu.

— Verdade. — Mas não havia calor na minha voz, e todas nós percebemos isso.

Kylie começou a descer do beliche.

— Você não se arrependeu, né?

Pensei no assunto, brincando com a alça da camisola. Eu ainda não tinha trocado de roupa. Eu me sentia e estava com uma aparência de merda. Mas será que eu estava arrependida do que tinha feito com Tyler?

— Não — respondi sinceramente. — Não me arrependi. — Minha decepção foi ele achar que precisava de dinheiro para ficar comigo. Foi saber

que minhas colegas de quarto achavam que alguém precisava de dinheiro para querer me comer. Isso não melhorou minha autoconfiança em relação a ser desejável e ainda me lembrou das palavras do Grant ao ir embora: que ninguém me queria. Mas eu não me arrependia de ter beijado Tyler, e isso me fez questionar minha sanidade.

— Ai, graças a Deus — disse ela, levantando as mãos com unhas perfeitamente pintadas de amarelo em direção à camiseta. — Eu me sentiria péssima se você se arrependesse.

— Por quê? — perguntei, num tom mais agudo do que eu pretendia. Eu não achava que ela estava prestes a confessar, e ela não confessou.

— Porque a gente, tipo, super te encorajou.

— Por quê? — repeti.

Kylie olhou nervosa para Jessica, que costumava ser mais articulada. Elas claramente percebiam que eu estava chateada, e tentei relaxar a boca e a testa. Eu estava com raiva, mas não ia ficar ressentida com elas. Sim, eu estava furiosa por elas terem armado para que eu fosse potencialmente humilhada, usada ou maltratada, mas, por mais estranho que parecesse, eu sabia que elas tinham boas intenções.

Porém eu precisava de tempo para me acalmar, para processar o que tinha acontecido.

Jessica puxou o cabelo do lábio, onde estava preso, muito provavelmente em restos de gloss, e estendeu a mão para uma garrafa de água no chão.

— Rory, a questão é que você é uma pessoa maravilhosa, e ninguém nunca enxerga isso porque você se esconde de todo mundo. A gente achou que, se você ficasse fisicamente perto de alguém, também poderia ficar emocionalmente perto de alguém.

Surpresa, eu a encarei.

— Você acha que eu me escondo?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Eu *sei* que sim. Talvez por causa da sua mãe... Mas, enfim, a gente não devia ter forçado a barra. Espero que a gente não tenha te estimulado a fazer alguma coisa que você não queria, porque eu vou me odiar se isso tiver acontecido.

Será que eu me escondia? Ser observadora era a mesma coisa que ser emocionalmente fechada? Não era que eu não quisesse me envolver... pelo menos eu achava que não era esse o caso. Com os pensamentos a mil, garanti a Jessica, com um nó na garganta:

— Não. Não, vocês não fizeram nada disso. Não se preocupa. Não estou chateada com vocês.

Elas eram minhas únicas amigas, e eu não queria arriscar perdê-las, nem nessas circunstâncias.



Na terça-feira, na praça de alimentação do centro universitário, vi a Kylie, no restaurante de massas e pizzas, envolvida numa conversa exaltada com Tyler. Embora meu rosto estivesse queimando, eu esperava que ela contasse a ele o que eu havia falado — que nós transamos — e ele entendesse que eu tinha meus motivos para mentir e que ele estava liberado. Porque meu plano de fazê-lo parar de falar comigo tinha sido um grande fracasso, até agora.

No domingo, ele me mandou uma mensagem:

Me diverti com vc ontem à noite.

Surpresa, digitei a resposta idiota:

Obrigada, eu tb.

Quer vir pra casa do Nathan? Tamo vendo futebol.

Tenho que estudar. Vai, Bengals.

Os Bengals são uma merda. Vendo os Giants.

E eu não respondi. Eu não dava a mínima para nenhum dos dois times de futebol americano, e não tinha nada para estudar, a menos que eu resolvesse começar o próximo livro da aula de literatura, o que eu definitivamente não queria. Eu só queria que ele me deixasse em paz.

Na segunda, ele me mandou outra mensagem:

Vai fazer o q hj à noite?

Trabalhar.

Só até as cinco, mas ele não precisava saber disso.

Quer sair depois?

Tenho trabalho de química pra fazer, melhor não.

De novo, eu não estava mentindo.

Empurrei a quesadilla no prato com um nacho e o enfiei no guacamole. Jessica, Robin e Nathan estavam conversando sobre um filme que eu não tinha visto, e eu estava analisando todas as coisas sobre o Tyler que não faziam sentido. Por que ele ainda estava me mandando mensagens? Se seu objetivo era apenas receber o dinheiro, por que ele se esforçava tanto para ser meu amigo? Por que ele ainda se importava, a essa altura?

Mas, principalmente, por que ele não tinha me levado para a casa do Nathan e me comido quando eu claramente desejava isso? Ele insistiu que a gente só ia dar uns amassos. Que eu poderia interromper tudo a qualquer momento.

Não tinha lógica. Mas todo dia eu descobria que as pessoas não se comportavam de um jeito lógico. Elas eram aleatórias e imprevisíveis e nem sempre escolhiam o caminho mais rápido para chegar a um objetivo.

A Kylie e o Tyler estavam vindo em direção à nossa mesa, e apertei o botão para ligar meu e-reader, me obrigando a encarar as palavras na tela. Era um livro do qual eu nunca tinha ouvido falar, de um autor de quem eu nunca tinha ouvido falar, e a linguagem era tão truncada que eu basicamente desisti na terceira linha. Mas continuei encarando a tela, porque eu não queria falar com Tyler.

Senti uma mão apertar meu ombro e olhei para cima.

— Oi — disse ele, sorrindo para mim.

— Oi.

— Está lendo o quê? — Ele se inclinou e pegou um dos meus nachos.

Enquanto ele mastigava, eu o encarei, tentando vasculhar sua mente, saber o que estava se passando em sua massa cinzenta. Imaginei que toda garota no planeta um dia desejou ter passe livre para dentro da mente de um homem em

algum momento. Talvez fosse autopreservação o fato de não termos esse poder. Podia ser sinistro pra caramba lá dentro.

— Não tenho a menor ideia — respondi com sinceridade.

Ele riu.

— A gente vai estudar na quinta?

Minha hesitação foi evidente.

— Não sei se é uma boa ideia.

Tyler puxou uma cadeira e sentou ao contrário, de modo que ficou apoiado no encosto, me observando.

— O que está acontecendo? Por que você está agindo desse jeito esquisito?

— Eu sempre ajo de um jeito esquisito.

— Não age, não. Você costuma ser sincera e direta. Agora está me evitando. — Ele se aproximou, com a voz mais baixa. — Por que você falou pra Kylie que a gente transou?

— Eu não falei isso — protestei, porque não tinha falado.

— Então deixou ela supor. Por quê? Você me disse que não era da conta de ninguém o que acontecia entre nós. Nesse caso, o que *não* aconteceu.

Olhei ao redor, nervosa. Ninguém estava olhando para nós, mas não seria muito difícil ouvir o que Tyler estava dizendo. Brinquei com minhas pulseiras, puxando pelo braço e deixando que elas caíssem.

— Eu não quero falar sobre isso aqui. — Na verdade, eu não queria falar sobre isso nunca mais. Eu não podia falar a verdade para ele, e qualquer outra coisa que eu dissesse para tentar justificar meu comportamento ia parecer mentira, e realmente era.

Ele resmungou e jogou a cadeira para trás.

— Então vamos para algum lugar reservado falar sobre isso.

— Tenho aula — protestei. Mas não pude evitar de me perguntar por que aquilo era importante para ele, por que ele estava tão claramente frustrado. Por

que ele ainda queria me ver.

Sem mais uma palavra, ele se levantou e bateu com a cadeira na mesa, me fazendo dar um pulo. Todo mundo na mesa parou de falar e virou enquanto ele se afastava, passando a mão pelo cabelo. No instante em que saiu pela porta da frente, ele enfiou a mão no bolso. Procurando um cigarro, tenho certeza.

— Qual é o problema dele? — Nathan me perguntou.

Dei de ombros. A verdade é que eu realmente não sabia o que estava acontecendo. Queria saber. Só parecia que, se ele estivesse fazendo um favor para minhas amigas, ou precisasse do dinheiro, ou estivesse procurando afagar seu ego comendo a virgem, ele não ia reagir desse jeito.

— E aí, o que foi que ele disse? — insistiu Kylie, com o smoothie parado na frente da boca.

— Ele queria que a gente fosse para outro lugar, eu disse que tinha aula e ele bateu com a cadeira. Foi isso.

— Ele tem andado mal-humorado a semana toda — comentou o Nathan. — Não sei o que está acontecendo com ele.

— É — disse a Kylie, olhando para mim. — Não sei o que está acontecendo com ele.

Os olhos da Jessica e da Robin também estavam em mim. Nathan me olhava com a testa franzida. Ter tantas pessoas me encarando era intimidante. Eu não gostava de ficar sob os holofotes.

— Como eu vou saber? — perguntei na defensiva. Sinceramente, eu era quem menos sabia o que estava acontecendo. Todos eles estavam no Esquema para Fazer a Rory Trepar. Bom, eu não sabia se Nathan sabia, mas parecia provável, já que Kylie era próxima dele. — Tenho que ir pra aula. — Eu me levantei e peguei meu prato com a quesadilla que quase não comi.

— Rory — começou Kylie, mas Jessica balançou a cabeça para ela, num sinal para me deixar ir embora.

E eu fui, com um aceno e um meio-sorriso.

Tyler me mandou mensagem na quarta e eu não respondi.

Mandou de novo na quinta e eu não respondi.

Quando ele me mandou mensagem na sexta, senti minha pele tensa, e minhas pernas não paravam de mexer sempre que eu me sentava. Meus dedos pareciam frios o tempo todo, e eu estava com olheiras profundas de insônia. Tudo que eu ouvi a Kylie e a Jessica dizerem e tudo que o Tyler tinha me falado ficavam rodando e rodando e rodando na minha cabeça como um redemoinho violento.

Passei mais horas que o necessário no laboratório, com o rosto coberto por óculos de proteção, afogada no jaleco. Na sexta, fui ao abrigo de animais, apesar de não estar escalada para trabalhar. Eles sempre precisavam de ajuda extra, e eu não queria ficar no meu quarto nem no refeitório com todo mundo.

O que eu não esperava era que Tyler fosse aparecer no abrigo. Eu estava agachada brincando com uns filhotes de beagle quando ouvi a Joanne:

— Rory? Seu amigo está aqui.

Olhei para cima e as sobrancelhas dela estavam levantadas de um jeito interrogativo. Ela parecia preocupada. Atrás dela estava o Tyler, com as mãos enfiadas nos bolsos da frente. Perdi o equilíbrio e caí sentada. Os cachorrinhos pularam na minha frente e tentei controlá-los, bloqueando com as mãos as pequenas línguas determinadas a lamber meu rosto.

— Tyler, o que você está fazendo aqui? — Eu não achei que ele fosse me perseguir. Achei que ele fosse se cansar do meu silêncio e fosse parar.

Claramente, eu estava errada.

— Está escuro lá fora, e eu não queria que você voltasse a pé pra casa sozinha. Estou aqui pra te dar uma carona.

Eu queria acreditar que ele estava sendo sincero. Minhas entranhas congeladas se derreteram um pouquinho.

A expressão da Joanne mudou.

— Quer saber, eu falo isso pra ela o tempo todo. Não aguento ver a Rory andando por aí no escuro sozinha. Só precisa de uma vez para uma coisa horrível acontecer. Obrigada por vir buscar a Rory... Ela é uma menina adorável, não é?

Tyler sorriu.

— É, sim.

Revirei os olhos.

— Obrigada. E obrigada pela carona. Vou pegar minha mochila.

Enquanto eu levava os três cachorrinhos atrapalhados de volta para o canil, Joanne me deu um sorrisinho.

— *Uma graça* — ela disse sem pronunciar as palavras, para Tyler não perceber. Balancei a cabeça, querendo rir. Será que ela podia ser mais óbvia?

Eu estava nervosa por ficar sozinha com Tyler, mas parte de mim estava feliz de simplesmente acabar com isso. A cada dia, minha ansiedade aumentava. Caminhamos em silêncio até o carro dele, eu enterrada em minha jaqueta militar, os passos rangendo enquanto minhas galochas se dobravam. Não estava chovendo, mas eu gostava das minhas botas de borracha. Tinha alguma coisa de desafiador nelas. Como se eu estivesse envolta em algo sólido.

— Me desculpa por ter ficado com a sua jaqueta — falei, me sentindo culpada quando percebi que ele estava usando apenas uma camiseta, com uma cruz de metal pendurada no peito. Era uma peça elaborada, com vários pergaminhos e um Jesus crucificado bem detalhado. — Eu devia ter levado pra você. — Não que eu soubesse onde ele morava, mas acho que eu quis dizer que poderia ter levado para a casa do Nathan.

Mas ele deu de ombros.

— Não tem problema. Não sinto frio com tanta facilidade.

Eu tinha percebido isso. De alguma forma, isso o fazia mais sexy do que ele já era.

No instante em que entramos no carro, enquanto eu afastava uma pilha de papéis sujos do banco do passageiro, ele falou:

— Então, você realmente quer que eu suma? É essa a mensagem que você está me passando? Porque eu posso sumir. Mas a verdade é que eu não quero. Eu gosto de ficar com você.

Eu também gostava de ficar com ele. Eu tinha que admitir. Talvez eu parecesse patética, mas a verdade era que eu me divertia com ele. O Tyler era engraçado, inteligente e sensível. Gostoso. Eu não podia excluir essa parte. O que eu vi quando estava com ele não combinava com um cara que concordaria friamente em seduzir uma garota por dinheiro, risadas ou qualquer motivo doentio para o qual se espera que um cara diga sim. Ele não ia tirar fotos de mim nua e me chantagear com elas na internet. Simplesmente não ia. Eu sabia disso. Eu não tinha como explicar, mas sabia.

Por outro lado, às vezes a gente só vê o que quer. A gente torna as pessoas melhores do que elas realmente são na nossa cabeça.

Eu não sabia direito qual era a coisa certa a fazer, mas não podia mentir.

— Eu também gosto de ficar com você.

— Então vamos fazer isso. Podemos ser só amigos, ou mais, ou o que você quiser. Você decide. Só não some, tá?

Fiz que sim com a cabeça.

O telefone tocou e ele deu uma olhada.

— Merda, eu preciso atender. Desculpa.

— Tudo bem. — Mordi o lábio e olhei pela janela enquanto ele ligava o carro.

— Oi, o que foi? — disse ele ao telefone.

E suspirou ao ouvir a resposta do outro lado.

— Tudo bem, não se preocupa, eu chego aí em dez minutos. Se tranca no quarto com o U, tá? Fica longe dela que não vai ter problema. Eu já tô indo pra casa.

Quando olhei para ele, preocupada com o tom da ligação, ele fez um retorno, voltando por onde tínhamos vindo.

— Preciso passar em casa um minuto. Você se importa? Era o meu irmão. Minha mãe está surtando, e ele está com medo.

Isso não me pareceu bom, especialmente porque a Jessica tinha me falado que a mãe dele usava drogas.

— Não, não, é claro que eu não me importo. Quantos anos tem o seu irmão?

— Só dez. — A preocupação exalava dele, palpável como a fumaça de seus cigarros.

— Ai, meu Deus. O que ela está fazendo?

— Vai saber. — Tyler procurou o maço de cigarros no bolso. Quando pegou, bateu o maço no volante e tentou tirar um. Sua mão estava tremendo.

Tirei o maço da mão dele.

— Eu pego pra você. Só dirige.

— Obrigado.

Puxei um cigarro e tirei também o isqueiro que estava guardado no maço. Eu nunca tinha acendido um cigarro antes, mas não podia ser difícil. Coloquei na boca, acendi o isqueiro e levei até a ponta. O cigarro acendeu e a fumaça ofuscou minha visão. Dei um trago fraco para manter a chama acesa, mas mantive o ar na boca antes de soprar, então não inalei nada.

Quando passei o cigarro para o Tyler, ele estava sorrindo para mim.

— Que sexy.

— É câncer em bastão — falei de um jeito direto, enfiando o isqueiro de volta no maço e jogando perto do câmbio. O gosto na minha boca era nojento. Era como se eu tivesse lambido os restos de uma fogueira.

— Isso não torna a imagem menos sexy.

— Áhã — respondi, mas não dei sermão. Achei que ele precisava se distrair, porque estava preocupado com o irmão. Eu nem imaginava o que a mãe dele estava fazendo, mas esperava que não fosse nada sério.

O bairro onde estávamos era de baixa renda, repleto de casas velhas e desbotadas, alinhadas bem perto umas das outras, com telhados caindo aos pedaços e arbustos rasteiros.

— Chegamos. Não fique com muita inveja. — Tyler parou na entrada de cascalho de uma casa branca com persianas pretas descascadas. Estava faltando uma, o que dava à casa a aparência de uma mulher que tinha maquiado um olho e se esquecido do outro. Deitada de cara no chão entre os arbustos havia uma estátua da Virgem Maria, com o manto cheio de lama. O número 5 da casa estava pendurado de cabeça para baixo em um prego enferrujado.

— Quer que eu espere aqui? — Não que eu quisesse ficar no carro, mas eu queria respeitar a situação.

— Não. Está frio aqui fora. E talvez, se você estiver lá, ela se comporte. — Ele analisou meu rosto. — A menos que você não queira. Você não precisa entrar.

Lá estava de novo — aquela vulnerabilidade que eu tinha visto no rosto dele depois da festa de Halloween. Eu sabia que era verdadeira. Eu não estava errada em relação a isso.

— Não, eu vou com você.

Quando saímos do carro, ele jogou o cigarro no chão, e eu vi que não era a única bituca ali. Havia centenas empilhadas no asfalto desmoronado e, enquanto subíamos a varanda apodrecida da frente, vi uma cadeira de plástico

velha e, no chão ao lado, um cinzeiro grande de vidro lotado de bitucas que ficaram na chuva. O cheiro era de fumaça velha, cerveja e lama. As cartas transbordavam da caixa de correio pregada na casa, e Tyler as ignorou enquanto abria a porta da frente.

Nós mal tínhamos entrado no hall estreito, meus pés afundando no carpete bege imundo, os olhos se ajustando à escuridão, quando algo passou voando pela cabeça do Tyler e atingiu a parede com um barulho.

A cerveja espirrou nele, e ele me puxou para trás.

— Acende a luz pra sua mira melhorar — disse ele de um jeito suave. — Você só conseguiu desperdiçar uma cerveja cheia.

Então eu soube que, não importava o que eu estivesse esperando, provavelmente seria muito, muito pior.

A luz se acendeu e eu vi uma mulher deitada no sofá usando apenas uma camiseta enorme, as pernas finas como varetas dobradas num ângulo estranho. O cabelo castanho era cortado em camadas, e ela tinha uma franja que parecia saída diretamente de um filme dos anos 80. Mesmo na fraca luz, percebi que a pele era cheia de feridas e ela tinha olheiras profundas. Ela olhava furiosa para o Tyler e, enquanto se esforçava para levantar, apontou um dedo na direção dele.

— Eu sei que você roubou meu bagulho — disse ela. — Sai já da porra dessa casa e não volta nunca mais.

— Não, eu não vou a lugar nenhum até você dar a guarda do Jayden e do Easton pro Riley. — Pelo modo como ele falava enquanto entrava na sala de estar, se abaixando para pegar latas de cerveja vazias pelo caminho, imaginei que aquele era um diálogo que eles tinham frequentemente.

— Foda-se. Eles são meus filhos. Que tipo de filho tenta afastar os irmãos da própria mãe?

— Um filho que sabe que a mãe é uma drogada. — Com a mão livre, ele pegou a minha e me conduziu até a cozinha, passando pelo sofá, garantindo que eu ficasse do lado mais distante da mãe dele. Havia uma tensão nos músculos de seu pescoço, e ele me agarrava com força. Apesar de suas palavras

serem suaves e calmas, ele parecia consciente de tudo que estava acontecendo ao nosso redor e, mesmo meio assustada, o que eu mais sentia era tristeza por ele ter que viver daquele jeito, enfrentando todo dia o que devia ser um ataque verbal constante, e morando numa casa que nunca oferecia a segurança de um lar. A mãe dele nem pareceu perceber que eu estava ali, e eu precisava admitir que achava isso bom. Eu nunca tinha ouvido uma mãe xingar um filho daquele jeito, e era uma coisa pavorosa.

Ele jogou as latas num cesto de lixo transbordando na cozinha e acendeu a luz. Acendeu também a luz do corredor e bateu na primeira porta.

— Sou eu, abre.

Tyler me puxou para as sombras do corredor, longe da sala de estar. Ele girou a maçaneta e colocou a cabeça para dentro do quarto.

— O que ela estava fazendo?

Não consegui ouvir a resposta nem ver dentro do quarto. O que eu vi foi a mãe do Tyler tropeçando em direção a ele com a mão levantada.

Sem pensar, dei um grito.

Tyler virou bem a tempo de ser atingido na cabeça. A mãe dele simplesmente deu um soco na cara dele.

— Ai, meu Deus! — deixei escapar. Eu nunca tinha visto ninguém apanhar tão de perto, e não conseguia apreender que era sua própria mãe fazendo aquilo. Sua própria mãe. Fiquei parada atrás dele, impotente, procurando o telefone no bolso e me perguntando se devia chamar a polícia.

Mas Tyler simplesmente levou o soco e deu um suspiro de irritação. Ele estendeu a mão e segurou o pulso dela enquanto ela levantava o braço para o golpear novamente.

— Para — ele disse, num tom gentil, não irado. Era como se ele estivesse falando com um animal assustado. — Vamos sentar.

Ela perdeu a firmeza e a raiva pareceu sumir. Então deixou o Tyler levá-la de volta para o sofá.

— Quem é você? — ela me perguntou com os olhos vidrados, enquanto afundava nas almofadas floridas. A mão foi em direção ao chão para procurar a cerveja. Ela derramou a bebida na hora de pegar a lata e lambeu o líquido do braço antes de dar um longo gole.

— Sou a Rory.

— Namorada do Tyler?

Senti que ele estava tenso ao meu lado, mas eu estava determinada a não tornar a situação mais difícil ainda para ele. Ele fez um sinal para os irmãos saírem do quarto, e dois garotos, um no fim da adolescência, com síndrome de Down, e o outro pequeno e magrelo, com a pele escura e o cabelo enrolado, entraram na cozinha sem fazer barulho.

Balancei a cabeça.

— Somos amigos. — Era a descrição menos complicada do que éramos, já que eu não sabia muito bem o tipo de relacionamento que tínhamos.

— Bom, só não fica grávida — ela me disse. — Vai foder com a sua vida. Confia em mim.

O que eu devia dizer em resposta a isso? Chocada, só encarei a mulher, o cheiro de gato, roupa suja e cerveja entupindo meu nariz. O fedor de comida podre exalava da cozinha, e vi que os irmãos dele estavam na geladeira caçando algo para comer, como se tivessem ficado presos no quarto por um longo tempo.

Tyler suspirou.

— Mãe, você pode calar essa boca pra variar um pouco? Meu Deus.

Ela se endireitou no sofá.

— Você é o pior de todos! Eu engordei quando estava grávida de você, e depois o seu pai me traiu com aquela piranha do posto de gasolina, e todos os

dias desde aquela época você foi um pé no meu saco. — Ela fez um gesto na minha direção, derramando cerveja da lata. — Eu tenho um filho que quer tirar os meus outros filhos de mim, tenho esse aí roubando as minhas drogas, e ainda tenho o retardado e o erro.

— Não chama os meninos assim — disse o Tyler, a voz dura e irritada.

— Por que não? É verdade. Retardado, retardado, retardado — ela gritou na direção da cozinha.

O irmão dele se virou, com os lábios tensos.

— Que foi, mãe?

— Não atende quando ela te chamar assim! — disse Tyler, com raiva. — Esse não é o seu nome. O seu nome é Jayden e você não é retardado.

— Sou, sim — disse o garoto, parecendo confuso. Ele estava usando uma camiseta dos Angry Birds e empurrava, nervoso, a armação dos óculos. Na outra mão, segurava um pedaço de queijo mofado.

— Não é, não. Retardado é alguém burro, e você não é burro, está entendendo? — Tyler estendeu o braço e tirou o queijo da mão dele. — Não come isso, tá? Vou no mercado daqui a pouco. O Easton tem pão, e eu sei que ainda tem pasta de amendoim. Faz um sanduíche pra você, tá bom?

— Tá bom, Tyler. — Ele foi até o irmão menor, que estava enfiando um punhado de cereais secos na boca.

Easton tinha um jeito de bichinho assustado, como se estivesse esperando ser atropelado, e talvez estivesse mesmo. Ele não era branco, era mestiço, e pensei em como devia ser horrível ouvir as palavras da mãe, chamando-o de erro. Eu nem conseguia imaginar.

Estava claro que ela não gostava de não ser o centro das atenções. Ela se levantou e foi até a cozinha, passando a mão no cabelo embaraçado, a camiseta suja e transparente o suficiente para mostrar o contorno da calcinha.

— É, eu tenho uma vida realmente fabulosa. Marido na cadeia. Quatro filhos imbecis e miseráveis. Como fui ter tanta sorte na vida? — perguntou ela, a voz repleta de sarcasmo.

Deixei escapar, incapaz de me controlar. A opção lógica era tão óbvia para mim que falei sem pensar. Além do mais, ela tinha me deixado furiosa. Quem chamava os próprios filhos de imbecis?

— Não acho que sorte faça parte da equação. É a incapacidade de fazer boas escolhas.

Tyler soltou uma risada.

— Verdade, gata. — Ele terminou de limpar a mesa, lotada de pratos sujos. Os olhos dela se estreitaram na minha direção, e percebi que devia ter ficado de boca fechada.

— Você faz faculdade com o Tyler? Ele se acha esperto, agora que está estudando, e obviamente você também se acha, com esse cabelinho bonito e essas roupas de riquinha. Mas, se você fosse mesmo esperta, não estaria com um fracassado como ele.

A risada do Tyler se interrompeu.

No mesmo instante eu soube que ela tinha encontrado a maneira perfeita de atingi-lo, lá no fundo.

E naquele momento eu entendi por que ele tinha feito aquele comentário sobre ser meu segredinho sujo.

Essa era a vida dele, e ele tinha vergonha.

— Não chama ele de fracassado — disse Jayden, defendendo o irmão de um jeito que me deixou emocionada. — Ele não é um fracassado. Ele é demais.

Olhei para a tatuagem no braço do Tyler e entendi totalmente o que significava. Eles tinham um ao outro, quatro irmãos vivendo em imundície e

tensão. Eu soube quase imediatamente que ele jamais chamaria a polícia, porque, se fizesse isso, Jayden e Easton seriam levados.

Por algum motivo, o comentário do Jayden fez a mãe surtar. Ela arrastou o braço no balcão, fazendo copos, latas e um cinzeiro voarem e caírem no chão, numa sequência de pancadas e estrondos.

— Eu odeio vocês! Eu odeio a minha vida!

Easton saiu do caminho de uma lata com uma destreza que deu a entender que não era a primeira vez que fazia isso.

Quando Tyler foi em direção à mãe, com a clara intenção de segurar seus braços, ela deu tapas e chutes no filho, conseguindo atingi-lo com força várias vezes. Depois, de repente, ela desmoronou de encontro a ele, que a abraçou até a raiva dela se dissolver num choro histérico.

— Tudo bem — ele disse, acariciando o cabelo dela. — Já passou.

Lágrimas encheram meus olhos ao ver o Tyler consolando a mãe, os braços musculosos segurando a mulher que não conseguia se segurar.

— O que eu faria sem vocês? — ela perguntou com a voz angustiada. — Vocês sabem que eu não odeio vocês. Eu amo todos vocês.

— Eu sei. Eu sei. — Ele afagou a mãe e a levou até a cadeira da cozinha.

Ela desabou na mesa, com a cabeça sobre os braços e lágrimas escorrendo pelo rosto abatido.

— Onde estão minhas pílulas?

— Acabaram. Você tomou todas. — Tyler pegou o maço de cigarros, acendeu um e o colocou na boca da mãe. — Dá um trago.

Ela fez isso, sugando profundamente, com a cabeça ainda largada na mesa. A fumaça saiu de sua boca fina, os olhos fundos e sem esperança. Ela estendeu a mão e apertou o botão do rádio, e um heavy metal explodiu no ambiente.

Houve uma batida na porta, e uma mulher entrou na cozinha pela porta dos fundos.

— Oi.

— A tia Jackie chegou — anunciou Easton, do jeito que crianças pequenas têm para anunciar o óbvio.

— Coloca uma merda de uma calça, a gente vai sair — disse tia Jackie à mãe do Tyler. Ela estava embrulhada num suéter vermelho gigantesco e usava uma calça jeans pelo menos três números abaixo do dela, o que a deixava com “capô de Fusca” e permitia ver claramente o contorno do maço de cigarros e do celular nos bolsos da frente. Ela pesava bem uns cinquenta quilos a mais que a mãe do Tyler, que tinha se levantado e saído tropeçando pelo corredor.

— Sério, Jackie? — perguntou Tyler, indignado. — Você não está ajudando.

— Não fala assim comigo, moleque — ela retrucou. Devia ter uns quarenta e poucos anos e parecia levar uma vida nada saudável: a pele era curtida, o cabelo ralo no alto da cabeça. — Cuida dos seus irmãos.

— Eu sempre cuido — disse ele, tirando a faca da mão do Easton, que estava passando mais pasta de amendoim no balcão do que na fatia de pão. Tyler fez o trabalho de maneira eficiente e estendeu o pão para o irmão, que deu uma mordida enorme.

— Dawn! Vamos! — gritou Jackie, ignorando Tyler.

A mãe dele voltou usando calça jeans e uma camiseta que marcava os mamilos, carregando uma camisa de flanela amassada.

— Tudo bem, estou pronta.

— Coloca um sapato de verdade — Tyler disse à mãe.

Olhei para baixo e vi que ela estava usando um chinelo surrado que devia ter sido rosa em algum momento, mas agora era salmão desbotado.

— Estou bem assim. — Ela deu um beijo no rosto dele, mas seu olhar já estava disparando para a porta, os olhos e a boca se retorcendo, a mão tremendo perceptivelmente.

Quando as duas saíram, batendo a porta com força, percebi que os ombros do Easton relaxaram.

— Bom, a boa notícia é que ela provavelmente só volta no domingo — disse Tyler, dando à voz um tom despreocupado que eu sabia que ele não estava sentindo.

— Ufa! — disse Jayden, levantando o pão. — Posso desligar essa música?

— Por favor. — Tyler tirou as chaves do bolso. — Vou dar um pulo no mercado. Querem alguma coisa?

— Bolacha recheada — respondeu Jayden.

— Leite — foi a resposta do Easton.

— Meu Deus — Tyler murmurou baixinho, e eu sabia que ele estava pensando exatamente o mesmo que eu: uma criança de dez anos não deveria ter que pedir leite. Num tom mais alto, ele disse: — Tudo bem, volto daqui a uma hora. Tranquem a porta.

Ele apagou o cigarro num cinzeiro transbordando e tirou o saco de lixo nojento da lata, amarrando firme. Depois, fez um gesto para que eu o seguisse pela porta dos fundos.

Eu não sabia muito bem o que dizer, mas ele mal deu dois passos antes de falar:

— Me desculpa. Eu nunca devia ter te trazido aqui. Mas, quando o Easton ligou, eu não sabia a gravidade da situação e não quis perder tempo levando você pra casa. Mas eu devia ter te levado. Me desculpa. — Ele estava descendo rápido os degraus dos fundos e, no escuro, eu não via seu rosto.

— Não tem problema — respondi, porque não tinha mesmo.

— Tem sim! — Tyler levou o saco de lixo até as latas de metal enferrujado perto da garagem e o jogou lá dentro. O saco atingiu a lata com um barulho alto, o que a fez cair, a tampa girando e parando um pouco adiante. — Meu Deus! Que merda eu estava pensando? — Ele chutou a lata duas vezes,

provocando-lhe um amassado. — Eu estava tentando te impressionar e te trago aqui. Sou um idiota mesmo. O que na minha vida de merda poderia te impressionar?

Seu rosto estava agoniado. A raiva, a frustração e a humilhação, estava tudo ali, estampado. Eu estava me esforçando para não chorar, porque sabia que ele estava se esforçando para não chorar de raiva. Eu nunca tinha visto nada parecido com o que acabara de acontecer. Teoricamente, eu sabia que algumas mães podiam ser terríveis, que o vício era algo que fugia do controle e que havia pessoas que moravam em casas sujas, mas eu nunca tinha visto nada assim. Nunca tinha sentido o cheiro. Nunca tinha ouvido na vida real aquelas palavras ditas para machucar.

Fui até ele, perto das latas de lixo, e coloquei as mãos em seu rosto, puxando-o na minha direção. Depois fiquei na ponta dos pés e olhei bem dentro de seus olhos.

— Na verdade, eu nunca fiquei tão impressionada com você quanto estou agora.

Ele me encarou com o maxilar tenso.

E então eu o beijei. Fechei os olhos e levei a boca até a dele, derramando todas as minhas emoções naquele toque. Eu queria que ele percebesse que eu o entendia, que eu o achava incrível pelo modo como ele lidava com a própria vida. Que o fato de ele ainda encontrar motivos para sorrir e brincar era a prova de sua verdadeira natureza, que seu desejo de cuidar dos irmãos falava muito sobre seu caráter. Em *Um bonde chamado desejo*, não havia ninguém como o Tyler. Ele estava tentando fazer o melhor possível com a própria vida.

Mesmo que tivesse aceitado dinheiro para transar comigo.

Tudo bem, talvez eu não pudesse coroar o cara como santo, mas eu soube bem naquele momento que, se o Tyler quisesse continuar saindo comigo, eu topava, porque havia muito mais nele do que ele mostrava para os nossos

amigos. O que significava que, independentemente dos motivos, ele não seria uma má pessoa com quem perder a minha virgindade. Eu ainda estava curiosa, ainda buscava as experiências sobre as quais todo mundo falava, e Tyler não era um mentiroso, nem um traidor, nem alguém que se divertiria à minha custa se eu me apaixonasse por ele e depois me abandonaria.

Quaisquer que fossem suas razões para aceitar o que a Jess e a Kylie lhe ofereceram, de um jeito totalmente maluco eu estava agradecida.

Porque eu estava ali com ele e, pela primeira vez, de verdade, eu sentia que valia alguma coisa para alguém. Eu estava consolando o Tyler, e isso fazia com que eu me sentisse importante. Que eu tinha algo para dar.

— Rory — ele murmurou nos meus lábios. — Meu Deus, como é bom te beijar. Por que você não quis falar comigo a semana toda? Eu estava ficando louco. — Ele me envolveu com os braços e me apertou contra o peito.

Desci da ponta dos pés e passei os dedos sobre sua barba rala. Ele precisava se barbear.

— Porque eu estava com medo. Eu não achei que você gostasse de mim. — E era verdade mesmo. — Fiquei esperando para ouvir o fim da piada.

— Por quê? — perguntou ele, confuso. — Por que você achou isso?

— Porque caras como você não gostam de garotas como eu.

O canto de sua boca se curvou para cima.

— E garotas como você não gostam de caras como eu.

— Aparentemente nós somos as exceções. — Era a última chance para ele fugir.

Mas ele não fugiu. Simplesmente me deu um beijo suave.

— Porque nós somos incrivelmente fantásticos, só por isso.

— Concordo. Agora vamos ao mercado.

Ele ficou tenso.

— Você vai ao mercado comigo?

— Claro, por que não? Não tenho outros planos, e eu gosto do mercado. É muito organizado. Acalma minha alma matemática.

Ele riu, e foi um som de alívio.

— Então está certo. Vamos.

No carro, ele ligou o motor e disse:

— Preciso te explicar algumas coisas.

— Só se você quiser. — Eu sabia que era difícil falar de assuntos particulares, especialmente quando se tratava da família.

— Eu quero. Não quero que você ache que eu não pensei em outras opções pros meus irmãos. Mas a verdade é que não existe nenhuma. Tenho certeza que você notou que o Easton não é filho do mesmo pai que a gente. O problema é que a minha mãe nunca contou nada pro meu pai. Talvez ela não soubesse, sei lá. Mas ninguém sabia que o Easton não era filho do meu pai até ele nascer. Quando a minha mãe voltou da maternidade pra casa, ela desceu do carro e o meu pai jogou o carro em cima dela.

— *O quê?*

— É, não sei como ele não matou a minha mãe, sinceramente. Eu estava na varanda esperando por ela e vi tudo. Ele simplesmente passou por cima dela com o carro, como se ela fosse uma lata de Coca-Cola. Eu tinha doze anos.

— Ai, meu Deus. — Eu não conseguia nem entender. Só fiquei encarando o perfil do Tyler enquanto ele dirigia.

— O meu pai foi preso, e a minha mãe se machucou muito. Ficou com a coluna destruída e o cotovelo também, e foi assim que ela começou a usar remédios controlados. Antes disso ela sempre bebia, mas não tanto quanto o meu pai. Ele era um bêbado muito violento. Mas, quando começou com as pílulas pra diminuir a dor, ela se tornou uma alcoólatra inveterada. Meu pai saiu da prisão por pouco tempo, mas violou a condicional roubando uma loja de bebidas, então está preso provavelmente por dez anos dessa vez.

Estendi a mão e entrelacei na dele. Ele me deu um meio-sorriso.

— Então a gente está sempre sem dinheiro, e ela tem altos e baixos, mas nunca bateu no Jayden nem no Easton. Ela só bate em mim, e eu aguento. Ela costumava bater no Riley também, mas ele tinha dificuldade pra controlar o próprio temperamento. Uma vez ele revidou, e aí decidi que era hora de sair de casa. Ele tem vinte e cinco anos, trabalha com construção e mora no porão da casa de um amigo. Ele me ajuda a pagar a faculdade, pra eu poder conseguir um emprego decente e a gente arrumar um apartamento. Nós dois, a gente consegue cuidar dos meninos. Esse é o plano. Mas eu não quero envolver os tribunais, porque antes eles vão colocar os meninos em um lar adotivo provisório. Eu não posso fazer isso com eles, afinal quem sabe o que vai acontecer? Se a gente agir com calma e tirar os meninos de casa pra morar com o Riley, ela provavelmente não vai fazer nada. Estamos construindo a base, sabe? Mas eu não posso sair de casa. Isso ia deixar a minha mãe muito irritada. Ela precisa de um saco de pancadas, que sou eu.

Tinha mais coisa por trás daquela história. Ele não falou, mas eu percebi. Ele não podia abandonar a mãe. Não podia deixá-la sem ninguém, e senti meu respeito por ele aumentar.

— Isso não é muito justo com você — falei. — Mas eu entendo perfeitamente por que você está fazendo isso. Deve ser legal ter irmãos que se preocupam tanto com você e vice-versa. É solitário ser filha única.

— É? — Ele me lançou um olhar brincalhão enquanto entrávamos no estacionamento do supermercado. — Você foi demais pros seus pais aguentarem? Rory, a selvagem?

Eu ri.

— É, claro. Na verdade, quando a minha mãe estava grávida de mim, eles descobriram que ela tinha câncer no útero. Ela decidiu não fazer radioterapia porque queria que eu nascesse. Os médicos acharam loucura. Insistiram para

ela abortar, mas ela se recusou. Eu nasci seis semanas antes do tempo, e aí ela fez um tratamento intensivo de químico e radioterapia. O câncer regrediu e todo mundo disse que era um milagre. — Dei de ombros. — Mas ela obviamente não podia mais ter filhos. Então, quando eu tinha sete anos, o câncer voltou.

— Que merda. Isso é horrível.

— É. Eu me senti culpada, sabe, por ter matado a minha mãe. Se ela não tivesse engravidado, o câncer não teria se espalhado tão rápido. — Então me dei conta de que eu nunca tinha dito isso a ninguém. Nunca tinha dito porque não queria reconhecer a culpa que eu sentia. Eu me perguntava se o meu pai também se sentia assim, se ele se arrependia de eu ter nascido, porque, se não fosse por mim, a esposa dele ainda estaria viva.

— Você não teve culpa pela doença da sua mãe, Rory. Se ela não tivesse engravidado, talvez não tivesse nem descoberto o câncer e não teria esses sete anos.

— É, talvez você tenha razão.

Quando entramos no mercado, ao sentir minha mão fria e pequena envolta na dele, grande e áspera, pensei, maravilhada, que podemos encontrar consolo em pessoas e lugares os mais inesperados, quando a gente nem sabia que precisava disso.

Eu nunca tinha feito compras no mercado com outra pessoa. Quando completei dezesseis anos e tirei a carteira de motorista, meu pai e eu passamos a fazer compras separados, enchendo a cozinha com nossas preferências pessoais. Ele me dava cinquenta dólares por semana para gastar como eu quisesse, e eu comprava iogurtes e vegetais para beliscar e, às vezes, carne para o meu pai e para mim. Raramente eu comprava enlatados. O carrinho do Tyler só tinha latas.

Conforme a pilha de alimentos industrializados, como macarrão instantâneo e cranberries em calda, aumentava no carrinho, perguntei:

— Você tem alguma coisa contra frutas e legumes?

Ele deu de ombros, pegando biscoitos de água e sal e as bolachas recheadas que Jayden tinha pedido.

— Não. Mas eles exigem esforço. Tipo picar e tal. E estragam rápido.

— Tipo picar e tal — repeti. — Então cortar o cabinho dos morangos leva mais tempo do que abrir uma lata de cranberries cheias de açúcar?

— É — respondeu Tyler, como se fosse óbvio. Ele estava inclinado sobre o carrinho, tampando-o com os ombros largos, e não havia nada de doméstico na aparência dele, com as tatuagens, a camiseta do Iron Maiden e a calça jeans com alguns rasgos nos joelhos.

A loja era na rua da casa dele e sabia atrair a população local. Cerveja, batatas chips e marshmallows ficavam à vista na entrada, e não havia um balcão arrumadinho de sushi, nada de floricultura, nenhuma prateleira de vinhos caros, como o mercado perto da minha casa. O chão era sujo, e a seção de frios tinha um cheiro que dava a impressão de que os fatiadores não eram limpos havia mais tempo do que eu queria imaginar.

Os instintos maternos que eu nem sabia que tinha de repente afloraram, e me vi dizendo:

— Vem cá. Vamos dar uma olhada na seção de hortifrúti.

Quando coloquei um pacote de minicenouras no carrinho, falei:

— Não precisa picar. É só comer.

— Por quê? — perguntou ele. — Não tem gosto de nada.

— Confia em mim — falei, de repente orgulhosa de mim mesma. Eu nunca tinha pensado direito no assunto, mas sabia cozinhar. Muitas vezes era eu quem fazia o jantar em casa, e conseguia achar uma receita no Google mais rápido que qualquer pessoa. Isso era algo que eu podia fazer para ajudar outro ser humano, em vez de esperar para um dia pôr minha inteligência em prática, depois da faculdade de medicina. Isso era *agora*. — Vou fazer o jantar hoje.

— Rory, você não precisa cozinhar para mim. — Ele pareceu um pouco assustado com a ideia.

— Por quê, você acha que eu não sou capaz? — perguntei na defensiva, procurando alho nas prateleiras.

— Tenho certeza que é. Só que... você viu a minha casa. Ninguém cozinha lá. Nem sei se temos mais do que uma panela.

— Bom, hoje eu vou cozinhar — falei. — Então aceita esse fato. — Marchei pelos corredores pegando os ingredientes necessários, incluindo um pacote de peito de frango e recipientes de plástico descartáveis que eu pudesse

usar para manter as frutas e os legumes picados para os irmãos dele comerem durante a semana.

— Já volto — disse ele, enquanto eu esperava na fila da seção de frios.

Quando me virei, segurando o queijo fatiado, vi que ele tinha colocado uma caixa de cerveja e três maços de cigarro no carrinho.

— Acabei minhas compras — ele disse com um sorrisinho.

— Que bom. — Não consegui fazer nada além de sorrir de volta para ele. — Mas eles provavelmente não vão te deixar comprar isso comigo ao seu lado. Vão pedir minha identidade também.

Ele zombou.

— Tá brincando? Você já deu uma olhada ao redor? Este não é exatamente um estabelecimento de qualidade. Eles não vão pedir a sua identidade nem a minha. Além disso, aposto que, se você for no quartinho dos fundos, pode conseguir uma tatuagem.

Eu ri.

— Dispenso.

Ele estava certo. Ninguém pediu a identidade dele. A caixa nem olhou para nós enquanto passava nossos itens pela esteira. Comecei a pegar a carteira quando vi o total passando de quarenta dólares.

Tyler estendeu a mão e segurou a minha, me impedindo de pegar o dinheiro.

— Rory, você não vai pagar nada — disse ele, baixinho. — E, se você insistir, juro por Deus que eu perco a cabeça. Você já está fazendo muito.

Comecei a remexer dentro da bolsa.

— Eu ia pegar uma balinha de menta — menti, tirando a caixinha da bolsa. Às vezes, o orgulho nos ajuda a passar por muitas coisas, e eu sabia que ele precisava disso.

Foi a resposta certa. Ele deu um sorrisinho quando pegou a carteira e contou as notas.

— Está planejando beijar alguém mais tarde?

— Depende de você.

— Ah, é? — Ele ergueu uma sobrancelha.

— É. Se você se comportar.

— Uau. Está ficando abusadinha, hein?

— Estou, né? — perguntei, surpresa. — Eu não sabia que sabia fazer isso.

Tyler deu um risinho.

— Você é fofa, sabia? — Ele se virou para a caixa entediada, uma senhora de uns sessenta anos que mascava chiclete e mantinha os braços cruzados sobre os peitos enormes enquanto esperava o Tyler pagar. — Ela não é fofa? — ele perguntou a ela.

Os olhos da caixa me analisaram.

— Adorável — disse ela, numa voz completamente monótona.

— Tyler! — exclamei, envergonhada.

Mas ele simplesmente riu e pagou pelas mercadorias, incluindo o frasco de desinfetante que eu tinha colocado no carrinho sem que ele percebesse.



— Assim — eu disse para Tyler e os irmãos dele, mostrando como inclinar a faca para tirar o cabinho dos morangos. O frango estava no forno, e as cenouras estavam cozinhando num molho no fogão, com as batatas fervendo ao lado. Os morangos eram para a sobremesa, servidos com os bolinhos que eu tinha comprado. Ou melhor, colocado no carrinho. O Tyler que comprou.

Jayden e Easton estavam em pé ao meu lado, analisando com atenção meus movimentos e tentando imitar. Tyler já tinha largado a faca dele.

— Meus dedos são grandes demais pra fazer isso — ele declarou e abriu uma garrafa de cerveja na extremidade do balcão.

Pensei que ele simplesmente não tinha nenhum interesse em cozinhar, mas não falei nada. Ele estava ocupado nos observando e fazendo comentários enquanto limpava a cozinha. Quando descarregamos as sacolas, ele encontrou o desinfetante e foi esfregar a mesa e o balcão, depois passou um pano no chão com o produto. Ele recolheu a última parte do lixo depois de jogar fora tudo que estava podre na geladeira. Esperei não ter constrangido o Tyler, não era minha intenção de jeito nenhum. Mas ele não parecia chateado. Nem parecia que nunca tinha feito faxina antes. Tive a sensação de que ele fazia isso com mais frequência do que se poderia imaginar, mas era uma batalha perdida. Sem a sujeira e com o fedor substituído pelo cheiro de pinho e do frango assando, o ambiente estava muito mais agradável. Mas ainda era uma cozinha escura e acabada, com o piso rachado, azulejos se soltando e paredes que provavelmente não eram pintadas havia uns trinta anos. Um telefone amarelo estava preso na parede, com o fio enrolado pendurado, abandonado e esquecido. Tenho certeza de que não funcionava, mas ninguém se deu ao trabalho de tirá-lo dali.

— Estou fazendo certo? — Easton perguntou, ansioso.

— Vê se não corta o dedo fora — gritou Tyler dos fundos, onde estava jogando o lixo.

— Você está se saindo muito bem — respondi. — E a melhor parte de ser a pessoa que pica as frutas é que você pode roubar algumas. — Joguei um morango na boca, e o Jayden fez a mesma coisa.

— Caramba, que gostoso! — ele exclamou.

Tyler riu do entusiasmo do irmão.

Quando sentamos à mesa cinco minutos depois, com frango, purê de batatas e cenouras cozidas em quatro pratos que não combinavam, Jayden estava extasiado.

— Eu gosto muito de você — ele me disse, com adoração pura na voz. Ele tinha aquela inocência deliciosa que as pessoas com Down têm, e eu sorri para ele.

— Eu também gosto de você, Jayden.

— Ei, cuidado aí, camarada — disse o Tyler para ele. — A Rory está comigo, sabia? — Ele se inclinou e beijou minha testa. — Acho que o que o meu irmão quis dizer é: obrigado pelo jantar.

— É, obrigado, Rory — disse Jayden, com a boca cheia de purê.

— De nada. — Eu me sentia ridiculamente feliz.

Easton estava analisando as cenouras como se elas fossem mordê-lo.

— Não precisa comer, se não quiser — falei para ele. — Eu não sabia do que vocês gostavam.

— Pelo menos experimenta — estimulou o Tyler, esfregando a cabeça do irmão. — Você nem sabe se gosta ou não, porque sinceramente acho que você nunca comeu cenoura.

— É. Não seja um bundão, Easton — disse Jayden.

Tyler soltou uma gargalhada.

— Cara, você tem uma boca suja da porra.

— Você percebe a ironia do que acabou de falar? — perguntei a ele, dando uma garfada no frango.

— Não — ele declarou, apesar de perceber claramente.

Easton lambeu a cenoura, desconfiado. Pareceu achar aceitável e a colocou na boca, mas largou cuidadosamente o garfo e mastigou de um jeito metódico. Jayden e Tyler estavam enfiando a comida na boca como se ela fosse desaparecer se eles não engolissem rápido.

— Você pegou um formulário de emprego pra mim? — Jayden perguntou ao Tyler.

— Não, cara, desculpa, esqueci.

— Eu preciso de um emprego, Tyler. Como é que eu vou fazer a minha tatuagem? — Ele deu um tapinha no bíceps, que definitivamente não estava na mesma forma que os do Tyler. Ele tinha a tonicidade muscular baixa que a maioria das crianças com Down parece ter.

— O que você quer tatuar? — perguntei. Jayden era fácil de conversar, fácil de gostar.

— A mesma coisa que o Tyler e o Riley. Família TRUE. — Ele deu outro tapinha no braço.

Meu coração se derreteu no peito e se transformou numa enorme massa de gelatina líquida.

— Isso seria legal.

— O U acha que a tatuagem vai ajudar com as garotas — disse Tyler, dando uma piscadela para o irmão. — Né, bro?

Jayden percebeu que Tyler estava provocando e disse bem alto, num tom contrariado:

— Bom, funcionou pra você! Você conseguiu a Rory, não conseguiu?

— Você acha que a Rory só gosta de mim por causa das tatuagens? — Tyler me deu um olhar divertido e pegou a garrafa para dar um longo gole.

— Por que outro motivo ela ia gostar de você? Você não tem pau grande nem nada.

Meu garfo e meu queixo caíram. Oi?

A cerveja do Tyler saiu pelo nariz com a declaração do Jayden, e ele bateu no peito, engasgando e rindo.

— Como é que você sabe se eu tenho pau grande ou não? — Depois ele levantou a mão, ainda ofegando e rindo. — Não importa. Não responde. A gente não devia falar essas merdas na mesa do jantar. Não são boas maneiras.

— Não? — perguntou Jayden.

— Não. Os genitais não devem aparecer na mesa do jantar. Certo, Easton?

O irmão menor deu de ombros, ainda mastigando a mesma cenoura. Devia estar parecendo papinha de bebê na boca dele agora.

— Por que o Tyler te chama de U? — perguntei ao Jayden.

— Porque a minha mãe sempre me chama “Ei, você*”, e a gente abreviou pra U. — Jayden não parecia nem um pouco chateado com isso.

Eu, por outro lado, queria chorar de novo.

— Isso não parece muito legal — falei.

Ele simplesmente deu de ombros.

— É mais fácil de escrever e se encaixa na tatuagem. Deixa ela perfeita. — Ele parecia orgulhoso desse fato.

— É, sem o U a gente não forma palavra nenhuma — disse o Tyler a ele, se inclinando sobre a mesa para bater o punho fechado no do irmão. — A gente precisa de você. Haha. Entendeu? Você? U? Meu Deus, como eu sou engraçado.

— Você é um tonto — disse o Jayden para ele de um jeito simpático.

— Você vai dormir aqui hoje? — perguntou Easton, com a cenoura já em forma de purê escapando pelos lábios enquanto falava. A pergunta parecia inocente, mas havia medo em seus olhos escuros.

— Vou. — Tyler analisou o irmão com cuidado, antes de colocar a mão no ombro dele e apertar. — Depois do jantar, eu preciso levar a Rory em casa, mas volto logo. Prometo.

— Você vai ler *Harry Potter* pra mim?

Easton parecia ter menos de dez anos, tanto fisicamente quanto no jeito, e eu me perguntei como ele se saía na escola. Imaginei que as coisas não deviam ser fáceis para ele.

— Claro — Tyler respondeu com tranquilidade.

— Eu não preciso ir embora ainda — soltei, depois enfiar mais purê na boca, com vergonha do que eu tinha falado. Eu normalmente não me

convidava para os lugares. — Quer dizer, eu não quero atrapalhar a noite de vocês. Você pode me levar pra casa na hora que for melhor.

— Tudo bem — disse Tyler, e não consegui decifrar o que ele estava pensando.

— Você pode dormir aqui? — Jayden perguntou, se inclinando e lambendo o molho que tinha sobrado no prato, depois de cada pedacinho de comida ter desaparecido.

— Eu... — Meu rosto queimou. Se eu dissesse sim ou não, possivelmente ia parecer ruim para o Tyler. Eu ia parecer desesperada se dissesse sim, arrogante se dissesse não. Eu me senti acuada de uma forma muito esquisita. Além do mais, do jeito que as coisas estavam, eu não sabia se estava preparada para transar, e certamente não queria fazer isso com os irmãos dele no quarto ao lado. Muito menos no mesmo quarto, Deus me livre. Mas Tyler também não ia querer. Certo? Será que ele queria transar comigo? Ou só queria ser amigos-que-se-beijam?

O silêncio era ensurdecador.

Tyler disse ao Jayden:

— Só se a Rory quiser. E não fica esperando que ela faça o seu café da manhã. — Então ele olhou para mim, os olhos queimando de desejo e algo mais que não consegui decifrar. Mas não parecia um olhar de apenas-amigos. — Eu ia gostar muito. Mas seria egoísmo da minha parte. Você definitivamente precisa se sentir à vontade pra dizer não.

— Não, eu fico — respondi, me esforçando para soar casual. — Eu também ia gostar. — Na verdade, eu não tinha certeza se ia gostar ou não. Não era exatamente o meu ambiente, mas, ao mesmo tempo, eu não queria ir embora. Eu queria ter acesso a esse outro lado do Tyler, aquele que ninguém na faculdade tinha visto. Eu queria ver essa interação entre irmãos, uma ligação forte, mesmo em circunstâncias tão problemáticas.

— Legal. — Tyler arrastou a cadeira para trás de repente e levou o prato até a pia. A mão dele imediatamente foi até o bolso em busca de um cigarro.

Fiquei olhando para ele, percebendo que, se ele jogasse pôquer, o cigarro seria seu tique, pois entregava quando o Tyler estava nervoso ou desconfortável. Ele não estava mais à vontade do que eu com o fato de dormirmos juntos e, por algum motivo, isso fez com que eu me sentisse instantaneamente melhor.

— Que foi? — ele perguntou, quando percebeu que eu o encarava.

Balancei a cabeça.

— Nada. — Talvez as pessoas não fossem tão difíceis de decifrar, no fim das contas.

Dez minutos depois, quando Jayden e eu estávamos sentados no sofá juntos, com pratos de morangos e bolinhos no colo enquanto assistíamos a *Bob Esponja* na tevê, vi de canto de olho Tyler e Easton na cozinha. As cadeiras estavam próximas, e eles estavam com a cabeça abaixada sobre o livro da biblioteca que o Tyler tinha pegado no quarto. Conforme a voz dele se espalhava pelo ambiente, um murmúrio constante enquanto lia a história, seu braço deslizou pelas costas da cadeira do Easton, e a forma frágil do menino se inclinou quase imperceptivelmente em direção ao abraço forte do irmão.

Foi aí que eu percebi que seria muito fácil me apaixonar por Tyler Mann.

E que, se eu não quisesse que o meu coração fosse partido em um milhão de pedaços, eu precisava ser muito, muito cuidadosa para não fazer isso.

Nota:

* Em inglês, *you*, que tem o mesmo som da letra U no idioma. (N. da T.)

Mandei mensagem para a Kylie por volta das dez horas, sabendo que ela estaria preocupada comigo. Eu ainda estava no sofá, e Tyler no banheiro. Tive a sensação de que ele o estava limpando, porque sumiu com o desinfetante e estava lá dentro havia vinte minutos.

Vou ficar com o Tyler hj.

Onde?

Na casa dele.

Estamos no Nathan e vcs não tão aqui.
Fiquei preocupada. Tem certeza q vc tá
bem? Onde vcs estão?

Na casa dele. Da mãe dele.

O quê?!?! Sério?

É.

Uau. Ninguém vai aí. É muito nojenta?

Eu não queria admitir que era. Ou tinha sido. Pareceria desleal da minha parte.

Não. Tranquila.

Ok.

Imaginei que Nathan, Kylie e Jessica deviam estar discutindo onde eu estava e por quê. Minhas colegas de quarto provavelmente não entendiam por que Tyler e eu ainda estávamos saindo juntos, agora que supostamente já havíamos transado e eu tinha evitado o cara a semana toda, mas eu não queria esclarecer nada. Além do mais, eu também não sabia exatamente o que estávamos fazendo.

Tyler apareceu e se jogou ao meu lado no sofá. Jayden tinha se encolhido com uma coberta à minha direita, e Easton estava numa poltrona de veludo com um gato malhado com o pelo embolado. Tyler colocou a mão no meu joelho e me deu um sorriso.

— Você está bem?

— Estou.

— Eu tenho que trabalhar amanhã às nove — disse ele. — Espero que você não se importe. Eu devia ter pensado nisso antes. A gente vai ter que sair daqui umas oito e quinze pra eu poder te levar e chegar a tempo no trabalho.

— Tudo bem. Assim eu posso estudar antes de a Kylie e a Jess voltarem.

— Nerd — disse ele, me provocando.

— Essa sou eu. — Era um rótulo que eu nunca me incomodava de usar. Era verdade e pronto.

— Quer dormir cedo?

Minhas mãos ficaram úmidas, e comecei a suar.

— Pode ser. — O que devia soar casual saiu como um gemido. A expectativa estava me matando, e eu só queria acabar com aquilo. Queria acabar com a experiência esquisita da primeira vez para poder curtir.

Mas Tyler apertou minha coxa.

— Não precisa ficar apavorada. Não vou tentar nada. Ia parecer que eu te atraí pra cá com um falso pretexto ou algo assim.

Eu parecia apavorada? Meu Deus, que vergonha. Fiquei ao mesmo tempo aliviada e desapontada com as palavras dele.

— Além do mais, eu não tenho camisinha, e você ouviu a minha mãe: engravidar vai foder com a sua vida. Ela é a prova viva disso. — Ele parecia achar isso engraçado.

Já eu não achava tanta graça. Primeiro, porque eu achava horrível o que a mãe dele havia dito e não conseguia me imaginar brincando com isso, mas percebi que ele tinha duas opções: rir ou sentir raiva. E, em segundo lugar, porque ele tinha estado na livraria apenas duas semanas atrás querendo comprar camisinhas. Tenho certeza de que ele tinha comprado na farmácia, e eu sabia que eram vendidas em pacotes com três, no mínimo, chegando a vinte e quatro numa caixa. Supondo que ele estivesse com pouca grana, o que era provável, ele teria comprado o mais barato: o pacote com três. Mesmo assim, isso significava que ele já tinha usado todas. E não comigo. Três vezes. Pelo menos.

Com quem?

Eu não achava que fosse com a Jessica, porque ela já estava fazendo campanha para mim naquela época. Mas, quem quer que fosse, não fiquei feliz com a situação.

— Bem pensado — falei com tranquilidade.

Ele se levantou e disse:

— Desculpa não poder te oferecer uma escova de dentes nem nada, mas posso te dar um short pra dormir.

— Está ótimo. — Segui Tyler pelo corredor até o segundo quarto à direita, um cubículo de 2,5 m x 2,5 m com um colchão de solteiro no chão. Ele acendeu a luz, e vi que o colchão estava todo bagunçado, com um lençol que tinha se soltado, três travesseiros, uma coberta e roupas emboladas.

Depois de fechar bem a porta, ele tirou a camiseta e jogou na pilha de roupas, que depois jogou no chão. Pela primeira vez, tive uma visão de suas costas nuas e percebi que as tatuagens não se limitavam aos braços. Havia uma cruz enorme, com muitos detalhes e uma aparência meio heavy metal. Ia de uma omoplata à outra e descia pela coluna. Também ficou claro quanto ele malhava, porque a definição de músculos era de babar, e fiquei com mais ciúme ainda da desconhecida que tinha transado com ele quando eu não conseguia fazer isso. Parecia muito injusto.

— Se importa se eu tirar a calça? — ele perguntou, com a mão no zíper.

— Não. — Irritada, mais comigo que com ele, tirei as botas e as coloquei com cuidado no canto, perto da minha mochila. Arranquei o suéter e dobrei, ficando de camisetinha regata e calça jeans skinny. Deitei na cama, ajeitei o lençol e me recusei a olhar para ele quase nu.

— Alguma coisa errada? — ele perguntou.

Eu devia ter dito não. A maioria das pessoas teria feito isso. Mas ser silenciosamente petulante não era minha cara. Eu não tinha direito nenhum de ficar chateada por ele ter transado com outra pessoa, e eu sabia disso. Logicamente.

— Não. Mas, se eu dissesse que tenho camisinha, você ia querer transar comigo? — perguntei, ajeitando dois travesseiros atrás da cabeça e olhando para ele, percebendo que seria idiota da minha parte não olhar. Suas coxas e panturrilhas eram musculosas, com uma leve penugem escura. Havia outra tatuagem, um dragão vermelho-vivo descendo pela panturrilha esquerda. Quando ele se virou para mim, tentei não olhar para a cueca boxer preta.

Tentei e fracassei. O que eu podia dizer? Eu nunca tinha visto um pinto ao vivo (aquela situação horrível com Grant não contava) e estava curiosa. Mas só havia um volume visível por baixo do algodão.

— Você está dizendo que tem camisinha? — ele perguntou, com a voz tensa.

A cueca se mexeu e eu percebi que ele estava ficando de pinto duro. Ai, meu Deus. Eu encarei. Não consegui evitar.

— Não. Foi só uma hipótese.

Ele soltou um ruído abafado, do fundo da garganta.

— Então por que você me perguntou isso? E talvez da próxima vez você possa me avisar que é só uma hipótese.

Simplesmente dei de ombros. Sinceramente, eu não tinha certeza. Talvez eu estivesse tentando receber um elogio.

— Por que você não comprou no mercado?

— Porque eu não sabia que sexo estava no cardápio de hoje. — Ele pegou um short numa pilha e me deu, subindo no colchão. — Você está brava por eu não ter planejado isso melhor? Eu não sabia que você ia dormir aqui. Cacete, eu nunca imaginei que você fosse concordar em passar a noite aqui. Ontem mesmo você nem estava respondendo as minhas mensagens. — Seu corpo quente ocupou o espaço ao meu lado quando ele se deitou, me observando com a cabeça apoiada no braço.

— Não estou brava. — E não estava mesmo. Eu estava irracionalmente irritada, mas até essa sensação estava se dissipando. O que ele disse fazia todo sentido, eu sabia disso. Se ele tivesse comprado camisinha no mercado, eu teria achado presunçoso. Era difícil para um cara acertar todas.

— Você está brava. Está estampado no seu rosto.

— Não. — Balancei a cabeça. Por baixo da coberta, fiz força para tirar a calça jeans. Eu a joguei no chão, atrás da cabeça, e vesti o short.

— Eu queria que você brigasse comigo — disse Tyler, estendendo a mão e brincando com as pontas do meu cabelo. — Com isso eu saberia lidar. Mas não entendo o que está acontecendo.

— Eu não faço drama. Essa não sou eu — expliquei.

— Não foi isso que eu quis dizer... É só que eu não consigo saber o que você está pensando na maior parte do tempo. Você é tão quieta.

Eu queria explicar que algumas histórias eram barulhentas e outras eram silenciosas. A dele era repleta de discussões, bater de portas, heavy metal e escapamentos quebrados. A minha era de corredores silenciosos de hospital, a respiração suave de uma mãe à beira da morte, palavras de consolo sussurradas e uma casa dolorosamente vazia quando a voz mais perceptível, a que ria, encorajava e era cheia de alegria, havia sido silenciada.

Mas eu apenas disse:

— A frase não é “falo, logo existo”.

Nem tudo precisava ser dito. Incluindo meu ciúme injustificável do passado dele.

Ele riu, e seu hálito quente soprou no meu ombro.

— Tem razão. Se fosse assim, a Kylie seria uma filósofa, e nós dois sabemos que isso não é nem de longe verdade.

Isso provocou um sorriso no meu rosto.

— Não, provavelmente não.

Tyler continuou brincando com o meu cabelo, esticando totalmente uma mecha e deixando cair sobre suas mãos, numa cachoeira de ondas escuras. Eu nunca tinha dormido na mesma cama com outra pessoa, assim como nunca tinha ido ao mercado com ninguém, e isso me deu uma perspectiva intrigante sobre ele. Deitado, ele não parecia tão maior do que eu, tão mais poderoso. Pela primeira vez, a gente conseguiu olhar diretamente nos olhos um do outro sem ele se inclinar ou eu olhar para cima.

Estávamos perfeitamente alinhados.

— Acho que a gente devia ter apagado a luz antes de deitar — falei.

— E de que jeito eu ia ver como você é linda?

Era para ter soado como uma cantada. Era uma cantada. Mas ele parecia tão sincero que eu não pude evitar acreditar que, para ele, eu era linda. Eu me sentia assim sob seu olhar. Um cara não tocava uma mulher com a delicadeza dele se não gostasse do que estava vendo.

Seu pulso ficava visível quando ele levantava meu cabelo e o deixava cair várias e várias vezes, o movimento me relaxando, e a ele também. Meu corpo estava ficando quente debaixo da coberta por causa do calor que irradiava dele, e ele cheirava a cigarro e pasta de dente.

— Que tatuagem é essa? — perguntei, apontando seu pulso. Parecia o símbolo do infinito, mas sobre alguma outra coisa.

— Foi um erro. Eu fiz quando tinha quinze anos. Era pra ser o símbolo do Batman.

Apertei os lábios, querendo rir.

— Ah.

— É, eu sei. Totalmente idiota. Mas eu tinha quinze anos, o que eu posso dizer? E custou dez dólares, porque algum babaca estava aprendendo a tatuar. Ouvi dizer que ele agora trabalha numa loja de celulares.

— Não parece nem um pouco o símbolo do Batman.

— Graças a Deus. A falta de habilidade do cara acabou me beneficiando.
— Ele soltou meu cabelo e entrelaçou os dedos nos meus. — Imagino que você não tenha nenhuma tattoo.

— Não. Mas não porque eu não goste. Só não me apaixonei por nada o bastante para colocar no meu corpo pra sempre. Eu não sou uma pessoa muito ardente, digamos assim. — Meu pai costumava brincar que eu tinha sido adotada de uma família de vulcanos.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Não é muito ardente? Pelo que eu vi no carro, não acredito nisso.

É, essa me fez corar.

— É diferente.

— Vamos ver.

Tyler me beijou, e foi diferente nesse ângulo. Eu sentia o corpo todo dele grudado no meu, e, como agora tínhamos basicamente a mesma altura, nosso beijo foi mais profundo, mais invasivo, e ele soltou um gemido baixo. Nossos corpos encontraram um ritmo juntos, se movendo em harmonia, as mãos acariciando todos os lugares enquanto a língua dele entrava com urgência na minha boca. Era isso o que eu estava imaginando. O que eu estava esperando. Um beijo quente, molhado e desesperado, com pernas entrelaçadas, lábios inchados e arfadas de prazer no colchão de solteiro.

Tyler se soltou e me afastou.

— Eu preciso parar. Quero muito tirar a sua roupa, droga.

Eu estava respirando com dificuldade e, enquanto secava os lábios, quase disse a ele para esquecer o sexo seguro. Mas, assim que a ideia me passou pela cabeça, foi como um balde de água fria no meu desejo. Eu não ia fazer isso. Nunca. Não importava quanto meu corpo pensasse o contrário.

— Talvez eu seja ardente em algumas coisas — falei.

Ele riu.

— Seu ardor está quase me matando. Merda. — Ele se levantou e apontou um dedo para mim. — Vou apagar a luz e a gente vai dormir. Fica no seu lado da cama e tenta não ser tão gostosa, entendeu?

Fiz uma careta, usando os dedos para puxar o lábio superior até o nariz, num movimento que eu não fazia desde o segundo ano na escola.

Ele riu.

— Está funcionando, obrigado.

— De nada.

A luz se apagou. O colchão afundou no escuro quando ele voltou à cama, socando o travesseiro, o mais longe possível de mim numa cama estreita.

Tentei ficar perto da parede. Ele beijou minha nuca.

— Boa noite, linda.

— Boa noite.

Deitada no escuro, ouvi o som de sua respiração se acalmar e fiquei encantada quando pensei em onde estava e com quem.

Não fazia sentido. Não tinha lógica.

Mas não havia outro lugar no mundo onde eu quisesse estar.



Quando acordei, Tyler estava me observando. Ele me deu um sorriso suave.

— Oi.

— Oi. — Eu estava dolorida por ter ficado na mesma posição a noite toda, e instantaneamente me preocupei com o cabelo despenteado e o bafo matinal. Virei o pescoço e cobri a boca enquanto bocejava, depois levantei os braços para espreguiçar. Deixei a mão pousar em seu peito quente.

— Está dolorida? — ele perguntou, me dando um selinho. Ele parecia sonolento, com a barba ainda mais cerrada depois de oito horas de sono.

Pensei no processo dos pelos saindo para fora dos folículos enquanto dormimos e fiquei entretida com a imagem. Às vezes eu me perguntava se eu era a única que achava a ciência tão divertida.

— Vira, vou massagear seus ombros. Esse colchão é uma droga.

Ele estava falando sério? Ele ia massagear minhas costas? Isso definitivamente estava no topo da Lista de Coisas Quentes. Obedeci e virei, porque a ideia era totalmente atraente. Todos os músculos do meu pescoço e meus ombros estavam tensos. Visualizei um intrincado nó celta debaixo da minha pele. Quando as mãos dele pousaram em mim, suspirei com a expectativa agradável de uma massagem relaxante nos músculos.

Nós parecíamos ter um conceito diferente do que era relaxar. Tyler apertou meus ombros com uma força brutal, esfregando com tanta energia que meus dentes rangiam enquanto eu me mexia para frente e para trás na cama. Eu definitivamente estava acordada, agora, mas não relaxada.

— Obrigada — falei, querendo rir. Falha na generosidade. Mas era a intenção que importava.

Vinte minutos e uma passada no drive-thru do McDonald's depois, paramos na frente do meu dormitório. Tyler me deu um beijo demorado e cheio de desejo, que me fez esquecer completamente que eu não tinha escovado os dentes.

— Está ocupada hoje à noite?

— Não.

— Quer ver um filme ou algo assim? A gente pode ficar aqui no seu quarto.

— Legal. Me manda mensagem quando sair do trabalho. — Fui até a porta da frente, ainda sonolenta, precisando desesperadamente de uma aula de ioga, vestindo as mesmas roupas velhas que usava quando saí do abrigo no dia anterior, absurdamente feliz.

O sentimento continuou quando Tyler não viu problema em assistir a um programa de investigação criminal comigo e ouvir um médico-legista explicar como tinha usado as pistas deixadas no corpo da vítima para resolver o crime.

Estávamos aninhados na minha cama, ele com as costas apoiadas na parede, eu espalhada no colchão, com a cabeça e o tronco no colo dele. Seus dedos acariciavam meus braços de um jeito preguiçoso.

— Então é isso que você quer fazer? — ele perguntou. — Vasculhar pessoas mortas?

— É. — Eu sabia que a maioria das pessoas achava bizarro meu interesse em medicina forense e que eu devia ter uma falha no gene da compaixão para

ser capaz de fatiar pessoas. Mas a verdade era o oposto: eu queria dar respostas sobre os mortos para os vivos. Se eu tinha estômago de ferro e uma mente lógica com excelentes habilidades de memorização, que jeito melhor de pôr isso em prática do que realizar autópsias e dar paz de espírito às famílias? Ou pelo menos um fechamento para a história.

Talvez tivesse sido mais estratégico manter meus planos para o futuro mais escondidos ou, no mínimo, não expor para o Tyler a realidade da profissão num programa de tevê filmado num necrotério, mas isso parecia desonesto. Essa era eu.

— Você é fodona, Rory. Parece tão doce e ingênua, mas, caramba, esse rostinho bonito esconde uma mente fantástica.

O elogio me fez sentir meio eufórica, e sorri para ele.

— Obrigada. E o corpo humano é fascinante, o que eu posso dizer?

Suas sobrancelhas subiram e desceram.

— Não posso argumentar com isso.

Eu ri, curtindo a sensação gostosa de deitar sobre ele, com o rosto perto de sua barriga, seus braços ao meu redor. Percebi que muito raramente eu tocava alguém. Kylie adorava abraçar e me abraçava de vez em quando. Eu retribuía e gostava desse sinal de amizade. Meu pai às vezes me dava um tapinha na cabeça ou me fazia seguir em frente colocando a mão nas minhas costas. Eu tinha beijado um ou dois caras. Mas só isso. Desde que minha mãe morreu, eu não era tocada. E não tinha percebido como isso me fazia falta.

Mas agora parecia que as terminações nervosas da minha pele estavam despertando depois de um período de repouso. Com mais de um milhão de receptores sensoriais distribuídos pela pele, cada um deles parecia ter sido acariciado pelo Tyler até despertar. Meus corpúsculos de Meissner estavam registrando cada toque e reagindo com calafrios, arrepios e um aumento de serotonina.

A sensação era assustadoramente boa, e eu não queria mais voltar para um mundo onde eu existia atrás de uma parede de vidro metafórica, observando todo mundo interagir. Não importava o que acontecesse, se Tyler mudasse de ideia e amanhã não quisesse mais ficar comigo, eu teria esse conhecimento na hora de seguir em frente. Eu seria diferente. Não que eu quisesse pensar no futuro, no fim ou em nada assim. Eu só queria curtir o momento.

— Caralho, aquilo ali é o intestino do cara na mesa. — Tyler inclinou a cabeça ligeiramente, fazendo uma careta enquanto interrompia o ato de levantar a garrafa de água.

— Estava atrapalhando — expliquei. — Existem muitos órgãos comprimidos nas cavidades peitoral e abdominal.

— Essa é a coisa mais sexy que você já falou — ele provocou.

— Sério? Então acho que preciso melhorar.

— Eu adoraria ouvir isso. Fala coisas indecentes pra mim, Rory.

Abri a boca, disposta a aceitar o desafio. Mas não saiu nada. Minha mente ficou totalmente vazia. Nós dois rimos.

— Era o que eu imaginava — disse ele. — Acho que vou ter que ser indecente por nós dois.

— Tudo bem. — Eu o encarei, me perguntando se seria hoje. Se ele tinha trazido camisinha. Se ele ia arrancar minha blusa e me fazer sentir de novo aquilo que eu senti no carro.

Ele pareceu saber exatamente a direção dos meus pensamentos.

— A Kylie disse que ia voltar em dez minutos, lembra?

Droga.

— É.

— Não me olha desse jeito — alertou ele.

— De que jeito? — perguntei.

Ele deu um riso de deboche.

— Essa carinha de inocente não está funcionando. Você sabe exatamente o que está fazendo.

Eu sabia. Eu me senti sexy e poderosa quando ele abaixou a cabeça, com a clara intenção de me beijar.

A porta se abriu de repente.

— Voltei — anunciou a Kylie. — O que vocês estão fazendo? Que nojo, tem um cara morto na tevê? O que ele vai fazer com essa serra? Que doente.

Tyler revirou os olhos.

— Não sei como ela não desmaia — disse ele. — Não é possível que ela tenha tempo para inspirar entre as palavras.

Dei um tapinha na perna dele em repreensão e me sentei, contente demais para ficar desapontada com a interrupção.

— É — falei para a Kylie. — É uma serra. Ele tem que atravessar as costelas pra chegar até o coração. É um processo muito longo e exige quebrar ossos.

Que irônico, não? Que o coração físico fosse tão difícil de alcançar, e meu coração emocional tivesse sido encontrado pelo Tyler com tão pouco esforço.

— Noite das meninas! — gritou Kylie com os braços levantados enquanto descia até o chão na pista de dança ouvindo ordens de Flo Rida.

Eu não ia tentar esse passo, pois sabia que ia acabar caindo de bunda. E não de um jeito agradável. Eu simplesmente quicava de um lado para o outro, fingindo que sabia dançar. A verdade era que eu tinha um senso respeitável de ritmo, mas meus braços nunca pareciam se coordenar com as pernas. Eu parecia uma garça procurando um peixe quando tentava dançar com passos coreografados.

Felizmente, era uma noite típica de sábado na boate perto do campus, e todo mundo estava bêbado demais para perceber o que eu estava ou não fazendo. Eu gostava de dançar, mas não quando tinha alguém filmando com o celular. Kylie, Jess, Robin e eu saímos para curtir a noite e, de acordo com as instruções rígidas da Kylie, meninos não tinham permissão para participar. Depois de uma semana vendo Tyler todos os dias, eu aceitei bem a situação. De qualquer maneira, ele estava trabalhando, e eu não queria ser uma dessas garotas que começam a sair com um cara e ignoram completamente as amigas. Depois, quando ele vira um babaca, elas te ligam e choram durante duas horas. E, quando voltam com o cara, imediatamente te põem para escanteio de novo.

Eu não seria uma dessas garotas.

Assim, saí com minhas amigas porque: 1) eu gostava da companhia delas e 2) se eu acabasse chorando com um pacote de Doritos na mão, o que era uma possibilidade muito real, eu queria solidariedade verdadeira.

Embora eu preferisse ir fazer compras no shopping ou ir ao cinema, ali estávamos nós na Republik, dividindo um jarro de cerveja e espantando caras de fraternidade bêbados que vinham na nossa direção como um cardume de peixes, se espalhando ao nosso redor e escolhendo um alvo, que normalmente era Kylie. Na verdade, não tinha muito isso de espantar. Normalmente, as regras da noite das meninas eram rígidas — não podia haver nada além de um ou dois minutos de paquera casual com um cara. Nada de desaparecer. Nada de ficar se agarrando. Nenhuma delas jamais se aplicou a mim, mas a questão era que devíamos ficar juntas e deixar os homens malucos de desejo com nossa rejeição e nosso poder feminino.

Esse lema pareceu ter desaparecido no mesmo instante em que a sobriedade da Kylie e da Robin. As duas dançavam com pelo menos dois caras o tempo todo, e Robin já tinha beijado um cara e deixado outro tomar uma bebida em seus peitos. E nem eram onze horas da noite ainda.

Eu estava de boa com tudo isso. Eu sabia que Kylie estava tentando resolver o que estava fazendo com Nathan, e todas nós precisávamos relaxar antes das provas finais, dali a duas semanas. Mas não curti o fato de Jessica e Kylie ficarem empurrando caras aleatórios na minha direção, me apontando com a cabeça e fazendo movimentos com a língua.

Sozinha, eu não chamava muita atenção, o que era ótimo para mim, mas minhas colegas de quarto pareciam determinadas a me empurrar para os amigos desavisados dos caras gostosos, um atrás do outro. Eu tinha até pena deles, porque estavam prestes a se decepcionar quando percebessem que estavam dançando com a única garota do grupo que não estava de minissaia nem tinha um sorriso bêbado acolhedor. De calça jeans, suéter grosso listrado e

sapatilhas, além de uma fita no cabelo, eu não era exatamente a personificação do sexo.

— Qual é o seu nome? — gritou um no meu ouvido, ajeitando o boné de beisebol e parecendo determinado a aproveitar ao máximo o fato de ter perdido no palitinho.

— Rory — gritei na direção dele.

— Tori?

Claro, por que não? Fiz que sim com a cabeça.

— Sou o Mike. — Ele estendeu a mão.

Isso foi meio engraçado, considerando que estávamos embotados numa pista de dança com luzes vermelhas piscando sobre nós num ritmo aleatório, feito para provocar um ataque de epilepsia. Mas apertei a mão dele e balancei rapidamente antes de soltar. Ele estava usando um moletom da John Deere e tênis enormes de academia que pisaram no meu pé quando ele se movimentou, tão desajeitado quanto eu.

— Merda. Desculpa.

Kylie veio por trás de mim e me deu um abraço de urso por sobre os ombros, gritando no meu ouvido:

— Ele é bonitinho! Vai fundo!

Eu me senti como se estivesse usando uma capa loira e a ignorei, começando a me irritar. Não era raro minhas amigas sugerirem que eu paquerasse um cara. O que era surpreendente era que elas fizessem isso agora, quando sabiam que eu estava passando muito tempo com o Tyler, a quem elas tinham *pagado* para tirar minha virgindade. E ele não tinha feito isso. Ainda não. Apesar de encontrarmos muita oportunidade para dar uns amassos, sempre havia um motivo para não ir mais longe: tempo, privacidade, falta de camisinha.

Assim, ele não havia cumprido a parte dele, mas elas não sabiam. Elas achavam que eu tinha transado com ele, que estava transando com ele. Não era isso que elas queriam? Então, por que agora estavam determinadas a me empurrar para outro cara qualquer?

— Quer uma bebida? — Mike perguntou quando Kylie me largou e pegou a mão do amigo dele, fazendo com que ele a girasse.

Balancei a cabeça.

— Não, obrigada. Na verdade, eu estou saindo com um cara e...

Jessica me interrompeu.

— É só uma bebida! E você está transando com o Tyler, não namorando. Tem uma diferença enorme.

Tudo bem, isso me irritou. Foi um golpe brutal na pista de dança. Com a respiração entrecortada de ansiedade, eu disse ao Mike:

— Desculpa, eu preciso ir.

Ele pareceu ao mesmo tempo surpreso e intrigado. Acho que ele não tinha me visto como uma garota que transava só por transar, e, embora eu pudesse ter descido na opinião moral dele, tinha subido na lista de seu interesse. Se tivesse oportunidade, acho que ele teria dobrado os esforços para falar comigo, agora que havia provas de que eu era fácil.

— Tudo bem. Vou ficar por aqui.

Eu não. Sem nem olhar para Jessica, saí da pista de dança, fui direto para a frente do bar e peguei meu casaco na chapelaria. Eu precisava de ar puro. Precisava não perder a cabeça completamente. Sabendo que Tyler normalmente ficava entediado no trabalho e ia me responder, peguei o celular na bolsa e digitei uma mensagem.

Pode me pegar na Republik qdo sair do trabalho?

Ele saía à meia-noite, e eu não via a hora de ir embora.
A resposta veio em seguida.

Claro. O q aconteceu com a noite das meninas?

Um desastre. Obg. Te vejo + tarde.

Jessica saiu de repente da boate atrás de mim.

— Rory! Rory, o que foi? O que aconteceu?

Virei e gritei com ela.

— O que aconteceu? O que aconteceu é que você acha perfeitamente normal falar pra um cara em quem eu não estava nem um pouco interessada que eu tenho um PA! E, para sua informação, eu não tenho. Eu ainda sou virgem!

Kylie saiu a tempo de ouvir essa declaração.

— O quê? Você disse que tinha transado com o Tyler!

— Eu não disse isso. Vocês concluíram. Sim, a gente ficou, mas não teve penetração. — O porteiro me lançou um olhar estranho. Baixei a voz, estremeendo de frio, mas furiosa demais para voltar para a boate lotada e fingir que nada estava errado. — Isso é mais do que sexo. A gente está se conhecendo.

Elas trocaram um olhar nervoso, e eu sabia o que estavam pensando. Que a proposta não era essa, e que raios Tyler estava fazendo, afinal?

— Desculpa. Eu não queria te envergonhar — disse Jessica. — E talvez a gente não tenha sido muito sutil lá dentro, mas o problema é que estamos

meio preocupadas com você. Não queremos que você se envolva demais com o Tyler.

— Por quê, vocês acham que ele está me usando? Pra quê?

Kylie balançou a cabeça.

— Ele só não é... um cara pra namorar. E você é uma mulher pra namorar.

— Como é que você sabe? Eu nunca namorei! Então quem pode dizer quem é pra namorar e quem não é? Ou na verdade vocês acham que o Tyler nunca ia querer namorar *comigo*?

Aquilo doía, porque esse também era o meu medo, que espreitava de tempos em tempos e destruía brevemente minha felicidade. Tyler não estava chamando o que a gente tinha de namoro, mas era *alguma coisa*. Uma amizade com atração, no mínimo. Eu precisava acreditar nisso. E acreditava. Mas elas minavam minha confiança com suas palavras.

— Não é isso. A gente só quer que você tenha cuidado — disse Jessica. — Ele é muito experiente.

Infelizmente, eu me lembrava muito bem de que parte dessa experiência era com ela. Será que ela estava com ciúme? Era diferente, agora que não era apenas uma trepada que elas tinham sob controle? Meu Deus, eu esperava que não.

— Vocês me jogaram pra cima do Tyler — lembrei a elas.

— A gente não achou...

— Que ele ficaria interessado em mim por mais de cinco minutos — completei, sem rodeios.

Meu lábio começou a tremer e lágrimas se acumularam em meus olhos. Não consegui evitar.

— Ah! — Horrorizada, Kylie percebeu que eu estava lutando contra a vontade de chorar. — Não! Não foi isso que a gente quis dizer... Ai, merda, isso é péssimo! — E ela caiu num choro bêbado.

Isso me fez começar a chorar também.

O que, por sua vez, fez Jessica se esforçar para não chorar. Ela fungou enquanto eu e Kylie soluçávamos, minha visão ficando borrada com as lágrimas. E eu nem estava bêbada. Apenas me sentia emocionalmente sobrecarregada.

— Desculpa, Rory, não era assim que eu achava que as coisas iam acontecer — lamentou Jessica. — Achei que você ia ser... você sabe... tipo, *iniciada* pelo Tyler, depois ia se sentir mais confiante e ia encontrar um cara legal.

— O Tyler é um cara legal. — Respirei fundo algumas vezes e tentei me controlar.

Kylie secou os olhos, o rímel escorrendo pelo rosto.

— É? — Jessica parecia em dúvida com essa declaração. — Eu imaginava você com um nerd. Tipo um cara que vai ser o próximo Bill Gates.

Consegui interromper o fluxo de lágrimas e me abracei para parar de tremer.

— Fico feliz por vocês se importarem tanto, mas, sinceramente, eu quero sair com o Tyler. Está tudo bem, tá bom? Eu não sou burra. E estou me divertindo.

— A gente só não quer que você sofra.

— Eu sei. Mas talvez vocês possam me deixar fazer minhas próprias escolhas e, se eu fizer besteira, vocês podem me comprar sorvete e me dar conselhos, tá? Eu prefiro escolher os caras. Chega de vocês me arrumarem alguém. — Especialmente se envolvesse dinheiro trocando de mãos.

— Bom, não posso argumentar com isso — disse Jessica. — Tenho que admitir que eu não ia gostar se vocês tentassem me arrumar alguém.

Kylie fez sinal de positivo com a cabeça.

— Eu te amo tanto. Você é minha melhor amiga, e eu só quero te ver feliz.

Isso fez meus olhos se encherem de lágrimas de novo. O que a fez começar a chorar outra vez.

Jessica secou os olhos.

— Ai, meu Deus, parem. Vocês duas estão me matando. E acho que eu preciso de um abraço em grupo.

Eu também precisava. Não fiz nenhuma objeção quando elas me envolveram num abraço, e todas nós fungamos no frio, meus dentes batendo, os braços nus da Kylie cobertos de pelos arrepiados.

— Que raios está acontecendo aqui? — perguntou Robin.

Nós nos separamos e a vimos parada na entrada da boate, toda desgrenhada. O segurança tinha se afastado um pouco da gente e estava com as mãos nos bolsos, fingindo que não tinha escutado o nosso drama.

— Eu tive um momento de crise — respondi.

— Achei que vocês tinham ido embora e me largado aqui. Fiquei apavorada. Estou bêbada demais pra ficar sozinha.

— A gente nunca te largaria aqui — garantiu a Kylie.

Eu me senti um pouco culpada, porque minha intenção era ir embora. Mas eu sabia que Kylie e Jess não deixariam Robin, e eu não ia me sentir culpada por ter brigado com elas. Afinal, elas estavam tentando jogar caras para cima de mim. Peguei o celular para avisar ao Tyler que a crise estava controlada e ele não precisava me buscar.

Só que não tinha nenhum celular na minha bolsa.

— Cadê o meu celular? — perguntei, vasculhando a bolsa, nervosa. — Não consigo encontrar!

— Você não deixou lá dentro? — perguntou Jessica, procurando em sua minúscula bolsa de mão.

— Não.

Kylie e Robin estavam fazendo a mesma coisa que Jessica, procurando o celular delas. Foi uma reação paranoica em cadeia, mas, enquanto todas elas pareceram aliviadas um segundo depois, meu aparelho ainda estava desaparecido. Olhei ao redor na calçada, mas não vi nada.

— Merda!

— Tem certeza que trouxe pra cá?

— Tenho. Acabei de usar! — Onde ele poderia ter ido parar nos dez minutos desde que eu tinha trocado mensagens com Tyler? Ficamos na calçada o tempo todo.

— Ai, droga, está aqui — disse Kylie, se abaixando e pegando o celular de uma enorme poça de água suja. Ela segurou o telefone cuidadosamente longe do corpo, de tanto que ele pingava.

— Ai, que ótimo. — Peguei o celular da mão dela, sequei na calça jeans e toquei na tela. Nada aconteceu. Tirei a bateria e tentei secar antes de recolocá-la. A tela ainda estava preta. — Ai, meu Deus, que irritante.

— Isso é um saco — disse Jessica. — Mas podemos voltar lá pra dentro? Não estou sentindo meus dedos nem meus mamilos.

— Tá bom. — Eu também estava congelando, mas agora não podia mandar mensagem para o Tyler avisando para ele não vir. — Jess, me empresta o seu celular? Preciso mandar uma mensagem pro Tyler.

— Não! É noite das meninas! — Ela abriu a porta com força, e um sopro de ar quente e música alta nos atingiu.

— Tá, mas eu preciso avisar para ele... — Diminuí a voz enquanto ela girava na minha frente e ia direto para a pista de dança.

Droga.

— Kylie, me empresta o seu...

Ela também tinha sumido, rindo quando um cara a arrastou para fazer uma dança sensual.

— Robin, me empresta o seu celular? — perguntei.

— Claro.

Graças a Deus.

Ela me passou o aparelho e eu procurei nos contatos. Nada de Tyler Mann.

— Você não tem o número do Tyler? — perguntei, procurando de novo, para o caso de ter deixado passar.

— Não. A gente não é amigo.

Isso não ajudou em nada, porque eu não sabia o número dele de cor. Eu contava com meu celular, agora morto, para fazer contato com ele.

Eu estava tentando chegar até Kylie quando Mike, o cara do moletom da John Deere, apareceu na minha frente, bloqueando o caminho até a pista de dança que eu estava tentando atravessar. Ele me deu um sorriso libidinoso.

— E aí, gostosa?

Eca.

— Dá licença, estou tentando falar com a minha amiga.

— Me beija e eu te deixo passar.

Sério? Tudo bem, eu sabia que ele provavelmente poderia dizer isso para inúmeras garotas e elas teriam dado uma risadinha e o beijado. Mas eu achava que ele poderia perceber, pelo meu olhar, que eu não era uma dessas garotas.

— Acho que não. Vou pelo outro lado. — Não que ele tivesse algum direito de bloquear meu caminho, mas eu não queria ficar ali discutindo com ele. Virei e comecei a contornar a pista de dança, imaginando que conseguiria abrir caminho pela lateral para chegar até a Kylie.

Ele agarrou meu cotovelo.

— Vai, Tori, vamos nos divertir. Você é uma garota que gosta de se divertir, não é?

Pelo seu tom, percebi que ele estava pensando no que Jessica tinha dito. Também notei que o Tyler tinha entrado na boate e estava examinando o

ambiente, provavelmente se perguntando por que eu não estava atendendo o celular. Eu me soltei do Mike com uma sacudida e fui até Robin, que estava perto dele, planejando dizer a ela que eu ia embora.

Tyler me viu e fez um sinal com a cabeça bem quando Mike agarrou minha mão de novo e se inclinou para beijar meu pescoço.

Ai, merda.

Como os caras nunca davam em cima de mim, eu não sabia muito bem como escapar, já que puxar o braço para longe claramente não estava funcionando. Mas saber que o Tyler estava me observando me deixou mais determinada do que nunca a me livrar do cara, porque eu não queria dar a impressão de que estava gostando da atenção. Eu queria ter a capacidade da Jessica de fazer os caras pararem só com um olhar cruel. Em vez disso, virei e estendi a mão para impedi-lo de se aproximar.

— Para! — exigi, irritada com o cara, irritada com a noite toda. Eu queria fugir daquele barulho e daquela confusão.

De repente, Mike sumiu, empurrado um metro para trás pelo Tyler, que estava com uma expressão agressiva no rosto.

Eu sorri para ele, colocando as mãos em seu peito.

— Obrigada por ter vindo — falei. — Deixei o celular cair numa poça e ele apagou.

— Fiquei preocupado quando você não atendeu. — Ele pareceu aliviado ao beijar minha testa, mas depois sua expressão se fechou quando Mike deu um tapinha no ombro dele. — Que foi? — ele perguntou numa voz falsamente calma.

— A Tori estava comigo. Vai encontrar outra garota pra dar em cima.

— Esse nem é o nome dela, seu idiota de merda. Agora sai daqui, senão a gente vai ter problemas. — Tyler estava segurando a raiva por um fio. Eu via isso no maxilar travado e nos punhos fechados.

Deslizei a mão para dentro da dele, de repente nervosa e querendo que Mike visse que eu estava com alguém forte e capaz de me proteger. O ambiente parecia inseguro, cheio de tensão. Percebi que aquele não era o tipo de boate onde Tyler normalmente estaria, e Mike e seu amigo que tinha aparecido atrás pareciam perceber isso também. O olhar confiante de desprezo no rosto deles mostrava que eles acreditavam estar em vantagem.

— Por que eu deveria sair? — Mike perguntou, lançando um claro desafio.

— Porque ela está comigo e eu perdi a paciência com você, seu imbecil. — Tyler me puxou para trás dele e soltou minha mão. — Agora sai da minha frente, porra, ou eu mesmo te tiro daí.

Mais uma vez, sua voz soava muito calma, como se ele não estivesse nem um pouco preocupado de sair perdendo daquela situação. Nem por um minuto duvidei que o Tyler já tinha enfrentado situações assim antes. Eu sabia que ele tinha um autocontrole impressionante. Ele não era esquentado. Tyler não era o cara que começava uma briga, mas era o cara que a terminava. Estremeci, me sentindo desconfortável com a situação e preocupada que ela não acabasse bem. Eu não queria ter que tirar o Tyler da cadeia por agressão.

Antes que Mike pudesse responder, um cara atrás tropeçou bem em cima dele, fazendo-o derramar a cerveja. Sem hesitar, Mike virou e empurrou o cara com força, derrubando-o no chão, o que, por sua vez, fez o amigo do cara empurrar o Mike para cima do próprio amigo.

Tyler balançou a cabeça e me lançou um olhar nervoso.

— Vem, vamos sair daqui de uma vez. Onde estão as meninas? Vamos pegar todas elas antes que os socos comecem a voar.

Tarde demais. Mike se balançou com força, e o outro cara o atingiu no maxilar. O cara que estava no chão se levantou com violência e atingiu o amigo do Mike no estômago. Eles caíram para trás e em cima da multidão, como bolas de boliche. Pessoas e cervejas se espalhavam em todas as direções.

— Merda — disse Tyler. Ele me puxou rapidamente pela multidão e me deixou perto da chapelaria. — Fica aqui. Vou buscar a Jess e a Kylie.

— A Robin também está com a gente — avisei, vasculhando, nervosa, a pista de dança em busca das minhas amigas. Tudo que eu via era um monte de gente sendo empurrada sob as luzes que não paravam de piscar. Os seguranças passaram empurrando enquanto eu pegava meu casaco na chapelaria, observando Tyler ser engolido pela briga, com socos sendo disparados em várias direções. A polícia seria chamada se os seguranças não conseguissem controlar a situação nos próximos dois minutos.

O nível de barulho tinha aumentado quando as garotas começaram a gritar e as pessoas a cair nas mesas e no chão. O DJ fez a música parar com um chiado e acendeu as luzes do teto, me cegando por um instante. Jessica saiu de repente da multidão, depois Robin, Tyler protegendo-as dos golpes com o antebraço e a outra mão abrindo caminho naquele alvoroço. Elas pareciam aliviadas de sair da confusão, e Jessica agarrou minha mão e me puxou para a porta da boate.

— Vamos esperar lá fora.

— Cadê a Kylie?

— O Tyler vai buscar.

Ele já estava voltando para dentro da boate com um olhar determinado, e deixei Jessica me puxar para o frio lá fora, minha jaqueta escorregando e quase caindo no chão.

— Que merda aconteceu lá dentro? — perguntou a Jessica. — Aqueles idiotas!

Balancei a cabeça.

— Um cara caiu em cima do outro e derramou a cerveja dele. — Mordi o lábio e observei a porta enquanto as pessoas saíam num fluxo intenso, querendo escapar da briga. Ouvi o som claro de sirenes vindo pela rua. Preocupada com Kylie e Tyler, fiquei quicando na ponta dos pés.

Robin estava batendo os dentes, o cabelo atingindo seu rosto no vento forte do fim de outono. Ela estava de minissaia e um top de um ombro só. Eu estava estendendo meu casaco para ela quando Tyler apareceu na calçada, arrastando a Kylie.

— O carro está pra lá — disse ele, apontando para a direita. — Vamos antes que a polícia chegue.

Kylie estava tropeçando, com o vestido levantado até as coxas e a boca sangrando.

— Ai, meu Deus! — exclamei, tentando alcançá-la para ver o que tinha acontecido.

— Pro carro — disse Tyler, me fazendo seguir em frente.

Jessica me puxou e andamos rápido, Robin usando meu casaco como capa. O carro estava a apenas um quarteirão, e entramos apressadamente, uma após a outra. Kylie se sentou no banco da frente e virou para trás, limpando o lábio ensanguentado.

— Eu levei um soco. De um cara.

— Sério? — perguntei, horrorizada.

— Ela aguentou firme — disse Tyler, saindo da vaga de estacionamento. — Nem caiu.

— Por que ele te bateu? — perguntou a Jessica.

— Foi um acidente. Ele mirou no babaca ao meu lado.

— Ele pediu desculpas? — perguntei, imaginando o que eu faria se levasse um soco. Choraria. Sem dúvida.

Kylie sorriu, com o lábio já inchando.

— Não se preocupa, o Tyler fez ele se arrepender. Valeu, Ty — disse ela.

— Tudo bem. Agora, onde está o carro da Robin?

— A gente veio a pé — respondeu Jessica.

Ele suspirou.

— Vocês não deviam andar sozinhas à noite.

— Obrigada, papai.

Ele nos olhou pelo espelho retrovisor.

— Rory, cadê seu casaco?

— Com a Robin.

— E o casaco da Robin?

— Eu vim sem. Só a Rory estava de casaco.

— Quer dizer que a única que trouxe um casaco foi a que estava de manga comprida? — Tyler balançou a cabeça. — Pelo menos a Rory tem juízo.

Isso é o que toda garota quer ouvir: que um cara gostoso acha que ela tem juízo. Eu sabia que devia curtir o elogio bem-intencionado, mas tive vontade de revirar os olhos e me senti bem menos sexy de repente. Eu não aguentava um soco tão firme.

— Menos quando o assunto é você — disse Jessica com um sorrisinho, me dando um cutucão com o cotovelo.

Ha, ha. Não achei a menor graça.

— Aquele idiota ficou te perturbando a noite toda? — perguntou Tyler, me olhando pelo espelho retrovisor, sem dar nenhum sinal de que tinha ouvido a Jessica. — Foi por isso que você quis que eu fosse te buscar?

— Não.

— A gente brigou — disse Kylie. — Ficamos chorando na calçada na frente da boate. Foi demais. A melhor noite das meninas de todos os tempos. A gente riu, chorou, bebeu, dançou. Levou um soco na cara. — Ela deu um suspiro feliz.

Eu estava sentada no banco de trás e olhei pela janela. Talvez agora Jessica e Kylie confiassem em mim quando eu dissesse que Tyler era um cara legal. Ele era. Ele tinha se arriscado a ser preso para nos tirar da boate, e eu sinceramente

não sei o que teria acontecido se ele não estivesse lá. Então, por que eu me sentia esquisita?

— Não sou muito fã da noite das meninas, pra ser sincero — disse ele, acendendo um cigarro.

Kylie riu alto.

Quando Tyler parou no balão em frente ao nosso dormitório, colocou o carro em ponto morto, mas não desligou o motor. Depois saiu do carro enquanto eu fazia o mesmo lentamente, me sentindo desajeitada e sem saber como agir. Talvez eu não devesse ter mandado mensagem para ele. Talvez isso tivesse sido pretensioso. Talvez ele estivesse verdadeiramente chateado comigo por tê-lo arrastado para nossa noite do ridículo.

Enquanto as meninas acenavam e cambaleavam em direção à entrada, Tyler se aproximou de mim e colocou os braços na minha cintura.

— Bom, isso foi interessante.

— Desculpa — falei com sinceridade. — Eu não devia ter te mandado mensagem.

Ele franziu a testa.

— Como assim?

— Eu exagerei na reação e estraguei a sua noite. Você podia ter sido preso por minha causa. — Lágrimas encheram meus olhos, e meus lábios começaram a tremer. Fechei a boca com firmeza.

— Você não estragou a minha noite. Fico feliz por estar lá e resgatar vocês daquele inferno de caras de fraternidade. Mas, se eu nunca mais ouvir uma música do Usher na vida, vou ficar feliz. — Ele se inclinou e me beijou. — Por que vocês brigaram, afinal?

Por sua causa. Mas apenas balancei a cabeça.

— Coisas idiotas de meninas. Acho que exageramos na bebida.

Ele bufou.

— É, não brinca. Mas você parece sóbria.

Sóbria demais para estar chorona daquele jeito.

— É, estou bem.

Exceto pelo fato de que eu queria que ele me convidasse para ir para casa com ele. Queria grudar meu corpo no dele e que ele me envolvesse com seus braços musculosos, minha perna fria encostada na perna quente dele, seu cabelo macio fazendo cócegas na minha pele.

— Você devia subir e colocar gelo na boca da Kylie. Ela está bêbada demais pra fazer isso, e amanhã ela vai parecer uma daquelas mulheres de *Real Housewives*, de tão inchada.

— Verdade. — Desapontada, dei um passo para trás.

Tyler me deu um beijo rápido.

— Amanhã a gente precisa comprar um celular novo pra você. Não gosto da ideia de a gente não poder se falar.

Isso deveria ter feito eu me sentir bem, sentir que eu era importante para ele. Mas, por algum motivo, eu me senti como se ele estivesse me colocando na mesma categoria dos irmãos: alguém de quem ele precisava cuidar. Não alguém que ele achava gostosa.

— Provavelmente vai voltar a funcionar quando secar.

— Se não funcionar, me manda mensagem pelo celular da Jessica.

O celular da minha colega de quarto gostosa. Sentindo uma crise de autoestima se aproximando, dei um sorriso para ele.

— Tá bom. Obrigada mais uma vez. A gente se fala amanhã.

E saí em direção à porta, querendo que ele me impedisse. Desejando que ele me agarrasse e me beijasse com paixão, ou insistisse para passarmos a noite juntos, ou dissesse alguma coisa absurdamente romântica com que as mulheres sempre sonham e nenhum cara diz.

Evidentemente, ele não fez nada disso.

Subi até o quarto e peguei gelo no frigobar para pôr no lábio da Kylie, tentando não estragar o único relacionamento da minha vida sendo carente.

Foi bom meu celular ter morrido, senão eu certamente teria.

Kylie e Nathan estavam aninhados no quarto dele, e Tyler tinha saído para comprar cerveja quando Grant apareceu. Fui atender à porta achando que fosse o Tyler. Alguém devia ter travado a maçaneta sem querer, porque a porta do apartamento quase nunca era trancada. Mas, quando abri, Grant estava ali, desengonçado, o cabelo despenteado caindo nos olhos e as mãos enfiadas nos bolsos da frente.

Meu sorriso desapareceu, e um nó de tensão se formou em meu estômago.

— Ah. Oi.

— Oi. — Ele se moveu para entrar no apartamento e, por um segundo, esqueci de sair do caminho, surpresa por ver o cara ali, parado de um jeito tão casual, com um sorriso tímido no rosto.

Quando bloqueei o caminho dele, suas sobrancelhas se ergueram enquanto ele virava de lado, com o corpo mais perto do meu do que eu gostaria.

— Posso entrar?

Isso me tirou da paralisia. Antes eu não tinha me mexido, mas agora me mexi rápido demais e tropecei nos meus pés enquanto saía da frente dele.

— Claro.

Não era o meu apartamento. Eu não tinha o direito de dizer que ele não podia entrar, e achei que o Nathan tinha convidado o Grant para ver o jogo de

futebol americano com todo mundo. Mas eu não podia perguntar ao Nathan, porque ele e Kylie estavam em algum tipo de reencontro sexual no quarto. O lábio machucado dela fez com que ele ligasse e implorasse para vê-la, e ela me obrigou a ir junto como apoio moral.

Não que eu me importasse, porque eu sabia que Tyler estaria lá.

Mas não Grant. Por essa eu não esperava. Ignorando-o, fechei a porta e voltei para a minúscula cozinha, onde eu estava cortando queijo e esquentando rolinhos de pizza para a hora do jogo.

Infelizmente, ele me seguiu até lá.

— Cadê todo mundo?

— O Tyler está no mercado. A Kylie e o Nathan estão no quarto dele.

Ele fez uma careta.

— A Jessica não veio?

— Não. — Aí eu me lembrei do que ele disse naquela noite sobre passar o beijo para Jessica. Tratei de me concentrar no que estava fazendo, espaçando cuidadosamente os rolinhos de pizza numa assadeira que eu tinha encontrado na gaveta abaixo do forno.

— Escuta, hum... sobre aquela noite...

Que ótimo.

— A gente não precisa falar sobre isso — eu disse. Na verdade, eu preferia fazer qualquer coisa que não fosse falar daquilo.

— Eu só queria pedir desculpa. Eu estava chapado e... achei que você queria... Achei que você tinha retribuído o beijo.

Ele pareceu tão aflito e desconfortável com a conversa que momentaneamente senti empatia por ele. Eu tinha retribuído o beijo. Não havia como questionar isso. Quando olhei de relance para ele, Grant me pareceu ainda mais magro do que antes. Eu não sabia se ele tinha perdido peso

desde aquela noite ou se era só minha percepção, agora que eu estava acostumada com o Tyler.

— Eu retribuí — falei com sinceridade. — Eu só não queria ir adiante. Desculpa não ter deixado isso claro desde o início. Mas acho que deixei claro depois.

Mastigando a unha, ele fez sinal de positivo com a cabeça antes de dar uma tossida profunda e forte. O peito dele oscilou de dor. Quando ele finalmente conseguiu falar, disse:

— Então me desculpa. Mas eu não entendo por que você não me disse que era a fim do Tyler. A gente podia ter armado um esquema.

— Como assim? — Coloquei a assadeira no forno e fui pegar o celular, que felizmente agora estava funcionando, para colocar o alarme para quinze minutos depois. Não me preocupei em dizer ao Grant que eu não era a fim do Tyler antes daquela noite. E nem logo depois daquela noite. Só uma semana depois, ou mais, percebi como ele era atraente e charmoso.

— A questão é que pessoas como você e eu não vamos conseguir nada com a Jessica e o Tyler se agirmos sozinhos. A verdade é essa.

Encarei-o, não gostando nem um pouco do rumo daquela conversa.

— Quer dizer, olha o que teve que acontecer pro Tyler te notar. Ele teve que te “salvar”. — Grant fez sinal de aspas no ar com os dedos. Eu nunca tinha reparado como os olhos dele lacrimejavam, como as olheiras dele eram escuras. — Você faz o Tyler se sentir másculo. Ele quer cuidar de você, como um cachorrinho abandonado na beira da estrada.

Será que ele tinha alguma ideia de como estava me insultando? Que era absoluta e totalmente grosseiro me dizer aquelas coisas?

Mas parte de mim sabia que ele estava certo. Talvez Tyler não me igualasse a um cachorrinho. Mas foi minha ingenuidade que chamou sua atenção no início, e o fato de que eu precisava de um protetor. Isso também aconteceu na

noite anterior, na boate. Eu não queria ouvir o Grant dizer isso em voz alta, pois me fazia achar que eu tinha conquistado o afeto do Tyler por falta de alternativa, por ser fraca.

— E como é que essas coisas podem te ajudar? A Jessica não costuma fazer caridade.

— Não, mas aposto que ela gosta de sexo selvagem. Se você e eu tivéssemos planejado tudo, você podia ter dito pra Jessica que a gente transou de comum acordo, mas foi violento pro seu gosto, de um jeito que o Tyler ouvisse “sem querer”. Que eu puxei seu cabelo e te dei uns tapas. A Jessica ia ficar com tesão, e o instinto protetor do Tyler ia despertar na hora.

Encarei-o, chocada.

— Você pensou bastante nisso, hein? — Eu não queria pensar nem um pouco no assunto. A ideia de dizer que o Grant puxou meu cabelo era próxima demais da realidade do que aconteceu, e fiquei com nojo.

— É. A gente nem ia precisar transar. Só precisava dizer que tinha transado.

— Porque você não quer realmente transar comigo, quer?

Ele balançou a cabeça.

— Você também não.

Eu não queria. Mas também não queria ouvir isso. Não queria a confirmação de que ele estava disposto a me usar como substituta inferior da Jessica, mesmo que eu já soubesse disso. Eu não queria sentir que não era atraente só porque um ser humano desprezível como o Grant não sentia atração por mim.

Além do fator nojo e da completa mentira na ideia dele, isso não levava em consideração o fato de que na época eu era e continuava sendo virgem, o que provavelmente seria revelado ao Tyler, deixando claro que Grant e eu tínhamos mentido. Evidentemente, ele não sabia disso. Não que importasse,

porque eu me dei conta de que odiava o cara de verdade e, embora eu não fosse deixá-lo morrer num prédio em chamas, não ia levantar um dedo para ajudá-lo em qualquer outra situação.

— Desculpa não ter conseguido te ajudar — falei com sarcasmo.

— Talvez você pudesse falar bem de mim pra Jessica.

— Vou fazer isso. — Nunca. Incapaz de olhar para ele, abri o pacote de biscoitos e coloquei uma pilha deles num prato.

— Beleza, legal.

Alguém obviamente não reconhecia pistas verbais. Mas imaginei que isso não era uma surpresa muito grande. Ele não entendeu o *não*, por que entenderia o sarcasmo?

— Eu sei que ela gosta de remédios. Deixa escapar que eu posso conseguir alguns pra ela.

Eu definitivamente não ia dizer isso a ela. Eu não ia permitir de jeito nenhum que Grant viciasse a Jessica em medicamento controlado. Fatiei um pedaço de queijo enquanto me esforçava para manter a boca fechada. Onde estava o Tyler, caramba?

— E me avisa quando o Tyler cansar de você. Eu vejo o que posso fazer pra te ajudar.

Ah, ele ia me ajudar? Que coisa mais generosa. Com medo de estar prestes a esfaqueá-lo, peguei o prato de queijo e biscoitos e desviei dele, indo em direção à sala. Eu estava colocando o prato na mesa de centro quando a porta da frente se abriu e Tyler entrou, carregando dois pacotes de doze cervejas.

— Que merda está acontecendo aqui? — ele perguntou imediatamente, olhando para o Grant com raiva e colocando a cerveja sobre a mesa de centro.

Grant me lançou um olhar presunçoso, como se aquilo de alguma forma validasse todos os seus argumentos.

— Os rolinhos de pizza estão no forno — respondi para o Tyler, tirando o cabelo da testa. — E parece que o Nathan convidou o Grant.

E lá foram os dedos do Tyler direto para o bolso, procurando o cigarro.

— Eu estava pedindo desculpas pra Rory pelo que aconteceu — disse Grant. — Ela está de boa com a situação.

Tyler deslizou os olhos até mim, procurando confirmação. Mordi o lábio inferior, sem saber como me sentia. No fim, acabei apenas fazendo que sim com a cabeça, porque me pareceu o único jeito de contestar a teoria de vítima do Grant. Ele fez com que eu me sentisse insegura em relação ao Tyler, e isso me deixou com raiva. Eu não queria ser o cachorrinho de quem ele sentia pena.

— Tudo bem — disse o Tyler com cuidado. Achei que ele fosse me perguntar sobre esse assunto quando estivéssemos sozinhos. *Se* ficássemos sozinhos. A gente não tinha muito tempo para ficar junto sem alguém para interromper.

Ele acendeu o isqueiro.

— Oi, pessoal! — disse a Kylie, saindo do quarto com um sorriso enorme no rosto. Ela estava com uma calça de moletom e uma camiseta do Nathan, acenando com o celular. — Olhem isso!

Eu me inclinei para ver a tela, feliz com a interrupção do silêncio constrangedor. Era a página dela no Facebook, e ela tinha trocado a foto do perfil por uma foto dela com o Nathan, com as cabeças unidas enquanto sorriam juntos para a câmera. Debaixo da informação da cidade onde ela havia nascido, dizia que ela estava “em um relacionamento sério” com Nathan Turner. Essa era nova. Eles nunca tinham tornado o relacionamento oficial no Facebook.

— Uau, que legal — falei.

— Agora é pra valer — disse o Nathan com um sorrisinho, parecendo sonolento e muito feliz consigo mesmo e, sem dúvida, com a Kylie. — Chega de ficar na moita.

Ele e a Kylie se entreolharam e caíram na gargalhada quando perceberam o duplo sentido das palavras.

— Bom, espero que você não desista totalmente dessa parte — disse ela, estendendo a mão para pegar a dele.

— Nem pensar. — Ele deu um beijo demorado e cheio de desejo nela, e isso me deixou com inveja. — Mas agora eu posso dizer que você é minha namorada e isso é demais, é só o que eu digo. Você é linda, com a boca inchada e tudo.

Ela deu um risinho e eles se abraçaram, e não consegui evitar de dar uma olhada para Tyler. Eu queria estar no lugar da Kylie. Não podia negar isso. Eu queria que Tyler ficasse feliz por me chamar de namorada. Queria que ele anunciasse isso nas redes sociais, que todo mundo pudesse ver, preto no branco, a qualquer momento.

Mas não havia nem fotos minhas com o Tyler. A gente ainda não tinha chegado a esse ponto. Se é que íamos chegar. Nós tínhamos alguma coisa, mas não era oficial.

Ele não estava me olhando. Estava pegando um pedaço de queijo, e a cinza do cigarro caiu na mesa de centro, o que ele ignorou.

— Acho que vou vomitar — ele disse ao Nathan.

Não exatamente o que eu queria ouvir.

Aquilo não devia importar. Eu devia ficar feliz com o que tínhamos. Quando foi que me permiti esquecer o perigo e me aproximei demais? Fui até a cozinha para tirar os rolinhos de pizza do forno com uma camiseta embolada que encontrei no balcão, em cima de uma pilha de cartas. Não havia pegador de panela. Não havia nem pano de prato.

Quando levei os rolinhos numa travessa, Tyler estava ligando a tevê para ver alguma coisa antes do jogo. Eu não gostava muito de futebol americano, mas estava disposta a dar uma chance. Ou pelo menos tinha estado. Agora eu estava me sentindo decididamente menos generosa em relação à coisa toda. Era uma repetição da noite anterior, eu buscando alguma coisa, sem saber muito bem o quê.

Tyler partiu um rolinho de pizza ao meio com os dentes e disse:

— Obrigado, gatinha. — Seus olhos estavam na tevê.

Não importava o que eu estava esperando que ele me desse, não era isso.

Mas aí ele pegou minha mão e me puxou para o sofá, me aninhando no espaço ao lado dele, com o braço sobre meus ombros e nossos quadris se tocando.

Melhor.



A cafeteria estava quentinha, o cartaz com lattes sazonais de gengibre pendurado atrás da caixa registradora, e a lareira a gás no canto acesa pela primeira vez desde o último inverno. Quando eu era pequena, adorava o cheiro de café. Era o aroma das manhãs de sábado e domingo, de pijamas, panquecas e dos meus pais se beijando no balcão da cozinha. Não importava se era o calor abafado de agosto ou o frio amargo de janeiro, sempre tinha um café fresquinho, e eu gostava de ficar na frente do bule vendo os pingos, tentando descobrir como a água conseguia pegar o sabor dos grãos em tão pouco tempo. Era fascinante para mim como as coisas podiam mudar tão rápido.

Quando minha mãe morreu, meu pai parou de tomar café.

Talvez ele nunca tivesse gostado de verdade. Talvez só bebesse porque era o vício dela e estava bem ali na frente dele, mas ele não gostava a ponto de fazer. Talvez isso o fizesse se lembrar dela. Eu não sabia. Nunca perguntei, e ele nunca me contou.

Deixamos muita coisa sem dizer.

Mas, quando Tyler e eu estudávamos na cafeteria, eu respirava fundo e inalava o aroma rico dos grãos, sabendo que, quando eu voltasse ao dormitório, meu cabelo, meu casaco, minha mochila, tudo estaria com um leve cheiro de café.

Acho que era isso que acontecia com a minha mãe. Um leve toque dela se grudava em mim.

Era um pensamento tranquilizante.

— Só temos mais duas semanas de aula, depois as provas finais — eu disse ao Tyler. — Mas, se você gabaritar a prova final, pode tirar um B em anatomia.

— E você pode conseguir um A em literatura, se quiser — disse ele, com o caderno aberto na página em que fizera anotações para si mesmo numa letra extremamente torta. Ele também gostava de rabiscar, desenhar crânios e rostos engraçados nas margens do papel.

— Eu *quero* — protestei. — Mas a questão é se eu *consigo*.

— Deixa de ser pessimista. Não combina com a sua personalidade. — Ele deu um tapinha no meu livro. — Lê dois capítulos e depois a gente discute.

Fiz uma careta.

— Eu devia fazer meus exercícios de cálculo, em vez disso.

— Você faz cálculo dormindo.

— Será que é por isso que às vezes eu acordo tão cansada? Porque faço cálculo dormindo? Você já me viu fazendo isso? — Ignorei o livro sobre cavalos e a Grande Depressão e sabe-se mais o que à minha frente.

Ele balançou a cabeça com um sorriso.

— Você às vezes é meio doidinha. Como eu sou o único que vê isso?
Porque ninguém nunca se preocupou em olhar.

— Talvez você esteja errado — falei, inclinando a cabeça e sorrindo, para ele saber que eu estava provocando.

— Não. Posso estar às vezes, mas não em relação a isso. — Ele pegou o celular e o levantou. — Dá um sorriso.

Ah, não. Ele queria tirar uma foto minha. Pela primeira vez. Endireitei-me na cadeira, sabendo que meu batom já tinha saído e meu nariz provavelmente estava brilhando. E eu não tinha penteado o cabelo desde aquela manhã, e ele estava tão grosso e ondulado que provavelmente parecia um escovão.

— Para de se preocupar. Só sorri, como antes.

— Não consigo agora. Estou consciente demais. — Tentei relaxar de novo, mas não consegui recuperar a sensação de tranquilidade.

O Tyler ainda estava encarando a tela do celular, que segurava à frente.

— Sabe por que a gente se dá bem, Rory?

— Por quê? — Isso podia ser muito, muito interessante. Ou podia não ser nada. Eu esperei, tensa, querendo ouvir suas ideias.

— Porque nós dois vemos além do que as outras pessoas veem na gente. Nós dois sabemos que, às vezes, as melhores coisas estão debaixo da superfície. Quando eu olho pra você, vejo uma mulher fantasticamente inteligente, divertida, generosa e linda. Sabia disso?

— Não — sussurrei, emocionada.

— É verdade.

O flash da câmera do celular piscou.

E então eu percebi que estava completamente apaixonada por ele.

Neveu pela primeira vez naquela noite, deixando o campus coberto com a maciez orvalhada dos flocos molhados, que caíam sem fazer barulho, frescos e puros. Caminhamos do estacionamento de visitantes, onde o Tyler tinha deixado o carro, até meu dormitório. Eu tremia, mas levantava a cabeça para o céu, apreciando a beleza da natureza. Por causa da neve, estava claro, enganosamente claro, mas já eram nove da noite e o ar estava parado e calmo.

Flocos caíram no cabelo e nos cílios do Tyler, e eu o achei tão lindo quando ele se virou e sorriu para mim.

— Vai estar tudo derretido amanhã de manhã — disse ele.

— Provavelmente — concordei. — Mas por enquanto está incrível.

Como nós.

Minhas colegas de quarto tinham saído. A Jessica ia ficar fora o fim de semana todo. A prima dela ia se casar, e ela era madrinha. A Kylie estava enfiada na cama do Nathan desde domingo.

O Tyler e eu estávamos sozinhos.

E eu tinha camisinhas. Comprei naquela tarde, para garantir, sabendo que íamos ficar sozinhos. Estavam na gaveta de cima da minha escrivaninha, e eu tinha aberto para observar umas cinco vezes, a expectativa girando ao meu redor na forma de empolgação eufórica e tesão.

Tyler tirou as botas molhadas antes de entrar no quarto e sacudiu o cabelo para remover os flocos de neve.

— Cacete. Até eu tenho que admitir que está frio lá fora. Vem aqui me esquentar.

Ele me puxou para perto e nós nos beijamos, a sensação familiar de seus lábios nos meus esquentando minhas entranhas. Eu sabia que estava apaixonada por ele e sabia que queria senti-lo completa e intimamente. Queria compartilhar com ele o que eu nunca tinha compartilhado com ninguém. O clima parecia perfeito. Nós estávamos em sintonia, e nossa conversa na cafeteria havia me dado coragem para demonstrar minhas intenções — ou pelo menos as camisinhas.

Então, quando ele tirou meu casaco e o jogou no chão, beijei-o com vontade, passando as mãos em seu peito e levantando sua camiseta para sentir a dureza macia de seu corpo musculoso.

— Rory — ele murmurou depois de ficarmos ali em pé aos beijos, nossos quadris se tocando, a respiração ficando mais alta, os lábios molhados e inchados. — Tem certeza que ninguém vai voltar?

— Absoluta.

— Vem deitar. — Ele me levou até a cama e tirou a camiseta antes de puxar meu edredom e me colocar no colchão.

— Espera — sussurrei. — Na gaveta da minha escrivaninha.

— O quê?

— Abre a gaveta da escrivaninha — repeti, apontando acima da minha cabeça.

Ele fez o que pedi e soltou um barulho baixo do fundo da garganta.

— Merda, Rory. Tem certeza?

— Tenho. — Nunca estive mais certa.

Respirando fundo, ele pegou a caixa de camisinhas e colocou na cama perto da minha cabeça. Depois me beijou com uma intensidade que quase me engoliu. Nós nunca havíamos ficado nus juntos, o Tyler estava sempre de calça, eu quase totalmente vestida, as mãos dele se infiltrando por dentro de decotes e por baixo das minhas roupas para me tocar. Mas agora ele arrancou minha blusa, e meu cabelo se espalhou pelo travesseiro. Enquanto me beijava, ele abriu meu sutiã e o tirou com uma facilidade surpreendente. Nada de ficar Tateando. Mas eu não tive tempo para me preocupar com as implicações disso, porque, quando o peito nu dele tocou o meu pela primeira vez, suspirei, maravilhada que o simples roçar de sua pele quente nos meus mamilos fosse tão estimulante, tão envolvente.

Quando ele abriu minha calça e a tirou, senti uma pontada momentânea de vergonha, o ar frio alcançando minhas coxas e minha barriga nuas. Mas ele logo estava me tocando de novo e não importava, nada importava além dele e do modo como ele me fazia sentir. Estendi o braço e passei a mão nele todo sobre a calça jeans, sentindo sua ereção, buscando entender o que estava acontecendo, querendo dar a ele o mesmo prazer entorpecente que ele me dava.

Ele me incentivou.

— Ah, baby, isso.

E aí ele fez uma coisa sobre a qual eu estava curiosa e, ao mesmo tempo, esperando e temendo. Ele desceu a cabeça até minhas coxas, baixou minha calcinha até os quadris e usou a língua para provocar o êxtase mais delicioso que eu já tinha sentido. Em um minuto, eu estava cravando os dedos em seus ombros e soltando um gritinho suave, completamente deslumbrada com o maremoto que tinha acabado de passar por mim.

Ele sorriu para mim sobre os contornos do meu corpo, e eu me senti inundada, o peito oscilando, os dedos tremendo enquanto eu agarrava o

edredom, e eu disse a primeira coisa que me veio à cabeça, aquilo que estava crescendo dentro de mim com tamanha rapidez que não consegui conter.

— Eu te amo — deixei escapar, enquanto ele abria a caixa de camisinhas e pegava uma embalagem metálica.

Eu não queria dizer isso. Mas saiu. E era verdade.

Ele congelou, o corpo completamente parado.

— Você não está falando sério.

— Estou — falei baixinho. Eu não devia ter dito aquilo, mas não podia negar. Era uma mentira que eu não conseguiria dizer.

Tyler balançou a cabeça.

— Você não devia.

— Por que não? — perguntei, curiosa. Estendi a mão para ele, passando os dedos pelo seu maxilar enquanto o encarava, maravilhada com minhas emoções, com a linda percepção de que eu era capaz de amar outro ser humano e que isso podia ser muito bom.

O maxilar dele se enrijeceu com meu toque, e seus olhos estavam agoniados.

— Porque...

Por um segundo, parecia que ele ia me contar alguma coisa, mas depois ele se controlou, recuou e se sentou.

— Eu não posso fazer isso. Desculpa, eu simplesmente não posso.

— O quê? — perguntei, surpresa.

Ele estava vestindo a camiseta, dando um tapinha no bolso para procurar as chaves. Depois se levantou, parecendo em pânico.

Então eu percebi que ele estava completamente vestido e eu estava deitada, totalmente nua, com a calcinha no calcanhar. A vergonha e a confusão fizeram meu rosto e meu corpo queimarem. Puxei a calcinha de volta e me sentei, arrastando o edredom para cobrir minha nudez.

— Você vai embora? Por quê?

Seus dedos já estavam procurando um cigarro no bolso, e ele simplesmente balançou a cabeça para mim.

— A gente se fala amanhã.

Ele enfiou os pés nas botas sem nem amarrar e saiu, batendo a porta com um clique alto atrás de si, me deixando sozinha no quarto vazio. O abajur brilhava atrás de mim, fazendo minha sombra se refletir no carpete marrom, surrado e sujo. Eu via meu cabelo bagunçado, o contorno do meu ombro nu, o volume do edredom em meu peito. As lágrimas escaparam, descendo em silêncio pelo meu rosto.

Então eu parti para a ação. Não. Isso não ia terminar assim. Ele não ia me deixar ali, envergonhada e me perguntando que raios estava acontecendo depois que eu disse que o amava. Tremendo, vesti o suéter, sem me preocupar com o sutiã, e enfiei a calça jeans. Agarrei meu cartão-chave na escrivaninha e saí correndo do quarto, sem casaco, sem sapato, sem dignidade.

Depois de quase cair na escada, com os pulmões doendo, saí pela porta do dormitório e o vi descendo do meio-fio em direção ao estacionamento.

— Tyler!

Ele se virou e eu corri em sua direção, os pés descalços escorregando na neve fresca, o choque do frio me fazendo ofegar, os dentes batendo por causa do clima e do trauma do que tinha acabado de acontecer.

— Rory, o que você está fazendo, porra? Cadê seu casaco?

— Como você pôde fazer isso comigo? — perguntei, me inclinando ao parar na frente dele. — Como você pôde me largar desse jeito?

Ele desviou o olhar, dando um trago no cigarro.

— Desculpa, eu não devia... eu não podia...

Isso não ajudou em nada. Soquei o bíceps dele, surpreendendo até a mim mesma com minha veemência.

— Você sabe como isso faz eu me sentir desinteressante?

Seus olhos se arregalaram, e ele balançou a cabeça.

— Eu não queria fazer você se sentir assim.

— Mas fez! — Eu agora soluçava e me odiava por isso, mas não pude impedir que os gritos escapassem de mim. — Você sabe que nenhum cara nunca se interessou por mim. Você sabe que eu quero ficar com você. Por que você me iluiu desse jeito? Meu Deus, só de saber que as minhas amigas te pagaram pra transar comigo e nem assim você consegue se obrigar a isso... Eu quero morrer de tanta humilhação!

Eu não queria contar a ele o que eu sabia, mas estava doendo demais para suportar. Bati nele de novo, me sentindo traída nas profundezas da alma. Eu odiava o Tyler por me fazer acreditar que tínhamos algo a mais e me odiava por acreditar.

A mão dele segurou a minha, me impedindo de bater nele pela terceira vez.

— *O quê?* O que você sabe sobre isso?

— Eu ouvi sem querer a Jess e a Kylie quando elas não sabiam que eu estava acordada. Eu sei que elas te deram cem dólares pra você tirar minha virgindade. Mas você obviamente não consegue se obrigar a transar comigo.

— Eu não peguei o dinheiro — ele protestou, parecendo horrorizado. — Eu nunca quis o dinheiro, juro por Deus. Você precisa acreditar em mim! Eu só aceitei a ideia delas porque estava verdadeiramente curioso em relação a você, eu juro, e foi o único jeito de conseguir o apoio delas. Se não fosse assim, achei que elas iam tentar te convencer a não perder tempo comigo.

Eu hesitei, com os olhos cheios d'água, o nariz escorrendo, mais confusa ainda.

— Mentira.

— Não é, não! — Ele tentou pegar minha mão, mas eu me afastei. — Eu sempre tive interesse em você, desde a primeira vez que a gente se viu, em

agosto, na casa do Nathan. Você estava usando um vestidinho florido e parecia tão observadora, como se enxergasse as merdas de todo mundo, e eu fiquei curioso. Você parecia tão diferente, tão interessante. Verdadeira. E aí, quando a gente começou a sair, eu percebi que gostava de você e sabia que a gente não podia transar logo de cara, porque você era virgem e eu não queria que você tivesse um motivo pra me dispensar logo. Fiquei preocupado de você conseguir o que queria, satisfazer sua curiosidade e ir embora.

Ele estava louco?

— Você achou que eu estava te usando para aprender o que era sexo? — Eu estava chocada.

— E não estava?

— O quê? Não, claro que não! — Não muito. Talvez um pouco, no início. Mas depois virou mais do que isso. — Eu também estava curiosa em relação a você.

— Mesmo achando que eu tinha sido pago pra transar com você?

— É. — Fiz que sim com a cabeça com convicção. — Porque não fazia sentido. Não tinha lógica. Se tudo que te importasse fosse o dinheiro, você teria agido o mais rápido possível, maximizando o lucro. Você não se daria ao trabalho de conversar comigo o tanto que conversava e não teria ido tão devagar. Não fazia sentido.

Ele deu uma risada agoniada.

— Ainda bem que você é tão lógica, porque está totalmente, cem por cento certa. Isso nunca teve a ver com sexo pra mim, sempre foi a minha vontade de estar com você, de te conhecer.

Um sopro de otimismo interrompeu minha agonia.

— Então por que você não conseguiu transar comigo hoje? Parece que nós dois estamos no mesmo ponto. — Por quê, por quê, por quê? Eu queria desesperadamente que ele me convencesse de que eu não tinha imaginado sua

atenção, de que ele realmente se importava e eu não era uma idiota por me apaixonar.

— Porque eu fui egoísta o tempo todo. Não tenho nada pra te oferecer. Você é boa demais pra mim. Eu sou só um cara tentando fazer a vida funcionar e estou te arrastando comigo pras minhas merdas. Não é certo, e eu me odeio por ser tão egoísta a ponto de deixar você fazer isso, e *me* deixar fazer isso. — Ele jogou o cigarro na neve, com raiva.

Ele não era o único irritado.

— Não diz o que é certo pra mim! Você não pode decidir nada por mim! — Meu dedo cutucava o peito dele. — Eu quero ficar com você. Eu escolhi passar esse tempo todo com você. Você não me obrigou a fazer isso. — Meu corpo sacudia de frio e indignação.

— Rory... — Suas mãos passaram pelo cabelo, e sua voz implorou. — Por favor... só me deixa fazer a coisa certa. Pela primeira vez, me deixa fazer a coisa certa e ficar fora da sua vida.

Meu coração se derreteu instantaneamente, e minha raiva se evaporou.

— Tyler — falei com suavidade, ficando na ponta dos pés congelados para envolver o rosto dele com as mãos. — Quando é que você *não* faz a coisa certa?

— O que você quer dizer? — ele perguntou com a voz rouca, a cabeça se inclinando ligeiramente com meu toque e os olhos me encarando.

— Quero dizer que, sinceramente, você é um dos melhores homens que eu já conheci. A questão não é se você está à minha altura, e sim se *eu* estou à sua.

— Claro que está — ele murmurou, as mãos se estendendo para envolver minha cintura, me puxando para perto. — A verdade, Rory, é que... eu me apaixonei por você. Eu te amo. E isso me assusta. Não quero fazer a coisa errada. Não quero ser o seu primeiro e você se arrepender no futuro, quando for médica e eu continuar trabalhando na loja de conveniência.

— Você vai ser paramédico — falei, as lágrimas se acumulando de novo, não por estar chateada dessa vez, mas pela alegria devastadora de ouvi-lo dizer que me amava. Eu não tinha percebido como queria ouvi-lo dizer essas palavras até ele fazer isso. — E eu posso não ter muita experiência com relacionamentos, mas eu sei que, quando existe amor e respeito de ambas as partes, normalmente isso é bom, então não estou entendendo por que você está tão preocupado. Você não acabou de me ouvir dizer que você é o melhor homem que eu já conheci?

Por um longo instante, ele apenas me encarou, depois se inclinou e me beijou com intensidade.

— Eu nunca tive a menor chance. Você me conquistou no minuto em que eu te vi pela primeira vez e ouvi você dizer pro cara ao lado que você estudava medicina e que o filme *A centopeia humana* é fisicamente impossível.

Aquilo me deixou encantada. Eu nem achava que ele sabia que eu existia, não de verdade, até a noite com Grant.

— Eu soube na noite em que você bateu no Grant. Ninguém nunca tinha me defendido daquele jeito.

— Eu queria matar o cara. Literalmente matar. — O Tyler me apertou com mais força, puxando meu corpo contra o dele.

— Eu não quero falar sobre ele. Quero ouvir você dizer de novo que me ama — falei, envolvendo os braços em seu pescoço. — E quero que você volte lá pra cima comigo.

— Fechado e fechado. — Ele me beijou. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

— Agora vamos terminar o que a gente começou.

Por mim ótimo. Mas, quando tentei andar, estremeci com a dor aguda em meus pés congelados. Olhei para baixo e vi que eles estavam muito vermelhos. O Tyler também notou.

— Caralho, Rory! Cadê seus sapatos?

Dei de ombros.

— Eu estava com pressa.

— Ai, meu Deus... Me desculpa. — O Tyler se abaixou e me pegou no colo. — Desculpa, é culpa minha. — Ele me beijou e me aninhou nos braços. — Você me perdoa?

Eu me encolhi nos braços dele, tremendo, mas em êxtase.

— Sim, por ir embora sem se explicar, eu te perdoo. Mas sair sem sapato foi culpa minha, e você não pode assumir essa culpa. Foi escolha minha.

Pelo modo como tudo tinha se resolvido, eu nem estava chateada. Sim, meus pés estavam queimando, mas Tyler estava voltando para o meu quarto. E estava me carregando, no momento definitivamente mais romântico da minha vida. E ele me amava.

Nada mais tinha importância.

Quando chegamos ao meu quarto, depois de ignorar os olhares de três garotas no elevador, Tyler me soltou com os pés ainda dormentes, me deitou na cama e puxou a coberta sobre mim.

— Onde estão suas meias? — Ele foi até a minha cômoda.

— É melhor deixar a pele se ajustar devagar à temperatura ambiente — falei. — Vou ficar bem em alguns minutos. — Meus pés já estavam começando a coçar e a formigar dolorosamente.

— Tem certeza? — Mas depois ele balançou a cabeça com um sorrisinho, tirou o casaco e a camiseta e voltou para a cama. — Claro que você tem certeza, quem eu quero enganar? Uma das muitas coisas que eu amo em você.

As molas rangeram quando ele se ajeitou ao meu lado, me encarando com intensidade.

— É verdade, sabia? Eu te amo.

— Eu também te amo.

— Quero que você curta esse momento — disse ele, a mão se insinuando por baixo do meu suéter. — Eu nunca fui o primeiro de ninguém, então espero conseguir fazer isso ser bom pra você.

Sua vulnerabilidade sempre me surpreendia e apenas aprofundava meus sentimentos por ele.

— Eu sei que vou gostar — comentei com sinceridade.

E gostei.

Tyler fez tudo devagar, tirando minha roupa, abaixando sua calça, deslizando nossos corpos um no outro, me beijando inteira, apagando toda a tensão e a expectativa ansiosa que eu sentia, de modo que, quando ele me penetrou, eu estava pronta de todas as maneiras importantes.

Senti uma pontada aguda e ele parou, se segurando sobre mim com os braços musculosos, o suor brotando na testa.

— Você está bem?

Fiz que sim com a cabeça, sem conseguir falar, tocada por aquela sensação nova e assustadora. Nada poderia ter me preparado para como seria ter o Tyler dentro de mim, e, enquanto ele se movia, olhei para ele e ouvi o timbre da minha voz mudar, as arfadas se transformando em gemidos profundos e desesperados enquanto ele me penetrava e me dava mais prazer do que eu sonhava que existisse.

— Rory. — Meu nome em seus lábios ficou bruto e íntimo.

Quando ele finalmente caiu ao meu lado, nossos corpos ainda unidos, a pele dele molhada de suor, nossa respiração ainda ofegante, eu não sabia muito bem o que dizer, mas, pela primeira vez, percebi que as palavras nem sempre dizem tudo. Que meus dedos roçando em seus quadris, meus lábios acariciando seu maxilar, podiam falar por mim.

— Eu nunca mais quero ficar com ninguém além de você — ele murmurou no meu cabelo, beijando minha têmpora.

Senti meu sorriso no escuro.

— Somos oficiais no Facebook, então?

— Somos mais do que isso. Somos de verdade.

— É mesmo — falei, deslizando o pé sobre o dele. — Somos mesmo.

— Oi, pai! — falei, toda alegrinha, para a imagem do meu pai no computador. — Tudo bem?

Ele sorriu para mim, na cozinha dessa vez, sem sinal da Susan.

— Você parece estar de bom humor.

Eu ri e rezei para não ficar vermelha. Era domingo, e eu tinha passado basicamente todos os minutos na minha cama com o Tyler quando ele não estava no trabalho. Eu me sentia explodindo de amor, empolgação e um conhecimento recém-descoberto. Cruzei as pernas e desejei que nada disso aparecesse escrito no meu rosto.

— É, eu, hum... quero que você conheça uma pessoa — falei, e fiz sinal para o Tyler se juntar a mim na frente do computador. Ele fez isso, parando atrás da minha cadeira, se inclinando e me dando um beijo no rosto. Dei um risinho. Meu Deus, eu normalmente não dava risinhos. Tão ridícula. E tão absurdamente feliz. — Esse é o Tyler, meu namorado.

Dizer *namorado* fez minhas entranhas parecerem marshmallows no chocolate quente, toda melosa.

Mas não pareceu ter o mesmo efeito no meu pai. Seu queixo caiu e seus olhos se arregalaram. Percebi que talvez eu devesse ter introduzido o assunto aos poucos, mas eu sempre falava com ele aos domingos e não tinha intenção

de deixar o Tyler ir para casa nem um minuto antes do necessário. Por isso a apresentação.

O Tyler acenou para o monitor.

— Oi, sr. Macintosh. A sua filha é muito legal.

A sobrelha do meu pai se enrugou.

— É, eu sei. Obrigado.

— Prazer em conhecer o senhor. Vou deixar vocês conversarem. — Ele foi até a cama e pegou o livro do Cormac McCarthy que estava lendo.

Sorri encabulada para o meu pai, que parecia ter levado um soco na cara.

— E aí, quais são as novidades, pai?

— Hum, nada. O de sempre. Trabalho, casa — disse ele, parecendo distraído. — Ei, filha, acabei de lembrar que preciso fazer uma coisa. Você se importa de me ligar amanhã?

Quando estiver sozinha, ele quis dizer implicitamente.

— Claro. Te amo.

— Também te amo.

Desliguei o computador e olhei para o Tyler, que levantou o olhar do livro.

— Que rápido.

— Acho que eu devia ter avisado antes — falei, me sentindo mal. Mas não mal o suficiente para estragar o meu humor. Eu estava basicamente numa viagem de endorfina e bem consciente disso. — Mas eu ligo pra ele depois, vai ficar tudo bem.

Ele largou o livro.

— Quer tomar banho?

Arrepios surgiram na minha pele quando sentei à escrivaninha, observando-o.

— Você quer dizer juntos?

— É, juntos. Não estou dizendo que você precisa de um banho. Só quero tomar um com você. — Ele deu um sorriso safado. — Se bem que eu provavelmente preciso de um banho. Andei fazendo muito exercício.

Fiquei vermelha, sabendo exatamente o que ele queria dizer com isso.

— Tá bom — concordei, apesar de a ideia de ficar nua com o Tyler no chuveiro me apavorar. Era tão... pessoal. Eu sabia que era idiotice, por causa do que a gente já tinha feito, mas parecia diferente. As luzes estariam acesas, e eu ficaria totalmente exposta. Porém, apesar de me sentir subitamente tímida, eu queria experimentar tudo com ele.

Depois de trancar a porta que dava para o quarto ao lado e a que dava para o meu, o Tyler ligou o chuveiro e me beijou.

— Não me venha com ideias. Isso aqui não envolve sexo. Eu preciso de um tempo pra me recuperar, então não vem pro meu lado no chuveiro — disse ele, me dando um olhar falsamente sério de alerta.

— Então é melhor você tomar banho primeiro, depois eu vou — provoquei.

— Não, não. Isso não é ecológico. Vamos ter que fazer funcionar. — Em segundos ele já tinha tirado as roupas, com uma completa falta de vergonha que eu invejava.

— Eu nunca fiz isso antes — falei, mexendo no cós da minha calça de moletom.

— Eu sei. — O Tyler me beijou com carinho. — E, sinceramente, essa é a parte mais gostosa. Mas você não precisa fazer.

— Eu quero. — E queria mesmo.

Nervosa, tirei as roupas e fiquei ali meio sem graça, lutando contra a vontade de cobrir minhas partes íntimas com as mãos. Mas o Tyler me puxou para o chuveiro e direto para o abraço dele, a água quente fluindo sobre nós.

— Meu Deus, que sensação boa — ele murmurou.

Ele estava certo. Era íntimo e quente, nossas mãos passando pelo corpo um do outro, explorando, conhecendo. Eu estava curiosa com o piercing dele e passei a mão nele todo, depois brinquei com o anel de metal, olhando para a água escorrendo nele, gostando da reação imediata que meu toque provocou. O corpo dele era tão diferente do meu, tão mais rígido, era fascinante. Eu podia ficar tocando nele o dia todo e nunca ia me cansar de toda aquela firmeza.

— Rory. — Suas mãos ficaram tensas no meu ombro. — O que você está fazendo? Caramba, você está me matando.

— Por que você fez isso? — Parecia incrivelmente doloroso enfiar uma haste nas suas partes íntimas.

Ele deu de ombros.

— Sei lá. Parecia legal. E talvez eu simplesmente quisesse saber se ia aguentar a dor.

— Então doeu?

— Pra caralho. Mas também sei que aumenta o prazer da minha, hum... parceira, e imaginei que isso era uma coisa boa, né?

— Acho que sim.

— É bom pra você?

Pensei nisso, movendo as mãos para o peito dele para poder olhar em seus olhos escuros.

— Não sei — respondi com sinceridade. — Não tenho como comparar. Quer dizer, claro, é gostoso, muito gostoso, mas se é mais gostoso do que seria sem o piercing... bom, eu não posso dizer, né?

Ele abriu um sorriso.

— Falou como uma verdadeira cientista. Talvez um dia desses eu tire e não te conte, aí vou ver se você percebe. Vai ser tipo um teste cego.

Eu ri.

— Isso não parece certo.

— Sabe o que parece certo?

— O quê?

— Eu te amo.

Eu nunca ia me cansar de ouvir aquilo. Nunca.

— Eu também te amo.

O vapor subiu entre nós enquanto a gente se beijava, e esqueci todo o nervosismo. Eu me esqueci de tudo, exceto dele.



Quando a Jessica voltou do casamento, parecia exausta, largando a mala no chão e se arrastando para a cama, de roupa e tudo.

— Meu Deus, minha família me cansa.

— Sinto muito — falei, mas minha voz parecia mais alegre que solidária.

Ela percebeu imediatamente.

— O que aconteceu com você? — perguntou, virando de lado e me analisando. — Você parece ligada de cafeína.

— Não. Só estou, você sabe, feliz. O Tyler e eu estamos oficialmente namorando.

— Sério? — Suas sobrancelhas se ergueram. — Uau. Que legal. Que bom pra você.

— Obrigada, Jess. — Eu sorri, me abraçando.

A Kylie entrou no quarto com um sorrisinho no rosto.

— Oi! — Ela caiu na cama ao lado da Jessica. — Ai, ai. Que fim de semana impressionante, fantástico, mágico, maravilhoso, demais. Meu Deus, eu amo o Nathan.

Jessica revirou os olhos.

— Você pode ir até a cama da Rory e se entusiasmar com ela, por favor?
Estou acabada. Vocês duas podem se apaixonar juntas pelo amor.

A Kylie deu um pulo e correu na minha direção.

— Você está apaixonada?

Fiz que sim com a cabeça, me sentindo ridícula, empolgada e muito distante do meu normal, mas extremamente viva.

— O Tyler e eu estamos namorando de verdade. Tipo você e o Nathan.

Ela soltou um gritinho agudo e agarrou minhas mãos, me girando até eu ficar tonta.

— Isso é demais!

Nós rimos e giramos, e eu me senti tão leve que não sabia se algum dia eu já tinha experimentado essa sensação, mas definitivamente não queria perdê-la.



Na terça, fomos para a casa do Tyler, e eu estava tentando assar uma torta seguindo a receita no meu celular. No dia seguinte, eu ia para casa passar o Dia de Ação de Graças com meu pai e queria fazer alguma coisa para o Tyler e os irmãos dele que tivesse a cara do feriado, sabendo muito bem que eles não teriam uma refeição tradicional como a maioria das pessoas nos Estados Unidos. Roubei um pouco e comprei uma massa pronta, mas, enquanto eu media cuidadosamente os ingredientes do recheio, fiquei admirada com o cheiro nojento da abóbora enlatada.

— Parece vômito de gato — disse o Jayden, se inclinando sobre meu ombro para olhar o que estava dentro da tigela.

— Eu sei. Mas confie em mim, vai ficar gostoso.

— Se você está falando... — disse ele, em dúvida.

O Tyler estava sentado à mesa da cozinha ajudando o Easton com o dever de casa, e a mãe deles tinha sumido. Ela não disse a ninguém aonde ia. Os meninos chegaram da escola e ela não estava lá, então não dava para saber quando ela ia aparecer. Isso me deixava nervosa, eu tinha que admitir. Por algum motivo, eu achava que ela não ia ficar feliz de me ver na cozinha dela assando uma torta. Mas eu estava determinada a pelo menos tentar e, se ela voltasse para casa e surtasse, eu simplesmente iria embora.

— A namorada do meu pai cozinha muito bem — falei para o Jayden. — Ela faz seis tortas diferentes para o Dia de Ação de Graças.

— A gente comeu torta no abrigo no ano passado — disse ele. — Era de maçã.

— No abrigo? — perguntei, apesar de saber do que ele estava falando. Eu só não queria acreditar.

— É, eles dão comida de graça no Dia de Ação de Graças.

— Vocês não vão fazer isso este ano — disse o Tyler da mesa, com o maxilar tenso. — Você sabe como eu fiquei puto por ela ter levado vocês lá. A gente tem dinheiro pra comprar nossa própria comida. A mamãe é simplesmente preguiçosa. Não é certo, quando existem pessoas que realmente precisam disso.

Sabendo muito bem que a mãe do Tyler gastava em drogas a maior parte da pensão por invalidez, imaginei que eles provavelmente precisavam, mas o Tyler era orgulhoso.

— Ela me obrigou a ir — protestou o Jayden, parecendo confuso e triste, empurrando os óculos para cima.

— Eu sei, bro. Não estou bravo com você. Estou bravo com ela.

A porta dos fundos se abriu, e um cara que se parecia bastante com o Tyler entrou. Era Riley, seu irmão mais velho. Ele era um pouco mais baixo que o

Tyler, um pouco mais largo, mas os dois tinham o mesmo nariz, os mesmos olhos.

— Você está bravo com a mamãe? Qual é a novidade, porra? — Ele estendeu a mão e bateu o punho fechado no do Jayden. — E aí, cara, qual é? — Depois bagunçou o cabelo do Easton. — E aí, carinha.

O Tyler ganhou um tapa na nuca. Com força. Ele se levantou, claramente preparado para desafiar o irmão mais velho, os dois rindo, como se aquilo fosse normal.

Mas o Riley tinha voltado a atenção para mim e para a tigela.

— Ei, o que é isso? Tem uma garota aqui e ela está cozinhando? Alguém chama a polícia, tenho certeza que é uma fugitiva do hospício.

— Oi — falei, desarmada pelo Riley. Ele era mais agitado que o Tyler, seu sorriso era mais superficial.

— Essa é a Rory, minha namorada — disse o Tyler. — Então não seja um babaca.

— Eu? — Riley colocou as mãos no peito num falso protesto. Quando tirou a jaqueta de flanela, vi que ele tinha uma tatuagem idêntica à do Tyler no bíceps. Ele estendeu a mão. — Prazer em te conhecer, Rory. Eu sou o Riley.

— O prazer é meu. — Estendi a mão e ele apertou com força, parecendo não notar ou não se importar com o fato de que eu era uma mulher. Eu não tinha certeza se gostava ou não disso.

— O que você está fazendo?

— Torta de abóbora. — Acrescentei as especiarias à mistura.

O queixo dele caiu.

— Sério? — Ele deu um sorriso na direção do Tyler. — Caramba, cara, você se deu bem.

Tyler pareceu dividido entre ficar feliz e irritado.

— Você tem uma amiga pra me arrumar? — Riley me perguntou. — Que saiba cozinhar? De preferência loira?

— Não responde — disse o Tyler. — Nenhuma das suas amigas merece se sujeitar a esse cuzão.

O Riley abriu a boca para dar uma resposta certamente espertinha quando o Easton falou da mesa.

— Toc, toc.

Todo mundo olhou surpreso para ele.

— O quê? — Riley perguntou.

— Toc, toc.

— Quem é? — perguntou o Tyler, parecendo entretido.

— Fô.

— Fô quem?

— Foda-se — disse o Easton com um sorriso largo, o primeiro que eu o vi dar. Quando ele sorria desse jeito, parecia pertencer ao grupo de irmãos, e isso me fez rir.

O efeito foi o mesmo em todo mundo. Todos riram, e o Jayden gritou:

— Ai, meu Deus, que idiota! — enquanto bufava de rir.

O Easton parecia feliz. Acho que não era comum ele ser o centro das atenções, e eu me identifiquei. Ele se parecia mais comigo naquela idade do que com o que eu imaginava dos irmãos.

— Então, qual é o grande evento? — perguntou o Riley, me observando colocar o recheio cremoso sobre a massa da torta.

— Quinta-feira é Ação de Graças — respondeu o Tyler.

— Eu sei, seu idiota. Vou trabalhar num bico, já que tenho o dia livre.

— É? A grana é boa?

— É. Vou ganhar uns duzentinhos pra fazer o telhado de uma garagem. Quer dizer que isso é uma torta de Ação de Graças? — Ele parecia ter

dificuldade de entender o conceito.

— É, já que eu não vou estar aqui — falei. — Eu queria fazer alguma coisa pra deixar para os meninos.

— Você não vai estar aqui, Rory? — perguntou o Jayden, parecendo desapontado.

Eu sabia que já tinha falado isso, mas ele devia ter esquecido ou preferido ignorar.

— Não. Vou pra casa do meu pai no feriado. — Eu me sentia culpada só de falar isso. Eu sabia que o meu feriado ia ser completamente diferente do deles, e isso me partia o coração. Então, antes que eu me desse conta do que estava fazendo, falei: — Vocês deviam ir comigo, todos vocês. Passar o dia, jantar lá. Fica só a uma hora daqui.

O rosto do Jayden e do Easton se iluminou.

— A gente pode? — Jayden perguntou ao Tyler.

Mas ele já estava balançando a cabeça.

— Não.

— Por que não? — O menino lançou um olhar suplicante para o irmão.
— A Rory convidou.

— É, mas a Rory não perguntou pro pai dela, e eu duvido que ele queira três vagabundos que ele nem conhece aparecendo na porta dele pra pedir esmola.

— Não é esmola — protestei, magoada porque o meu gesto estava sendo rejeitado. — Você é meu namorado. Quando as pessoas namoram, elas passam feriadões juntas com a família uma da outra e ninguém acha que é caridade. É assim que funciona.

O argumento pareceu sensibilizá-lo. Ele sabia que estava sendo orgulhoso e teimoso. Então tentou outro caminho.

— Você não pode jogar isso no colo do seu pai no último minuto. Vai faltar pãozinho.

— A Susan sempre cozinha o dobro do que qualquer pessoa é capaz de comer. Os pais dela também vão estar lá, e a minha tia Molly. — Coloquei a torta no forno e liguei o timer. — É bem chato ser a única com menos de quarenta anos. Eu ia gostar de ter companhia.

— Por favor — pediu o Jayden. — A Rory disse que tem seis tortas lá.

O Tyler lançou um olhar triste para ele.

— Você é tarado por comida. E não. Eu não tenho dinheiro pra gasolina.

— Eu te dou cinquenta pratas — disse o Riley. — Leva os meninos pra um jantar decente, pra variar.

Dei uma olhada para o Riley, ao mesmo tempo surpresa e feliz.

— Você também está convidado, viu?

Ele sorriu para mim.

— Obrigado, agradeço o convite, mas estou bem. Não quero abrir mão desse bico.

— A mamãe vai surtar — Tyler disse para o irmão mais velho.

Mas ele deu de ombros.

— A mamãe sempre vai surtar, bro. Não podemos fazer nada quanto a isso. Então vão comer um pouco de torta e lidem com as reclamações dela depois. Melhor que perder o jantar e mesmo assim ter que encarar o surto.

O Tyler fez que sim com a cabeça.

— É, nisso você está certo. — Ele me olhou, ainda com a testa franzida. — Tem certeza? É melhor você ligar pro seu pai antes.

— Eu ligo mais tarde. Está tudo bem — garanti, embora não tivesse certeza disso. Aquele era um território desconhecido para mim. Eu nunca tinha convidado ninguém, homem ou mulher, para um evento em família.

Meu pai provavelmente ficaria tão surpreso que não saberia como dizer não. Ou isso ou a curiosidade em relação ao Tyler o faria concordar.

Devagar, ele olhou para os irmãos, depois para mim.

— Tudo bem. Obrigado, baby. É muito gentil da sua parte.

Jayden gritou com a vitória.

Tyler me puxou para o colo dele e me beijou.

— Espero que você não se arrependa — murmurou no meu ouvido. —

Os irmãos Mann não têm muita educação.

— Vai ficar tudo bem — repeti, porque eu queria que ficasse. E o beijei.

— Isso quer dizer que a gente pode comer a torta hoje? — perguntou o Easton.

Riley soltou uma risada.

— Eu sei de alguém que vai comer muito hoje.

Ótimo. Lutei contra a vontade de me encolher.

Tyler jogou um isqueiro nele.

— Cala a boca.

Riley pegou o isqueiro.

— Ah, tá, isso vai me machucar. — E acendeu um cigarro que pegou no bolso. — Bem-vinda à selva, Rory. A gente leva um dia de cada vez.



A estratégia lógica não era telefonar para o meu pai, mas para a Susan, e foi exatamente o que eu fiz. Imaginei que ela ia cozinhar, então, tecnicamente, era ela a anfitriã. Era ela quem fazia as compras e pensaria no cardápio, e não meu pai, então fazia todo sentido perguntar a ela em vez de deixar meu pai avisá-la em cima da hora ou coisa parecida.

E eu também estava apavorada de o meu pai dizer não.

Ele tinha feito um monte de perguntas sobre o Tyler por telefone na segunda-feira e comentado, num tom falsamente casual, que todos os jovens de hoje gostavam de tatuagens, deixando claro que não as aprovava de jeito nenhum.

Então eu ia ligar para a Susan.

— Oi, Rory, tudo bem? — ela perguntou quando atendeu o celular.

Uma das coisas de que eu mais gostava na Susan era que ela era boa em parecer neutra. Se ela estava surpresa por eu ter ligado diretamente para ela, algo que eu nunca tinha feito, não demonstrou. Ela também conseguia demonstrar interesse sem parecer preocupação. Se eu fosse obrigada a lidar com alguém que se esforçasse demais, que me perguntasse constantemente se eu estava bem, eu teria muito mais dificuldade para aceitar uma terceira pessoa inserida no lar dos Macintosh.

— Tudo ótimo, obrigada. E vocês? O meu pai está surtando por causa do Tyler? — perguntei, porque tinha quase certeza que sim.

A Susan riu.

— Ele está... se adaptando. Ele não está acostumado com a ideia de você ter um namorado.

— Mas ele sempre me perguntava se eu estava saindo com alguém — protestei enquanto atravessava o pátio, algumas folhas molhadas do campus grudando nas minhas botas.

— É, bom, os homens são assim. Querer algo e ver a realidade desse algo são duas coisas totalmente diferentes. Além do mais, acho que o seu pai esperava que você namorasse alguém mais parecido com ele. Um cara tipo camisa social.

— Nossa, que narcisista da parte dele — falei, entretida. — Acho que eu mesma sempre imaginei que ia terminar com um nerd, mas não dá pra planejar essas coisas. — Eu me sentia sábia e filosófica em relação àquilo tudo.

— Não, não dá. A ironia é que o seu pai e eu também parecemos muito diferentes, mas é claro que ele não enxerga a analogia. Tenho certeza que, assim que ele se recuperar dos músculos e das tatuagens, vai ficar bem.

Ainda bem que ele não sabia do piercing no pinto. Isso o faria ter um ataque cardíaco. Ou o fato de eu ter visto o piercing no pinto. Abri um sorriso, contente porque a Susan não podia me ver.

— Espero que sim. O Tyler é um cara muito legal.

— Falando nisso, acho que devemos ter uma conversa rápida sobre métodos contraceptivos agora mesmo, pra eu poder dizer ao seu pai que a gente já conversou. Assim ele não vai tentar ter essa conversa com você, o que resultaria na vergonha geral de todos nós na quinta-feira e em ele tomando dezessete antiácidos. Quero que ele aproveite o jantar, e não quero você humilhada na frente da família toda.

— Ai, meu Deus — falei, horrorizada. — Ele quer falar comigo sobre métodos contraceptivos?

— Infelizmente, sim. Então vamos direto ao ponto. Você está se prevenindo?

Não vi motivo para negar o que estávamos fazendo, e fazendo com segurança. Então respondi com sinceridade:

— Estou.

— Ótimo, perfeito. Tudo bem, então. Vou dizer ao seu pai que tivemos uma longa conversa de mulher pra mulher e que você não está transando com o Tyler ainda.

Eu ri.

— Ótima ideia.

— Porque, sério, isso é da conta dele? Não é.

— Hum, não é. — Havia algumas coisas que você simplesmente não precisava compartilhar com o seu pai. Tipo até que horas o Tyler me deixou

acordada na noite anterior, fazendo coisas deliciosas e silenciosas debaixo do edredom enquanto minhas colegas de quarto dormiam.

Redirecionando os pensamentos, lembrei que havia um motivo para aquela ligação.

— Então, você se importa se eu levar o Tyler para o jantar na quinta-feira?

— Não, claro que não. Acho uma ótima ideia, na verdade. E a família dele? Ele mora muito longe de casa?

— Não. Na verdade ele mora aqui em Cincinnati. Mas ele não tem exatamente uma família padrão. A mãe dele é meio confusa — falei, tentando amenizar a verdade. — E ele basicamente toma conta dos irmãos mais novos. Entããã... eu posso levar os dois também?

No melhor estilo Susan, ela não mudou nem um pouco o tom.

— Claro. Quantos anos eles têm? Os mais velhos comem mais carne, pela minha experiência. Crianças pequenas só gostam de milho e pão.

— Dez e dezessete.

— Perfeito. Você vem amanhã?

— Não. Vou na quinta de manhã com o Tyler. Assim o meu pai não precisa vir até aqui me buscar. Ele pode me trazer no domingo. — Ajeitei a mochila e estreitei os olhos contra o sol. — É melhor eu ligar e falar com ele?

— Eu dou o recado. Até quinta.

— Obrigada, Susan.

Quando desliguei o telefone, mudei de ideia e decidi ligar para o meu pai. Ele não devia saber de tudo pela Susan. Não era justo. Tínhamos sido só eu e ele por uma década, e eu não queria que a nossa proximidade mudasse e enfraquecesse.

Mas a ligação caiu direto na caixa postal, e eu deixei uma mensagem.

Na quinta de manhã, percebi que ele não tinha me ligado de volta.

— *Uau*, Rory, é aqui que você mora? — perguntou o Jayden no banco de trás quando chegamos ao meu bairro. — Caramba, você deve ser rica.

— Não. Só classe média — falei, me sentindo estranha com a admiração dele. Tentei ver o lugar pelos olhos dele, não pelos meus. Para mim, era um bairro de subúrbio normal, com casas construídas no meio da década de 90, construções que imitavam o estilo colonial, com fachada de tijolos e revestimento de vinil no restante. As casas não eram amontoadas, mas eram próximas, apesar de o construtor ter ondulado as ruas para dar a ilusão de privacidade. Havia cinco cômodos em cada casa, e em raras ocasiões um proprietário maluco desviava da sagrada trindade das cores de persianas: preto, vinho ou verde-musgo.

Era tudo muito comum. Cestas de basquete, becos sem saída e gramados aparados com perfeição. A qualquer momento entre março e outubro, um homem de meia-idade podia ser visto aparando seu pedacinho de terra para parecer um cartão-postal esmeralda perfeito, com arbustos em forma de cone e vegetação harmoniosa, então sempre havia alguma coisa florescendo. As mulheres plantavam flores. As crianças andavam de um lado para o outro em patinetes.

Aos dez anos, eu achava que todo mundo, exceto os pobres da África, viviam daquele jeito.

Aos doze ou treze, eu tinha uma visão ligeiramente mais estendida do mundo e, aos dezoito, me considerava suficientemente conhecedora dos problemas dos operários pobres dos Estados Unidos.

Mas, até andar pelo meu bairro de infância no carro destruído do Tyler e ver aquelas ruas pelos olhos do Jayden, eu não tinha entendido de verdade. Aquilo era muito estranho para eles, e percebi isso pela tensão que crescia dentro do carro. Tudo aquilo parecia inatingível para eles. Parecia ridicularizá-los.

— Talvez eu devesse ter vindo de gravata — disse o Tyler com ironia.

— Você não tem gravata — o Easton observou do banco de trás. — Tem? — A ideia parecia intrigar o menino.

— Não. — Tyler acendeu um cigarro enquanto virava na rua que eu apontei. — E não quero ter.

Eu reconheci o tom. Seu maxilar estava tenso, e ele estava tragando fundo, soltando a fumaça com força. Ele estava desconfortável, e isso fez com que eu me sentisse desconfortável também. Eu queria que aquilo fosse divertido para eles, para mim, e não algo que todos estivessem temendo.

— Essa rua se chama Alameda das Camomilas? Sério? O que tem no próximo quarteirão, Lavanda?

Não respondi, porque ele me colocou numa posição em que nada que eu dissesse seria certo. Se eu brincasse com ele, estaria zombando da minha criação, e eu não achava que precisava pedir desculpas por isso. Se eu tentasse dar uma visão positiva da coisa, ele ficaria irritado.

Não havia dúvida de que Alameda das Camomilas era um nome idiota para uma rua. Mas havia muitos nomes idiotas de ruas. Havia blogs inteiros dedicados a isso.

Não importava.

Talvez o Tyler tivesse percebido que o humor dele alterou o meu, porque na maior parte do caminho desde Cincinnati viemos rindo e conversando, e agora eu estava em silêncio. A mão dele se esgueirou e se uniu à minha. Às vezes eu ainda encarava com admiração nossas mãos entrelaçadas, surpresa por estarmos juntos. Nosso relacionamento parecia um presente de Natal que você não pediu e não esperava receber, mas, no instante em que viu, sabia que era perfeito para você.

— Não se preocupa — falei por fim, alisando a pele dele com o dedão. — Eles vão gostar de você. — Apontei para a casa bege com fachada de tijolos vermelhos. — É ali.

Esperiei que ele protestasse, dissesse que não estava preocupado, mas ele só me deu um meio-sorriso e parou na entrada.

— Chegamos? — perguntou Jayden, parecendo empolgado. Ele estava usando uma jaqueta do exército extremamente gasta, uma camiseta desbotada da Coca-Cola, vários braceletes de tecido e um gorro. Parecia um hipster, enquanto Easton parecia daltônico. Ele estava com uma camiseta laranja e uma calça jeans azul-turquesa. Tive a sensação de que tinham sido compradas num brechó, no departamento feminino. Eu gostava de ver que os irmãos mais novos tinham se definido claramente, de maneira separada do Riley e do Tyler, os quais se encaixariam perfeitamente numa festa com uma multidão de lutadores de MMA de folga. Muito preto e correntes.

E então havia eu, usando um dos meus vestidos supercurtos com estampa floral, meia-calça grossa, botas e boina de tricô na cabeça. A gente faria um flash mob fantástico, porque ninguém jamais suspeitaria que nós quatro estávamos juntos.

Levei os três para dentro de casa pela garagem, gritando:

— Cheguei! — Passamos pela lavanderia e entramos na cozinha.

A casa cheirava a Ação de Graças: peru assado, canela e vinho. Susan estava na ilha da cozinha, picando vigorosamente alguma coisa.

— Oi! Feliz Ação de Graças!

— Feliz Ação de Graças. Susan, esses são o Tyler, o Jayden e o Easton. Pessoal, essa é a Susan, a namorada do meu pai.

Ela secou as mãos num pano de prato e lamentou:

— Ai, meu Deus, eu tenho trinta e oito anos, você sabe como eu me sinto ridícula sendo chamada de namorada de alguém? — Ela se aproximou e apertou a mão de cada um deles com um sorriso. — Muito prazer. Estamos muito felizes de vocês terem vindo.

— Bom, e eu tenho quarenta e oito, como você acha que eu me sinto sendo chamado de seu namorado? — disse meu pai na sala de estar, se levantando. — E, não, eu não gostei quando você passou um mês testando a palavra “companhomen” com todo mundo. Eu me senti um enfermeiro.

— Vocês podiam se casar! — a mãe da Susan gritou do sofá. — Isso resolveria o problema.

— Desculpa por tocar nesse assunto — disse a Susan num muxoxo.

Meu pai se aproximou e me abraçou.

— Oi, querida.

Depois olhou para o Tyler com uma curiosidade indiscreta. Quando apertou a mão do meu namorado, percebi o nariz do meu pai se enrugando. Ele sentiu o cheiro do cigarro nas roupas dele e não pareceu nada feliz com isso. Tyler estava sorrindo, mas era forçado, defensivo.

— Obrigado por trazer a Rory para casa — disse o meu pai.

— Obrigado por nos deixar invadir o jantar de família — disse o Tyler. — Foi muito gentil da sua parte.

Deixei os dois se medindo e fui cumprimentar os pais da Susan e a minha tia Molly, que surgiu da sala de jantar com mais uma garrafa de vinho, olhando

para mim como se nunca tivesse me visto na vida. Percebi que ela e a Susan já tinham bebido uma taça cada uma. Minha tia era aquilo em que eu tinha certeza que meu pai sempre teve medo que eu me transformasse. Era superinteligente, doutora em física, extremamente calada e fazia comentários totalmente desconexos com o assunto em questão. Usava suéteres que caberiam num homem de cento e cinquenta quilos e, quando pintava o cabelo, se esquecia de tirar a tinta da testa e das orelhas depois de lavar. Parecia presa numa equação interna da constante de Boltzmann, tentando diminuir a distância entre o macromundo externo e o micromundo de seu cérebro.

Virar a tia Molly também era meu maior medo. A verdade era que meu pai podia ter se tornado tão excêntrico quanto a irmã se não tivesse conhecido minha mãe. Ele era assistente de um professor de química na faculdade quando ela era estudante e, segundo a opinião geral, incluindo minhas lembranças, ela era muito sociável. Eles eram uma dupla de elétrons solitários até se conhecerem, meu pai sempre brincava. O que nunca fez o menor sentido para mim, já que os átomos são compostos de diversos elétrons, o que fazia os dois parecerem um quarteto, no mínimo. Ou será que ele estava dizendo que, juntos, eles eram reativos? Seria mais engraçado se ele fizesse referência ao estado excitado dos átomos, mas talvez essa opinião fosse só minha.

Quando voltei para a cozinha, peguei a mão do Tyler e a apertei.

— Vocês querem beber alguma coisa? — Jayden e Easton estavam olhando ao redor com os olhos arregalados. Tyler estava roendo a unha.

— Estou bem — disse ele. — Obrigado. Susan, você precisa de ajuda?

Isso a fez sorrir.

— Na verdade, sim. Preciso de um homem forte para tirar esse peru do forno e, pela sua aparência, acho que você se encaixa no requisito.

Ele certamente se encaixava.

Embora meu pai parecesse incomodado com esse fato.

— Claro, sem problemas. — Tyler foi até a pia da cozinha e lavou as mãos, e eu aplaudi por dentro. Ele provavelmente ganhou cinco pontos com o meu pai com TOC por essa.

Enquanto o Tyler ajudava a Susan com a ave, levei o Jayden e o Easton até a garagem e mostrei o frigobar cheio de refrigerante e cerveja.

— Podem pegar o refrigerante que quiserem.

— Quanto custa? — perguntou o Jayden.

Mordi o lábio para não dizer nada. Às vezes eu ficava muito chateada pelos meninos. Eles não deviam ter que desconfiar de alguém que lhes oferecia algo tão simples como uma bebida.

— Ah, é de graça. Meu pai já pagou por eles.

— Legal. — O Jayden pegou uma bebida de laranja e o Easton, uma Pepsi.

Peguei um refrigerante zero para mim e uma cerveja para o Tyler. Quando entramos em casa, o Jayden foi até a tevê para ver o jogo de futebol americano. O Easton ficou ao meu lado enquanto eu dava a cerveja ao Tyler, que já tinha colocado a assadeira gigantesca sobre o fogão.

— Já que eu fui lá fora — falei.

Ele me deu um sorriso.

— Obrigado. — Parecia mais relaxado.

— Preciso pedir sua identidade? — brincou meu pai.

Ai. Que previsível.

— Pai, ele tem vinte e dois anos. Não seja chato.

Por algum motivo, essa conversa fez o Tyler sorrir.

— Tudo bem, baby. Um homem tem o direito de questionar o que quiser na própria casa.

Meu pai pareceu mais calmo e me deu um olhar de “Tá vendo?”.

Talvez o Tyler estivesse satisfeito porque meu pai estava sendo honesto. Ou talvez ele precisasse de um minuto para se ajustar à situação.

— Então, como foi que vocês se conheceram? — ele perguntou ao meu pai e à Susan.

— Eles se conheceram pela internet. Não foi? — perguntei, percebendo, um segundo depois de falar, que eu não sabia ao certo.

— O quê? Por que você acha isso? — indagou meu pai, parecendo surpreso. — A gente se conheceu no supermercado. Eu era o nerd desavisado com olhar confuso na frente do balcão de frios. A Susan insistiu para eu experimentar o presunto cru.

— Eu realmente não sabia disso. — Mas conseguia imaginar. Eu me perguntei por quê, em três anos, nunca me preocupara em perguntar o que o Tyler levou dez minutos para descobrir.

— Eu achei ele tão bonitinho — disse a Susan, pegando uma faca elétrica debaixo do balcão, o cabelo louro caindo no rosto. — E ele estava realmente interessado em aprender algo novo enquanto eu dava sugestões. Muitas pessoas se irritam, como se você estivesse chamando-as de burras por tentar ajudar na escolha. Eu só estava tentando ajudar, e ele entendeu.

— E vocês? Como se conheceram? — perguntou meu pai, tentando parecer casual, mas sem muito sucesso.

Tecnicamente, nós nos conhecemos quando a Kylie começou a transar com o Nathan. Mas eu respondi:

— O Tyler é meu monitor. — Era verdade.

— O quê? — Meu pai riu. — Desde quando você precisa de monitor? — Ele claramente não acreditava.

— Literatura parece hebraico antigo pra mim, então ele me ajuda a interpretar os livros que eu preciso ler.

— Sério? — Agora eu tinha a atenção do meu pai. Ele olhou para o Tyler com um respeito renovado.

— É, você sabe como eu sou literal.

— É verdade.

— O Tyler tem me ajudado muito.

— Você tirou B antes de a gente começar a estudar — lembrou o Tyler. — Você não era exatamente um fracasso.

— Para esses dois, B é um fracasso — disse a Susan.

— Bom, acho que *monitor* é uma palavra muito forte. A gente se conheceu porque temos amigos em comum e depois começamos a estudar juntos. Ela me ajuda em ciências e matemática.

— Você estuda letras? — perguntou meu pai.

— Não. Quem me dera. Estou no programa de paramedicina. Eu precisava de alguma coisa que não levasse quatro anos e me garantisse um emprego depois. Acho que vou gostar se conseguir sobreviver a todas as aulas de biologia.

— Ele se forma no próximo semestre — emendei, percebendo o orgulho na minha voz.

— Uau. Que ótimo. — Meu pai estava fazendo uma ginástica mental, tenho certeza.

— E esse carinho? — perguntou a Susan, tocando nas costas do Easton enquanto ele se inclinava sobre a ilha da cozinha, encarando fixamente um vaso de vidro de que o meu pai costumava cuidar. — Em que ano você está, Easton?

— No quinto — ele respondeu, as palavras abafadas pelos punhos em seu rosto enquanto ele se sustentava nos cotovelos.

— Você gosta da escola?

— Não.

— Bom, pelo menos ele é sincero — disse o meu pai, achando graça.

Porém o Tyler não achou. Ele não disse nada, mas eu percebi a preocupação estampada em seu rosto. Ele se preocupava com os irmãos,

especialmente com Easton, isso era óbvio para mim. Sinceramente, ele devia ter motivos. Jayden era fácil de entender e parecia um adolescente suficientemente feliz, ainda mais nas circunstâncias dele. O Easton podia ter um milhão de ideias passando pela cabeça, boas ou ruins, e ninguém jamais saberia quais eram. Ou ele podia estar pensando em nada. Era impossível dizer.

— Está com fome, Easton?

Ele deu de ombros.

— Nós estamos! — gritou o pai da Susan, Bob, da sala de estar. O Jayden estava sentado ao lado dele, e os dois pareciam discutir alguma coisa sobre o jogo. O Jayden apontava muito, e o Bob fazia que sim com a cabeça.

A mãe da Susan, Nancy, estava tricotando alguma coisa. Eu meio que esperava que fosse um cachecol para mim, de Natal. Ela fazia aqueles cachecóis macios que formavam uma barreira de acrílico entre a pele e o vento.

— Não seja resmungão — Susan disse ao pai. — Já vamos servir. Todo mundo na sala de jantar.

Enquanto todos faziam o que ela mandou, peguei uma caçarola de batatas gratinadas.

— Tudo bem, tia Molly? — perguntei. Ela estava encarando a porta da geladeira do meu pai, com o copo de água pronto para encher, mas percebi que ela não tinha apertado o botão.

— Hein? — Ela despertou e se concentrou em mim. — Ah, tudo bem. Lutando contra os dragões do departamento de física, como sempre. E você?

— Estou ótima. — E estava mesmo. Com exceção da Jess e da Kylie, todas as minhas pessoas favoritas estavam na minha casa. Eu me inclinei mais para perto dela. — Meu namorado não é lindo? — sussurrei, curiosa para saber se minha tia ainda pensava nessas coisas.

Seus olhos se arregalaram, e seu olhar disparou pela sala até o Tyler, que estava mostrando ao Easton onde se sentar à mesa.

— Ah! Acho que sim. Ele certamente é o epítome da masculinidade, e as fêmeas são feitas para achar atraentes os machos mais fortes, para garantir que a futura cria tenha mais chances de sobreviver.

Uau. Isso era um jeito totalmente não sexy de pensar em namoro.

— Exatamente — falei, desistindo. Na minha opinião, isso fazia sentido. Eu era completamente fascinada pelos músculos do Tyler. Só não queria pensar nesses termos evolucionários clínicos. Eu queria ser uma garota e me sentir tonta e romântica.

Não havia perigo de eu me tornar a tia Molly, afinal.

Eu me sentei entre o Jayden e o Tyler à mesa, e o Easton à esquerda do Tyler, mexendo de um jeito nervoso no guardanapo de tecido.

— Por que tem tantos garfos? — Jayden me perguntou.

— Este é para a salada, este para o jantar e este para a sobremesa. — Apontei cada um enquanto falava.

— Nossa... — Ele parecia tenso.

— Não se preocupa, U — disse o Tyler. — Usa um só, se for mais fácil.

— Não, não. Eu consigo fazer direito. — Decidido, ele pegou o garfo de salada e começou a comer o mix de verduras da tigela que a Susan tinha colocado no prato dele.

A refeição foi muito mais tranquila do que eu imaginara. O Bob e a Nancy eram bem falantes e pareciam gostar de encher os meninos de perguntas. Isso lhes deu mais opções de conversas, porque normalmente eles tentavam tirar uma frase ou duas da tia Molly e depois desistiam. Meu pai parecia triunfante como sempre ao cortar o peru, vivendo seu grande momento de macho do ano.

O Jayden comeu cada migalha de comida no prato, recebendo comentários positivos da Susan e da Nancy.

— Quer mais purê de batatas? — perguntou a Susan quando ele deslizou o dedo pelo prato para limpar o molho.

Eu sabia que o Tyler não tinha visto ou teria repreendido o irmão, mas imaginei que essa provavelmente era a melhor refeição da vida dele, então por que estragar tudo com regras? Todos nós lambemos os dedos em algum momento.

Jayden fez que sim com a cabeça.

— Obrigado, sra. Susan.

Eu não sabia muito bem de onde tinha vindo a forma de tratamento, mas a Susan pareceu recebê-la como um elogio.

Enquanto Jayden era um saco sem fundo, Easton não comia quase nada. Tyler passou metade do tempo insistindo para ele experimentar um pedacinho de tudo que estava no prato. Easton lambeu lentamente e mastigou os menores pedaços que conseguia espetar com o garfo. Eram quase migalhas. O que ele mais comeu foi pão com manteiga e, quando as tortas apareceram, ele definitivamente não se controlou. Comeu uma fatia da torta de abóbora e uma da de maçã.

Ele estava colocando um pedaço grande na boca quando falou pela primeira vez desde que nos sentamos.

— A Rory fez uma torta. Foi a melhor do mundo.

Ahhh. Que fofo.

— Obrigada.

— Você cozinhou? — meu pai me perguntou. — Onde você encontrou um lugar para fazer isso na faculdade?

— Na nossa casa — respondeu Jayden. — A Rory cozinha pra gente.

— Só umas duas vezes — protestei, porque não queria mais crédito do que merecia.

— Ela é uma ótima cozinheira — disse o Tyler, sorrindo para mim. Era o tipo de sorriso que dizia mais do que palavras. Que me lembrava de tudo que compartilhávamos um com o outro, emocional e fisicamente.

Meu coração ficou preenchido no calor da sala de jantar, feliz porque eu tinha encontrado alguém que me entendia. Que me valorizava.

Mas o meu pai e a Susan trocaram um olhar que não me agradou. Eles pareciam nervosos, os dois.

Provavelmente estavam preocupados que eu fosse engravidar, apesar da minha conversa com a Susan. Ou que minhas notas caíssem ou algo assim, porque eu estava fazendo o jantar uma vez a cada dez dias. O que era ridículo. Nada ia afetar meus estudos. Se eu tivesse de dormir menos, faria isso. Porque eu sempre estava na lista dos melhores alunos e não tinha a menor intenção de sair dela.

Tentando não deixar os olhares deles estragarem as coisas para mim, de repente percebi que a perna do Tyler estava quicando loucamente. Seus dedos batucavam na mesa, e ele ficava estendendo a mão para a cerveja antes de conseguir evitar. Seu rosto parecia contraído.

Então percebi que ele queria fumar, mas sabia que não podia fazer isso dentro de casa. Nem ser o primeiro a sair da mesa. Ele estava lutando contra o desejo de nicotina, no esforço para ser educado e passar uma boa impressão à minha família.

— Terminou? — perguntei, apontando para seu prato de sobremesa vazio, com apenas algumas migalhas. Jayden estava a caminho da segunda fatia da torta mousse de chocolate, então o deixei em paz.

Tyler fez que sim com a cabeça, então peguei meu prato e o dele e me levantei.

— O Tyler e eu vamos dar uma volta — anunciei. — Preciso de ar puro. Ele me deu um olhar agradecido quando se levantou.

Meu pai me olhou, surpreso, mas só fez sinal de positivo com a cabeça. Ninguém mais pareceu notar.

Quando saímos, depois de colocar os pratos na lava-louça, abotoei o casaco e o Tyler se inclinou para me beijar.

— Você é o máximo, sabia?

— Não. Eu não fazia ideia. — Sorri para ele enquanto saíamos pela garagem no ar gelado da noite, carregando uma lata de refrigerante vazia para ele jogar a bituca quando terminasse de fumar. Jogar lixo no chão era algo inaceitável no bairro.

Ele acendeu o cigarro, tragou fundo e suspirou.

— Cacete, como isso é bom. Acho que eu não tinha percebido como sou viciado até ter que ficar sentado lá dentro por duas horas. Isso estava me distraindo e eu fiquei irritado. Talvez seja a hora de largar.

— Se você conseguir, seria uma boa ideia, por motivos de saúde.

Ele pegou minha mão livre e falou:

— Seu pai está tentando. Eu vejo que é difícil pra ele, mas ele está tentando.

— É, ele não está acostumado a me ver com um namorado.

— Acho que ele não se importaria se eu fosse um cara de camisa polo vindo de uma família de classe média-alta. Ele acha que você pode conseguir coisa melhor.

— Não — protestei, mesmo suspeitando de que era verdade. Mas meu pai não sabia como o Tyler era uma boa pessoa. — Ele só precisa se acostumar com a ideia.

Tyler parou na frente da casa do nosso vizinho e me encarou, envolvendo meu rosto com as mãos.

— Você pode conseguir coisa melhor. Mas eu sou egoísta demais pra te deixar ir embora.

— Eu não quero que você me deixe ir embora. Nunca.

Foi um dia tão perfeito quanto eu podia esperar, e, quando o Tyler foi embora à noite com os meninos, depois de ver mais futebol americano, com o banco de trás cheio de sobras de comida embaladas pela Susan, eu me sentei no sofá com o Bob e a Nancy e me aninhei debaixo de uma coberta, completamente feliz.

A sensação durou quase vinte e quatro horas, até eu receber a mensagem de que o Tyler tinha sido preso.

— Valeu a pena? — perguntou meu pai quando a Susan e eu entramos pela garagem.

Tínhamos decidido enfrentar as multidões da Black Friday em busca de barganhas. A maioria eram coisas que a Susan queria, e fui junto para passear. Tirei as botas e respondi:

— Foi interessante, com certeza. Mas eu temo pela humanidade.

— Ah, eu já temia pela humanidade. Não preciso de um bando de consumidores alucinados para me dizer isso.

— Mas eu comprei uma máquina de pão por vinte dólares — disse a Susan, parecendo orgulhosa. — E uma pilha de DVD de um dólar.

— Quem usa DVD hoje em dia? — perguntou meu pai.

Ela fez uma careta para ele.

— Falou o homem que não compra toalhas novas há vinte anos.

Fui até a cafeteira, sentindo frio pela caminhada de quilômetros em diversos estacionamentos. Meu telefone zumbiu no bolso. Era uma mensagem do Nathan.

Por que ele estava me mandando mensagem? Preocupada, toquei na tela para desbloquear o celular. Eu esperava que ele e a Kylie não tivessem tido uma briga a distância e agora ele quisesse conselhos.

Mas era pior.

Vc pode me ligar? O Tyler foi preso,
preciso \$ fiança.

Putá merda. Minha pulsação acelerou. Que idiotice eles tinham feito? Provavelmente entrado numa briga de bar ou algo parecido. Ou talvez ele não tivesse pagado as multas de trânsito. Apavorada com a imagem do Tyler sendo fichado, apertei o botão para ligar para o Nathan.

— Oi — disse ele, atendendo imediatamente e parecendo sem fôlego. — Você tem como me emprestar cem pratas pra pagar a fiança dele? É cento e cinquenta, e eu só tenho cinquenta.

— Tenho. — Isso ia causar um rombo na minha conta corrente, mas eu tinha o dinheiro, e era tudo que importava. — O que aconteceu? Onde você está?

— No meu apartamento. Em quanto tempo você consegue chegar aqui?

Merda. Virei e vi meu pai e a Susan me observando. Eu não ia pedir carona para eles de volta a Cincinnati hoje. Não ia pegar bem. Especialmente pelo motivo.

— Umas duas horas. Qual é a acusação? — perguntei baixinho, tentando decidir quanto ia contar aos adultos no ambiente.

— Posse de substâncias controladas.

— Posse? — repeti, chocada, destruindo imediatamente o plano de ser vaga na frente do meu pai. — Quer dizer drogas? Que merda.

— Eram da mãe dele, óbvio. Não sei muito bem o que aconteceu, porque eu só consegui falar com ele por um minuto, mas o Tyler disse que eles tinham saído e ele foi abordado por um policial num estacionamento. Ele tentou ligar

para o Riley, que não atendeu. Estou tentando faz meia hora e também não consigo fazer contato. Estou indo para a casa deles.

— Onde está a mãe dele?

— Vai saber. Ela não foi presa com o Tyler, então foi embora.

Aquilo era bizarro. Como ele conseguiu ser preso e ela não, quando ela estava o tempo todo chapada?

— Bom, é claro que foi um mal-entendido. É só a gente esclarecer as coisas.

Nathan, que cresceu no mesmo bairro que Tyler, pareceu em dúvida.

— Não sei. Posse é posse, Rory. Não dá pra escapar.

— Eles não vão fazer um exame pra ver que ele não usa nada? — Devia haver um jeito de provar que as drogas não eram dele.

— Não sei. Olha, só vem pra cá assim que puder. Me manda mensagem.

— Tudo bem. Tchau. — Respirei fundo e olhei para o meu pai e para a Susan. Eu não tinha escolha. Precisaria pedir carona. — Vocês podem me levar de volta para a faculdade hoje?

— O quê? Por quê? E por que você estava falando de drogas? — A veia na testa do meu pai estava pulsando.

— Lembra que eu falei que a mãe do Tyler é meio confusa? Então, ela machucou a coluna dez anos atrás e ficou viciada em remédio pra dor. O vício foi piorando e, embora eu não saiba exatamente o que aconteceu, porque o Nathan também não sabe, parece que ela estava com o Tyler e a polícia parou os dois, e acho que tinha drogas no carro. Ele foi preso, apesar de nunca ter usado nada dessas coisas, e eu preciso ir até lá pagar a fiança.

Imaginei que, se eu não parasse para respirar, conseguiria explicar tudo antes de ele surtar. Mas não fez a menor diferença.

— O seu namorado foi preso por posse de drogas? — ele rosnou. — Você está brincando?

— Não. Não foi culpa dele. Ele não usa drogas. Você viu. Ele e o irmão mais velho mantêm a casa em pé, apesar de todos os problemas com a mãe.

— Então você andou frequentando e cozinhando numa casa onde tem uma viciada? Onde tem drogas? — Ele estava elevando o tom de voz.

— Ela nunca está lá quando eu vou. E não tem cachimbos de metanfetamina espalhados pela casa. São remédios. Ficam no bolso dela, sei lá.

— Meu Deus do céu. — Meu pai passou as mãos no cabelo e empurrou os óculos para cima. — Não acredito que você está sendo tão indiferente em relação a isso. Você sabe o risco que está correndo? Não posso acreditar. Estou enjoado.

Ele realmente parecia enjoado. Mas eu também estava. O Tyler estava preso. Ele não entendia o significado disso?

— Podemos conversar sobre isso no caminho? Não quero que o Tyler fique lá mais tempo que o necessário.

Meu pai sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Você realmente espera que eu dirija uma hora até lá no seu fim de semana em casa para você pagar a fiança do seu namorado drogado?

— Não chama o Tyler de drogado! — protestei. — Acabei de explicar a situação. Não é culpa do Tyler se a mãe dele tem problemas. Ele está fazendo o melhor que pode pra cuidar dos irmãos.

— Olha, eu gostei do Tyler quando nos conhecemos ontem. Ele parece um cara legal e, sim, é admirável que ele queira cuidar dos irmãos. Mas você já refletiu sobre isso, Rory? Que tipo de futuro ele tem? O Jayden tem síndrome de Down e provavelmente vai ter que morar com o Tyler para sempre. O Easton evidentemente é filho de outro pai e, embora pareça uma criança meiga, ele provavelmente precisa de terapia. Tudo isso já é fardo suficiente, que eu não quero que você assuma. E agora você está me dizendo que a mãe dele é

uma viciada? Eu não quero você envolvida nisso de jeito nenhum. Deixe outra pessoa pagar a fiança.

— O Nathan, amigo dele, não tem dinheiro suficiente — falei entre dentes. — O irmão dele não atende, provavelmente está trabalhando. Eu não posso simplesmente deixar ele lá!

— Eu te levo — disse a Susan.

Meu pai virou a cabeça bruscamente para encará-la.

— Não leva, não! A Rory é *minha* filha.

— Que por acaso tem vinte anos e quer fazer a coisa certa e ajudar um amigo. Você vai ter tempo suficiente para dar sua opinião sobre a segurança dela depois.

— Susan — disse meu pai, com a voz rígida e tensa.

Oh-oh. Agora eles iam discutir por minha causa. Tudo que eu não precisava.

— Não briguem, gente, sério, eu não quero isso — implorei. — Posso pegar o carro emprestado e ir até lá? Eu trago de volta amanhã, prometo.

Meu pai ponderou por um momento, mas finalmente disse:

— Não, eu te levo. Não quero você dirigindo nervosa desse jeito.

— Obrigada, pai. — Fui pegar a bolsa e o casaco.

— Rory?

— Sim? — Virei e vi meu pai parado na cozinha, com a testa enrugada de preocupação.

— Você se dá conta de que, se estivesse com ele, também poderia estar presa neste momento? Isso poderia arruinar a sua vida.

Estremeci. Eu não tinha pensado nisso. Mas, por outro lado, eu quase não via a mãe do Tyler. No entanto, eu tinha estado com o Tyler quando ele estava com drogas.

— Isso não é a mesma coisa que ser pego com uma cerveja numa festa da faculdade. Posse de drogas é coisa séria.

Foi o que o Nathan disse. Acho que eu sabia, mas não queria pensar no assunto naquele momento. Então simplesmente fiz que sim com a cabeça.



Foi uma viagem tensa até Cincinnati. Seguíamos em silêncio por uns dez, quinze minutos, depois meu pai de repente começava a me dar um sermão.

— Onde ela consegue as drogas? — ele perguntou em algum momento. — Tem traficantes entrando e saindo daquela casa?

— Não. — Não que eu soubesse. — Acho que ela tem uma amiga que consegue pra ela.

— Onde ela consegue dinheiro? Roubando ou se prostituindo?

— Ela gasta a maior parte da pensão por invalidez com as pílulas. — Eu suspeitava de que a casa estava em processo de execução de hipoteca, porque tinha visto uns papéis jogados sobre a mesa da cozinha na última vez em que fui lá, mas o Tyler não tinha falado nada.

Ele bufou de desdém.

— Claro.

— Achei que você tinha dito que a gente não deve julgar os problemas dos outros. — Não que eu quisesse defender a mulher, não mesmo. Eu odiava o que ela tinha feito com os filhos por causa do vício.

— Claro. Só que ela pôs os filhos em risco e agora pode pôr a minha filha em risco. Minha simpatia por ela se esgotou. Existe uma coisa chamada reabilitação quando você quer ajuda.

Eu não podia argumentar contra isso. E nem queria. Eu também pensava assim em relação à mãe do Tyler. Embora fosse fácil entender que o vício tinha

saído de controle, não era muito fácil entender a forma como ela tratava os filhos. Não importava se ela não era fisicamente violenta com o Jayden e o Easton.

O silêncio durou de novo quase vinte minutos, até ser interrompido pelo meu pai:

— Você sabe que nenhum hospital vai contratar um cara condenado por posse de drogas, não é? Vão ter medo que ele roube metade das drogas da ambulância.

Olhei para ele no escuro, horrorizada. Isso nunca tinha me ocorrido, mas certamente parecia uma possibilidade muito real.

— Ai, meu Deus. — Meu lábio começou a tremer, e eu comecei a chorar. — Depois de ele se esforçar tanto...

Meu pai pareceu perceber que a especulação tinha ido longe demais e se apressou para me acalmar.

— Isso se ele for condenado.

Paramos no balão em frente ao meu dormitório.

— Você consegue pegar sua mala sozinha ou precisa de ajuda? — ele perguntou, o clima entre nós estranho.

— Consigo. É só uma mochila. — Eu havia planejado passar o fim de semana de pijama ou com a mesma calça jeans. Tinha feito uma mala leve e não esperava voltar para o campus na sexta-feira. Meu quarto estaria solitário, o dormitório assustadoramente silencioso, já que todo mundo tinha viajado no feriado.

— Me dá notícias.

— Pode deixar. Obrigada, pai. Por tudo.

Então, como eu era eu e ele era ele, não falamos mais nada. Esse era o limite da emotividade que a gente conseguia alcançar, e enquanto saía do carro eu já estava mandando mensagem para o Nathan para avisar que tinha

chegado. Quando olhei de volta para dar tchau, vi que meu pai estava falando ao telefone, provavelmente ligando para a Susan para acertar as coisas.

O Nathan disse que chegaria em dez minutos para me pegar, então fui até o meu quarto e desfiz a mochila, tentando arrumar um jeito de entrar em contato com os irmãos do Tyler. Eu estava preocupada com eles.

Mas, principalmente, eu estava preocupada com o Tyler. O que eu sabia das prisões vinha da tevê e dos filmes, mas eu achava que na vida real elas também eram locais deprimentes e violentos. Eu não queria imaginar meu namorado ali, com um cara enorme cheio de atitude empurrando-o só para intimidar. Ou coisa pior.

Depois de alguns minutos andando de um lado para o outro, desci para esperar no saguão. Quando vi o Nathan chegando no carro do Tyler, eu me senti pior.

— A gente precisa passar num caixa eletrônico — falei ao entrar. — Eu não quis pedir pro meu pai parar.

— O que você falou pro seu pai? — ele perguntou, parecendo tão preocupado quanto eu. O cabelo estava despenteado, e ele estava usando o moletom ao contrário, a etiqueta aparecendo debaixo do queixo. Parecia ter sido arrancado da cama.

— Falei a verdade, até onde eu sei. Ele surtou, claro, mas vai passar. — Assim eu esperava. — Que bom que você atendeu o telefone quando o Tyler ligou. — Agora que eu pensei no assunto, me perguntei por que ele não tinha ligado para mim. Provavelmente porque sabia que eu estava a uma hora de distância e sem carro.

— Eu estava dormindo. — Isso confirmou minhas suspeitas. — Mas, por algum motivo, atendi. Nem sei por quê, mas foi bom.

— Você sabe pra onde a gente tem que ir?

— Sei. Já paguei a fiança de uma ou duas pessoas na vida.

— Você sabe qual é a sentença por algo desse tipo se ele for condenado? — perguntei. Eu não conseguia nem pensar que ele pudesse ser preso, mas o que eu sabia do assunto?

— Ele é réu primário — disse o Nathan, parando o carro no drive-thru do banco. — O que é bom.

Isso não respondia à minha pergunta, mas agora não era hora de me preocupar com isso. Ele pegou meu cartão e enfiou na máquina, e eu falei a senha. Vinte minutos depois, estávamos entrando na delegacia. Fiquei perto do Nathan, desconfortável com os sons, o cheiro e a aparência do lugar. Era simples e sujo, com guardas apáticos e atendentes grosseiros. Todo mundo parecia infeliz, e o ambiente tinha cheiro de cê-cê.

Eu o deixei cuidar de toda a conversa, da papelada e do processo de pagamento. Depois, esperamos durante quarenta e cinco minutos num banco de madeira enquanto o Nathan tentava me distrair com piadas de seus comediantes favoritos. Eu sorri e tentei reconhecer seu esforço, mas a verdade era que eu estava com vontade de vomitar. Isso era ainda mais distante da minha realidade do que o meu bairro tinha sido para os irmãos do Tyler. Ouviam-se gritos e um murmúrio psicótico, e o aquecimento parecia estar desligado. Eu estava encolhida no casaco, com as mãos enfiadas nos bolsos, desejando estar em qualquer lugar, menos ali. Claro que eu sabia que devia ser dez mil vezes pior para o Tyler, preso do outro lado.

Mas ele finalmente saiu por uma porta eletrônica e veio na nossa direção.

— Rory! — Ele imediatamente olhou feio para o Nathan. — O que ela está fazendo aqui, porra?

— Eu só tinha cinquenta dólares, cara — Nathan protestou. — Ela pagou o restante da fiança.

— Mas não precisava trazer ela aqui, seu idiota.

— De nada — retrucou Nathan, visivelmente irritado.

— Por que eu não posso estar aqui? — perguntei, me levantando. — E oi pra você também.

— Porque esse buraco não é lugar pra você. — Ele pegou minha mão e me puxou para perto, olhando ao redor como se pensasse que alguém podia me agarrar e me jogar numa cela.

Quando ele bateu na porta da frente para abrir, estava agressivo e com raiva, e a porta quicou na parede com um barulho tão alto que olhei para trás, com medo de alguém gritar com ele ou arrastá-lo de volta para a cela. O Nathan estava andando rápido na nossa frente, e nós todos parecíamos ter o mesmo desejo de sair logo daquele inferno. O Tyler estava praticamente me arrastando, e eu tropecei para conseguir acompanhar.

— O que aconteceu? — perguntei. — E o que acontece agora?

— Eu posso ser preso ou não, é isso que acontece agora.

O medo subiu pela minha garganta.

— Você está brincando? Por algumas pílulas e sendo réu primário?

— Eu não sou usuário, então o meu exame de drogas saiu limpo. Mas isso me torna um traficante aos olhos da lei. Por que outro motivo alguém teria oito comprimidos de oxicodona? — Ele deu uma risada exasperada de pura fúria, puxando a porta do carro com tanta força que ela abriu e fechou sozinha. — Meu Deus! Que porra!

Depois que ele chutou a porta três vezes comigo ali, com medo por ele, talvez até com um pouco de medo *dele*, o Tyler respirou fundo e se obrigou a ficar calmo. Eu via o conflito interno que ele travava consigo, sentia a tensão enquanto ele se controlava e reabria a porta para mim. Entrei e olhei para ele, com uma pergunta silenciosa no rosto.

— Quer saber? Vai dar tudo certo. Não se preocupa, baby. Não é suficiente para uma condenação. Vai dar tudo certo. — Ele se abaixou e me deu um selinho. — Obrigado por pagar a fiança. Eu vou te pagar de volta.

Ele não estava com o cheiro dele. Ele tinha um cheiro incrustado no cabelo, na camisa, um cheiro de antisséptico e mãos suadas, e eu não gostei.

— Não se preocupa com o dinheiro. Não me importa. Estou com medo por você — falei com sinceridade. Ser considerado um traficante parecia muito sério. Pior que isso. Terrível, tipo o fim do mundo.

Pensei no que meu pai disse, que ninguém ia contratar um cara condenado por posse de drogas para ser paramédico. Isso era péssimo, mudava a vida dele e arruinava seus planos. Mas ficar preso? Eu não conseguia nem imaginar.

— Vai ficar tudo bem — repetiu ele, dando a volta no carro.

Olhei para o Nathan no banco de trás, e ele evitou meu olhar de propósito, como se soubesse que isso era mentira.

— A gente pode ficar na sua casa hoje? — Tyler perguntou a ele. — Eu me recuso a ir pra casa até me acalmar, e os dormitórios estão tão vazios que vão perceber se eu ficar no quarto da Rory.

Pelo menos ele me incluiu no plano. A última coisa que eu queria era que ele se afastasse de mim. Eu não tinha experiência com os detalhes jurídicos da situação, mas era racional e lógica. Podia oferecer conselhos, consolo. Alimentar o Tyler, deitar com ele. Estar ao lado dele.

— Claro.

O Tyler saiu da vaga e dirigiu por meio quarteirão quando o Nathan perguntou:

— Então, como foi que você acabou ficando com as pílulas?

— Minha mãe foi até o mercado e deixou as pílulas comigo. O policial veio até a minha janela e começou a me dar uma dura. A próxima coisa que eu lembro é dele me revistando e vasculhando meu carro. Minha mãe obviamente não saiu mais do mercado.

— Sua mãe te deixou ser preso por causa das drogas dela? — perguntei, enojada. — Como ela pôde fazer isso?

O Tyler me deu uma olhada séria.

— Porque ela sabia que, se fosse presa, teria que ir pra reabilitação, e todos nós sabemos que ela não quer isso. Além do mais, ela não é ré primária. Nem de longe.

— Mas por que o policial te abordou? — perguntou Nathan.

— Não sei. — Tyler pegou o maço de cigarros no painel. — E, sinceramente, não quero mais falar sobre isso. Só quero tomar um banho pra tirar esse cheiro de fracasso e ir pra cama.

— Eu entendo — disse o Nathan. — Quando fui preso por embriaguez pública, fiquei naquela cela por doze horas com vinte caras. Tinha cheiro de merda e cabelo sebo.

Que nojo. Sem perceber o que ia acontecer, caí no choro de repente. Eu não queria pensar no Tyler numa cela com um monte de bandidos.

— Ei, ei — disse ele, parecendo assustado. — Está tudo bem, baby. — Ele deu uma olhada para o amigo. — É por isso que você não devia ter trazido a Rory, seu imbecil.

Nathan jogou as mãos para o alto em protesto.

— Não culpa o Nathan — falei em meio às lágrimas, secando os olhos e tentando me controlar. — Eu queria estar lá. Eu não teria dado o dinheiro da fiança para ele se ele dissesse não.

— Você não precisava ver nada daquilo.

— Bom, mas eu vi. — Quando entramos na Straight Street, encarei o perfil dele. — E eu aguento. — Tudo bem, talvez eu tivesse começado a chorar, mas a situação era traumática. Não significava que eu não era capaz de ouvir ou ver a verdade.

O olhar que ele me lançou foi dúbio o suficiente para ser ofensivo, mas eu não ia mais falar disso. Não era hora.

Quando entramos no apartamento, ele foi direto para o banheiro e ligou o chuveiro. Eu meio que esperava que ele me convidasse para ir junto, mas pensei que talvez ele não quisesse fazer isso na frente do Nathan. O que era idiotice. Ele não se importaria com o que o Nathan ia pensar de nós dois nus juntos. O mais provável era que ele quisesse ficar sozinho. E isso meio que me chateou. E aí eu fiquei irritada comigo mesma. Eu não podia bancar a carente nessa situação. Eu teria de me acalmar e ser forte pelo Tyler.

O Nathan foi até a cozinha e abriu a geladeira.

— Quer uma cerveja?

— Quero. — Sem dúvida. — Que horas são?

— Mais de uma da manhã.

Era por isso que eu estava me sentindo tão exausta. Peguei a cerveja e abri, dando um longo gole. Minha garganta estava arranhada, meus olhos inchados.

Cinco minutos depois, quando o Tyler saiu do chuveiro só de calça jeans e com o cabelo molhado, eu estava curtindo a cerveja e vendo tevê com o Nathan, embora não tivesse a menor ideia do que estava passando na tela.

— Pronta pra ir pra cama? — ele me perguntou, parecendo exausto, irritado e sexy ao mesmo tempo.

— Claro. — Segui o Tyler até o quarto do Bill, esgotada demais para me preocupar com o fato de que íamos dormir na cama de outra pessoa. Entramos no quarto extremamente arrumado e tirei os sapatos. Eu teria gostado de um banho, mas o mais importante era que eu queria deitar na cama com o Tyler e apoiar a cabeça no peito dele. Eu precisava desse contato, dessa confiança.

Ele tirou a calça, puxou a coberta e deitou. Quando sua cabeça atingiu o travesseiro, ele suspirou. Eu também tirei a calça e o suéter, ficando de regata. Eu ainda sentia uma pontada de timidez de andar nua na frente do Tyler e preferia que ele tirasse minhas roupas quando fazíamos alguma coisa.

Mas ele não parecia interessado em nada além de me abraçar.

— Como você voltou pra faculdade?

— Meu pai me trouxe.

— Você contou pra ele?

— É, eu tinha que contar, se quisesse voltar pra cá.

Ele ficou em silêncio por um segundo.

— Tenho certeza que ele ficou superanimado de saber que a filha está namorando um traficante e que ele me deixou entrar na casa dele ontem.

— Você não é um traficante.

— Fala isso pro juiz. E pro seu pai. Tenho certeza que ele me odeia neste momento.

Odiar era uma palavra forte, mas meu pai definitivamente não estava feliz com a situação.

— Ele confia na minha capacidade de avaliar o caráter das pessoas. — Eu esperava que sim. — Se eu digo que você é um cara legal, ele acredita em mim.

O Tyler suspirou, mas não falou mais nada. Só beijou o topo da minha cabeça.

— Boa noite.

— Boa noite. — Tentei fechar os olhos, mas eles se abriam sozinhos, com pensamentos girando na cabeça à velocidade de um tornado. Quem estava com o Jayden e o Easton? Eu sabia que o Jayden tinha quase dezoito anos, mas será que ele realmente era capaz de cuidar do irmão mais novo? Onde estava a mãe deles? E como ela pôde deixar o Tyler levar a culpa pelo vício dela? Era incompreensível.

A respiração do Tyler se acalmou e ficou uniforme, e ele dormiu depois de cinco minutos. Muito tempo depois, com os dedos ainda espalhados no peito dele, também dormi. Mas fui arrancada de um sonho sombrio e triste sobre caixas trancadas quando o celular do Tyler tocou.

Ele se inclinou por cima de mim e procurou o telefone, olhando a tela para ver quem era.

— Alô? É, eu já saí, cara, valeu. — Ele se sentou, segurou o telefone longe da boca e murmurou para mim: — É o Riley. Volta a dormir, baby. — E saiu da cama, ajeitando as cobertas sobre mim. Ele atravessou o quarto e abriu a porta, falando baixinho. — A Rory e o Nathan pagaram a fiança. É, oito oxis, fichado por posse, e o meu exame de drogas estava limpo. Então você sabe o que isso quer dizer. Eu posso pegar doze meses.

Doze meses? Ele estava falando sério? Ele tinha me garantido que tudo ia ficar bem, mas sabia que podia ficar preso durante um ano inteiro? O Tyler foi para a sala e eu não consegui mais ouvi-lo, então levantei e fui em silêncio até a porta do quarto, que ele tinha fechado quase totalmente. Eu queria ouvir o que mais ele sabia e não quis compartilhar comigo, a namorada burguesinha que chorou depois de entrar na delegacia.

— Ah, ela fez isso de propósito, cara — Tyler disse. — Eu não ficaria surpreso se descobrisse que ela mesma chamou a polícia.

Prendi a respiração. Ele achava que a própria mãe tinha armado para ele.

— Ele começou a me dar uma dura porque eu não dei seta para fazer o retorno e perguntou por que eu estava parado sem fazer nada no estacionamento. Respondi que a minha mãe estava no mercado e eu estava esperando por ela, e ele me disse que eu estava nervosinho e me mandou sair do carro. Foi tudo uma grande palhaçada. Eu só estava estacionado ali, sem fazer nada.

Houve uma pausa quando, obviamente, o Riley estava falando.

— Bom, você sabe que ela surtou quando a gente chegou em casa depois do Dia de Ação de Graças. Ela ficou muito puta por eu ter levado os meninos pra jantar na casa da Rory. Começou a falar que eu achava que era bom demais pra comer na casa dela e que a minha namorada rica está tentando roubar os

bebês dela. A merda de sempre, mas agora ela tem uma nova pessoa pra culpar, sabe?

Eu. Ela estava me culpando.

— Ela jogou as sobras de comida pela sala. Foi tipo uma granada de Tupperware, cara. Coisas explodindo pra todo lado. — Nesse momento, ele acabou rindo, mas terminou tossindo. — Tão idiota e até meio engraçado, só que ela desperdiçou uma comida boa. Eu nunca tinha comido daquele jeito. Pena que você não foi. ... E outra, quando é que ela tem tantas pílulas ao mesmo tempo? Ela toma tudo assim que consegue comprar. Ou ela compra heroína, que é mais barata. Tinha o equivalente a quinhentos paus naquele saquinho, onde ela conseguiu esse dinheiro, cacete?

Essa era uma ótima pergunta.

— Não que isso importe, na verdade. Tudo que eu sei é que estou fodido. Se eu tiver sorte, escapo com condicional e uma multa, mas não tem como saber o que o juiz vai decidir. Não que eu tenha dinheiro pra pagar a multa, de qualquer maneira.

Nisso eu podia ajudar. Eu não sabia muito bem como, mas ia descobrir um jeito. Meu pai podia me emprestar o dinheiro. O que tenho certeza que seria demais para ele.

— Tá, a gente se fala mais tarde.

Voltei correndo para a cama e deitei, fechando os olhos. Meu coração estava batendo tão alto que eu tinha certeza de que ele ia ouvir, mas ele não pareceu notar nada fora do comum. Simplesmente deslizou de volta para a cama ao meu lado, com a coxa quente roçando em mim. Mas ele não voltou a dormir. Eu percebi que ele estava olhando alguma coisa no celular, porque a tela azul me fez estreitar os olhos com sua luz quando os abri um pouco.

— O que você está fazendo? — sussurrei.

Ele me deu uma olhada de relance.

— Desculpa, eu não queria te acordar. Só estou jogando. — Ele colocou o telefone de volta na mesa de cabeceira.

Só que ele não estava jogando. Estava fazendo uma busca sobre sentenças para condenados por posse de drogas em Ohio. Eram tipo três da manhã, mas eu tinha uma visão perfeita.

O fato de ele estar preocupado me preocupou.

Eu não podia pensar no assunto, senão minha cabeça ia explodir.

— Eu estou bem acordada. — Deslizei a mão pelo seu peito até abaixo da cintura. — E te quero.

Provavelmente era a coisa mais ousada que eu já tinha dito a ele, e ele reagiu exatamente como eu esperava. Soltou um gemido baixo e rolou para cima de mim, já tirando minha blusa enquanto me beijava.

Eu o queria perto de mim, queria sentir aquela conexão íntima, ficar sozinha com ele, sem nossos medos e pensamentos interferindo.

Ele claramente sentia a mesma coisa, porque foi mais bruto, mais exigente do que tinha sido até aquele momento, como se pudesse liberar a frustração com o desejo sexual.

— Fica por cima — ele exigiu depois de alguns minutos dentro de mim. — Me cavalga.

Então ele se virou, me arrastou com ele, e eu acabei sobre seu peito, com o cabelo caindo nos olhos. Ele colocou meu cabelo atrás da orelha.

— Senta — pediu, os olhos brilhando com algo que eu não entendia.

Fiz o que ele pediu, me apoiando em seu peito para levantar o tronco, me ajeitando na posição desconhecida, me sentindo poderosa pelo modo como estava dando prazer ao Tyler. Ele colocou as mãos grandes sobre as minhas, me prendendo no lugar.

Nossos movimentos e nossas emoções eram frenéticos, urgentes, profundos e apaixonados.

Eu sabia que tinha seguido um caminho sem volta.

Eu estava profunda, louca e verdadeiramente apaixonada pelo Tyler, tanto que quase doía.

Apesar de eu ter mandado mensagem para o meu pai dizendo que estava tudo bem, não liguei para ele até voltar para o meu quarto no domingo. Não foi exatamente uma conversa divertida. Tentei amenizar as coisas.

— Então, ele vai a julgamento, mas é réu primário. Tenho certeza que não vai ser nada de mais.

Meu pai não comprou a ideia.

— Eu pesquisei. Se ele não é usuário de drogas, vai ser condenado como traficante, e a pena é mais grave.

Droga. Por que todo mundo parecia determinado a me enfiar essa informação deprimente goela abaixo?

— Não adianta especular — falei, o que era uma coisa ridícula para eu dizer. Eu era a rainha da especulação. Era da minha natureza analisar as coisas por todos os ângulos e avaliar todas as possibilidades. Ser metódica normalmente era o meu caminho para a sanidade. Quando se imaginam todos os possíveis resultados, você já enfrentou hipoteticamente o pior cenário e está mais preparado mentalmente se ele acontecer, o que normalmente é improvável, como pensar que a pessoa batendo na porta dos fundos é um assassino serial, e não sua vizinha perguntando se você viu o cachorro dela.

Nesse caso, no entanto, era estatisticamente provável que o pior cenário se concretizasse, e a ideia de ver o Tyler preso durante um ano inteiro era algo que eu não podia permitir que entrasse no meu cérebro por mais de meio segundo, ou eu ia pirar.

— Eu só quero que você seja realista — disse ele. — Vai ter algum tipo de punição, disso não há dúvida.

Animador. Caramba.

— O que você quer de Natal? — perguntei a ele, na tentativa mais óbvia de mudar de assunto registrada na história.

— Que a minha filha não namore um traficante.

Sutil. Meu pai completou o círculo e retomou o assunto. Vencida no meu próprio jogo.

Irritada por ele insistir em chamar o Tyler de traficante, falei que eu precisava desligar, e ele nem tentou esticar a conversa.

O Time Macintosh estava em conflito.



Minhas colegas de quarto ficaram horrorizadas e solidárias com a notícia, de um jeito muito mais satisfatório. Elas ficaram do lado do Tyler e xingaram a mãe dele, e eu gostei porque assim eu não precisava fazer isso. Parecia moralmente mais limpo dessa forma.

— Como foi na prisão? — Kylie perguntou ao Tyler enquanto jogávamos pingue-pongue com cerveja no domingo à noite, embora eu estivesse fingindo jogar, porque tinha aula cedo na segunda.

Foi uma pergunta sem tato, mas ela era assim: só percebia que tinha falado uma grosseria depois de falar.

O Tyler estava bêbado. Eu nunca o tinha visto desse jeito e, uau, ele estava chapado. Tipo embolando as palavras, tropeçando, com os olhos vidrados e a cara cheia. Antes da cerveja, vi que ele tomou quatro doses de Jack Daniels num período muito curto.

— Foi tipo ver dois unicórnios trepando — disse ele. — Só glitter e purpurina.

— O quê? — ela perguntou, franzindo a testa. Então me olhou em busca de orientação, mas eu não tinha ideia do que ele estava falando.

O Tyler e o Nathan pareceram achar isso muito engraçado e tentaram bater os punhos fechados, mas erraram a mira. O que fez tudo ficar ainda mais cômico.

— Vocês são esquisitos — disse a Jessica, tentando prender o cabelo com um nó, mas só conseguindo um coque desmantelado.

Bill, o colega de apartamento do Nathan, estava de volta e quase tão bêbado quanto o Tyler, falando que ele e a namorada tinham terminado no dia anterior.

— Eu nunca bebo — ele me disse pela quarta vez. — Tô tão chapado.

Sabe quando as pessoas dizem que não é divertido estar sóbrio quando todo mundo ao redor está bêbado? Elas estão cem por cento certas. Eu estava cansada e me sentia impaciente com a conversa, ou com a falta dela. Fazia sentido o Tyler precisar chutar o balde, por causa dos acontecimentos de sexta-feira, mas eu sentia o contrário. Eu só queria me encolher na cama e dormir durante três dias para fugir da realidade da situação, não beber até ficar num torpor indistinto.

Porém eu obviamente era minoria.

Depois de mais uma hora, percebi que não íamos voltar para o dormitório a menos que eu dirigisse o carro do Tyler, e até mesmo isso parecia improvável, já que eu não sabia se ia conseguir enfiar a Jessica bêbada no carro sem ajuda. E

ninguém na sala estava em condições de me ajudar em nada além de fazer com que eu me sentisse bem por conseguir pronunciar claramente as palavras.

Ficou decidido que a Jessica ia dormir na cama com o Bill, e o Tyler e eu íamos dormir no sofá. Eu me espremi contra as almofadas do encosto num espaço de aproximadamente trinta centímetros, enquanto Tyler roncava alto, desmaiado. Todas as vezes que ele se mexia, puxava a cobertura de cima de mim, e eu dormia e acordava de um sono agitado, com frio e toda torta.

Assim, eu estava acordada quando ele rolou em direção à mesa de centro e o vômito saiu num jato de sua boca.

Putá merda. Pulei por cima dele e corri para pegar a lata de lixo da cozinha. Coloquei-a embaixo dele e segurei, alisando sua cabeça enquanto ele vomitava sem parar.

— Tudo bem — falei para ele, adotando uma voz tranquilizadora que eu usava com animais perdidos e agitados que precisavam de cuidados. — Está tudo bem.

— Merda — disse ele finalmente, limpando a boca e caindo de volta no sofá, com os olhos cheios d'água. E soltou uma tosse fraca.

Amarrei o saco de lixo para minimizar o cheiro, peguei uma toalha úmida e passei no rosto dele. Ele a arrancou da minha mão, irritado.

— Pode deixar.

Então se virou de costas para mim, e fui forçada a ficar na ponta do sofá, o que era ainda pior do que a parte interna, como eu logo descobri. Acordei no chão duas vezes antes de despertar o Tyler às sete da manhã.

— Tyler, preciso ir pra aula. Posso pegar seu carro emprestado? — sussurrei.

Ele acordou num pulo e me olhou como se nunca tivesse me visto na vida. Depois resmungou e esfregou a cabeça.

— Meu Deus, eu me sinto um lixo.

— Deixei uma água e aspirina na mesa de centro. Onde estão as chaves?

— No meu bolso.

Ele não fez nenhum movimento para pegar as chaves para mim, então enfiei a mão debaixo da coberta e vasculhei o bolso de sua calça. A única coisa que consegui foi uma leve abertura dos olhos dele, depois mais nada. Eu sabia que ele estava sofrendo porque não aproveitou a oportunidade para comentar como minha mão estava perto do pau dele e como podia ficar ainda mais perto.

Fui dar uma olhada nas minhas amigas. A Kylie me deu tchau e a Jessica não acordou, apesar de eu sacudi-la com delicadeza. Ela estava roncando alto o suficiente para acordar o diabo, mas isso não parecia perturbar o Bill, que inexplicavelmente estava dormindo de óculos.

Por algum motivo idiota, em vez de me sentir feliz por não estar de ressaca como todos os outros, eu me senti sozinha. Como se tivesse perdido uma experiência em grupo.

Ou talvez eu apenas estivesse muito consciente de que o Tyler estava enfiando suas emoções goela abaixo com a bebida, e não confiando em mim como eu gostaria. Fiquei incomodada por ele não ter me contado que ele e a mãe brigaram por causa da viagem de Ação de Graças até minha casa. Esperei que ele me explicasse o que tinha acontecido, mas ele não fez isso, e eu fiquei magoada.

O que era irônico, considerando que eu nunca fora o tipo de pessoa de compartilhar a maioria dos meus pensamentos com os outros.



Novou de novo na terça-feira, e a Kylie e o Nathan tiveram a brilhante ideia de andar de trenó. Nós só tínhamos dois trenós, mas parecia um ótimo jeito de

continuar ignorando o julgamento do Tyler, que tinha sido marcado para meados de dezembro, no fim da semana de provas. Havia uma colina enorme atrás do apartamento do Nathan, e o Tyler e eu fomos até a casa da mãe dele pegar os dois trenós que ele tinha certeza que estavam na garagem. Não fiquei animada de ir até lá, porque estava com um pouco de medo da mãe dele, depois de saber que ela tivera um ataque porque o Jayden e o Easton tinham ido à minha casa, mas ela estava apagada no sofá.

Os meninos estavam no quarto deles, jogando videogames que o Tyler havia alugado para o console antigo que eles tinham.

— Meninos, coloquem uma roupa mais quente — Tyler disse a eles. — A gente vai andar de trenó.

— Sério? — perguntou o Jayden, ansioso. Depois franziu a testa. — Trenó é coisa de criança.

— Não é, não. Eu vou andar.

Essa era toda a permissão de que o Jayden precisava. Em cinco minutos, ele e o Easton estavam de suéter e casaco, com as mãos enfiadas em luvas. Tyler e eu pegamos os trenós velhos na garagem e, quando entramos na cozinha, o Riley apareceu.

— Por que parece que todo mundo vai atravessar o estreito de Bering a pé? — ele perguntou, recostando-se no balcão e segurando um copo descartável cheio de café.

— Vamos andar de trenó. Quer ir com a gente? — perguntei. Não parecia o tipo de atividade do Riley, mas eu estava sendo educada. Além do mais, queria ter a oportunidade de conhecer um pouco melhor o irmão mais velho do Tyler.

Ele me encarou, depois encarou os irmãos. Por fim, deu de ombros.

— Por que não?

— Uhuu! — gritou o Jayden.

Riley pegou uma camisa de flanela na cadeira da cozinha e saímos em fila. Sentei no banco de trás, entre os caçulas, e fiquei ouvindo os mais velhos se provocarem na frente. Era uma sensação boa, amigável, aconchegante. A melhor coisa que eu tinha sentido desde que recebi aquela mensagem do Nathan na sexta-feira. Quando voltamos ao apartamento, nossos amigos estavam esperando na colina, jogando bolas de neve uns nos outros. A Kylie parecia a abominável mulher das neves cor-de-rosa, vestida dos pés à cabeça em pele fúcsia. Eu nem sabia muito bem onde começava e terminava cada peça. Era apenas um grande ataque peludo aos sentidos.

— Aquilo ali é um Ursinho Carinhoso? — perguntou o Riley.

Ele e o Tyler riram.

— Damas e crianças primeiro! — declarou a Kylie enquanto todos subíamos a colina.

— A Rory e o Easton, então — Tyler disse para ela com um sorriso afetado. Ele me deu o trenó que estava carregando e me beijou.

A Kylie deu um tapa nele.

A Jessica estava ocupada juntando uma pilha de neve, então nem se preocupou em ser a primeira a passear de trenó. O Easton e eu nos alinhamos um ao lado do outro, meus pés à frente de um jeito desengonçado, as luvas agarrando as alças. A colina parecia mais íngreme do topo do que lá de baixo. As luzes do estacionamento lançavam um brilho cruel na neve cintilante, com flocos frescos caindo delicadamente sobre nós.

— Vamos apostar corrida? — ele perguntou com um sorriso.

— Você é menor do que eu — falei. — Meu peso vai diminuir o impulso da gravidade.

E a resposta foi “Já!”, enquanto ele disparava na frente.

— Ei! — Eu me balancei para frente e para trás antes de conseguir descer pela colina atrás dele.

Putá merda, eu estava indo mais rápido do que imaginava que fosse possível. Mas, em vez de ter medo, foi estimulante. O vento batia no meu rosto, meu cabelo era um chicote atrás de mim, o ar frio enchia meus pulmões. Eu ouvia o pessoal no alto da colina, torcendo por nós, e o som forte do meu trenó de plástico sobre a neve cristalina. Estava frio, alguns graus abaixo de zero, o que era perfeito para andar de trenó, revigorante e gelado, não molhado e pesado. Curtindo a liberdade, só entrei em pânico por pouco tempo quando cheguei à parte de baixo e percebi que estava indo direto para o estacionamento. O Easton já estava em pé, depois de ter arrasado comigo na corrida. Eu me joguei de lado para sair do trenó, de um jeito desengonçado, porém eficaz. O trenó continuou deslizando, bateu no bloco de concreto à margem do estacionamento e girou no ar.

Eu me levantei e tirei a neve do traseiro, depois cumprimentei o Easton com uma batida de mãos.

— Foi demais! — era a opinião dele.

— Totalmente! — Sorri para ele enquanto pegávamos os trenós e nos arrastávamos colina acima. Eu estava com o traseiro molhado, mas tinha valido a pena.

— Minha vez! — disse a Kylie, pegando o trenó da minha mão, sem esperar a opinião dos outros.

Ela e o Jayden sentaram nos trenós, e o Riley deu um empurrão nos dois para eles avançarem. Eles deram gritinhos o caminho todo até a base da colina, e o capuz cor-de-rosa da Kylie voou de sua cabeça e ficou pendurado nas costas.

O Tyler me deu um sorriso.

— Cacete, não sei qual dos dois grita mais que nem uma menininha. — Ele me puxou para um abraço. — Aliás, desculpa de novo por ter vomitado em você.

Eu me aninhei no calor de seu peito.

— Eu já disse, não foi em mim. Foi no chão. E não foi nada de mais, pela terceira vez. Você também cuidou de mim quando eu estava de ressaca. Eu só fiquei chateada por ter que ir pra aula naquele dia. Eu me senti culpada por te deixar sozinho. — Era verdade. Eu tinha voltado na hora do almoço com sopa da praça de alimentação, mas o Tyler ainda estava dormindo, então retornei ao campus para as aulas da tarde.

— Não tinha nada que você pudesse fazer além de me deixar dormir pra eliminar o uísque, e foi isso que eu fiz. Mas eu tomei a sopa, às sete da noite. — Ele balançou a cabeça. — Que idiota. Nem acredito que tive que faltar ao trabalho. Perdi cinquenta dólares à toa.

Eu estava quase dizendo que ele tinha o direito de ficar bêbado, depois do fim de semana que teve, quando ouvi a voz da Jessica mais alta.

— Sua opinião não vale nada pra mim, já que eu nem sei quem você é — disse ela de um jeito esnobe enquanto olhava feio para o Riley.

Ele parecia ter dado uma sugestão a ela sobre a confecção de bolas de neve, já que estava agachado e com a mão cheia de flocos.

— Ótimo, então pode fazer bolas de merda — disse ele, se levantando e deixando a bola que estava pela metade cair das mãos. — E eu sou o Riley, irmão do Tyler. E você?

— Jessica. Colega de quarto da Rory.

Nenhum dos dois disse que tinha prazer em conhecer o outro, e aparentemente não tinham. O Tyler me lançou um olhar divertido quando o Riley revirou os olhos e se afastou para aproveitar sua vez, o que ele fez correndo e mergulhando de barriga no trenó com um grito. Eu ri.

— Por favor — foi a opinião da Jessica, e o revirar de olhos combinou com o anterior, do Riley.

A Kylie começou a dar gritinhos quando o Easton a atingiu com uma bola de neve. Foi um ato ousado para ele, mas acho que o alvo peludo e cor-de-rosa era tentador demais. Ela parecia um marshmallow rosa, e eu imaginei que, aos dez anos de idade, açúcar fazia parte da maioria das fantasias dele. Ele provavelmente não conseguia evitar o fascínio. Nathan desceu a colina uma vez, e Tyler e eu fomos juntos, eu aninhada entre as pernas dele.

Mas nós dois juntos éramos pesados demais e empacamos na metade da colina.

— Isso foi um desastre completo — disse ele enquanto nos arrastávamos de volta para o topo. — A única coisa boa foi a sua bunda se esfregando no meu pinto.

Agora foi a minha vez de revirar os olhos. Era como se os caras nascessem com um manual intitulado *Que nojo: as coisas menos românticas para dizer às mulheres*. Sendo que todos os itens pareciam provocar gargalhadas neles.

— Seu palhaço — falei, o que também o fez rir.

A Jessica estava sentada no trenó livre e analisava a situação.

— Não quero bater.

— Você vai ficar bem — garantiu a Kylie. — É divertido.

— Mas e se eu bater no negócio de cimento? Posso quebrar o tornozelo.

Fiquei surpresa, mas ela realmente parecia ansiosa. Eu não costumava ver a Jess com medo, mas ela estava segurando as alças com força e seus ombros estavam tensos.

— Você não vai quebrar nada — disse a Kylie.

— Ou vai logo ou sai do trenó e deixa outra pessoa descer — sugeriu o Riley.

Isso claramente irritou a Jessica, porque ela se inclinou para frente, como se estivesse tomando impulso para ir.

— Eu vou. Me dá um segundo.

Nesse momento, a bota do Riley deu um empurrão forte no trenó, fazendo-a descer voando colina abaixo, e seus gritos de terror rasgaram a noite silenciosa. Satisfeito com a própria atitude, ele deu um risinho.

— Cara... — disse o Tyler numa censura vaga, mas estava claro que ele estava se esforçando para não rir.

— Isso foi maldade — disse a Kylie.

— Por quê? Ela estava monopolizando o trenó.

Todos nós observamos a Jessica cair rolando na neve, tão preocupada com o tornozelo que desceu antes de o trenó parar. Ela rolou umas quatro vezes, com os braços e as pernas espalhados, feito um anjo de neve. Ficou completamente imóvel por um segundo, e eu dei dois passos, com a intenção de descer correndo para ver o que ela tinha quebrado. Mas então ela se levantou num pulo, arrancou o gorro e o jogou no chão.

— Seu babaca! — ela gritou para o Riley lá em cima. — Eu podia ter morrido.

Isso o fez desistir de brigar e começar a gargalhar.

— Você não é tão frágil assim — disse ele. — E parece ter um acolchoamento bem razoável.

Oh-oh. Como isso estava bem longe de ser verdade, era óbvio que ele só estava provocando a Jessica, mas ela não era alguém que eu gostaria de provocar.

— Vixe, bro, essa foi meio pesada — disse o Tyler, rindo disfarçadamente.

— Vai. Se. Foder! — A Jessica subiu a colina batendo os pés e jogou o trenó no Riley.

O carrinho quicou no braço dele, sua fraca tentativa de bloqueá-lo prejudicada pelos risos. Ele estava praticamente dobrado para frente, se divertindo muito.

— Não com você. Eu posso ser esmagado. — E caiu na gargalhada de novo, imitando as palavras dela.

— Babaca — disse ela, passando por ele. Depois, com uma velocidade que um ninja invejaria, pegou uma de suas bolas de neve, virou e arremessou na cara do Riley.

Ele parou de rir e limpou o rosto.

— Ei!

Ele sorriu de pura satisfação.

O Tyler me olhou.

— Você não vai jogar uma bola de neve na minha cara, vai?

— Não. Sou mais sutil que isso. — Eu estremei. — Sou a única que está sentindo um frio congelante?

— Entra se quiser — ele disse, me abraçando. — Vou ficar aqui com os meninos.

O Easton e o Jayden desceram de novo pela colina enquanto a Kylie e o Nathan se beijavam. Eu não me importaria de entrar e fugir da neve que se acumulava em meus cílios. Beije o Tyler e gritei para a Jess:

— Vou entrar. Quer vir comigo?

— Meu Deus, como quero.

Olhei para trás, para os meninos e a Kylie, observando-os rirem e provocarem o Easton para ele descer a colina de barriga para baixo. A noite estava quase perfeita, com as pessoas que eu mais gostava, menos minha família. O ar estava fresco e limpo, e a neve cobria o estacionamento sujo com um branco puro.

Por um instante, o mundo me pareceu lindo, e eu estava feliz.

Mas, no dia seguinte, a neve provavelmente ia derreter, deixando para trás uma sujeira marrom lamacenta na qual a gente teria de meter o pé, gostando ou não.

É impressionante o que conseguimos ignorar. O que conseguimos compartimentalizar e colocar numa caixa com o rótulo “Para ver depois”. Como podemos deixar a dinâmica da vida diária nos distrair dos problemas reais que se aproximam. Durante duas semanas, Tyler e eu ignoramos a audiência. Fomos à cafeteria, eu pedi latte e ele café preto, como sempre fazíamos. Vimos filmes, estudamos e nos revezamos dormindo no meu quarto ou na casa dele, quando sua mãe não estava. Eu cozinhava e ia para o meu emprego de meio período, e o Tyler ia para a loja de conveniência. Cada dia passava como sempre, e a gente ria, conversava e transava.

Parecia que, se ignorássemos o futuro e vivêssemos apenas o presente, tudo se resolveria como num passe de mágica.

Duas vezes eu perguntei ao Tyler sobre a audiência, os possíveis resultados e o que o advogado indicado pelo tribunal tinha dito a ele. Nas duas vezes ele mudou de assunto, dizendo:

— É o que é, não faz sentido ficar se preocupando.

Fizemos as provas finais e planos para ele aparecer por algumas horas em casa na noite de Natal, quando eu estaria lá para as férias. Eu não tinha exatamente permissão do meu pai para isso, mas achei que, depois da

audiência, a gente poderia ajeitar as coisas. Ele mesmo tinha dito que gostou do Tyler.

Na manhã da audiência, eu ainda estava discutindo com o Tyler sobre ir ao tribunal com ele.

— Eu posso falar com o meu professor.

— De jeito nenhum — ele disse enquanto vestia uma camisa social que tinha pedido emprestada ao Bill. Era meio pequena, mas era melhor do que usar uma camiseta do Metallica no tribunal. — Você tem prova final de literatura hoje, e não sabemos se vamos voltar a tempo.

Estávamos no meu quarto, e a Kylie e a Jessica já tinham saído para as provas. Eu realmente tinha prova final de literatura à uma e meia e, graças ao Tyler, me sentia um pouco preparada. O Riley e o Nathan iam ao tribunal com ele, mas eu ainda sentia uma pontada de ansiedade no estômago. Eu queria estar lá. Eu não ia poder mudar o resultado, mas meu lado controlador achava que de algum jeito eu conseguiria. Que eu poderia fazer as perguntas certas. Que, com minha absoluta força de vontade, eu poderia conseguir um resultado positivo.

— Tenho certeza que posso remarcar a prova.

— Não. — Ele me deu um olhar firme enquanto ajeitava a camisa azul dentro da calça jeans. — A última coisa que eu quero que você faça é remarcar suas provas por minha causa. Você precisa pensar na sua bolsa de estudos, não pode colocar suas notas em risco. O seu pai ia me odiar ainda mais.

Ele estava certo sobre tudo. Mas, ainda assim, eu queria estar lá.

— Me manda mensagem assim que terminar. Vou estar surtada esperando notícias.

O Tyler sorriu e passou a mão no meu rosto.

— Nada de surtar. Vai ficar tudo bem. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

Nós dois sabíamos qual era a pior coisa que podia acontecer. Ele passar um ano na prisão.

— Meu advogado disse que eu não vou receber a sentença máxima. Agora eu preciso ir, pra não me atrasar.

O Tyler me beijou, um beijo longo e vagaroso que relaxou minha tensão e fez meus dedos do pé se enroscarem no carpete.

— Hum — disse ele. — Te amo.

— Também te amo.



À uma da tarde, eu ainda não tinha recebido notícias, então desliguei o celular quando chegou a hora da prova e fui para minha carteira. Atravessei as águas confusas de Hemingway, Fitzgerald e Williams. Era impressionante que duas partes do meu cérebro pudessem coexistir com tanta facilidade: uma refletindo metodicamente sobre o simbolismo e a outra num tribunal no centro da cidade com o Tyler.

Enquanto eu respondia a perguntas sobre *Um bonde chamado desejo*, lembrei da minha primeira conversa com o Tyler sobre a reação da Stella quando Stanley jogava longe os sapatos. Ele estava certo. Eu não entendia, na época, que o amor e a paixão não são lógicos, que você pode ficar de fora, observar e dizer que alguém está se comportando de um jeito ridículo, mas, quando você e seu amante estão entre quatro paredes, nada faz sentido além do vulcão de emoções que explode entre vocês.

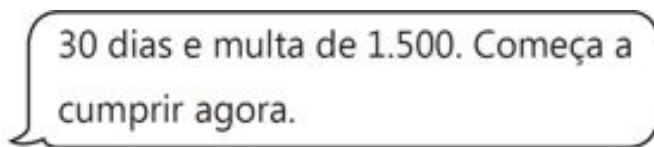
Eu ainda não estava convencida de que jogar sapatos não significava que a pessoa tinha problemas para controlar a raiva, mas agora eu entendia o amor. Como ele nos envolve e nos deixa mais conscientes das sensações na pele, na

raiz do cabelo, da intensidade de cada toque e de cada centímetro do seu corpo. Era como a vida em alta definição. Tudo era mais nítido.

Depois de entregar a prova e sair da sala, a primeira coisa que fiz foi ligar o celular. Andei pelo corredor, esperando impacientemente que ele ligasse e captasse o sinal de internet e, depois, recebesse as mensagens e e-mails.

Não havia nenhuma mensagem do Tyler.

Mas havia uma do Nathan.



30 dias e multa de 1.500. Começa a cumprir agora.

O alívio por ele não ter recebido a pena de um ano foi imediatamente substituído pelo pânico. Espere um instante. O Nathan quis dizer que ele foi levado direto para a prisão? Por trinta dias? Isso significava que eu não poderia ver o Tyler. E ele estaria atrás das grades no Natal.

Digitei o número do Nathan e ele atendeu.

— Oi.

— Oi. O que isso quer dizer? O Tyler já está na prisão?

— É. Levaram ele pra começar a cumprir a sentença imediatamente. O advogado disse que ele poderia cumprir a pena aos fins de semana pelos próximos quatro meses, mas que ele provavelmente não ia precisar cumprir a pena toda se fosse pra prisão agora. Ele decidiu acabar logo com isso.

Parei de andar, afundando num banco perto da fonte de água. Alunos se movimentavam de um lado para o outro do corredor, e tentei pensar e processar o que estava ouvindo.

— Então eles não acreditaram que ele era inocente?

— Ele se declarou culpado. O advogado fez um acordo que foi combinado com o promotor na semana passada. Ele sabia que ia pra cadeia hoje, a menos

que o juiz decidisse suspender a sentença, o que não era muito provável.

— Ele fez um acordo? Ele não me contou.

Houve um silêncio constrangedor quando nós dois percebemos que o Tyler tinha escondido informações importantes de mim e compartilhado com o Nathan.

— Ele provavelmente não queria que você se preocupasse. Fazer acordo é o procedimento normal, eu acho.

— Ele ficava me dizendo que ia dar tudo certo. — Minha garganta se fechou. — Ele me pediu para não ir hoje.

— O Tyler é protetor, Rory. É a personalidade dele. Ele não queria que você perdesse as provas.

— Eu nem pude me despedir nem nada. — Agora eu estava chorando.

O Nathan resmungou, provavelmente irritado por ser forçado a lidar com a namorada histérica do amigo.

— Ele não morreu, porra. Está tudo bem. Você provavelmente se despediu dele hoje de manhã, não foi? É como se ele tivesse viajado por algumas semanas. Não é diferente disso. Ele vai voltar antes do início das aulas em janeiro.

— Promete? — perguntei, e era absolutamente ridículo pedir isso ao Nathan. Ele não tinha controle sobre nada, afinal.

Mas ele apenas riu.

— Prometo. Trinta dias são trinta dias. Eles não aumentam a sentença. A verdade é que ele teve sorte de escapar tão fácil. E de não ter mais pílulas com ele. Se fosse um frasco inteiro, ele teria sido preso por um ano, sem dúvida.

De alguma forma, eu não achava nada daquilo uma sorte, já que as drogas nem eram dele. Mas não fazia sentido ficar amargurada.

— Eu posso ir visitar o Tyler? — Apesar de a ideia de entrar numa prisão deixar minhas mãos suadas, eu queria mostrar ao meu namorado que estava a

seu lado.

— Não. Ele não vai ficar lá por tempo suficiente. Além do mais, ele ia arrancar minhas bolas e me enfiar goela abaixo se eu te deixasse ir.

Isso me fez rir um pouco, apesar das lágrimas. O Nathan provavelmente estava certo.

— O Tyler devia acreditar que eu não vou surtar.

— Você está chorando, não está? — provocou o Nathan. Depois disse, sério: — Olha, Rory, não leva pro lado pessoal. Algumas coisas a gente tem que lidar sozinho, e essa é uma delas. O Tyler está com vergonha, sabe, e você ver ele atrás das grades só ia piorar tudo. Ele precisa manter a dignidade, só isso.

Eu sabia que ele estava certo. Encarei o piso rachado no corredor.

— Tem razão. Obrigada, Nathan. Ei, você pode me dar o número do Riley? Eu ia conversar com o Tyler sobre comprar um presente pro aniversário do Jayden no domingo. Ainda quero comprar alguma coisa pro menino, mesmo o Tyler não estando aqui.

— Claro. E não se preocupa. Está tudo muito melhor do que poderia ter sido.

— Obrigada.

Finalizei a ligação e encarei a tela, sem saber muito bem qual era a próxima etapa lógica. Depois de ficar sentada ali por dez minutos, tentando me acalmar, tentando encaixar as peças do quebra-cabeça jurídico, concluí que a única coisa que eu podia fazer era voltar para o meu quarto e estudar para a última prova, um teste de biologia às nove da manhã do dia seguinte.

Porque eu não podia obrigar a mãe do Tyler a ir para a reabilitação, nem podia voltar no tempo e fazer com que ela levasse as pílulas com ela até o mercado, nem fazer o policial ir para uma rua diferente. Eu não podia limpar

a ficha do Tyler e fazer com que ele continuasse no programa de paramedicina. Nem podia dirigir até o presídio da cidade para vê-lo.

Mais uma vez, eu me senti a garota atrás da parede de vidro, andando à margem e observando todo mundo ao redor, incapaz de interagir com as pessoas. Os outros alunos se movimentavam pelo corredor, alguns conversando e rindo em grupos, outros olhando para a tela do celular, alguns apressados, outros devagar. Para mim, era como se eu estivesse paralisada e o mundo estivesse girando ao meu redor, um redemoinho barulhento e confuso, e eu não via o menor sentido em nada daquilo.

No fim, decidi que, se o Tyler ia ficar na prisão por um mês, eu poderia me controlar pelo mesmo período, em minha existência relativamente fácil. Eu só tinha três dias até meu pai me buscar para as férias de inverno e, depois da prova final de biologia, me senti motivada a ajeitar tudo antes de ir embora. Fiz uma mala gigantesca com roupas e objetos de higiene pessoal para algumas semanas e enfiou no meu armário. Tirei toda a comida estragada do frigobar. Comprei um presente de Natal para o Tyler: um disco de metal gravado à mão num cordão preto. As letras formavam a palavra TRUE no metal desgastado, e achei que era legal e que tinha a cara dele. Eu ficava empolgada toda vez que olhava para o presente, guardado numa sacola plástica na minha bolsa.

Também liguei para o Riley e combinei de ir à casa deles para dar o presente de aniversário do Jayden e fazer biscoitos de Natal para todos. Eu já planejava fazer isso, mas agora parecia mais urgente.

Era estranho ficar na companhia do Riley, que se ofereceu para me levar ao mercado a fim de comprar os ingredientes, apesar de ele ter balançado a cabeça e dito:

— Acho que o U não precisa de biscoitos. Ele está ficando meio gordinho.

— E daí? — perguntei. — Ele gosta de doce, e não vai namorar um monte de gostosas que exigem uma barriga tanquinho. Deixa ele comer um biscoito

de Natal.

O Riley ainda parecia cético.

— Tudo bem. Mas não vou comprar um jeans novo pra ele quando o velho não couber mais.

— É aniversário dele. Dá um tempo pro cara. — Apertei a bolsa com força contra o peito no ar frio do carro e esperei ter dinheiro suficiente para tudo que eu planejava fazer. Seria um dia caro. — Você marcou hora?

— Marquei, pela terceira vez. É às oito. Você é uma daquelas pessoas organizadas, né? Eu teria simplesmente aparecido por lá.

— Eu gosto de estar preparada.

Ele me deu uma olhada de relance.

— O Tyler tem sorte de ter te encontrado.

O elogio fez meu rosto queimar. O Riley não era de ficar puxando o saco.

— Obrigada.

Comprei cortadores de biscoitos na forma de Papai Noel e de boneco de neve, e granulado e cobertura para decorar. O Riley zombou de mim, mas, uma hora e meia depois, percebi que ele tinha passado muito tempo decorando um biscoito de Papai Noel.

— Meu Papai Noel tá lindão — declarou ele, levantando o biscoito para todo mundo admirar. Ele tinha preenchido a barba e o chapéu com cobertura e jogado granulado na capa. Era impressionante.

— Uau — foi a opinião do Jayden. Ele estava mordendo o lábio enquanto jogava granulado num boneco de neve até ele parecer ter sido passado várias vezes num campo de grama verde e vermelha.

O Easton tinha mais cobertura em si que no biscoito, e percebi que ele ficava enfiando o dedo na tigela para raspar os restos de massa e colocar na boca.

A cozinha estava com um cheiro delicioso, e os meninos estavam felizes. A única coisa que faltava era o Tyler, mas tirei fotos com o celular para mostrar a ele.

O Riley olhou para o relógio.

— A gente precisa sair daqui a pouco. Temos uma surpresa de aniversário pra você, U.

— Sério? — O Jayden abandonou o biscoito. — O que é?

— Não vai ser surpresa se eu te contar, né? Vamos guardar esses biscoitos no seu quarto, pra mamãe não jogar tudo fora, depois a gente vai. — O Riley me ajudou a recolher todas as obras de arte e guardar num pote de plástico. Fiz camadas com cuidado para não destruir a decoração.

— Tudo bem, Easton, leva pro seu quarto e tranca a porta por dentro. Eu fico esperando pra te pegar.

— O quê? — perguntei, intrigada enquanto o menino corria com o pote de biscoitos debaixo do braço. Ele entrou no quarto, e ouvi nitidamente a porta ser trancada por dentro.

— Se ele trancar a porta por dentro, a nossa mãe não consegue entrar. O Easton pula pela janela e eu pego ele. Depois, quando a gente voltar pra casa, eu jogo ele pra dentro de novo. É infalível.

— Genial — concordei, dando um sorriso para ele. Eu podia aprender uma coisinha ou duas com as técnicas de sobrevivência daqueles irmãos. Eles sempre tiravam o melhor de todas as situações.

— É assim que a gente esconde comida e dinheiro dela. Uma vez ela tentou derrubar a porta, mas quebrou o dedão do pé e nunca mais tentou.

O Jayden e eu seguimos o Riley pela porta dos fundos até o quintal. O Easton estava sentado no peitoril da janela, com as pernas penduradas. Quando viu o Riley, virou para ficar de costas para nós.

— Vamos lá — disse o Riley. — Pula.

Ele caiu e o irmão o pegou. O Riley levantou os braços e encostou a janela até ela estar quase fechada.

— Ela não tenta entrar pela janela? — perguntei.

Ele deu um riso debochado.

— Isso exigiria uma escada e coordenação, além de força e ambição, e ela não tem nada disso.

— Os meninos têm sorte de ter vocês — falei baixinho para o Riley. — Não posso nem imaginar o que seria deles sem você e o Tyler.

— Não gosto nem de pensar nisso — disse ele, com o maxilar tenso enquanto andávamos pela calçada até o carro. — Senão eu soco uma parede.

O Jayden imediatamente percebeu o que estava acontecendo quando paramos no estúdio de tatuagem.

— Eu vou ganhar uma tatuagem? — ele perguntou, quicando no banco de trás de tanta empolgação.

— Vai. Você está fazendo dezoito anos, então não precisa de autorização. A Rory, o Tyler e eu fizemos uma vaquinha pra começar a sua tatuagem. A gente vai fazer a parte do “TRUE” hoje e a parte do “Família” depois, quando tiver mais dinheiro.

— Ai, meu Deus, isso é demais! — Parecia que o Jayden ia morrer de felicidade.

Ver a alegria dele me fez sorrir. Eu estava feliz por fazer parte daquilo tudo com ele.

Quando saímos do carro, o Riley lembrou:

— Você sabe que vai doer. Muito. Você não pode ficar se mexendo, senão vai ficar horrível. E, se doer demais, a gente manda parar.

— Eu aguento! — O garoto parecia ofendido.

O Riley revirou os olhos.

— Espero que não aconteça nenhuma tragédia — disse entre dentes. — Se ele acabar socando o tatuador, eu vou morrer de vergonha.

Depois de uma rodada de cumprimentos e de o Riley mostrar ao cara sua própria tatuagem, que ele queria replicada no Jayden, eles estavam prontos para começar. O Jayden sentou em cima das mãos para não ficar se mexendo. O Easton tinha se afastado para ver fotos do trabalho do tatuador penduradas nas paredes. O Riley mantinha as mãos nos ombros do irmão, e eu fiquei ao lado dele, tentando distraí-lo, dando sugestões do que ele podia fazer nas férias escolares de Natal.

Enquanto o tatuador trabalhava, Jayden gemeu, se encolheu, gritou e parecia querer morrer, mas aguentou firme. Riley tinha sugerido que o tatuador fizesse primeiro o contorno de todas as letras; assim, se precisássemos ir embora, pelo menos o desenho teria um significado, algo mais do que uma tatuagem pela metade. O Jayden explicou o significado das letras para o cara cheio de piercings e tatuagens que estava trabalhando nele, e acho que o cara ficou realmente tocado.

— Que legal, cara. Toda tatuagem devia ter um significado pessoal.

— Ei, Rory, como se escreve o seu nome? — o Jayden me perguntou.

— R-o-r-y.

— Hum. Quer dizer que começa com R?

— Isso. — Observei as letras do nome dos quatro irmãos no braço do Jayden e de repente percebi que, se fosse colocado um R no final, TRUE (verdadeiro) viraria TRUER (mais verdadeiro).

Lágrimas encheram meus olhos. Era como se eu pertencesse àquelas pessoas. Como se eu estivesse destinada a fazer parte daquela família.

— Você está chorando? — perguntou o Easton, se aproximando.

Me pegou.

— Não, caiu alguma coisa no meu olho. — Então eu o puxei para o meu lado e o obriguei a me abraçar, apesar de ele se esquivar. Há muitas vantagens em tocar as pessoas com quem você se importa. Eu ficava triste por ter passado a maior parte da vida evitando isso.

Quando Jayden não aguentou mais e as letras já estavam contornadas e sombreadas, decidimos interromper a sessão. Tirei fotos do garoto antes de cobrirem seu braço e o deixamos ir à loja ao lado do estúdio de tatuagem para comprar balas pelo aniversário.

— Esse é o melhor aniversário *da minha vida* — declarou o Jayden. Depois ele pareceu abatido, como se tivesse falado alguma besteira. — Só que o Tyler está na prisão.

Isso definitivamente foi um golpe. Eu sentia mais saudade do Tyler do que nunca. Ele devia estar ali, compartilhando aquele momento conosco.

Então, no dia seguinte, sozinha, voltei ao estúdio e tatuei “Truer” no pulso, em letras cursivas, pequenas e femininas. Eu queria poder olhar para baixo a qualquer momento e ver aquelas letras unidas, um lembrete visível do Tyler e do meu compromisso com ele e com seus irmãos.

Permanente.

Como o amor.

— Como é? — perguntei ao meu pai, piscando para ele do outro lado da mesa de jantar. Ele não podia ter dito o que eu ouvi.

— Você está proibida de ver o Tyler — repetiu ele, espetando um brócolis com o garfo e evitando meu olhar. — Sinto muito, Rory, mas não posso permitir que você se arrisque.

Com muito, muito cuidado, pousei o garfo enquanto tentava me acalmar o suficiente para ser racional. Brigar não ia levar a lugar nenhum.

— Você não pode me proibir de ver o Tyler. Tenho vinte anos e nem moro mais aqui.

— Eu ainda sou seu pai e, dadas as circunstâncias, tenho todo o direito de restringir seu envolvimento com ele.

Acho que eu não deveria ter ficado surpresa, mas eu estava em casa havia uma semana e absolutamente nada tinha sido dito sobre o Tyler. Meu pai parecia ignorar que ele existia, e por enquanto estava bom para mim. Meu pai sabia que o Tyler estava cumprindo a pena na cadeia porque eu contei para a Susan, que contou para ele. Mas ele não havia se manifestado até aquele momento, dois dias antes do Natal.

— Bom, eu não vou parar de me encontrar com ele — falei de um jeito bem direto. — Então pode esquecer. — Puxei a manga para cobrir a tatuagem.

Eu não precisava dar mais um motivo para ele surtar.

— Vai sim. — Meu pai me encarou, como se sua vontade pudesse me convencer.

Só que eu era tão teimosa quanto ele.

— Não. Nosso relacionamento é sério, pai, você não entende isso? Ele não é apenas um cara que eu acho que gosto. Eu me *casaria* com o Tyler, se ele me pedisse. — Não no dia seguinte, mas nos próximos anos. No entanto, eu queria que o meu pai entendesse. Não era uma paixonite casual.

Ele ficou pálido.

— Você não teria coragem.

— Não teria, mas só porque ainda não estou pronta pra isso — admiti, deixando lacunas no meu argumento. Eu era muito sincera, não podia evitar. — Mas estou te dizendo: eu não vou parar de ver o Tyler.

— Então eu vou parar de pagar a sua faculdade.

Meu queixo caiu.

— Você está falando sério? — sussurrei.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Ele está preso, Rory! Ele é um criminoso condenado. O futuro dele está arruinado. Não quero que ele te arraste junto pro buraco. Sinto muito pelas circunstâncias de vida dele, mas isso não muda o fato de que, se você ficar com o Tyler, ele vai estragar o seu potencial. Eu não vou ficar parado aqui e deixar isso acontecer. Você pode ficar com raiva de mim o quanto quiser, mas eu não vou voltar atrás.

— Susan — falei com a voz estrangulada, buscando ajuda. — Diz pra ele que isso é ridículo.

Mas ela simplesmente balançou a cabeça, com os lábios cerrados.

— Eu não posso me envolver nisso. Você já vem me usando como escudo, e eu não posso fazer parte disso. É entre vocês dois.

Ela estava certa. Eu estava mesmo usando-a como escudo.

— Desculpa — falei. — Mas escuta o que ele está dizendo. É ridículo!

— Talvez eu devesse ter encorajado você a namorar mais no ensino médio. Talvez a Susan não devesse ter se mudado pra cá. Eu não quero que você pense que precisa de uma família substituta porque perdeu seu lugar aqui.

Encarei meu pai sem acreditar.

— Você está brincando? Você realmente acha que o meu relacionamento com o Tyler tem alguma coisa a ver com vocês? Porque não tem! Eu não dou a mínima se a Susan mora aqui ou não... Isso é entre vocês. E você podia ter me encorajado quanto quisesse a namorar no ensino médio que não teria importância, porque nenhum cara queria me namorar! O que está acontecendo não é uma forma de chamar atenção nem um ataque de nervos porque eu não quero que você namore. Meu Deus, a mamãe morreu faz doze anos. Acho que eu aguento que você tenha uma vida amorosa. — Por que os pais sempre achavam que tudo tinha a ver com eles? Muito, muito irritante. — Eu conheci o Tyler e a gente se deu bem. Ele é um cara maravilhoso. É isso. Fim da história.

— Eu não vou voltar atrás nessa decisão.

— E eu vou simplesmente mentir e dizer que não estou me encontrando com ele. Como você vai saber? — perguntei de um jeito desafiador.

— Eu posso analisar os registros do seu celular e ficar de olho nos seus posts e check-ins nas redes sociais.

Isso era jogo sujo. Mas ele estava falando sério. Eu via no rosto dele.

— Então eu consigo um empréstimo estudantil e pago a faculdade sozinha.

Percebi que ele estava avaliando se teria um motivo jurídico para me impedir de obter crédito estudantil, mas eu sabia que podia fazer empréstimos no meu nome. E, como eu tinha mais de dezoito anos, ele não seria consultado. Então ficamos nos encarando, os dois pensando em estratégias.

— Não me põe pra fora da sua vida — pedi. — É isso que você quer?

— Estou pensando no seu bem. Você vai me agradecer daqui a dez anos, quando for médica-legista e tiver um marido respeitável.

— O Tyler é respeitável — retruquei, com lágrimas se acumulando de repente nos olhos. — Ele tem um senso incrível de honra e lealdade, de certo e errado. Quer você decida olhar além das tatuagens e das camisetas de heavy metal ou não. O “respeitável” nem sempre vem embrulhado num suéter. — Joguei a cadeira para trás. — Nunca julgue um livro pela capa, foi o que você sempre me ensinou. Você está sendo hipócrita.

Levei meu prato para a pia da cozinha.

— Eu não inventei o fato de que ele está na cadeia neste exato momento.

Parei, deixando a água escorrer pelo ralo enquanto segurava o prato sujo com a mão fraca.

— Sim, ele está na cadeia. E eu ainda serei namorada dele quando ele sair.

— Então você vai sair da faculdade com uma dívida de cem mil dólares? Você está cometendo o maior erro da sua vida.

Balancei a cabeça.

— Não. O maior erro da minha vida foi passar a maior parte dela impedindo que as pessoas se aproximassem de mim.



Não foi um Natal divertido na nossa casa. Depois de uma sessão tensa de abertura de presentes naquela manhã, sentei no sofá e vi filmes o dia todo de pijama. A Susan estava tentando alegrar o ambiente. Meu pai e eu estávamos mal-humorados, mas mantendo a educação.

O destaque do meu dia foi uma mensagem do Riley. Dizia apenas “Feliz Natal”, mas, para ele, achei que era um gesto muito importante. O Riley não

parecia um cara que discutia seus sentimentos. De jeito nenhum.

A Kylie me mandou uma mensagem perguntando o que eu estava fazendo. O que ela achava que eu estava fazendo?, me perguntei, sacudindo tristemente a cabeça. Mande uma mensagem de volta.

Nada. Tentando não estrangular meu pai.

Vai sair hj?

Ela achava que eu ia para a balada na noite de Natal?

Não. Encontro com o sofá e uma maratona de filmes de terror.

Tá. Divirta-se.

Fiquei encarando a tevê, ouvindo meu pai e a Susan na cozinha, fazendo café e conversando. Provavelmente sobre mim, já que estavam falando baixo. Não importava. Nem por um minuto eu acreditei que meu pai fosse realmente me obrigar a arcar com as despesas da faculdade. Mas, se ele fizesse isso, tudo bem. Eu tinha uma bolsa de estudos que cobria tudo, menos o quarto, as refeições e os livros, então, se eu me mudasse para um apartamento, poderia obter um empréstimo para pagar isso e minhas despesas diárias. Eu ia conseguir. Ele não ia me chantagear.

Duas horas e um filme sangrento depois, a campainha tocou. Ouvi que meu pai foi atender, imaginando que fossem os vizinhos com uma garrafa de

vinho ou algo parecido de presente.

Em vez disso, ouvi a voz do Tyler. Puta merda. Dei um pulo, jogando a coberta para o lado, alucinada porque ele tinha saído da prisão quase duas semanas antes do prazo estipulado. No Natal.

Mas aí eu ouvi meu pai dizer:

— Sinto muito, mas você não pode ver a Rory.

Ah, não, ele não fez isso.

Enfiei os pés nas botas.

— Me desculpa por interromper o Natal, mas, por favor, sr. Macintosh, só preciso de dez minutos com ela.

Não esperei para ouvir a resposta do meu pai. Agarrei a sacola com o colar do Tyler debaixo da árvore de Natal e saí correndo pela porta dos fundos, atravessei o deque, cheguei ao quintal e contornei a entrada de carros.

— Tyler! — gritei, sem fôlego por correr no frio. Ele se virou.

Meu pai me viu, e percebi a raiva no rosto dele sob a luz da varanda.

— Rory! Volta já pra dentro de casa!

Em vez disso, pulei para o banco do carona no carro do Tyler e tranquei a porta. Ele entrou e me encarou.

— O que está acontecendo?

— Dirige.

Mas, em vez disso, ele se inclinou, envolveu meu rosto com as mãos e me beijou, respirando fundo.

— Meu Deus, como eu senti sua falta.

— Eu também senti. Você saiu de vez? Eles diminuíram sua pena?

— É. — O Tyler me encarou por um segundo com a expressão séria, antes de lembrar de repente onde estávamos. — O seu pai vai vir aqui se a gente ficar parado aqui no carro?

— Não sei — respondi com sinceridade. — Provavelmente não. Mas a gente pode ir a algum lugar.

— É Natal, está tudo fechado. Eu só queria te ver, avisar que estou bem. Não vou ficar muito tempo. Preciso ir pra casa ver os meninos. O Riley ainda não contou pra eles que eu saí.

— Ah, tá bom. — Ele tinha vindo me ver primeiro. Fiquei emocionada e agarrei a sacola de presente no colo. — Você está bem? Foi muito ruim?

Mas ele só deu de ombros.

— Não foi o melhor momento da minha vida, mas também não foi nada que eu não conseguisse aguentar. — Ele roeu a unha e encarou o volante, bastante pensativo.

Senti que eu estava esperando alguma coisa, que ele compartilhasse o que estava pensando. Minha euforia começou a diminuir. Tive a sensação de que havia algo errado. Aquele não era o reencontro feliz que eu tinha imaginado, nós dois sentados no carro dele em silêncio.

— Você devia ter me contado que fez um acordo — falei, porque ainda estava chateada com isso. — Não precisa me proteger.

Ele acendeu um cigarro e me olhou de relance.

— Na verdade, eu preciso sim te proteger. O que está acontecendo com o seu pai? Ele está puto porque eu fui preso?

Foi a minha vez de dar de ombros.

— Ele me proibiu de te ver. Mas só está chateado. Ele não vai parar de pagar a faculdade. Ele vai superar isso quando perceber que nosso namoro é sério.

O Tyler deu um longo trago no cigarro, com o olhar ainda focado no painel do carro, os joelhos separados enquanto ele se recostava na porta.

— Rory, eu tive muito tempo pra pensar enquanto estava lá dentro. Não tinha nada pra fazer além de pensar.

— É? — perguntei, nervosa de repente. Por que ele estava agindo de um modo tão esquisito? Meu coração começou a martelar de um jeito estranho.

— Acho que a gente não devia mais se ver.

Ai, meu Deus. Ele não acabou de falar isso. Meu coração começou a se despedaçar, minhas palavras saíram tropeçando, desesperadas e ansiosas.

— O quê? Não seja ridículo. O meu pai vai superar isso.

Mas o maxilar do Tyler estava tenso, e ele balançou a cabeça.

— O seu pai está certo. Eu não tenho nada pra te oferecer, Rory. Nada. O dinheiro que eu tinha economizado para a faculdade foi pra pagar a minha multa. Eu vou ter que abandonar os estudos e, sinceramente, a universidade provavelmente ia me expulsar de qualquer jeito por ter sido condenado criminalmente. Eu nunca vou conseguir o diploma de paramédico agora. Já era. Ninguém vai me deixar ficar perto de medicamentos controlados. Tudo mudou, e eu não quero que você seja obrigada a lidar com as consequências dos meus problemas. Não é justo com você.

— A gente não vai passar por isso de novo — falei com firmeza e num tom baixo. — A gente já teve essa conversa, e eu te disse que você não pode fazer escolhas por mim. Nem você nem o meu pai. *Eu* tomo as minhas decisões.

— Isso foi antes! — disse ele, finalmente olhando para mim, a brasa do cigarro brilhando no escuro. — Eu sou um criminoso agora, você não entende isso? Se eu tiver sorte, o Riley pode me conseguir um trabalho no ramo da construção, mas é isso aí. É minha única opção. Eu perdi o emprego, aquele emprego de merda. Estamos com nove meses de atraso no pagamento da hipoteca, e, assim que o banco cumprir todas as burocracias, eles vão jogar a gente na rua. Essa é a realidade.

Pisquei para afastar as lágrimas. Eu sentia a preocupação dele, a tensão que emanava dele.

— E é por isso que eu quero ficar com você. Relacionamentos não são apenas para os bons momentos.

Mas ele desdenhou e sacudiu a cabeça.

— Você não entende. Eu sou um fracassado, com F maiúsculo. E isso é tudo que eu vou ser na vida, porra. Você tem tanto potencial, e eu não vou me perdoar se estragar o seu futuro.

— Para de ser tão nobre, porra! — exclamei, furiosa. Eu nunca falava palavrão, e ele pareceu surpreso por eu fazer isso. — E daí que você está falido? Eu também estou, sabia? Se eu estou dizendo que não dou a mínima, é porque eu não dou a mínima.

— Não torne isso mais difícil pra mim do que já é.

Eu ri, com lágrimas nos olhos.

— Difícil pra você? É você que está me dando um fora no Natal.

— Eu precisava te ver. Eu não podia deixar a coisa se estender, porque a gente ia acabar ainda mais magoados. É melhor simplesmente acabar logo com isso.

Estreitei os olhos para ele.

— Simplesmente acabar logo com isso? Como se não fosse nada? O que aconteceu com aquele papo de a gente ser de verdade? Pra sempre? Eu te amo?

Os punhos dele se fecharam sobre o volante, e ele jogou a bituca do cigarro pela janela.

— Eu fui sincero quando disse tudo isso. Mas preciso fazer o que é certo.

— O que é certo é o que a gente tem. Você e eu.

— Rory, entra em casa. Por favor. Eu não consigo fazer isso. — Ele parecia agoniado, mas não tive pena.

Então era isso? Ele ia embora porque não conseguia lidar com a situação?

Foda-se.

— Não. Eu não vou sair desse carro até você parar de agir como um idiota.
— Cruzei os braços para provar meu argumento.

— O seu pai está olhando pela janela. Você precisa entrar. — Então ele abriu a porta do lado dele e pegou a bituca que tinha jogado, como se de repente tivesse se lembrado de onde estava. E a enfiou no cinzeiro, batendo a porta com força. — Por favor, vai embora.

Eu tremia de frio, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu confiei em você, Tyler. Eu te dei minha virgindade.

— Não me cobra isso. Foi escolha sua — disse ele, com a voz distante e um pouco impaciente. — Eu tentei te impedir. Eu avisei que você ia se arrepender.

Isso me deixou furiosa. Bati no ombro dele com a sacola do presente.

— Não me despreza desse jeito! Se o seu objetivo era ser um babaca, você conseguiu.

Sua resposta foi se inclinar sobre mim e abrir a minha porta com força.

Isso me destruiu. Eu não tinha mais como lutar. Ele realmente estava terminando comigo no Natal. Ele tinha dirigido uma hora depois de sair da prisão para me dizer que nunca mais queria me ver.

Por um segundo, não consegui respirar. Achei que fosse desmaiar. Mas engoli a bile que estava subindo pela garganta e virei para sair. Com os dedos trêmulos, joguei a sacola de presente colorida em cima do câmbio.

— Feliz Natal.

Ele encarou a sacola verde com papel vermelho saindo de dentro e tentou jogá-la de volta para mim, parecendo surpreso.

— Não posso aceitar isso. Eu não mereço.

— Não mesmo — falei sem rodeios. — Mas não faz sentido pra mim. Não tenho utilidade pra isso.

Saí do carro e bati a porta com força, os lábios tremendo e os dentes batendo.

Sem olhar para trás, corri e entrei em casa. Meu pai estava lá parado, esperando, e evidentemente estivera nos observando.

— Está satisfeito? — gritei para ele. — O Tyler acabou de terminar comigo, e em parte a culpa é sua! — Talvez isso não fosse justo. O Tyler tinha chegado à conclusão de que não podíamos ficar juntos antes de parar na frente de casa, mas acho que a ameaça do meu pai de cortar meu dinheiro não tinha ajudado em nada.

Subi correndo a escada, com as botas cheias de lama, e me tranquei no quarto, batendo a porta com toda força. Com um grito, arranquei um travesseiro da cama e joguei no chão. Depois gritei de novo e joguei outro travesseiro. Fiz isso várias e várias vezes, até não ter mais nada na cama além do lençol, enquanto meu pai socava minha porta. Quando minha garganta estava doendo de tanto gritar, caí na cama e me desfiz em lágrimas.

Chorei até meus olhos ficarem inchados e minha manga estar encharcada. Chorei até me engasgar com o catarro e minha cabeça latejar e não ter mais nenhum líquido saindo dos meus olhos, e eu ter virado uma bagunça congestionada, dolorosa e soluçante.

Chorei até ouvir meu pai e a Susan conversando no corredor.

— Eu devia derrubar a porta. Eu preciso falar com ela — disse ele com a voz ansiosa.

— Deixa a Rory em paz. Ela está com o coração partido. Você não lembra como sofreu na primeira vez em que se apaixonou?

— Não. Eu me casei com o meu primeiro amor.

E isso só me fez começar a chorar tudo de novo.

Então eu me torturei olhando todas as fotos do Tyler no meu celular. Não havia muitas, porque ele odiava ser fotografado, mas tinha uma dele na cama, dormindo, com o rosto relaxado e o peito nu. Eu adorava essa foto. Ela mostrava um Tyler durão, mas vulnerável. Abracei o celular e encarei a noite

escura pela janela do quarto, sentindo uma dor tão forte que era difícil até respirar.

Quando minha mãe morreu, quando vi meu pai sair chorando daquele quarto de hospital pela última vez e percebi o que tinha acontecido, eu gritei nos braços da minha avó na sala de espera, enquanto as enfermeiras paravam para sussurrar palavras de conforto e outras pessoas nos lançavam olhares compreensivos. Eu me lembro de pensar que estava tudo errado, que não podia ser verdade, que a gente não podia viver num mundo tão mau, que as mães simplesmente não deviam morrer. Quando minha avó me pegou no colo e me embalou na cadeira dura naquela sala de espera, com as lágrimas escorrendo pelo rosto e sua colônia de rosas me envolvendo inteira, ela murmurou para mim que o mundo tinha parado por um instante e ficado escuro, mas que no dia seguinte o sol ia nascer de novo. E que ele faria isso todos os dias, até que um dia ficaríamos bem.

E ficamos.

Então peguei o telefone e liguei para a minha avó.

No dia seguinte, peguei um ônibus para a Flórida para passar a última semana de férias com ela e o meu avô.

O mês de janeiro foi frio e sombrio. Em todos os sentidos. Eram ventos gelados, calçadas escorregadias, pores do sol às cinco da tarde e um buraco no meu peito que não podia ser preenchido, por mais salgadinhos que eu enfiasse goela abaixo.

Todos os dias eu acordava, ia para a aula, estudava e ficava com minhas colegas de quarto. Às vezes até ria. Eu estava determinada a não deixar o Tyler estragar minha vida. Estava determinada a me recuperar, a ser normal.

Mas às vezes eu também me pegava fazendo coisas estranhas. Eu tomava o ônibus até o bairro do Tyler e andava pela rua dele, sabendo que sua família poderia me ver, mas isso não me importava. Eu ficava parada na esquina e olhava para dentro da casa dele, via a mãe dele desmaiada no sofá e o Jayden na cozinha.

Depois eu ia embora, frustrada com meu voyeurismo.

Começava a escrever mensagens, depois apagava.

Andava sozinha, muitas vezes no escuro, o que deixava a Kylie preocupada. Mas eu gostava do vento frio, raivoso e uivante. Gostava de como meu rosto queimava, meus lábios rachavam e meus olhos se enchiam de lágrimas com o frio. Eu soprava e ficava observando aquela ilusão de vapor. Eu gostava de sentir o nariz, os dedos dos pés e das mãos dormentes. Eu me sentia viva,

sentia meu corpo se dilacerando na noite, na escuridão, o sangue quente bombeando.

Eu me recusava a escutar quando a Kylie e a Jess tentavam me contar o que estava acontecendo com o Tyler. Eu me recusava a ir até a casa do Nathan.

E no entanto eu me vi online vasculhando bancos de dados, encontrando a foto do Tyler de quando ele foi preso e imprimindo-a. Eu a carregava no meu caderno, seu rosto triste e sério me encarando enquanto eu olhava minhas anotações de cálculo.

Uma vez, no campus, achei que tinha visto o Tyler e me escondi atrás de uma árvore, com vontade de vomitar.

Risquei o R da minha tatuagem com canetinha preta, mas lavei três segundos depois.

E todos os dias o sol nascia, e todos os dias eu me curava um pouco mais.

Comecei a atuar como monitora na escola local de ensino fundamental, trabalhando com crianças em risco. Pedi demissão do meu emprego de meio período, decidindo que a livraria não precisava de mais uma garota de classe média ganhando oito dólares por hora. Meu tempo podia ser mais bem aproveitado na escola e no abrigo.

Uma vez, no fim de janeiro, vi o Easton no corredor. Eu nem tinha me dado conta de que ele estudava ali, mas não era muito longe da casa deles, então fazia sentido. Gritei o nome dele, ridiculamente aliviada e empolgada de ver o menino. Ele virou na minha direção e seus olhos se arregalaram. Em seguida disparou para longe de mim, empurrando outro garoto para escapar pelo corredor, com os lábios tremendo.

Fiquei arrasada, sem conseguir me mexer.



No Dia dos Namorados, liguei para o meu pai. A gente não se falava desde que eu fora para a Flórida. Seis semanas era muito tempo sem fazer contato. Eu tinha mandado mensagens, para avisar que estava bem, mas não me obriguei a ligar para ele. Ele também não tinha me ligado. Era um comportamento que precisávamos mudar imediatamente ou faríamos isso pelo resto da vida.

— Rory? — ele atendeu, parecendo ansioso.

— Oi.

— Como você está, querida?

— Tudo bem. — Eu estava na sala de estudos, sozinha como sempre. A Kylie tinha saído com o Nathan, e a Jessica tinha ido para um bar com a Robin. Eu tinha recusado o convite, preferindo me distrair com os estudos.

— Eu estava preocupado com você.

Coloquei os pés sobre a mesa de centro e analisei meus chinelos, suspirando.

— Olha, pai, a gente precisa parar com isso. Desde que a mamãe morreu, você e eu evitamos falar de coisas difíceis. A gente ignora nossos sentimentos, e isso não é bom. Eu estou passando por um momento bem difícil e preciso saber que você está aí para me apoiar.

— Claro que eu estou aqui para te apoiar. Eu só queria te dar um pouco de espaço.

— Se você podia pegar no meu pé sobre não ver mais o Tyler, pode pegar um pouco mais no meu pé para saber se eu estou bem. Só isso.

— Você está certa. Absolutamente certa. É difícil para mim... compartilhar o que estou sentindo.

— Eu sei. Sou meio que uma cópia sua. Mas eu não quero que a gente seja estranho um para o outro. Nós só temos um ao outro. Quer dizer, você tem a Susan, mas você é meu pai. Minha família.

— Você é a pessoa mais importante do mundo para mim, quero que você saiba disso.

Foi bom ouvir isso. Era o que eu precisava ouvir.

— Como estão seus avós? Eu devia ligar para eles com mais frequência.

— Estão bem. — Os pais da minha mãe eram mais parecidos com ela, falantes e cheios de vitalidade. Mesmo na casa dos setenta anos, frequentavam sete clubes diferentes e atividades variadas em Naples. — Foi bom encontrar com eles. Acho que eu ganhei uns dois quilos na semana que fiquei lá.

— Você precisa de carne nos ossos. Você herdou a minha constituição esquelética.

— Muito obrigada. Achei que a magreza estava na moda. — Cruzei os tornozelos, com uma sensação de paz descendo sobre mim. — E aí, quais são os planos pro Dia dos Namorados? São nove da noite, espero não estar interrompendo as preliminares.

— Rory!

Eu ri. Era quase como se eu conseguisse ouvir meu pai ficando vermelho.

— Preciso aceitar que você não é mais uma menininha, não é?

— Parece que sim — respondi. — Eu cresci quando você não estava olhando.

— Droga. Eu ainda me lembro de quando você trazia cartões de Dia dos Namorados da escola para casa. Um deles era um relógio que dizia: “Bem na hora de ser meu”.

Eu ri. O cara estava ficando emotivo. Não devíamos mais ficar seis semanas sem nos falar.

— Rory. Sinto muito pelo Tyler. De verdade.

Meu peito se apertou.

— Obrigada.

Trinta minutos depois, eu me despedi e desci para o quarto, pronta para estudar. Abri a porta e acendi a luz. Levei um segundo para perceber que o quarto não estava vazio. A Jessica estava na cama dela, com a cabeça jogada para trás de prazer e um cara entre suas coxas. Quando ele levantou a cabeça para ver o que estava acontecendo, percebi que era o Bill, colega de quarto do Nathan.

— Ai, caramba, desculpa! Eu não sabia que vocês estavam aqui. Vou voltar lá pra cima. — Envergonhada pelo que eu tinha visto, fui direto para a sala de estudos. Enfiei um monte de moedas na máquina e comprei um saco de batatas fritas, tentando não sentir inveja por não passar o Dia dos Namorados daquele jeito.

Eu havia passado o dia todo bem. Mesmo.

Agora eu tinha um buraco no peito e um desejo desesperado de olhar o celular a cada três segundos para ver se havia uma mensagem que eu sabia que não ia chegar.

Vinte minutos depois, a porta se abriu e a Jessica entrou, de pijama e um suéter gigantesco. Seu cabelo estava desgrenhado.

— Oi.

— Oi. Cadê o Bill?

— Mandei ele pra casa. Não quero que ele entenda errado o que aconteceu hoje.

— E o que aconteceu? — perguntei, curiosa, enquanto ela se jogava ao meu lado e puxava os joelhos em direção ao peito.

— Eu estava entediada, e ele estava me paquerando fazia semanas. Eu queria ter um orgasmo e tive. E falei em seguida que não ia transar com ele. — Ela fez uma careta. — Não me julga. As pessoas já me julgam o suficiente.

Dei de ombros.

— Não vou te julgar. Imagino que, desde que seja honesta com o cara, você tem o direito de fazer o que quiser. — Esse tipo de sexo casual não era para mim, mas, se ela segurava a barra, melhor para ela.

— Ótimo. Porque eu fico doente quando as pessoas querem condenar as mulheres, sabe? Os caras podem trepar com quem quiserem e ninguém fala nada. Mas a gente não pode ter desejo de jeito nenhum. A gente só pode querer transar porque está apaixonada, e a verdade é que o meu corpo não parece saber a diferença. Ele só sabe que quer ser tocado. — Ela me deu um risinho. — Muito tocado.

— Eu te invejo neste momento — falei com sinceridade. Já fazia muito tempo que eu não era tocada.

Mas eu também sabia que nunca ia voltar atrás. Eu não ia desfazer o que tinha feito com o Tyler. Eu nunca ia conseguir me distanciar emocionalmente das pessoas ao meu redor como tinha feito a vida toda, e não queria mais isso. Ser solitária era muito egoísta e, se você nunca se doa, nunca recebe nada em troca. O risco de se magoar é maior quando a gente sai para o mundo, mas valia a pena.

Meu celular apitou com uma mensagem.

Meu coração pulou e eu agarrei o telefone, uma sementinha de otimismo plantada.

Era a Kylie dizendo que me amava.

Fofo, mas não era o que eu queria.

Joguei o celular no sofá, indignada comigo mesma.

— Ele está arrasado — disse a Jessica, baixinho. — Ele está péssimo, sabia? E sempre pergunta de você.

— Não importa. — Não importava mesmo. Ele tinha destruído minha fé, minha confiança, meu coração.

Mas o sol nasceu de novo no dia seguinte.

E eu ainda amava o Tyler.



Em março, a mãe do Tyler morreu de overdose. A Jessica ligou para me contar, e fiquei sentada na minha cama, em choque.

— O quê? Ai, meu Deus. Como?

— Heroína. Aquela heroína preta que o pessoal compra porque é mais barata, só que é muito mais perigosa.

— Ai, não. — Fechei os olhos. — Ela estava em casa? Quem encontrou?

— O Tyler. Os irmãos dele estavam na escola.

Fiquei agradecida porque o Jayden e o Easton não estavam em casa, mas não conseguia imaginar como o Tyler estava se sentindo. Impotente e triste e talvez, lá no fundo, aliviado. O sofrimento da mãe tinha acabado.

— Ela morreu ontem à noite. Vai ser enterrada amanhã.

— Rápido assim?

— É, eles não podem pagar pelo velório e essas coisas.

Que fim triste para uma vida triste.

— Eu vou no enterro. Eu preciso ir — falei.

— Acho que você deve ir mesmo. — A Jessica me deu os detalhes, o horário e o cemitério.

Naquela noite, saí para mais uma das minhas caminhadas noturnas, o clima ainda rigoroso, no meio do inverno, os caminhos ao redor do campus repletos de neve lamacenta, que derretia todos os dias e virava gelo à noite.

E, pela primeira vez em mais de dois meses, cedi à vontade de mandar uma mensagem para o Tyler. Escrevi apenas:

Sinto muito.

Para mim, isso queria dizer muita coisa. Eu sentia muito pela morte da mãe dele, pela realidade da vida dele, por ter tantas oportunidades a mais do que ele. Sentia muito por ter gritado com ele, sentia muito que, por algum motivo, ele não conseguisse confiar nos meus sentimentos por ele. Sentia muito porque o meu futuro não seria mais compartilhado com ele.

Eu não sabia se ele ia responder, mas ele respondeu imediatamente.

Obg. Eu tb.

Então ele não tinha apagado o meu número.

E eu podia captar tudo que eu queria que estivesse subentendido naquela pequena mensagem. Aquele “eu tb” queria dizer que ele não sentia apenas pela mãe dele, mas por nós dois.

Talvez não fosse algo lógico. Mas eu tinha aprendido que o lógico nem sempre era tão bom.

Eu vi o Tyler pela primeira vez em mais de dois meses, inclinado sobre o túmulo da mãe, com o braço nos ombros do Easton.

A Jessica e eu pegamos emprestado o carro da Robin. A Kylie foi com o Nathan mais cedo. Estava garoando, e havia uma névoa fria e constante. A neve tinha derretido, exceto as partes acumuladas no meio-fio e as pilhas gigantescas nos estacionamentos. O solo estava macio e molhado enquanto atravessávamos o gramado para chegar ao túmulo. Havia poucas pessoas. Estavam o Tyler e seus irmãos, a Kylie e o Nathan, a tia Jackie e uma mulher que eu achei que pudesse ser a vizinha deles. Só isso. Dez pessoas, incluindo a Jess e eu.

Sem falar nada, simplesmente paramos ao lado da Kylie e ouvimos o padre, que fazia uma oração com muita suavidade. Quando olhei para o caixão simples, vi que havia uma foto da mãe do Tyler quando era muito mais jovem, quando ainda era Dawn, uma garota cheia de sonhos e com o futuro pela frente. Fiquei encantada de ver seu sorriso largo, a alegria e a vida em seu rosto, o cuidado que ela tinha com o cabelo, com um penteado bem alto, os olhos pintados com delineador azul-petróleo. Parecia a foto do último ano de escola.

A Jessica apertou minha mão, e eu sabia que ela estava pensando a mesma coisa.

— Nunca mais vou encostar naquela merda — ela murmurou para mim.
— Nunca mais.

— Que bom. — Olhei de relance para o Tyler, sem conseguir resistir, me perguntando se ele tinha me visto.

Ele estava me encarando e acenou para mim com um movimento de cabeça. Seus olhos estavam secos, a expressão fechada. O Easton também estava em silêncio, mas o Riley estava secando os olhos, e o Jayden chorava abertamente. Meu coração se partiu por eles.

Quando o padre terminou, fazendo o sinal da cruz sobre o caixão, se virou para o Tyler e para o Riley e falou baixinho com eles por um minuto. Depois se afastou, dando à família os últimos momentos sozinhos com a mãe.

Mas nenhum deles se demorou. A Jess e eu nos afastamos um pouco para lhes dar privacidade, porém o Riley imediatamente veio até nós e me abraçou.

— Obrigado por vir. Agradeço muito. — Ele fez um sinal com a cabeça para Jessica. — Obrigado.

— Sinto muito mesmo — falei. — Eu também perdi a minha mãe. Sei como é difícil.

— Bom, não foi exatamente inesperado. Ela já estava no lucro. Mas ainda assim é um soco no estômago. — Riley deu uma olhada para os irmãos. — Vai ser bem difícil.

— Tenho certeza que sim. Se eu puder ajudar, me avisa.

— Obrigado. — O Riley deu um tapinha no meu ombro, depois se afastou.

Ouvi o Tyler discutindo com a tia.

— Para com isso, Jackie. Não faz isso agora ou eu juro por Deus que perco a cabeça.

— Só estou dizendo que a gente devia poder dar queixa. Traficantes não deviam poder vender essa porcaria. — Ela estava fumando um cigarro, de calça jeans e jaqueta de nylon, o cabelo preso num rabo de cavalo. Apontou para o Tyler, aumentando a voz. — Você sabe que a sua mãe aguentava o tranco, então, pra ela ter overdose, é porque era porcaria. Alguém devia pagar por isso.

— Alguém já pagou por isso. O Jayden e o Easton pagaram por isso. Eles pagaram por cada dia do vício dela, e eu não quero ouvir mais um pio sobre isso. Ninguém tem culpa, a não ser ela e o amor que ela tinha pelas pílulas brancas.

— Não fala mal da sua mãe que o corpo dela ainda nem esfriou.
Mas o Tyler só balançou a cabeça.

— Jackie, eu não vou fazer isso. Eu te amo, mas não vou fazer isso.

Senti que estava ouvindo uma conversa particular que eu não devia ouvir, então fui até o Jayden e o abracei. Ele tinha parado de chorar, mas os olhos estavam vermelhos, e ele estava limpando o nariz na manga do casaco. Peguei um lenço de papel na minha bolsa e dei a ele.

— Senti sua falta — ele me disse, parecendo a mais miserável de todas as pessoas.

— Também senti sua falta. — E senti mesmo. Ele era um exemplo de gratidão. Era engraçado, inteligente e uma das pessoas mais verdadeiras que eu já tinha conhecido. — Se o Tyler não se importar, a gente pode sair um dia desses. Só porque eu e o Tyler não estamos mais juntos, não quer dizer que você e eu não podemos ser amigos.

— Sério?

— Sério. Se o Tyler não se importar. — Eu não queria que ele pensasse que eu estava tentando me infiltrar na família dele ou reconquistá-lo usando seus irmãos. Eu ia morrer se ele pensasse isso.

Evidentemente, eu devia ter imaginado que o Jayden ia perguntar imediatamente ao irmão.

— Tyler, você se importa?

— Me importo com o quê? — Ele se aproximou de nós, me dando um breve sorriso, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans.

— Eu posso sair com a Rory um dia desses? Ela disse que nós ainda somos amigos, mesmo que você e ela não sejam mais.

— Claro que pode. — O Tyler me olhou, os olhos penetrantes, sinceros. — Eu também queria continuar sendo amigo da Rory.

Só se eu tivesse coração de aço, e eu não tinha. Talvez depois de seis meses ou um ano, mas, naquele momento, eu sabia que não era capaz de ser apenas amiga dele e não desejar a cada segundo ser algo mais.

— Podemos ser o tipo de amigos que se preocupam um com o outro, mas nunca se veem nem conversam — falei, tentando ser sincera. Evidentemente, soou muito mais duro do que eu pretendia.

Mas o canto da boca do Tyler se curvou para cima.

— Só você, Rory.

Só eu.

— U, você e o Easton podem esperar no carro com o Riley? Preciso conversar com a Rory rapidinho.

— Não seja mau com ela — disse o Jayden, imaginando que esse devia ser o motivo para não estarmos mais juntos.

— Pode deixar — o Tyler respondeu, irritado. — Agora vai.

— Estou aliviada porque você não vai ser mau comigo — falei, lutando contra a vontade de sorrir. Era bom ver o Tyler, mesmo naquelas circunstâncias horríveis. Mesmo com a chuva molhando meu cabelo e entrando na minha blusa pela gola do casaco. Mesmo com ele parecendo tão

sério e arrasado, com olheiras profundas e a pele com marcas roxas e machucados.

— Acho que eu já fui mau o suficiente com você. Mas quero te agradecer por ter vindo. Foi muito legal da sua parte.

— Sinto muito pela sua mãe. De verdade. — Esperei que minha voz transmitisse sinceridade, que o Tyler percebesse que eu ainda me importava com ele. — O que vocês vão fazer agora? — Eu estava falando da casa, do futuro.

Mas ele simplesmente deu de ombros.

— A gente vai dar um jeito. A gente vai ficar bem.

— Se tiver alguma coisa que eu possa fazer... — comecei a dizer, mas parei. Parecia banal dizer isso ao Tyler.

Depois de um instante de silêncio, ele falou.

— Você está bem — disse, e a voz falhou. Ele pigarreou, olhando para a esquerda, para o túmulo aberto. — Tão linda quanto eu me lembrava. Eu achei, sei lá, que talvez eu tivesse exagerado a sua aparência na minha mente, mas não. Você é linda, e eu fui um imbecil por terminar com você no Natal. — Ele virou de volta para me encarar atentamente. — Espero que um dia você possa me perdoar. Não é que eu não te amasse. Eu amava. Ainda amo. Mas...

— Eu sei — interrompi. Eu não precisava ouvir tudo aquilo de novo. — Eu te perdoo. Mas isso não significa que eu não gostaria que tivesse sido diferente, porque eu gostaria.

— Você está... saindo com alguém ou alguma coisa assim?

Ele era idiota? Fiz uma careta.

— Não. E não quero.

— Por que não?

— Porque eles não são você. — Idiota. — E você? Está saindo com alguém? — Enfiei as mãos nos bolsos do casaco, imediatamente arrependida de ter perguntado. Por que eu precisava me torturar?

Mas ele balançou a cabeça.

— Não. — Ele esfregou a barba cerrada do queixo, e eu esperei, reconhecendo o sinal de que ele estava tentando forçar as palavras a saírem. — Rory?

— O quê? — O que quer que ele fosse dizer não importava, porque eu já me sentia uns cinquenta quilos mais leve. Só de ver o rosto dele, ver em seus olhos que ele me amava, ouvi-lo dizer isso, já era o suficiente para tampar aquele último buraco no meu coração. Estava restaurado, não com perfeição, mas intacto.

Mas então eu vi o que estava pendurado em seu pescoço. Era o colar que eu havia lhe dado de presente de Natal. Reconheci o cordão preto e o pingente de metal com as letras estampadas. Só que não estava escrito TRUE, como quando eu coloquei na sacola de presente, embrulhado em papel de seda. Estava escrito TRUER.

— O que é isso? — perguntei, com a voz tremendo e com medo de chorar de repente. — Por que tem um R no seu pingente?

— O quê? — Ele olhou para onde eu estava apontando e sorriu devagar. — Ah. O R é de Rory.

Ai, meu Deus.

— O Jayden me chamou atenção para o fato de que o seu nome começa com R, e eu percebi que você devia estar nesse pingente, bem aqui, no presente que você me deu. O melhor presente que eu já ganhei. — Ele passou o dedão áspero sobre o metal. — Perto do meu coração, que é o seu lugar.

Comecei a chorar. Não consegui me conter. Puxei a manga do casaco com os dedos trêmulos e virei o braço para que ele pudesse ver a tatuagem no meu

pulso.

— Pra vocês ficarem sempre comigo.

O Tyler encarou a tatuagem com o queixo caído. Depois disse:

— Ai, meu Deus, Rory, eu te amo. Eu não devia te dizer isso, mas não consigo...

Ele levantou meu pulso e beijou a tatuagem, encarando fundo meus olhos enquanto seus lábios roçavam minha pele. Gotículas de chuva estavam espalhadas em seu cabelo, e ele acariciou meu braço. Depois murmurou:

— Não seria justo pedir pra você ficar comigo.

Era isso que eu estava esperando ouvir. Eu teria tomado chuva o dia todo só para ouvir essas palavras.

— Por que você não tenta?

— Mas o seu pai...

— Ele vai superar. Nós chegamos a um novo acordo.

Ele entrelaçou os dedos nos meus.

— O que eu tenho pra te oferecer? — questionou, implorando.

— Você é meu melhor amigo. Meu monitor de literatura. O cara que não me deixa ser uma eremita de laboratório. — Balancei a cabeça para ele. — Mas eu não vou tentar te convencer de nada. Dessa vez a escolha é sua. Nós já provamos que conseguimos sobreviver separados.

Esperei um segundo ou dois, observando a batalha que se travava em seu rosto, depois sussurrei:

— Tchau, Tyler — e comecei a me afastar. Eu não podia, não queria ficar com um homem que não tinha certeza do que queria, por mais que eu o amasse. Em alguns aspectos, a separação tinha sido boa para mim. Tinha feito com que eu me valorizasse mais e valorizasse as pessoas que faziam parte da minha vida.

Mesmo aquelas que não podiam conviver comigo.

Ignorando as lágrimas, eu já tinha atravessado todo o gramado e estava chegando à rua quando ouvi o Tyler gritar:

— Rory, espera!

Eu me virei e lá estava ele, bem atrás de mim, me estendendo as mãos, me puxando para um abraço enquanto me encarava atentamente.

— Não vai embora, por favor. Não vai embora.

Fiquei comovida, mas balancei a cabeça.

— Você não está falando sério.

— Estou, sim — ele disse com ternura. — Eu não quero ficar sem você. Nem mais um dia. Nem mais um minuto. Eu fiquei arrasado sem você. Abrir a porta do carro aquele dia foi a coisa mais idiota que eu fiz na vida, mesmo que eu achasse que era a coisa certa a fazer.

Então eu o beijei. Com força. Querendo que ele entendesse que nada disso importava. Que o que importava era o aqui e agora, nós dois e a promessa de sermos o melhor possível, para nós mesmos e um para o outro.

— Eu te amo — ele sussurrou no meu ouvido. — E nunca mais vou te deixar ir embora.

Uma buzina tocou e me fez dar um pulo. Ainda estávamos parados na rua em frente ao cemitério, e o Riley tinha buzinado.

— Sério? — disse o Tyler, lançando um olhar irritado para o irmão. — Que babaca.

Sorri, dando uma risada molhada.

— Talvez a gente devesse discutir esse assunto em outro lugar.

— Acho que não temos mais nada pra discutir. — O Tyler envolveu meu rosto com as mãos e me beijou de novo, dessa vez com mais suavidade. — Exceto como eu vou te fazer feliz.

— Você já fez. — Suspirei, aliviada por senti-lo perto de mim, por sentir seu cheiro, seus dedos me acariciando. Eu sentia tanta saudade dele. — Mas

você me deve um presente de Natal.

Ele riu e me levou até o carro, segurando minha mão com firmeza.

— Bem lembrado. Vou cuidar disso. Que tal um colar igual?

— Isso é meio que tirar o corpo fora, mas tudo bem — falei, porque, sinceramente, ele precisava se esforçar um pouco mais do que isso.

— Rory Macintosh, o que eu faço com você?

— Consigo pensar em uma ou duas coisinhas.

— Eu também.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

Colofon